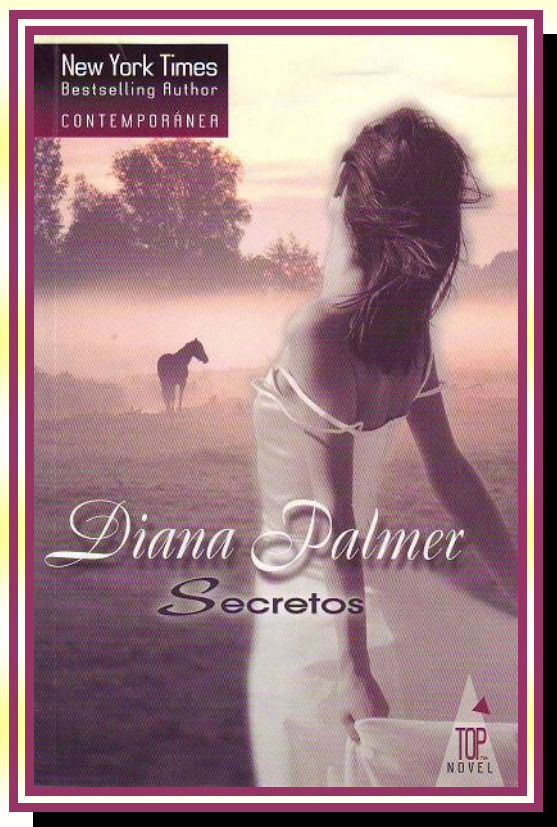


Diana Palmer

Segredos

Outsider

6º Série Hutton e Amigos



Disponibilização em Esp: Mariquina
Tradução: YGMR
Revisão e Formatação: Rita Cunha
Revisão Final: Amanda Souza
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Gênero: Contemporâneo

Protagonistas: *Colby Lane e Sarina Carrington*

Depois de abandonar seu trabalho como mercenário e como agente de operações especial da CIA, Colby Lane aceita o posto de diretor adjunto de segurança para a companhia Ritter Oil Corporation. Seu único desejo é começar do zero, mas não demora em descobrir que o passado está mais perto do que imaginava, já que se vê envolto na trama para apanhar a um traficante de drogas... e sua ex-mulher, Sarina Carrington, a quem abandonou cruelmente ao dia seguinte do casamento, pode estar mais implicada do que parece. Além disso, Sarina tem uma filha de seis anos com olhos escuros, cujo pai está misteriosamente ausente... ou está mais perto do que Colby acredita?



Capítulo 1

Era uma manhã raramente cálida de outubro em Houston, Texas, e a Colby Lane doía o braço esquerdo. Não ficou muito daquela extremidade, graças a uma missão secreta em que tinha participado na África; havia estado muito bêbado para tomar as precauções necessárias, assim que lhe tinha alvejado o braço e tinham tido que amputar-lhe justo por debaixo do cotovelo. A prótese de última geração que levava estava feita com uma tecnologia muito avançada, e parecia tão real que enganava a quase todo mundo. Inclusive tinha sensação nela, graças aos micro chips que tinham implantados.

Colby pensou com ironia que não era mais que um rato de laboratório sobre duas patas, capaz de falar e de mover-se com sigilo, e não pôde evitar sorrir ante a imagem que se formou em sua mente; entretanto, o sorriso se desvaneceu imediatamente, porque estava de muito mau humor.

Era seu segundo dia como chefe adjunto de segurança na sucursal de Houston da empresa petroleira Ritter Oil Corporation. Tinha aceitado o trabalho para fazer um favor a um velho amigo, Phillip Hunter, que estava pensando em mudar-se com sua família para Tucson e o estava preparando para que pudesse substituí-lo com o tempo.

Enquanto isso, Colby estava tentando ambientar-se ao seu novo local de trabalho, enquanto lutava com dois chefes de departamento que acreditavam poder fazer seu trabalho melhor que ele. Anteriormente, havia trabalhado como chefe adjunto de segurança para outro amigo em uma companhia internacional, a *Hutton Corporation*, mas quando se anunciou que a empresa ia transferir os escritórios ao estrangeiro, ele não tinha querido ir-se. Tinha sido então quando Hunter lhe havia indicado aquele trabalho; ambos tinham sangue índio apache, e se tinham conhecido meninos na reserva.

Ao Colby nunca tinham gostado dos horários definidos, as políticas corporativas ou os trajes formais; tinha sido mercenário em missões sigilosas, e inclusive tinha trabalhado brevemente para o governo em operações ultra-secretas, assim que o caráter rotineiro de seu novo trabalho lhe parecia um pouco opressivo. Arrumar-lhe com assuntos de escritório era muito diferente a perseguir armado a um inimigo.

A amputação do braço lhe havia retirado o trabalho que tinha desempenhado durante toda sua vida, e se sentia ressentido por isso; de fato, sentia-se ressentido por um montão de coisas. A vida lhe tinha falhado. Um velho amigo seu havia comentado que o fato de que fosse recebendo cada vez mais feridas se devia a um desejo subjacente de morrer, e a acusação lhe tinha chegado fundo, embora se tivesse negado a reconhecê-lo. Estava cansado de feridas dolorosas, de sonhos quebrados e de ilusões destroçadas, estava cansado da vida em si mesmo.

Depois de dois matrimônios fracassados, e com um histórico de alcoolismo às costas, tinha decidido ir trabalhar em Houston para tentar encontrar a estabilidade e poder assentar-se pela primeira vez em sua vida. Esses dias permaneciam completamente sóbrios, mas fisicamente já não podia seguir intervindo em missões especiais no estrangeiro. Sentia-se amargurado e furioso

por ter tido que retirar-se forçosamente da linha de trabalho ao qual tinha escolhido por vocação, e a dor de seu braço lhe recordava constantemente tudo ao que havia tido que renunciar.

Tinha tentado com todas suas forças esquecer do passado, porque já tinha muitas preocupações nesse momento com seu novo trabalho. Sua experiência prévia tinha feito que se decidisse por um emprego no campo da segurança. Era um perito em artes marciais, em armamento leve e em contra terrorismo; dominava as técnicas de interrogação e tinha estado a ponto de aprender diplomacia. Inclusive Hunter se havia sentido impressionado por seus créditos... por não falar do Eugene Ritter, o diretor da companhia. Em seu novo trabalho, tinha que exercer diplomacia com as palavras em vez de com as armas, e não lhe resultava nada fácil.

Entrou no moderno e enorme edifício, que ficava em um complexo industrial nos subúrbios de Houston, e ao passar junto ao guarda de segurança que estava na portaria lhe mostrou distraidamente o cartão de identificação que levava na lapela. Pensou no quanto era irônico que tivesse que mostrar sua identificação apesar de ser o chefe de segurança, e a julgar pelo sorriso que lhe dirigiu o guarda, o tipo devia pensar o mesmo. Colby lhe devolveu o sorriso, e seguiu adiante.

Vestido com um traje azul marinho, Colby apresentava uma imagem imponente. Era alto, bonito, musculoso e com um físico espetacular; tinha o cabelo negro ligeiramente ondulado e bastante curto, olhos negros e uma compleição atlética. Nunca falava de suas raízes índias apaches, e de todos os modos não se evidenciavam de forma imediata, já que sua linhagem também continha boa dose de sangue branco.

Nesse momento, levava sua última prótese, que estava ligada ao seu cérebro além dos restos de músculo de seu braço esquerdo. Parecia bastante real, inclusive de perto, e podia fazer quase tudo com ela... menos levantar peso; inclusive podia «sentir» o calor e o frio, porque os sensores eram realmente incríveis.

Ao voltar à esquina em direção aos escritórios, viu duas meninas de cabelo e olhos escuros brincando no corredor, e se lembrou de que era o dia de portas abertas para os filhos dos empregados. Justo o que necessitava, ter que controlar a um montão de meninos hiperativos quando estava começando um novo trabalho. O problema não era que lhe desgostassem as crianças, mas sim lhe teria gostado muitíssimo ter filhos próprios, e se sentia frustrado porque não podia.

Maureen, sua ex-mulher, burlou-se de sua esterilidade antes de abandoná-lo, e também havia dito que se alegrava de que não pudesse ter filhos, porque não queria meninos mestiços. Ela não sabia que tinha raízes índias apaches quando se casaram; de ter sido assim, ele se teria economizado muito sofrimento.

Maureen tinha sido uma obsessão para ele naqueles dias, e quando o tinha abandonado depois de dois anos de matrimônio, ele havia se sentido morrer. Três anos depois, ela tinha obtido o divórcio, e ele se refugiou no álcool; tinha demorado meses em conseguir superar seu vício e em recuperar sua vida, com a ajuda de seus amigos e de uma psicóloga. Tinha conseguido conquistar seus demônios, mas os meninos ainda lhe recordavam toda a dor que tinha sofrido.

Uma das meninas pôs-se a correr rindo pelo corredor, mas a outra, que devia ter uns seis anos, deteve-se e ficou olhando. Era uma pequena muito bonita, com olhos marrons que revelavam uma mente acordada e inteligente, e uma cabeleira castanha que lhe chegava até a cintura; parecia hispânica, ou possivelmente tinha ascendência ameríndia. Sabia que a filha do Hunter devia estar pelo escritório, e pensou que possivelmente fosse ela.

A menina se aproximou dele, alargou uma mão e lhe tocou a manga da jaqueta, por onde saía à prótese do braço.

—Sinto que te tenha feito mal no braço, não devia ter bebido. Não foi o bastante rápido, assim não pôde escapar a tempo. Mas esta mão parece de verdade, não é?

A menina lhe tocou a mão, e Colby se afastou de repente.

—Ainda dói? —perguntou-lhe ela com naturalidade, enquanto o olhava atentamente.

Colby sentiu uma estranha sensação de familiaridade ao observar aqueles olhos, mas a súbita

explosão de fúria que o invadiu para ouvir as palavras da menina apagou todo o resto. Por que lhe tinha contado Hunter a sua filha uma informação tão pessoal sobre ele? Como se atrevia aquela criança a criticá-lo por não ter sido o suficientemente rápido para salvar seu braço? Já se sentia bastante mal sem o meio braço, não necessitava que ninguém o recordasse. Nem sequer seus amigos se atreviam a fazer esse tipo de comentários, e lhe enfurecia que uma simples menina se atrevesse a ser tão descarada.

—A você o que te importa? —perguntou-lhe em um tom suave, mas cortante como um látigo. Somado a sua atitude carrancuda, o fazia parecer muito intimidador—. Não tenho por que lhe dar explicações a uma menina, e, além disso, é meu braço!

—O... sinto-o —gaguejou a pequena.

—Quem te contou o que aconteceu? Responda-me!

Ela negou com a cabeça e apertou os dentes, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas.

Colby resmungou uma maldição, e lhe disse com brutalidade:

—Volta com quem te trouxe, e se mantêm fora dos corredores. Isto é uma empresa, não uma creche!

A menina retrocedeu alguns passos sem deixar de olhá-lo com os olhos abertos como pratos e uma expressão doída; de repente, voltou-se e se foi correndo por onde tinha chegado, soluçando.

Colby apertou os dentes com força, já que não tinha sido sua intenção ser tão duro com ela. Havia-se sentido tanto surpreso como ofendido ante as críticas pessoais que tinham sido suas palavras, porque não gostava que lhe recordassem sua história, mas não deveria ter sido tão agressivo com ela. A menina parecia realmente afetada por sua reação.

Pôs-se a andar pelo corredor atrás dela, mas nesse momento Hunter saiu por uma das portas laterais, e arqueou as sobrancelhas ao ver a expressão de seu rosto.

—O que te aconteceu? —perguntou-lhe.

Colby se voltou para seu amigo. Ambos tinham uma altura e uma constituição similares, embora ao Hunter tinham saído já algumas rugas.

—Veio hoje sua filha? —perguntou-lhe.

—Sim, por quê?

Colby se sentiu pior que nunca.

—Pôs-se a chorar por minha culpa. Fez um comentário sobre meu braço, e eu reagi mal —fulminou ao Hunter com o olhar, e lhe perguntou—: por que demônios lhe contaste que o perdi?

—Não hei dito a Nikki nada sobre seu braço — respondeu ele, obviamente perplexo.

—A criança não era sua filha. Tinha o cabelo e os olhos escuros, e parecia hispânica.

—Ah, pode que seja a filha de Enjoe Gómez. Levava um vestido bordado?

—Não.

Hunter vacilou por um segundo, e Colby fez uma careta. Aquela não era a melhor forma de começar um trabalho novo.

—Não foi minha intenção fazê-la chorar — resmungou, apartando o olhar—. Não estou acostumado a tratar com crianças, e o que disse me sentiu mal... mas, como é possível que soubesse algo tão pessoal sobre mim? —perguntou-se em voz alta. Olhou ao Hunter com o cenho franzido, e lhe disse—: Não sou uma babá.

—É só por hoje, amanhã não haverá nenhuma criança nas instalações — lhe disse seu amigo.

—Será melhor que a procure e me desculpe com ela, foi por aí — comentou Colby entre dentes, antes de seguir em seu caminho pelo corredor.

Hunter ficou quieto ao recordar que Sarina Carrington, uma amiga e colega de trabalho, tinha-lhe contado uma vez sobre o Colby Lane. Sua filha e ela conheciam sua família em Tucson, e se tinha mudado recentemente do Arizona para trabalhar com ele em um projeto que Colby desconhecia por completo. Seu amigo estava a ponto de levar uma surpresa muito desagradável, porque existia uma conexão oculta... e era possível que a menina formasse parte dela. Perguntou-se se devia detê-lo, mas se deu conta de que já era muito tarde para isso.

Colby viu que a porta de um dos escritórios estava aberta, e para ouvir o pranto da menina, preparou-se para desculpar-se. Não lhe dava nada bem tratar com crianças, e odiava às

mulheres; certamente, a mãe queria lhe arrancar os olhos por tratar mal a sua filha. Sabia que ao velho Ritter não lhe faria nenhuma graça que começasse a conquistar inimigos logo no início, assim decidiu que o melhor seria tentar acalmar as águas; entretanto, sabia que a coisa não ia ser nada fácil, e além disso, tinha algumas perguntas sobre a fonte de informação da pequena.

Entrou no escritório, e viu que uma mulher esbelta abraçava à menina e a beijava. Tinha o cabelo loiro claro recolhido na nuca, e sua voz era suave enquanto consolava à pequena e a apertava contra si. Aquela voz lhe resultava estranhamente familiar...

A menina se separou da mulher, como se tivesse notado sua presença, e o olhou com olhos vermelhos e cheios de aborrecimento.

—Malvado! —exclamou teatralmente—. Filho do Diabo!

—Língua viperina! —respondeu-lhe ele bruscamente, com olhos cintilantes.

Enquanto ele tentava se recuperar da surpresa que sentia ao ver que uma criança o insultava, a mulher se incorporou e virou para ele, e uma visão do passado esticou o corpo do Colby como se tivesse jogado precipício pendurado de uma corda. Era Sarina Carrington, a mulher a que tinha ferido e rechaçado, a primeira esposa que ninguém sabia que tinha tido... sua ex-esposa, apressou-se a corrigir-se, ainda sem fala.

Obviamente, a surpresa era mútua, porque ela ficou olhando em silêncio, com os olhos muito abertos e cheios de assombro; depois de vários segundos, sua boca se esticou em uma firme linha, tomou a sua filha em seus braços e a apertou com força contra seu peito, e seus olhos se alagaram com seus próprios pesadelos.

Colby Lane! Por um instante, Sarina pensou que ia desmaiar, e lhe deu um tombo o coração. Os anos se desvaneceram, e voltou a ser a adolescente de antigamente, deslumbrada pelo homem mais bonito e sexy que jamais tinha conhecido. Sua mera presença bastava para deixá-la sem fôlego, e a primeira vez que a havia beijado, o prazer extasiado em seu rosto tinha feito que ele pusesse-se a rir, divertido. Tinha-o amado mais que a sua própria vida, mas tinham passado sete anos da última vez que o tinha visto. Nem sequer tinha sabido onde estava, e de repente aparecia ali...

Obrigou-se a recordar que tinha vinte e quatro anos, e que ocupava um posto de responsabilidade. Nos últimos sete anos, tinha amadurecido e se converteu em alguém muito diferente da sensível e apaixonada adolescente que tinha arruinado sem querer a vida do Colby... e a sua própria.

Ele tinha sido obrigado a casar-se com ela pelas circunstâncias, e a tinha forçado a pagar um preço terrível no único dia que tinha durado seu matrimônio; possivelmente as ações do Colby tinham estado justificadas, mas não tinha direito a descarregar em sua filha sua raiva pelas feridas do passado. Seus olhos escuros se entreabriram, e o olhou com verdadeiro ódio.

—O que faz aqui? O que lhe há dito a minha filha? —perguntou-lhe com frieza.

Embora ele fosse consciente de que pisava em terreno perigoso, olhou-a com uma expressão identicamente gélida e respondeu:

—Deveria ensinar a sua filha a não ser tão atrevida com os estranhos; insultou-me.

Sarina franziu o cenho, e se voltou a olhar a sua filha.

—Bernadette, é isso verdade? —perguntou-lhe com voz suave.

A pequena colocou os braços ao redor do pescoço de sua mãe, e olhou ao Colby com aborrecimento.

—Não, mamãe — disse.

—Fez um comentário muito pessoal, minha vida não lhe interessa — disse ele em um tom gélido.

—Não acredito que sua vida interesse a ninguém exceto a sua mulher e a você, senhor Lane — disse Sarina—. Certamente, me traz sem cuidado.

Colby ignorou aquele comentário. Ela não sabia que Maureen e ele se divorciaram, e seu orgulho lhe impedia de admiti-lo. Assim que tinha conseguido a anulação de seu matrimônio com a Sarina, tinha ido a toda pressa a casar-se com a Maureen em uma cerimônia civil. Maureen tinha sido o amor de sua vida, e lhe tinha feito viver um inferno.

Nesse momento, ainda estava tentando encaixar a imagem de sete anos atrás com a mulher que tinha diante. Sarina tinha uma filha, assim devia haver-se casado, e se perguntou como teria conseguido superar o pesadelo de sua noite de núpcias. Não tinha sido sua intenção lhe fazer tanto dano, embora seguisse culpando-a por tudo o que tinha passado.

—Seu marido também trabalha aqui? —perguntou-lhe, embora se repreendesse a si mesmo por formular a questão.

—Não estou casada — disse ela depois de um segundo, enquanto voltava a deixar à menina no chão—. Bernadette, por que não procura a Nikki, e vai um momento à cafeteira? —disse-lhe, com voz cheia de ternura. Esboçou um sorriso bastante forçado, e acrescentou—: Está bem agora, céu?

—Sim, mamãe. Não se preocupe.

Depois de lhe dar um grande abraço a sua mãe, a menina lançou ao Colby um olhar gélido e saiu do escritório sem acrescentar nada mais. Sua respiração soava algo estranha, e ele se sentiu ainda mais culpado ao pensar que provavelmente ficou um pouco rouca de tanto chorar.

Colby se voltou de novo para aquela mulher que formava parte de seu passado, e disse com secura:

—Não pretendia alterá-la tanto.

Com um aspecto amadurecido e formal, Sarina voltou atrás de sua mesa, sentou-se e o contemplou como se fosse algo exposto em um museu.

—O que faz aqui? —perguntou-lhe—. Segundo lembro, a anulação se fez efetiva faz sete anos, embora nunca tenha recebido os documentos.

Até esse momento, Colby não se deu conta de que não tinha recebido uma cópia final dos papéis da anulação. Não se tinha interessado por comprovar como ia o processo, e nunca tinha tido que provar que seu primeiro matrimônio tinha sido anulado. De repente, deu-se conta de que tampouco tinha uma cópia dos documentos do divórcio de seu segundo matrimônio, mas estava seguro de que Maureen devia os ter por alguma parte. Ao dar-se conta de que estava divagando, voltou sua atenção à pergunta que lhe tinha feito.

—Hunter quer voltar para o Tucson, e eu sou seu substituto.

Sarina arqueou uma sobrancelha, já que não tinha ouvido nada a respeito; de fato, Jennifer, a mulher do Hunter, era sua melhor amiga, lhe tinha comentado em mais de uma ocasião que a ambos adoravam viver em Houston.

Colby a contemplou dissimuladamente. Seus melhores traços eram seus suaves e sensuais lábios e seus olhos escuros como a noite. Não era uma mulher bonita, mas tinha uma compleição perfeita, e o cabelo loiro e sedoso. Seus seios eram pequenos, como sua cintura, mas tinha quadris curvilíneos e umas pernas largas e torneadas. Havia-a visto nua uma só vez, mas nunca tinha conseguido apagar aquela imagem de sua mente. Recordava-a rindo com ele enquanto passeavam pelo parque; em seus braços, ardente de desejo por ele; gritando de dor quando ele não tinha podido deter-se, ou estremecendo-se quando se acalmou a paixão que ele não tinha podido controlar...

Colby se obrigou a apartar sua mente do passado. Ela ignorava o quanto torturado havia se sentido depois, ou até que ponto tinha chegado a afundar-se tentando esquecer o que lhe tinha feito. Ela não sabia, e ele seguia sendo incapaz de contar-lhe.

—Quanto tempo leva trabalhando para o Ritter? — perguntou-lhe com tom brusco.

—Sete anos — respondeu ela, sem levantar o olhar—. Mas estou em Houston de forma temporária, trabalhando em um projeto especial. Bernadette e eu vivemos em Tucson.

Colby se deu conta de que o nome da menina lhe resultava familiar, e recordou os meses carregados de felicidade que tinha passado com a Sarina; seu pai tinha minas secretas de um metal com um valor estratégico incalculável, e um grupo organizado planejava seqüestrá-lo para lhe obrigar a revelar sua localização; naqueles tempos, ele trabalhava para os serviços de inteligência, e lhe tinham atribuído à missão de protegê-lo. Sarina vivia no lar familiar, e se tinham feito bons amigos desde o começo. Como ia à universidade, ele tinha dado é obvio que devia ter vinte anos.

O que Colby seguia ignorando era que Sarina se graduou no instituto um ano antes do normal, e que tinha cursado dois anos universitários em um; e tampouco era consciente de que ela só tinha dezessete anos quando os tinham obrigado a casar-se.

Seu pai, junto a dois de seus colegas de negócios e suas respectivas esposas, tinha-os visto em uma situação comprometedor, e para salvar as aparências, Carrington o tinha obrigado a casar-se o ameaçando deixá-lo sem emprego. Naquela época, ele estava na CIA, e adorava seu trabalho; tinha sido consciente de que o velho podia lhe custar sua carreira profissional, assim havia cedido à contra gosto. Carrington tinha dado por feito que Sarina e ele tivessem tido relações íntimas antes das núpcias, embora em realidade não tivesse sido assim.

Tinha utilizado a noite de núpcias para vingar-se dela, e ainda seguia arrependendo-se de seu comportamento; um dia depois, preencheram-se os papéis da anulação... assim que o milionário se inteirou por meio de um detetive particular de que tinha sangue índio apache, e de que não tinha tanto dinheiro como podia parecer por sua roupa de marca.

Colby não sabia como tinha reagido Sarina quando seu pai lhe tinha exigido que mentisse sobre a noite de núpcias, e que assinasse os documentos da anulação. Tinha-a deixado chorando a primeira hora da manhã, tão furioso e enojado de si mesmo que nem sequer a tinha cuidadoso ao sair da habitação.

Antes daquele último dia, durante os meses que tinha durado sua amizade, tinham falado de filhos com naturalidade, e lhe havia dito que queria ter uma filha e chamá-la Bernadette; ao parecer, era o nome da protagonista de um filme antigo que tinha visto, e pensava que era precioso.

—Tínhamos ouvido que Hunter necessitava um pouco de ajuda — comentou Sarina. Levantou os olhos para ele, mas se apressou a afastar o olhar e acrescentou—: Ao que parece, ontem de noite houve uma jogada a rede antidroga e uma detenção, e se comenta que ele teve algo que ver.

—Sim, eu também participei — disse ele.

Aquilo a surpreendeu, mas era muito boa ocultando suas emoções.

—Estava envolvido algum dos empregados? —perguntou-lhe.

Colby se fechou em banda.

—Não falo com civis dos casos abertos — lhe disse com firmeza.

Sarina o olhou durante um momento, e finalmente comentou:

—Não trocaste nada, segue tão reservado e frio como sempre.

—Você sim que mudou não te teria reconhecido — disse ele, sem inflexão alguma na voz.

—Cresci, é o que fazem as crianças — respondeu ela.

—Não era nenhuma menina quando me seguia como um cachorrinho perdido — disse ele, tentando feri-la.

Ela duvidou por um segundo, mas se negou a admitir a jovem estúpida que tinha sido.

—Só foi um caso grave de adoração por alguém idealizado — respondeu com sarcasmo. Com voz que gotejava veneno, acrescentou—: mas recebi o antídoto, lembra-te?

Colby não respondeu, mas evitou olhá-la aos olhos.

—A vida segue adiante — se limitou a dizer.

—Isso dizem — Sarina tirou um CD de uma gaveta, e o meteu no leitor do computador—. Tenho trabalho que fazer suponho que você também.

Colby vacilou por um segundo.

—Sobre a menina...

Ela levantou o olhar.

—Bernadette não está acostumada a que pessoas a tratem com brutalidade, embora tenha sangue mestiço.

—Hispanica, não? — comentou ele, convencido de que ela tinha querido dizer que sua filha tinha ascendência hispânica. Não notou a estranha expressão que relampejou nos olhos da Sarina, e disse com aborrecimento—: Não sei se te lembrará, mas eu também tenho sangue mestiço.

—Acredito recordar que te esforçava ao máximo por esconder sua ascendência índia apache, mas a verdade é que procuro pensar em você o menos possível — disse ela com um sorriso frio —E agora, se me desculpar, tenho bastante trabalho — voltou sua atenção ao computador, e ignorou ao Colby por completo.

Ele voltou e saiu do escritório com fúria.

Sarina deixou escapar por fim o fôlego que tinha estado contendo desde que Colby tinha aparecido na porta. Sentia-se sem vida, exausta, completamente apagada. Tinha estado apaixonada pelo Colby Lane, mas a relação que tinha tido com ele havia destruído a vida, e ao olhar aqueles olhos negros tinham ressurgido lembranças que estavam melhor serem esquecidas.

Perguntou-se o que lhe havia dito Bernadette para fazê-lo reagir assim. A menina tinha pequenas visões de uma intensidade extrema, quase premonições, e às vezes assustava a outras crianças com suas predições; de fato, também a assustava a ela. O avô da Bernadete tinha tido aquela mesma capacidade clarividente, igual a um tio comanche que vivia em Oklahoma. Esperava que sua filha não tivesse problemas por culpa daquela faculdade, conforme fosse crescendo e ficasse adulta.

Mas naquele momento, a maior preocupação que tinha era como poderia fazer seu trabalho com o Colby Lane tão perto. Ele não sabia nada dela, por não falar da razão pela que estava ali, e não podia descobri-la; além disso, esperava que a Bernadette não lhe ocorresse lhe dizer algo em dialeto apache. Decidiu que teria que falar com o Hunter; sabia que Jenny e ele sentiam falta de Tucson, mas lhe tinha tomado por surpresa inteirar-se de que planejavam voltar, sobre tudo tendo em conta que Jenny estava grávida pela segunda vez e a atendia um médico da cidade.

Bernadette e Nikki, a filha dos Hunter, eram muito boas amigas, e ambas as famílias tinham uma relação muito estreita, assim que isso ia dificultar ainda mais a situação. Havia coisas que não queria que Colby soubesse, assim teria que avisá-los para que mantivessem silêncio sobre ela... e sobre o dom especial da Bernadette. Quão último queria era que Colby Lane se inteirasse de quem era o pai da menina.

Então recordou ansiosa que se pôs Bernadette com a presença do Colby, e soube que estava ante outro problema em potencial. Quando a tinha distraído para que fosse a procurar da Nikki, a pequena tinha parecido estar bem, mas frequentemente passavam várias horas até a aparição dos primeiros sintomas, e sua voz tinha divulgado bastante rouca ao sair do escritório.

Sarina se voltou com resolução para o computador, já que se negava a pensar sequer nisso até que não tivesse outro remédio. Certamente não passava nada... maldito Colby, e seu maldito mau gênio!

Colby entrou no escritório do Hunter com olhos cintilantes, e quando fechou a porta bruscamente, seu amigo levantou o olhar para ele, sobressaltado.

—Que inseto te picou? — perguntou-lhe.

—Aquele menina, a que sabia o de meu braço... sua mãe é Sarina Carrington — disse Colby com secura.

Hunter o olhou com expressão precavida.

—E o que?

Colby o fulminou com o olhar, mas vacilou por um segundo antes de admitir:

—Sarina é minha ex-mulher.

Hunter deixou cair à caneta que tinha na mão. Sua mulher e ele conheciam Sarina já fazia sete anos, e sabiam que Colby Lane não era um desconhecido para ela, mas nunca tinha mencionado um matrimônio com ele.

Sem notar apenas a reação de seu amigo, Colby se aproximou da janela e olhou para fora, com as mãos metidas nos bolsos.

—Foi há muito tempo — disse —. Só levávamos um dia casados quando ela pediu a anulação.

—Que mulher tão corajosa — murmurou Hunter com secura.

Colby sentiu como se uma faca lhe rasgasse as vísceras ao recordar aquele breve matrimônio, e permaneceu em silêncio durante um momento.

—Ela ia à universidade naquela época, sempre pensei que trabalharia como professora ou algo assim. É empregado de escritório, não?

Hunter apartou o olhar dos sagazes olhos de seu amigo, tentou adotar uma expressão totalmente hermética e disse:

—Trabalha nos arquivos; conforme tenho entendido, deixou a universidade porque queria ter um trabalho menos estressante, que lhe deixasse mais tempo para sua filha.

Colby não podia culpá-la por tentar conseguir algo tão elogiável, mas não podia evitar sentir-se aturdido. Jamais tinha esperado voltar a ver a Sarina, e muito menos encontrar-la trabalhando na mesma empresa que ele. O contato entre eles naquelas circunstâncias era inevitável, e ele não queria viver com o aviso diário de sua própria crueldade.

—Por que não está em Tucson? Sei que têm escritórios na cidade, e que você esteve trabalhando ali.

Hunter tentou encontrar alguma explicação que tivesse sentido.

—É... atribuíram-na temporalmente aqui para cobrir a baixa de outro empregado, provavelmente volte logo para Tucson.

Colby se relaxou um pouco, e comentou:

—Suponho que será o melhor.

—Bom, tenho uma reunião com o Eugene. Quer vir?

—É necessário?

Hunter sabia que a presença do Colby na reunião suporia um problema, já que lhe estava ocultando alguns segredos a seu amigo.

—Não, a verdade é que não, já te farei um resumo. É uma reunião de rotina, você pode faltar isso lhe disse com um sorriso—. Se quiser, pode ir apresentar-te aos chefes de cada departamento. Já sabe... pratica sua veia diplomática.

—Deixei-me a pistola na mesa de meu escritório — brincou Colby.

Hunter o olhou com uma expressão inflexível, até que Colby finalmente se rendeu.

—Certo, praticarei meu dom de diplomata — disse, com resignação.

—Boa idéia — disse Hunter—. Fez as pazes com a Bernadette?

Colby moveu ligeiramente o braço em um gesto de desconforto.

—Por isso vi, sua idéia de fazer as pazes inclui uma faca para me esfolar vivo.

Hunter teve que morder a língua para não ressaltar as semelhanças que existiam entre seu amigo e a menina.

—Normalmente, leva-se bem com todo mundo.

—Pois me odeia — disse Colby com voz cortante—. E não me entusiasma quando pessoas fazem comentários pessoais sobre perfeitos desconhecidos — franziu o cenho, e disse com voz furiosa—: mas, como demônio se inteirou de meu braço? Faz sete anos que não vejo a Sarina, assim não pode haver-lhe dito ela, e se você não o contou a Nikki... — deixou a frase sem acabar, embora o significado de suas palavras estivesse claro.

—Bernadette sabe coisas — disse Hunter—. Não sei como, talvez seja descendente de algum Xamã.

—Pensava que era hispânica — comentou Colby.

—Sarina não fala de suas raízes — respondeu Hunter. Não queria revelar nada sobre a menina, porque sabia que Sarina o mataria se o fizesse.

—Sabe quem é seu pai?

—Não — se apressou a dizer Hunter, antes de voltar-se para a porta.

Era certo que não o tinha sabido, e nunca o tinha exposto sequer... até esse momento. Colocou-se em terreno perigoso, já que a nação índia apache era o bastante pequena para

encontrar os possíveis parentes de uma pessoa nas reservas. Não lhe podia dizer ao Colby que Bernadette tinha sangue índio apache, e quase lhe tinha escapado com a referência a um Xamã. Não queria que Colby comesse a fazer perguntas, porque sabia que ainda tinha primos em uma reserva do Arizona.

—Voltarei daqui à uma hora, mais ou menos. Guarde o forte enquanto isso.

Colby lhe deu um tapinha ao telefone celular que tinha pendurado do cinturão.

—Chamar-te-ei se houver algum ataque.

Hunter fez uma careta ao sair de seu escritório.

Colby fez a ronda de visitas aos executivos, e imediatamente sentiu aversão por um deles. Era o diretor adjunto de Recursos humanos, um verdadeiro idiota chamado Brody Vance, que tinha delírios de grandeza. O tipo tinha uma assistente administrativa muito agradável, que, segundo Hunter, saía com o agente Cobb do departamento antidroga do país, o DEA. Ele a tinha conhecido na jogada da rede na noite anterior no armazém da empresa, quando tinha conduzido um carro em meio de disparos de metralhadora para lhes salvar a vida do Cobb, Hunter e a ele mesmo. Era uma mulher com coragem.

Ao dobrar uma esquina, viu a Sarina falando com um latino alto, moreno e bonito que devia ter uma idade parecida com a dele. O homem estava apoiado comodamente contra a parede com os braços cruzados, e ambos pareciam envolvidos em uma animada conversação. Estavam tão absortos no que diziam e ele tão centrado neles; que nenhum deles se deu conta da menina que corria para o casal até que a pequena exclamou entusiasmada:

—Rodrigo! Virá a minha festa de aniversário?

—Claro que sim! — respondeu o homem. Abriu os braços, e quando a menina chegou a seu lado, levantou-a e a fez girar enquanto punha-se a rir—. Como ia perder o sorvete e o bolo?

—E se não viesse, não estaria comigo — o repreendeu a menina. Deu-lhe um beijo, e lhe rodeou o pescoço com os braços—. O que faríamos minha mamãe e eu sem você?

—Assegurar-me-ei de que nunca tenham que descobri-lo! —brincou ele, enquanto lhe devolvia o abraço.

Sarina deu uma olhada a seu relógio de pulso, e comentou:

—Será melhor que vamos, ainda temos que parar no supermercado no caminho de casa. Janta conosco?

—Obrigado, mas não posso. Tenho uma reunião.

—É verdade, havia esquecido.

O se encolheu de ombros.

—Em uma próxima vez.

O sorriso que lhe dedicou ao outro homem não sentou nada bem ao Colby.

—Sim, outra vez — disse Sarina.

O tal Rodrigo se inclinou e a beijou com naturalidade na bochecha.

—Cuida de minha melhor garota — disse a Sarina, antes de lhe piscar os olhos à menina.

—Sempre o faço — respondeu ela com calma.

Quando o homem se afastou pelo corredor, Sarina e Bernadette se voltaram e encontraram ao Colby bloqueando a passagem, as olhando com expressão de aborrecimento.

—Aí está esse homem tão mau — comentou a menina, enquanto o olhava com expressão gélida.

—Bernadette, não terá que fazer comentários de má educação sobre pessoas a que não se conhece — lhe disse Sarina com suavidade. «Nem sequer quando se tem toda a razão», acrescentou para seus pensamentos.

—Perdoa mamãe — resmungou a menina, embora não deixou de olhar ao Colby com desgosto.

Sarina a tirou pela mão e caminharam para ele, mas tiveram que deter-se quando Colby não saiu de seu caminho.

—Quem é esse tipo? —perguntou-lhe ele.

—Um amigo — respondeu ela, antes de dar-se conta de que aquilo não era de sua

incumbência—. É Rodrigo Ramírez, também trabalha aqui. Por favor, pode te afastar?

—É o pai da menina?

Sarina arqueou as sobrancelhas, mas admitiu:

—Conheci-o faz só três anos.

Colby olhou a Bernadette com os olhos semi-serrados.

—Espero que não me tente endossar isso — soltou sem mais, sem saber por que tinha feito um comentário tão grosseiro—. Preferiria que me pegassem um tiro antes de ter que aceitar a paternidade de uma pessoa tão mal educada.

Sarina não era uma mulher violenta, mas suas cruéis palavras deram totalmente em um ponto débil. Tinha tido que suportar anos cheios de angústia devido a difícil gravidez, ao perigoso parto e aos problemas de saúde posteriores, assim que o comentário a enfureceu. Sem parar para pensar nas consequências, deu-lhe um chute na tíbia com todas suas forças.

Colby soltou um gemido e se inclinou para esfregá-la perna com uma maldição afogada.

—Bem feito, mamãe! —disse Bernadette com entusiasmo—. Além disso, é a perna em que lhe deram com o taco de beisebol!

Colby ficou olhando com a boca aberta. Fazia um mês, enquanto trabalhava para o Pierce Hutton, tinha tido que deter um indivíduo que tinha um taco de beisebol, e o homem lhe tinha golpeado na perna. Como demônio sabia a menina algo assim?

—Vamos, Bernadette — disse Sarina, antes de levar-se a pequena quase a arrastando.

Colby deu vários passos atrás delas, coxeando um pouco.

—Essa menina é uma bruxa! —exclamou em idioma apache.

Sarina não respondeu ao insulto, mas a menina se voltou a olhá-lo com expressão de aborrecimento. Se não tivesse estado tão distraído pela dor da perna, possivelmente Colby se desse conta de que a pequena tinha entendido o que havia dito dela.

Colby entrou na pequena cafeteria para os empregados que havia a um lado do corredor, onde Alexander Cobb estava comprando um café à mulher do tiroteio. Quando o homem o olhou com um sorriso divertido, não pôde evitar fazer uma careta; ao parecer, não tinha começado com pé direito em seu novo trabalho.

Capítulo 2

Sarina não podia deixar de pensar na advertência que lhe tinha feito Colby, para que não o acusasse de ser o pai da Bernadete. Era óbvio que ele não tinha razão alguma para acreditar que podia ser certo, e que só tinha feito o comentário para feri-la. Colby nem sequer se incomodou em mencionar a vez em que lhe tinha chamado por telefone, frenética, e ele se assegurou de que recebesse uma resposta arrepiante. Tinha sido muitos anos atrás, quando estava grávida da Bernadete, e lhe tinha encarregado a Maureen informá-la que era estéril, e que era impossível que o bebê fosse dele. Vá brincadeira.

Para ela, aquilo não tinha tido nenhuma graça. Tinha-o chamado no nono mês de gravidez, desesperada por conseguir ajuda; estava completamente sozinha, sem dinheiro, e a mercê dos credores e do ginecologista que estava tentando salvar a vida de sua filha. Colby lhe tinha encarregado a Maureen, sua mulher, que lhe dissesse que: sabia que estava mentindo, que não podia ser seu bebê, e que não queria voltar, a saber, dela. Segundo Maureen, Colby lhe havia dito textualmente que era «uma suja mentirosa», e que a odiava por tentar causar problemas em seu matrimônio. Segundo a mulher, Colby pensava levá-la a julgamento se o acusava de ser o pai biológico.

Depois de todos aqueles anos, ainda lhe resultava doloroso recordar seu rechaço. Colby acreditava que não podia ter filhos, e se tinha assegurado de que ela soubesse. Isso era um alívio a essas alturas, mas a inquietava que ele tivesse falado no assunto. Ela adorava a sua filha, e

não queria arriscar-se a perdê-la.

Sarina se disse que o mais provável era que se estivesse preocupando sem razão alguma; certamente, Colby ainda seguia casado com aquela mulher detestável, e estava claro que não gostava das crianças. Além disso, se de verdade acreditava que era estéril, possivelmente seu cruel comentário sobre a paternidade da Bernadette tinha sido só um gesto defensivo para proteger seu orgulho.

Era desafortunado que seus caminhos houvesse tornado a cruzar-se, sobre tudo nesse momento, no que já estava correndo um perigo considerável. Seu trabalho suportava riscos que se estavam tornando cada vez mais inaceitáveis, já que Bernadette estava em plena linha de fogo. Ela era uma patriota, capaz de fazer um trabalho que poucas pessoas quereriam assumir, mas se perguntou se era justo pôr também a Bernadette em perigo. Se algo lhe passava, sua filha só teria um familiar vivo ao que acudir, e ele nem sequer sabia de sua existência; além disso, por causa dos problemas de saúde da menina, era pouco provável que alguém aceitasse adotá-la. Cada vez se arrependia mais de ter escolhido aquela profissão.

Vários dias depois, enquanto esfregava os pratos na cozinha de sua casa, ouviu um disparo. Bernadette, que tinha estado sentada em uma cadeira no alpendre, entrou correndo.

—Mamãe, há um menino com uma pistola! —exclamou.

Sarina tomou a pequena nos braços, e lhe perguntou:

—Está bem? Machucou-se?

—Não, mamãe. Estou bem.

—Fique aqui agachada! —disse-lhe, enquanto a sentava junto à geladeira.

Sarina agarrou a chave que guardava em cima da porta, e que servia para abrir uma gaveta que havia junto à porta principal, se por acaso necessitava o que havia dentro. Foi sigilosamente para a parte dianteira de sua pequena casa, e olhou por uma fresta da cortina da janela. A senhora Martínez estava no alpendre de sua casa, com ambas as mãos sobre a boca e o olhar fixo em três jovens que tinham as cabeças cobertas com lenços, e que se afastavam a toda velocidade para um carro enquanto um quarto homem lhes gritava palavrões. Sarina se deu conta de que era Raúl, o neto da senhora Martínez, e viu que lhe sangrava o braço; finalmente, o moço se voltou para sua avó e a beijou no rosto enquanto tentava tranquilizá-la, e a anciã o tirou do braço são, e o fez entrar na casa e fechou a porta.

Sarina supôs que o atirador era o sobrinho da mulher, Tito. O menino tinha quatorze anos, e estava claro que ia direito ao cárcere; tomava drogas, e ficava violento quando estava drogado. Embora Raúl, que tinha defendido a mulher, tampouco era nenhuma jóia... de fato, era o líder de uma das gangues mais perigosas da zona.

A senhora Martínez era uma boa mulher, e Sarina não queria que o idiota de seu sobrinho a matasse em um de seus arrebatamentos, assim decidiu que falaria com um amigo do departamento antidroga. Não se atrevia a chamar a polícia nesse momento, porque não queria que seu nome aparecesse em nenhum relatório; ao menos, não tinha tido que intervir. Voltou a fechar a gaveta e colocou a chave em cima da porta, como sempre.

—Acabou-se, mamãe? —perguntou-lhe Bernadette da cozinha.

—Por agora — lhe respondeu. Abriu os braços, e quando a pequena se aproximou dela, abraçou-a com força—. Tem que estar sempre alerta. Não deveria te sentar no alpendre, céu.

—Já sei, sinto muito.

—Vivemos em um mau lugar — comentou Sarina, com preocupação.

Não lhe tinha gostado de ter que conformar-se com uma casa naquela zona da cidade, mas as faturas médicas não lhe tinham deixado outra opção. Observou a sua filha com atenção, rogando que o susto não desencadeasse um ataque, tal e como tinha passado por culpa da atitude brusca do Colby, mas Bernadette não estava nada preocupada; de fato, estava sorrindo.

—eu gosto de viver aqui — disse a menina—. As outras crianças jogam comigo, e não riem de mim. Mamãe sou uma pessoa de cor?

Sarina se pôs a rir, e admitiu:

—Sim, céu. Tem sangue índio apache. Lembra-te do que te contou seu avô sobre as jaquetas índias apaches? Procede de um povo muito valente!

—Meu papai era valente?

Sarina teve que morder a língua.

—Claro que sim — disse, com um sorriso forçado.

—Por que não me quis? —perguntou-lhe a pequena.

—Bernadette...

—Já sei, não terá que falar dele. Mas meu avô o queria muito, disse-me que meu papai estava confuso, e que não sabia quem era.

—Isso é algo muito sério e profundo, céu.

—Vi como lhe disparavam ao homem mau — disse a menina de repente—, mas quando lhe perguntei se lhe doía o braço, foi muito antipático comigo.

Sarina franziu o cenho.

—A quem lhe disparou?

—A aquele homem horrível ao que lhe deu um chute. Não lhe caio bem, assim que ele tampouco eu gosto. É um homem muito mau!

Sarina apartou o olhar. A pequena tinha feito estranhos comentários sobre um homem moreno de vez em quando, e ela sabia que sua filha tinha visões que estavam acostumados a ser muito precisas. Era um dom que também tinha tido seu avô paterno, já que o homem podia ver coisas antes que acontecessem; entretanto, até esse momento não se deu conta de que a menina tinha uma espécie de conexão mental com o Colby Lane, e a idéia a inquietou bastante.

Sentou-se pesadamente no sofá, e lhe perguntou com expressão séria:

—Que mais viu?

—Que bebia de uma garrafa algo que cheirava muito mal, e seu chefe lhe deu uma boa surra — disse a menina—. Então disparou a alguém, mas também dispararam a ele, e lhe começou a sair muito sangue do braço. Era em um lugar que se chama «a África».

Sarina ficou de pedra.

—Viu tudo isso?

Bernadette assentiu, e retirou uma mecha de seu longo cabelo do rosto.

—Sim, e também havia uma mulher. Quando ela se foi, ele ficou muito triste.

Sarina sentiu que lhe dava um tombo o coração. Maureen o tinha deixado? Odiou-se pela alegria que sentiu por um segundo. Colby nunca esqueceria à outra mulher, esse era um fato que tinha que aceitar; nunca a tinha querido a ela, e nunca o faria.

—O que te parece se jantarmos uma pizza? — perguntou-lhe à menina.

—De verdade? Com cogumelos?

—Pois claro! —Sarina se levantou e olhou pela janela com preocupação—. Suponho que é seguro lhe pedir a um pobre e indefeso entregador que venha até aqui.

—É muito seguro — afirmou Bernadette com um grande sorriso — Eu te protegerei mami. O avô me disse que seu pai era um Xamã, e que seu irmão podia ver coisas antes que acontecesse igual ao avô e eu.

—Bom... —Sarina duvidou por um momento, sem saber como tirar um tema que a inquietava—. Bernadette quero que me prometas algo.

—O que?

Sarina mordiscou o lábio inferior.

—O homem... ao que viu que lhe disparavam. Quero que me prometa que nunca, nunca falará em apache diante dele.

—Mas, por quê? —perguntou-lhe a pequena.

Sarina respirou fundo, e respondeu com suavidade:

—Não lhe posso explicar isso, mas quero que me prometa isso. Sei que cumprirá com sua palavra.

A menina assentiu.

—Meu avô me ensinou que sempre tenho que fazê-lo — olhou a sua mãe com óbvia curiosidade, mas finalmente assentiu de novo e disse—: Certo, mamãe. Prometo-lhe isso.

Sarina sorriu, e abraçou a sua filha.

—Quero-te.

—Eu também te quero — Bernadette se tornou um pouco para trás, e lhe perguntou—: Será que Papai Noel me trará um microscópio em Natal?

Sarina se pôs a rir.

—Faltam dois meses, assim suponho que não é muito cedo para começar a pensar nisso. Mas o microscópio que quer é muito caro, céu — lhe disse com ternura.

Bernadette posou uma mão no ombro de sua mãe, e ao olhá-la pareceu toda uma adulta.

—Já sei que meu tratamento médico custa muito, talvez pudesse passar sem ele...

—Não! —disse Sarina imediatamente.

—Mas custa muito...

Sarina apertou a sua filha contra si, e fechou os olhos ao recordar como tinha sido a vida antes que aparecessem os novos medicamentos.

—Não me importa o que custe.

Bernadette apoiou a cabeça no ombro de sua mãe, e murmurou:

—Eu gostaria de ser como a Nikki, ela nunca fica doente.

Sarina desejou pela enésima vez ter podido cuidar melhor da menina no princípio. Os médicos lhe haviam dito que não teria suposto nenhuma diferença, mas ela não acreditava. Se algo acontecia com Bernadette, morreria.

A menina se tornou ligeiramente para trás, e observou os olhos cheios de preocupação de sua mãe.

—Mamãe, não passa nada, de verdade — a pequena sorriu, e acrescentou—: Um dia serei detetive e trabalharei em uma grande cidade, e um homem muito bonito se casará comigo. Sonhei-o.

Sarina voltou a fechar os olhos, e se estremeceu. Sabia que a menina podia ver o que estava por chegar, e em certo modo, sentiu-se reconfortada e cheia de esperança.

—Assim não tem que preocupar-se — acrescentou Bernadette. Mordeu-se o lábio, e disse—: Não me vai passar nada — não se atreveu a admitir a preocupação que sentia por sua mãe, assim esboçou um sorriso—. Certamente Papai Noel trazer o telescópio... estou quase segura de que o fará!

—Não sei.

—Alguma vez está de mais pedir as coisas no caso de, não? Sarina soltou uma gargalhada, e se levantou. —Já veremos. Agora, vamos pedir a pizza!

Colby Lane voltou para seu pequeno apartamento alugado, e tirou um pouco de comida do congelador para jantar. Sem saber por que, sentia uma vontade repentina de comer uma pizza.

Enquanto o microondas esquentava a comida, comprovou a secretária eletrônica do telefone, mas não se surpreendeu ao ver que não tinha nenhuma mensagem. As únicas pessoas às que conhecia na cidade eram os Hunter. Não tinha nenhuma vida social, e seu único amigo de verdade era Tate_Winthrop, que vivia em Washington, DC com o Cecily e o filho de ambos; Tate estava trabalhando de novo para o governo, embora nunca em operações perigosas.

O pai do Colby tinha morrido fazia dois anos, embora ele não se inteirou até que tinha ido à reserva no ano anterior; ainda tinha a vários primos ali, mas se tinham mostrado estranhamente resistentes a falar de seu pai, e só lhe haviam dito que tinha vivido em Tucson até sua morte. Seu corpo tinha sido enterrado em uma pequena cerimônia privada, no antigo cemitério índio apache próximo a casa onde tinham vivido anos atrás, mas seus primos também se mostraram reticentes a falar do assunto.

Colby não havia tornado a falar com seu pai desde que se casou com a Maureen. Ao velho não lhe tinha gostado de sua nova mulher, e ele tinha reagido exageradamente ante a crítica,

embora o certo fosse que seu pai e ele nunca tinham estado muito unidos. Tinha querido muito a sua mãe, mas ela tinha morrido quando ele era muito jovem, e seu pai tinha começado a beber e a comportar-se de forma violenta. Ele havia acabado culpando ao velho por tudo, mas com o passar dos anos, e depois de experimentar em suas próprias carnes o que era estar obcecado com uma mulher, tinha começado a entender o comportamento de seu pai. Desejava ter feito o esforço de ir ver o quando ainda estava a tempo, mas se tinha ficado completamente só no mundo. Não tinha nem mulher, nem filhos nem pais, e embora ficasse um tio no Oklahoma e alguns primos, não os reconheceria se os visse pela rua. Levava uma vida muito solitária.

Quando se tinha casado com a Maureen, tinha acreditado que estariam juntos toda a vida, e que teriam um lar cheio de crianças; entretanto, ela não tinha querido ter filhos mestiços. Disse-se com amargura que tinha sido toda uma sorte, porque ele era estéril. Nesse momento, lembrou-se da Bernadete, a filha hispânica da Sarina, e se perguntou quem seria seu pai, e como as teria arrumado ela para conceber uma filha depois do pesadelo de dor que lhe tinha feito viver em sua noite de núpcias.

Bebeu vários copos de uísque com a esperança de que o incapacitassem, mas não tinha sido assim. Horas depois, tinha-a deixado tremendo sob as mantas na habitação do hotel, depois de lhe deixar claro o que sentia por aquele matrimônio que lhe tinham obrigado a aceitar.

Depois tinha conseguido uma habitação separada, tinha pedido uma garrafa do Cutty Sark e se embebedou até perder o conhecimento. Ao dia seguinte, ao despertar, tinha ido ver a com certo cargo de consciência, mas ela já havia partido; pouco depois, tinha recebido a carta de um advogado, que continha uma direta nota do pai da Sarina. Carrington lhe tinha informado que seriam enviados os papéis da anulação assim que estivessem preparados, e queriam saber onde terei que enviar-lhe. Antes de poder casar-se com a Maureen, havia tido uma missão de última hora no estrangeiro, e a sua volta, ela o informou de que havia falsificado sua assinatura nos documentos e que a anulação já era oficial, assim poderiam casar de imediato. Maureen tinha um amigo que poderia casar-los, inclusive tinha conseguido uma licença e tudo o necessário, e havia dito que o único que necessitava fazer era falar as palavras adequadas. A cerimônia havia sido um pouco estranha, e depois Maureen apareceu com uma certidão de casamento, que ele nunca chegou a ver. Suponha que ela a tenha usado depois para conseguir o divórcio, somente recordava ter assinado alguns papeis já que se encontrava bastante alcoolizado.

O lhes tinha dado a direção da Maureen. Era óbvio que Sarina lhes tinha mentido sobre a consumação do matrimônio, e lhe tinha dado o mesmo, assim tinha decidido assinar os papéis da anulação. O certo era que Maureen o tinha chamado o dia das núpcias com a Sarina para lhe dizer que queria casar-se com ele imediatamente, mas ele tinha tido que inventar uma desculpa, e tinha acabado pagando-o com a Sarina. Ainda lhe remeia a consciência.

Maureen e ele tinham acontecido uma febril noite de núpcias depois da rápida cerimônia. Tinha-o mantido a distancia durante todo o tempo em que tinham estado saindo juntos, e recordou envergonhado que a abstinência tinha sido uma das razões ao qual tinham feito que se jogasse sobre a Sarina como um lobo faminto. Mas Maureen tinha sido uma obsessão. Quando a tinha conseguido, havia tido que deixá-la durante alguns meses em Washington por causa de outra missão no estrangeiro, já que o pai da Sarina tinha movido alguns fios para obter que se fosse da cidade. Depois, tinha deixado os serviços de inteligência e tinha começado a trabalhar com um grupo de mercenários; tinha ganhado muito dinheiro e adorava a adrenalina do serviço, mas tudo aquilo tinha ficado atrás.

Sentia remorsos pelo que tinha passado com a Sarina, e pensou que ela tinha que ter necessitado muita coragem para voltar a arriscar-se a manter relações íntimas com um homem. Não gostava de nada pensar no que tinha feito a aquela doce moça cujo único crime foi o de apaixonar-se por ele, e apesar de que a havia culpado de todo o acontecido, no fundo sabia que ela tinha sido inocente. A culpa tinha sido dela, por beber muito naquela festa a que ambos tinham ido, e por deixar que os descobrissem em uma situação comprometedor. Tinha-lhe jogado a culpa, mas não deveria havê-lo feito.

Seguia sendo tão atraente como sempre, embora agora mais amadurecida, mais independente, mais segura de si mesmo que a garota dependente de um pai rico a que tinha conhecido no passado. Surpreendia-lhe que estivesse trabalhando para manter-se, porque a fortuna de seu pai tinha subido a vinte milhões de dólares, e ela era a única herdeira. Inteirou-se de que Carrington tinha morrido seis anos atrás, e embora não havia sentido nenhuma pena, tinha pensado no fato de que Sarina se liberou por fim de sua tirania e tinha herdado uma fortuna.

Colby franziu o cenho ao recordar como vestia sua filha e ela. Se ficou dinheiro, não se refletia em sua roupa modesta, nem no emprego que tinha.

Nesse momento, soou o alarme do microondas e tirou o jantar. Levou-se alguns pratos e talheres de Washington, mas seguia vivendo como um espartano, porque era difícil desfazer-se dos velhos costumes. Não tinha muitas posses materiais; ao fim e ao cabo, um homem que viajava constantemente não podia permitir o luxo de levar nas costas um montão de coisas.

Hunter também tinha trabalhado na CIA, e depois como agente livre em missões sigilosas, antes de assentar-se no setor da segurança privada. Tinha ficado surpreso em encontrar-lo casado e com uma filha; Jennifer, sua mulher, era uma geóloga loira espantosa, prima da esposa do Gabe, o filho do velho Ritter. Era óbvio o muito que Jennifer e Hunter se queriam, e embora levassem anos casados, a paixão não se desvaneceu nem de longe. Certamente alguns matrimônios funcionavam.

Colby fez uma careta ao pensar em seus dois matrimônios fracassados; obviamente, não tinha sabido escolher. Maureen não tinha tido nada em comum com ele, e não lhe tinha amado. O único que lhe interessava dele era o que podia lhe dar de um ponto de vista material. Tinham tido uma relação puramente física e obsessiva, que se tinha apagado em menos de um ano, e embora ele tenha tentado aferrar-se a ela, ao final tinha tido que deixá-la ir. Ter que admitir seu fracasso tinha sido um duro golpe para seu orgulho. Maureen havia sido uma obsessão, mas ele tinha aprendido que o desejo obsessivo não podia substituir o amor. Sarina o tinha amado com todo seu coração, e ele a tinha expulsado a um lado brutalmente, assim possivelmente se merecia tudo o que tinha sofrido. Certamente, tinha pagado com acréscimo a dor que lhe tinha causado a sua primeira ex-mulher.

Depois de acabar de jantar, tomou banho e se deitou cedo; de jovem, podia agüentar noites inteiras sem dormir, mas nesse momento, enquanto sentia a ardência de suas feridas na escuridão, tinha que aproveitar qualquer momento de sonolência que pudesse conseguir. Nenhum de seus camaradas teria reconhecido a aquele soldado esgotado que trabalhava protegendo uma empresa petroleira dos ladrões e os traficantes de drogas, e que se sentia muito mais velho do que era em realidade. Talvez devesse alegrar-se de seguir com vida; depois de tudo, muitos de seus amigos não podiam dizer o mesmo.

Justo antes de comer, Colby passou junto ao escritório da Sarina e a viu falando animadamente com o Rodrigo Ramírez. Era estranho, mas embora estivesse claro que existia uma grande familiaridade entre eles, não pareciam amantes. Ela não mostrava nenhum tipo de atração física, e sua linguagem corporal era bastante interessante... tinha os braços cruzados e fortemente apertados contra o peito, e sua expressão era muito formal. Se estava envolvida com aquele homem, lhe dava muito bem levar as coisas com discrição.

Rodrigo também era todo um enigma. Tinha-lhe perguntado ao Hunter por ele, mas seu amigo só lhe havia dito que o mexicano trabalhava como contato entre o Eugene e uma empresa de equipamentos que pertencia ao filho deste, Cabe Ritter. Parecia uma conexão muito tênue e um trabalho bastante estranho, e por alguma razão, não conseguia imaginar ao Rodrigo em um emprego de escritório. Tinha a estranha sensação de que já se encontrou antes com aquele homem.

Sarina deu um arquivo ao tipo, e se levantou da cadeira.

—Isto é tudo o que tenho de momento — disse. Sua voz se ouviu claramente no escritório, já que era a hora da comida e quase todo mundo já havia ido.

—Eu tenho mais, passar-te-ei um CD — disse Rodrigo —. E falando de um pouco mais pessoal: acredito que teria que te mudar, porque Bernadette está muito exposta.

—Posso cuidar perfeitamente bem dela — respondeu Sarina com voz fica—. Não posso me mudar, e sabe por que.

—Poderia te ajudar... —começou a dizer ele.

Sarina o interrompeu elevando uma mão.

—Bernadette e eu nos arrumaremos isso. É melhor assim.

—Por que não posso te convencer alguma vez de fazer o mais seguro? —perguntou-lhe o latino, com um acento mais acentuado.

—Só as mulheres velhas vão ao seguro — respondeu ela com uma gargalhada—. Além disso, este trabalho é o mais importante que tenho feito até agora.

—É verdade, mas eu não gosto de te ter na linha de fogo.

—Nunca te gostou, mas é minha escolha.

—Você e sua independência... —Rodrigo se interrompeu quando viu o Colby aproximando-se da porta, e se levantou de sua cadeira. Arqueou uma sobrancelha, e lhe perguntou com formalidade—: Posso lhe ajudar em algo, senhor Lane?

Colby olhou a Sarina, e respondeu:

—Queria lhe perguntar algo à senhorita Carrington, mas não é urgente. Posso esperar.

—Tenho que ir — disse Rodrigo, ao dar-se conta da hora que era. Voltou-se de novo para a Sarina, e lhe disse—: Chamarei-te.

Ela assentiu, e quando o homem se foi, olhou ao Colby com expressão gélida.

—O que quer?

—Por que insinuou que sua filha corre algum risco? —perguntou-lhe Colby.

Ela arqueou as sobrancelhas.

—Acaso o bem-estar de minha filha é de sua incumbência, senhor Lane?

—Deixa de formalidades — respondeu ele com frieza—. Estivemos casados.

Sarina soltou uma gargalhada carente de humor.

—Tive dores de cabeça que duraram mais que nosso matrimônio.

Ele meteu as mãos nos bolsos das calças, e a olhou com expressão séria.

—Que risco corre sua filha? —insistiu.

—Vivemos em um mau bairro. Há várias gangues, e ontem à noite houve um tiroteio enquanto Bernadette estava sentada no alpendre. Um vizinho resultou ferido.

—Por que vive em um lugar assim? — perguntou-lhe ele, com o cenho franzido.

Sarina não falava dos problemas da Bernadete com desconhecidos, e se negou a pensar na noite anterior, e em como se despertou de repente e tinha tido que levar-se correndo a sua filha a Urgências. Colby era o culpado, mas ele não sabia e ela não pensava dizer-lhe - Por que vive em um lugar assim? — perguntou —. Teu pai tinha milhões quando morreu seis anos atrás, e você eras a única herdeira.

—Minha filha não se integra em uma vizinhança de brancos — se limitou a dizer.

Colby entreabriu os olhos e a olhou com uma expressão carregada de fúria.

—Eu não tenho milhões — lhe disse ela.

—Teve que te deixar algo.

Sarina ficou olhando, sem dizer uma palavra.

—O pai de sua filha deveria lhe pagar a manutenção — disse ele, trocando de tática.

—Isso sim que seria uma novidade.

—Hunter me disse que é hispânico — insistiu ele—. Tem que ter parentes ou amigos, não pode ser tão difícil localizá-lo.

Sarina lhe deu obrigado em silêncio ao Hunter por sua mentira.

—Por que não te limita a fazer seu trabalho, e me deixa me ocupar do meu? —disse-lhe, antes de voltar a sentar-se.

—Como soube a menina de meu braço? — perguntou-lhe ele de repente. Queria pilhá-la despreparada para ver se lhe dizia a verdade, porque o que lhe tinha contado Hunter não tinha

sentido.

Ela franziu o cenho e lhe perguntou com tom desconcertado:

—O que acontece com teu braço?

Colby se deu conta de que ela não sabia nada, e disse com ambigüidade:

—Ela sabia que me feriram.

—Ah — Sarina o observou com curiosidade, mas seu rosto não revelou nada—. Pois não sei — mentiu —. Certamente o disse alguém.

Colby se perguntou quem podia saber de suas feridas além do Hunter, mas decidiu deixar o assunto.

—Por que não pode te mudar a uma zona melhor?

—A comunidade hispânica aceita à menina sem problemas.

—E a você?

—Suponho que sabe que os chicanos podem ser tanto loiros como morenos — disse ela com tom ligeiramente zombador—. Além disso, encaixo perfeitamente bem, porque domino o espanhol.

—Pode lê-lo e escrevê-lo, além de falá-lo? —perguntou-lhe Colby.

Quando Sarina assentiu, ele pensou no que ela havia dito, e em todos os prejuízos que existiam. Durante a maior parte de sua vida, tinha oculto sua ascendência índia apache para tentar evitá-los, enquanto que Sarina não tentava esconder as raízes da Bernadete, apesar de protetora que se mostrava com a menina e do muito que obviamente a queria. Por que tinha escolhido viver em uma zona perigosa?

—Estou seguro de que Hunter pode te ajudar a encontrar um lugar melhor onde viver — comentou.

—Estamos bem. Vais dizer-me que só há pistolas nas zonas onde vivem as minorias?

—É menos provável que se usem em um bairro melhor. —Hã! — soltou ela com ironia, antes de voltar-se para seu computador.

—Está evitando o problema.

Sarina levantou a cabeça para olhá-lo, enquanto tentava não recordar tempos mais felizes.

—Não tem nem voz nem voto no tema — lhe disse com suavidade.

Colby respirou fundo, e finalmente disse:

—Tem razão.

Ela se voltou de novo para o computador.

—Por que lhe enviaram de Tucson, em vez de fazer que alguém daqui ocupasse o posto?

—O que é isto? Um interrogatório? — perguntou-lhe ela, com exasperação.

—A sua filha cai bem o mexicano... como se chamava?, Ramírez?

Ela esboçou um sorriso deliberado, e admitiu:

—Também eu gosto de Rodrigo. Somos amigos há uns anos, e se levou muito bem conosco.

Ao Colby não gostou de nada ouvir aquilo, embora não teria sabido explicar por que. Certamente ainda se sentia um pouco possessivo com ela; ao fim e ao cabo, tinham estado casados, embora só tivesse sido durante um dia e uma noite.

—Foi à universidade, é por que não acabou os estudos?

Sim que os tinha acabado, mas não pensava dizer-lhe.

—Deixei-os — mentiu.

—Assim suponho que este foi o único trabalho que pôde conseguir, não?

Sarina assentiu, agradecida de que ele não pudesse ler mentes.

—Foi filha única — acrescentou Colby, com o cenho franzido—. Sigo sem entender por que vive nestas condições.

—Meu pai tinha muito claro o que queria fazer com seu dinheiro — disse ela, sem ressentimento algum. Fazia muito tempo que tinha aceitado o que lhe tinha proporcionado o destino—. Não me importa trabalhar para me manter.

Ele se cruzou de braços.

—Suponho que sabia que Maureen e eu nos divorciamos faz dois anos.

Ela o olhou com uma expressão hermética, e lhe perguntou:

—Por que iria saber?

—Hunter sabia — disse ele, notando o rubor que tingia as bochechas femininas—. É meu amigo da infância, não posso me acreditar que nunca te mencionasse meu nome.

A Sarina não gostava de nada recordar o impacto que se havia sentido a primeira vez que Phillip tinha mencionado a seu velho amigo Colby, um dia que Jennifer e ela tinham ido a classe de parto natural. Ela tinha admitido que o conhecia, mas as tinha arrumado para manter em segredo a conexão que os unia, e só lhe havia contado que tinham saído juntos fazia anos, e que Colby tinha ido proteger a seu pai. Tinha-lhe pedido a Jennifer que lhe advertisse que era melhor não mencionar a ascendência da Bernadete diante do Colby, sem lhe dizer por que, mas Hunter era um homem inteligente e provavelmente tinha adivinhado a verdade.

—Mencionou-o uma vez — admitiu-a com frieza—. Mas os Hunter se deram conta imediatamente que não queria ouvir falar de você.

Colby piscou. Aquilo o tinha tomado por surpresa, embora não deveria ter sido assim.

—Ponto para você, senhorita Carrington — disse com voz fica.

—Sente saudades que trabalhe em um lugar como este — comentou-a de repente—. É muito diferente ao que fazia antes, verdade?

Ele viu acontecer os últimos anos ante seus olhos. Viu suas feridas, seus conflitos com seus homólogos políticos, a desilusão que sentia com sua vida, e optou por responder com uma verdade pela metade.

—Eu não gosto dos hospitais — disse.

Quando ela arqueou as sobrancelhas em um gesto interrogante, acrescentou com frieza:

—Passei-me muito tempo ingressado neles entre missões no estrangeiro.

—Não o parece — disse ela, enquanto o percorria com o olhar.

Estava claro que, ao contrário que sua filha, não sabia que levava uma prótese, e Colby se sentiu resistente a confessar-lhe.

—Acredito recordar que queria ser uma diplomata — lhe disse.

Ela se encolheu de ombros.

—Cada um faz suas próprias eleições, mas a vida se cruza no caminho. Estou satisfeita com meu trabalho.

Colby a contemplou por alguns segundos, enquanto recordava tempos mais felizes, a camaradagem que tinham compartilhado inclusive seu especial senso de humor. Tornou-se tão formal e séria que lhe resultava difícil relacionar à mulher que tinha diante com aquela a que tinha conhecido tão intimamente no passado.

—Me faça uma foto — lhe disse ela, molesta por aquele olhar tão intenso.

—Faz sete anos, foi como uma fogueira — disse ele com atitude distraída—. Reluzia, brilhava de vitalidade e alegria.

Sarina o olhou, e em seus olhos escuros se refletiram a angústia e a dor dos últimos anos.

—Cresci — disse.

— Quantos anos têm?

Ela soltou uma gargalhada vazia.

—Vá uma pergunta!

—Me responda.

—Vinte e quatro — disse ela a contra gosto.

Ele ficou sem fala, e a olhou com um brilho de verdadeira dor nos olhos. Estremeceu-se ligeiramente, e lhe perguntou incrédulo:

—Tinha dezessete anos quando nos casamos?

Sua reação a surpreendeu muito.

—Trabalhava nos serviços de inteligência, assim dava é obvio que sabia tudo sobre mim.

—Nunca te investiguei!, Não havia nenhuma razão para fazê-lo! — Colby se tornou para trás uma mecha de cabelo negro, e exclamou—: Deus!, Dezessete anos! Pensei que fosse mais velha experimentada...

Sarina apagou toda expressão de seu rosto. Não podia suportar recordar a dor e a humilhação que havia sofrido ao perder a virgindade, e muito ruborizada, começou a brincar com os papéis que tinha sobre a mesa para manter as mãos ocupadas com algo.

—Sarina... —começou a dizer ele, enquanto procurava as palavras adequadas para desculpar-se—. Foi à universidade, acreditei que tinha vinte anos. Tendo em conta sua posição social, seu histórico e a idade que acreditava que tinha... não me ocorreu pensar que não tivesse nenhuma experiência sexual.

—Não te importava o que eu tivesse ou deixasse de ter — o acusou ela—. Estava furioso porque, segundo você, tinha-o organizado tudo para que nos pilhassem em uma situação comprometida e assim poder te obrigar a que casasse comigo. Como não podia lhe fazer nada a meu pai, decidi te vingar comigo.

Os olhos do Colby se obscureceram de indignação.

—Admito que estivesse muito zangado, mas não te fiz mal a propósito.

—De verdade? —Sarina se levantou de repente, vibrando quase pela fúria que sentia—. Tiveram que me dar quatro pontos de sutura! —acrescentou com uma angústia impotente.

Colby não assimilou aquilo imediatamente, mas então recordou vagamente ter visto sangue nos lençóis; tinha acreditado que tinha começado sua menstruação, mas se não tinha sido assim...

Sentiu que seu rosto se ruborizava. Os uísques que tomou para não tocá-la não tinham funcionado, e seu controle tinha sido muito precário, já que a culpava por ter posto a Maureen fora de seu alcance com aquele casamento não desejado; entretanto, não tinha sido sua intenção lhe causar um dano físico.

Respirou fundo para tentar acalmar-se. O álcool tinha sido o responsável por muitas das tragédias que tinha havido em sua vida, mas não se deu conta disso até que se submeteu a terapia e uma psicóloga lhe tinha feito tirar a luz todos seus pecados.

Sarina se sentiu incômoda ao ver a expressão torturada em seus olhos, e voltou a sentar-se enquanto evitava olhá-lo diretamente.

—Faz muito tempo — disse com tom firme—. Não se preocupe.

Colby tentou encontrar as palavras adequadas para lhe explicar o que tinha passado, para lhe dizer que Maureen tinha deixado de lhe falar durante semanas sem razão alguma, que se havia sentido ferido e sua presença tinha sido balsâmica para ele. Então, o mesmo dia que se casou com ela, Maureen tinha falado com seu amigo Tate Winthrop e tinha conseguido seu telefone, e o havia chamado para lhe dizer que estava pronta para casar-se com ele. Havia-se posto furioso, e tinha acreditado que Sarina o tinha enganado. Tinha querido vingar-se, mas não a tinha ferido deliberadamente... ao menos, isso era o que tinha acreditado durante todos aqueles anos.

A psicóloga lhe havia dito que a maior parte de seus problemas se deviam a que se sentia culpado, mas não pela Maureen; bebia porque não podia esquecer como tinha tratado a Sarina. Sua vergonha era tão grande, que nunca lhe tinha falado a ninguém dela, nem sequer ao Tate, seu melhor amigo.

Inclusive nesse momento, ao olhá-la, recordava o alegre e cativante que tinha sido naqueles dias. Por um momento de loucura, em meio de umas carícias explosivamente deliciosas, havia-se sentido tentado de seguir adiante com o matrimônio e de deixar que Maureen seguisse seu próprio caminho, mas não teriam podido superar os obstáculos aos que teriam tido que enfrentar-se.

Embora não tinha sido consciente da verdadeira idade da Sarina, ela era a filha super protegida de um multimilionário, enquanto que ele era um mestiço com raízes índias apaches e comanches, além de pobre; além disso, sua profissão podia lhe custar à vida em qualquer momento.

Ela pensava que tinha estado no exército, mas não era certo. Tinha trabalhado para a CIA em qualidade de paramilitar independente, já que era um agente livre que realizava missões como especialista em contra terrorismo e no manejo de armas ligeiras, ao serviço de qualquer governo que estivesse disposto a pagar o suficiente por seus serviços. Quando tinha conhecido a Sarina,

estava trabalhando para o governo americano. Hunter e ele se davam tão bem porque tinham um histórico similar, embora Sarina não soubesse.

—Naquela época, havia certos obstáculos que você desconhecia — lhe disse finalmente, enquanto colocava as mãos nos bolsos das calças.

Não lhe respondeu, já que estava recordando os dias terríveis depois de que ele saísse de sua vida. Seu pai tinha exigido uma anulação, e ela se havia sentido muito zangada e ferida para negar-se, embora tivesse que mentir sobre o encontro sexual que tinham mantido. Colby não tinha exposto nenhuma só objeção, e depois de uma única chamada, cheia de recriminações e sem uma só desculpa, ele a tinha deixado sem mais.

—Deve me haver odiado — disse ele com os olhos entreabertos.

Sarina não o olhou ao responder:

—Assim só conseguia desperdiçar energia, e aprendi muito em breve a canalizá-la para âmbitos mais positivos.

—Como trabalhar de empregado de escritório em uma companhia petroleira? — o espetou, irritado.

—Serve para pagar as faturas.

—Não de tudo, a julgar por essa parte de sucata que conduz.

Sarina o fulminou com o olhar.

—Não tem nada que investigar?

—Suponho que sim.

Ela se voltou para seu trabalho, e o ignorou por completo.

Colby ficou olhando durante alguns segundos, sentindo umas dúvidas e uma tristeza que não queria que ela visse. Sem acrescentar nada mais, deu-se a volta e se foi.

Ao chegar a seu escritório, encontrou-se ao Hunter esperando-o com expressão de preocupação.

—Passa algo? —perguntou-lhe.

—Pode. Cobb acaba de inteirar-se de que há dois agentes do DEA infiltrados na empresa.

—Quem?

—Não tenho nem idéia, e ele se nega a me dizer isso, mas parece uma fúria; segundo ele, vêm de outro distrito, e estão perseguindo um suspeito que trabalha para nós. Ninguém lhe havia dito nada, porque disse aos de narcóticos que tem uma filtração em seu departamento.

—Se isso for verdade, provavelmente não hão dito nada para não pôr em perigo aos agentes — disse Colby.

—Sim, mas há algo mais. Um dos empregados está envolvido com a mulher que tomou as rédeas da organização do Manuel López.

—Já sei Brody Vance — disse Colby. Sorriu ao ver a surpresa do Hunter, e acrescentou—: Recorda que eu também participei da campana do armazém com o Cobb, e me inteirei de que depois Vance pagou a fiança de Cara Domínguez para tirar-la do cárcere.

—Sim — Hunter apertou os lábios—. Deveria haver pedido ao Cobb que conseguisse uma ordem para lhe grampear o telefone do escritório.

—É um tipo preparado, certamente acredita que já tem feito.

—Pode. De todas as formas, terá que o ter vigiado.

—Poderia lhe pôr um microfone no carro — sugeriu Colby—. Não suspeitaria nada, inclusive poderia lhe pôr um dispositivo de seguimento para controlar todos seus movimentos.

—Duvido que um juiz nos dê permissão — disse Hunter.

Colby se meteu as mãos nos bolsos, e disse com calma:

—Poderia fazê-lo sem que você se inteirasse.

—Vá, pensamento criativo — disse Hunter, com olhos faiscantes.

—Tem uma relação estreita com alguém do escritório?

—Tentou ligar com a noiva do Cobb, mas acabou rendendo-se. Ah, isso me recorda que Cobb

me comentou que a mulher é perita em cibertecnologia.

—Se for tão boa, é uma lástima que esteja desperdiçando seus conhecimentos trabalhando com o Vance.

—Tem razão. Talvez pudéssemos aproveitar esses conhecimentos — disse Hunter—. Pode que o senhor Vance esteja utilizando seu correio eletrônico para fazer algo indevido, e a companhia se reserva o direito de comprovar todas as mensagens que se enviam e se recebem das instalações, inclusive as pessoais. Não seria ilegal.

Colby sorriu.

—Nesse caso, vou falar com o Jodie — disse, antes de voltar-se para a porta.

—Eu comprovarei os informes de pessoal, para saber quem é de fora da cidade — murmurou Hunter para si mesmo, já que Colby já se foi.

Quando revisou os informes, surpreendeu-se ao dar-se conta de que Sarina lhes estava ocultando muitos segredos, mas como sabia que ela não queria que Colby conhecesse seu passado, decidiu não lhe dizer nada. De forma extremamente eficiente, trocou os informe do computador principal para que Colby não descobrisse nenhuma conexão muito reveladora, e não sentiu a menor culpa ao fazê-lo.

Capítulo 3

Colby encarregou a Jodie que começasse a procurar no correio eletrônico do Brody Vance qualquer prova que pudesse incriminá-lo, e lhe advertiu que não devia falar com ninguém do assunto. Ela aceitou imediatamente, e pareceu ansiosa por assumir a missão.

Na hora da comida, Colby esperou depois da janela de uma cafeteria para ver que carro usava Vance; tal e como esperava, o tipo tinha trocado de veículo, certamente para despistar a qualquer quem o estivesse vigiando, já que seu próprio carro tinha sido visto a noite da vigia à rede antidroga. Nesse momento levava um Lincoln cinza último modelo, e Colby pensou com nostalgia nos velhos tempos, quando ainda tinha contatos em Trafego e podia pedir informação sobre qualquer veículo que quisesse.

Trabalhar no setor privado limitava suas opções, sobre tudo tendo em conta que acabava de começar naquele emprego e que estava em uma cidade nova. Possivelmente teria podido lhe pedir ao Hunter que o fizesse por ele, mas seu orgulho o impedia; acabava de chegar à empresa, assim tinha que cimentar sua posição e provar sua valia. E isso significava que tinha que levar a cabo a investigação com seus próprios meios.

No meio da tarde, foi à cafeteria para tomar um café e uma massa, e começou a planejar a melhor forma para penetrar no carro do Vance sem ser visto. Ao menos não necessitaria a ajuda de ninguém para isso, já que esse tipo de ações sigilosas era sua especialidade.

De repente, notou um movimento perto, e levantou o olhar. Devia ser a hora da saída do colégio, porque Rodrigo entrou com a filha da Sarina na mão; o homem sentou à menina em uma mesa, deu-lhe um estojo de cores e uma caderneta, sussurrou-lhe algo que a fez sorrir e se foi.

A menina o punha muito incômodo, e se sentiu culpado quando ela levantou o olhar e o contemplou com uma expressão zangada. Já se sentia bastante mal por ter feito que chorasse, não fazia falta que ela o esfregasse na cara; além disso, não podia entender sua própria atitude negativa para a pequena, porque sempre lhe tinham gostado das crianças. Com certeza o que lhe afetava tanto era saber que nunca poderia ser pai.

Enquanto acabava de comer a massa e apurava a xícara de café, observou-a enquanto ela desenhava com as cores, e se perguntou se Eugene Ritter sabia que as instalações da empresa serviam de creche para os filhos de seus empregados. Ao menos, para um deles. Em realidade não era assunto dele, mas tinha a sensação de que Sarina estava mandando uma mensagem

velada a seus gastos, que lhe estava dizendo que podia usar a cafeteria como quisesse, e ele não podia fazer nada para impedir-lhe a idéia era muito irritante.

Sumiu-se em seus pensamentos durante alguns minutos, lhe dando voltas a como podia acessar ao carro do Vance e pensando no equipamento que teria que comprar para fazê-lo. Sentia falta de seu antigo trabalho. Tinha sido perigoso, mas nunca aborrecido, e como tantas outras vezes nos dois últimos anos, voltou a perguntar-se como ia poder acostumar-se a aquela rotina diária. A temporada que tinha passado como chefe de segurança para o Hutton tinha sido interessante, mas lhe tinha devotado poucas provocações; ao menos, pôr os dispositivos de seguimento no carro do Vance lhe permitia rememorar em certo modo sua antiga vida.

Acabou-se o café, que a essas alturas já havia esfriado, e atirou o copo de plástico em um cesto de papel que havia junto à porta. A menina seguia absorta em seus desenhos, e ao ver que o ignorava por completo, Colby pensou com certa amargura que o irritava quase tanto como Sarina, embora não entendia por que. Então vislumbrou o que estava pintando, e seu corpo inteiro se esticou; era óbvio que realmente tinha talento, porque apesar de sua curta idade, as figuras sobre o papel eram claramente reconhecíveis. Tinha desenhado uma selva e um homem com óculos escuros, uniforme de camuflagem e uma metralhadora, parado entre duas árvores enormes. Eram soldados, soldados africanos, e Colby sentiu que o percorria um calafrio.

Aproximou-se até abater-se sobre ela com atitude ameaçadora. Ao levantar o olhar para ele, Bernadette ficou muito quieta, e sua atitude acusadora se desvaneceu de repente quando viu sua expressão de fúria.

—Quem te falou que deste lugar e deste homem? —exigiu-lhe Colby, enquanto agarrava a folha de papel. Voltou o desenho para a menina, e acrescentou com brutalidade—: Responda-Me!

Bernadette pensou que aquele homem dava muito medo quando ficava tão violento. Ninguém a tinha tratado nunca com tanta aspereza, e o ressentimento e o aborrecimento que havia sentido antes se converteram em medo sob seu furioso olhar.

—Na... ninguém me falou que eles —respondeu em um sussurro cheio de angústia. O homem estava muito zangado, e ela não sabia o que dizer.

—Isso é mentira — falou Colby com brutalidade.

Ao voltar para olhar o desenho, sentiu uma pontada de dor e seu corpo inteiro e se esticou. Recordou que Sarina tinha mencionado que a menina tinha visões, mas não havia acreditado; entretanto, não podia lhe encontrar nenhuma outra explicação a aquele desenho. Seu braço lhe doía só olhando-o.

Bernadette o estava contemplando fixamente, enquanto se mordida o lábio inferior, e Colby fechou em um punho a mão em que tinha o desenho ao dar-se conta da atenção da menina.

—Não teria que estar aqui. Isto é um negócio, não uma creche — lhe disse com tom gélido.

Ela tragou com dificuldade e seguiu olhando-o com os olhos arregalados, mas não respondeu. Tentou inalar para colocar ar em seus pulmões, e seus olhos se abriram ainda mais pelo esforço.

Isso avivou o aborrecimento do Colby. Seus olhos escuros se entreabriram, e lhe disse com voz firme e grave:

—Vá o escritório de sua mãe, e fique lá.

A menina se levantou rapidamente e começou a agarrar a toda pressa às folhas e lápis, mas um lhe caiu ao chão. Agachou-se para recolhê-lo, e quando se voltou para partir, Colby se deu conta de que tinha os olhos cheios de lágrimas e de que sua respiração era mais que audível.

Soltou um palavrão para em pensamento, porque a menina parecia ter uma sensibilidade delicada como o cristal.

Não tinha sido sua intenção parecer tão ameaçador, mas não estava acostumado a tratar com crianças, e Bernadette o punha nervoso. Como sabia onde o tinham ferido, ou a aparência do homem que lhe tinha disparado? Voltou a lhe doer o braço quando baixou a vista para o desenho que despertava tantas lembranças dolorosas, e com o cenho franzido, começou a enrugá-lo; entretanto, de forma quase involuntária, dobrou-o e o meteu no bolso da camisa. Aquela menina sabia mais sobre ele que ninguém, exceto ao Hunter e ao Tate Winthrop, e tinha adquirido a

informação de uma forma inquietante.

Cada vez que a via, recordava que não podia ter filhos e se sentia menos homem; além disso, a presença da Sarina lhe afetava de verdade, já que lhe recordava seus próprios fracassos. Mesmo assim, sabia que não era justo que o fizesse pagar à menina, nem que a culpasse por sua estranha habilidade de ver momentos de sua vida privada. Não deveria ter sido tão brusco com ela, e voltou a sentir-se culpado ao ver que esfregava os olhos com uma de suas mãozinhas. A imagem foi como uma punhalada no coração, e lhe pareceu que podia sentir a dor da pequena...

Resmungando uma maldição entre dentes, Colby foi para ela justo quando Rodrigo Ramírez apareceu na porta da cafeteria. O homem se parou em seco ao ver a Bernadette, e seus olhos cintilaram de fúria ao relacionar sua expressão severa com as lágrimas da pequena. Tomou em seus braços e a abraçou com gesto protetor, e os ásperos soluços da menina atravessaram o corpo do Colby como uma bala.

Rodrigo a apertou com ternura contra si, e foi direto para o Colby com passo decidido e olhar assassino. De repente, o empregado de escritório medíocre ao que tinha considerado bastante patético parecia haver-se transformado em outra pessoa completamente diferente.

—Se tiver algo que lhe dizer a Bernadette, é melhor que me diga isso — disse o homem com tom gelido, com um pronunciado acento hispânico.

—A cafeteria não é o lugar adequado para que deva brincar — respondeu Colby com secura.

—Eugene Ritter deu permissão a Sarina para que trouxesse para a menina aqui pelas tardes. Não pode permitir-se pagar a alguém que a cuide, custar-lhe-ia seu salário inteiro — aquela não era toda a verdade, mas era quão único Rodrigo estava disposto a lhe contar a aquele forasteiro.

Colby franziu o cenho, já que ignorava que o cuidado de um menino fosse tão caro.

—Se tiver algum problema, o comentarei ao senhor Ritter — seguiu dizendo Rodrigo, em um tom suave e ameaçador—. Mas se voltar a dizer uma só palavra a Bernadette sobre sua presença aqui, soldado de aluguel... —acrescentou com deliberada insolência—, mandar-te-ei de um lado ao outro do edifício de um chute no traseiro.

—Tenta-o, Ramírez — respondeu Colby, com a mesma frieza. Ele tampouco se tornava atrás o mais mínimo, nem sequer quando sabia que não tinha razão.

—Pode que esse dia chegue antes do que creia — disse Rodrigo com suavidade, em um tom que gotejava perigo.

—Vá, olhe como tremo! —disse Colby com ironia.

Rodrigo soltou um palavrão que fez que Bernadette arqueasse as sobrancelhas, e quando o homem se deu conta do que havia dito, ruborizou-se e apertou os lábios antes de voltar-se bruscamente e de sair com a menina da cafeteria.

Colby os observou partir. Não havia esperado uma atitude tão ameaçadora em um empregado que era pouco mais que um empregado de escritório, e voltou a perguntar-se por que aquele homem lhe resultava tão familiar. Por outra parte, Bernadette tinha desenhado uma paisagem do sul da África que ele recordava muito bem, já que ali tinha sido onde tinha perdido o braço, mas era impossível que a menina conhecesse aquele lugar. Como podia havê-lo pintado?

Não podia tirar seus soluços ásperos da cabeça. O som não era natural e lhe resultava muito familiar, porque ele tinha padecido asma de pequeno; tinha chegado a superá-lo com o tempo, mas até então tinha havido muitas visitas a Urgências, sobre tudo quando ficava nervoso.

Voltou para seu escritório sentindo-se mal, e quando se sentou atrás de sua mesa, ficou olhando a parede com expressão ausente. O doutor que o tinha posto a prótese lhe havia dito que, a dor fantasma era incurável, e o certo era sentir sua mão, apesar de que já não a tinha; segundo o médico, as terminações nervosas do cérebro que controlavam a extremidade seguiam intactas, assim que o cérebro seguia controlando a mão. Tinha tido que aprender a viver com isso, embora não tinha sido nada fácil.

Nesse momento se abriu a porta, e Hunter entrou no escritório.

—Ritter quer ver-te — lhe disse sem mais.

Colby se levantou.

—Não faz falta muita imaginação para saber o que quer. Não era minha intenção voltar a fazê-la chorar.

—O que quer dizer? —perguntou-lhe Hunter.

—Refiro a Bernadette — respondeu Colby, enquanto lhe parecia ver de novo a imagem daquela carinha banhada em lágrimas—. Hei-lhe dito que a cafeteria não é uma creche, e esta vez nem sequer me respondeu. Simplesmente, levantou-se e se foi — fez uma careta, e admitiu—: Rodrigo, o amigo da Sarina, há-me dito que Ritter lhe tinha dada permissão.

—Sim, é verdade, e por mais razões das que posso te contar neste momento. Deixa que te dê um conselho: não convém te inimizar com o Rodrigo, esse tipo não é o que parece.

—Já me dei conta, não é o típico empregado de escritório. Quem é em realidade?

Hunter vacilou por um segundo, e finalmente admitiu:

—Não lhe posso dizer isso quando Colby fez gesto de protestar, levantou uma mão para detê-lo e acrescentou—Já sei, isto também é te frustrar para mim. Confio em você, mas Cobb e o senhor Ritter não lhe conhecem tão bem como eu.

—Como demônios vou me ocupar da segurança, se não saber o que está passando?

—Terá que confiar em que eu vá assinalando a direção adequada, até que possa te pôr à corrente. Em todo caso, se não deixar de te colocar com a Bernadette, nem sequer eu poderei te salvar o pele — lhe disse com tom firme—. Antes foi capaz de reconhecer um ninho de vespas antes de te lançar de cabeça.

—Antes também tinha um trabalho de verdade — respondeu Colby com fúria impotente—. Quando era mais rápido, mais jovem, mais forte... quando tinha dois braços!

—Ao princípio, tampouco foi nada fácil para mim — admitiu Hunter com calma—. Custou-me muito me adaptar a um trabalho no setor privado, mas ao final o consegui porque não tive outra opção, e você também sairá adiante. Não teria que tomar as coisas tão a peito, uma menina na cafeteria não vai destruir esta empresa, não?

—Ela me desafia sem dizer uma só palavra, sabe coisas que não deveria. Acreditei que a Sarina a tinha enviado à cafeteria a propósito, para me incomodar.

—Sarina não é uma pessoa mesquinha; além disso, sempre luta cara a cara e não ataca pelas costas. Teve uma vida muito difícil, assim deixa-a tranqüila.

—Sua vida não foi nada difícil! Seu pai era um multimilionário...

—Seu pai a jogou à rua quando ela se negou a abortar — espetou Hunter, furioso—. O tipo não queria que um bebê mestiço sujasse seu perfeito pedigree, e a deixou sem um tostão. Depois, quando a gravidez se complicou e teve que deixar de trabalhar, Carrington se negou a ajudá-la embora soubesse que não tinha dinheiro para manter-se nem a quem acudir. Esteve a ponto de perder a Bernadette! Foi um milagre que não morreu ao dar a luz!

Colby ficou olhando, atônito.

—Há instituições governamentais que oferecem assistência a pessoas com problemas— protestou.

—Sim, claro, quando a conhecida filha de um multimilionário vai pedir dinheiro ao escritório de Bem-estar Social, ali lhe dão um cheque sem mais — se burlou Hunter—. Riram dela até que se foi, pensaram que lhes estava gastando uma brincadeira.

—E o que passa com o pai da menina? —insistiu Colby.

Hunter duvidou por um momento, e apartou o olhar.

—O pai não quis saber nada. Negou que a menina fosse dele, e disse a Sarina que não voltasse a lhe chamar jamais — em realidade, supunha-se que ele não sabia todo aquilo, porque Sarina o tinha contado a Jennifer como uma confidência, mas sua mulher não tinha segredos com ele. Hunter teve vontades de morder a língua, consciente de que não deveria haver dito nada ao Colby.

—Vá um mal nascido insensível! —exclamou Colby—. Por que não o levou a julgamento? Uma simples análise de sangue teria bastado para confirmar sua paternidade, ao menos teria que ter pago a manutenção da menina!

—Ninguém pôde encontrá-lo.

—Não me venha com essas — murmurou Colby—. Qualquer detetive de três ao quarto teria podido localizá-lo através de seus familiares!

—O pai vivia fora do estado — disse Hunter com secura—, e Sarina não tentou voltar a falar com ele depois daquela única tentativa. Conforme parece, decidi que não importava se o pai não queria à menina, porque ela a adorava. Bernadette é toda sua vida — Depois de dar uma olhada a seu relógio de pulso, comentou—: Será melhor que nos ponhamos em marcha, ao Ritter não gosta que lhe façam esperar.

Colby teve a estranha suspeita de que Hunter sabia mais sobre o pai da Bernadete do que lhe havia dito.

—Rodrigo me soa de algo — murmurou, enquanto foram pelo corredor.

—Sério? —perguntou-lhe Hunter em um tom deliberadamente des preocupado.

—Quer muito a essa menina — comentou Colby—. Esteve a ponto de me dar uma surra pelo que lhe disse.

—Casaria com a Sarina agora mesmo se ela quisesse, mas se nega porque não quer saber nada dos homens.

As bochechas do Colby se ruborizaram por causa da culpa e a vergonha que sentiu ante aquelas palavras, e se alegrou de que seu amigo estivesse olhando para o outro lado. Sabia perfeitamente bem por que Sarina não queria saber nada dos homens, mas isso expor outra pergunta: como as tinha arrumado para envolver-se com o pai da Bernadete, depois de toda a dor que lhe tinha causado?

Quando chegaram ao escritório do Ritter, encontraram-no falando com a Jodie, a noiva do Alexander Cobb. A mulher parecia acalorada, e seus olhos brilhavam com restos de fúria.

Ritter lançou ao Colby um olhar que prometia uma retribuição posterior, mas se absteve de mencionar a Bernadette no momento.

—A senhorita Clayburn acaba de renunciar a seu posto como assistentes do Brody Vance, assim vão contratar-la como perita em informática — disse, com um sorriso irônico—. Cobb diz que é uma perita em crimes cibernéticos, assim que eu gostaria que fizesse uma investigação exaustiva dos antecedentes de alguns empregados.

—Temos a um membro da gangue de narcotraficantes trabalhando aqui, verdade? — perguntou-lhe Colby.

—Isso acreditam — respondeu Ritter—.Depois do que aconteceu no armazém, estou convencido de que ainda há algum contrabando de droga escondido. Salvamo-nos pelos cabelos.

—Colby e eu sim que nos salvamos pelos cabelos — comentou Hunter—. Se a senhorita Clayburn não tivesse batido seu carro no dos cúmplices que esperavam aos traficantes, a estas horas estaríamos mortos, igual ao agente Cobb.

—Ainda não me acredito que fosse capaz de fazer algo assim — admitiu Jodie com um sorriso—. Dá-me muito melhor lutar contra o crime com um computador que com um carro.

—Isso é o que fará a partir de agora — disse Ritter, antes de começar a detalhar seu salário e suas responsabilidades.

Ela aceitou o novo trabalho imediatamente, e depois de que desse as graças ao Eugene, Hunter a acompanhou até seu carro. Jodie podia inculpar à componente feminina da gangue de narcotraficantes, a noiva do Brody Vance; de fato, tinha sido ela quem tinha colocado um microfone sob a mesa da mulher em uma cafeteria, e havia conseguido as provas de suas atividades ilegais. Suas ações a tinham posto em perigo, e Cobb ia levar se a seu rancho em Jacobsville durante alguns dias para mantê-la a salvo. Brody Vance tinha deixado Cara entrar no estacionamento do armazém, e depois tinha pago a fiança para tirar a do cárcere enquanto fingia ser completamente inocente; entretanto, estava claro que aquele homem tinha que estar comprometido de alguma forma.

Uma vez sozinhos Ritter se sentou e olhou ao Colby com expressão muito séria.

—Já sei meu comportamento com a menina foi pouco razoável — admitiu Colby com um

suspiro—. Mas tenho uma desculpa, embora não seja muito boa — tirou o desenho da Bernadete do bolso, desdobrou-o e o colocou na mesa para que seu chefe o visse.

—O que tem de mau? É um desenho — disse Ritter, confuso. Levantou o olhar, e seus olhos azuis se encontraram com os escuros do Colby—. A menina tem talento, por que me mostra isto?

O rosto do Colby se esticou.

—Este é o mal nascido que me destroçou o braço na África! —disse, assinalando com o dedo o homem do desenho —. E aqui é onde passou tudo - acrescentou, assinalando o caminho que atravessava entre as duas enormes árvores.

—O contaste? —perguntou-lhe Ritter, perplexo.

—Claro que não, não o contei a ninguém — respondeu Colby com voz cortante—. Só havia oito pessoas comigo na África, contando ao Hunter, e nenhuma delas falou que o ocorrido com ninguém... certamente, não o contaram a uma menina!

Ritter se recostou em sua cadeira, sem saber o que dizer.

—A primeira vez que a vi, no corredor, me aproximou e me disse de primeiras que, se não tivesse sido tão lento, não teria perdido o braço — acrescentou Colby.

—Não... não o entendo —murmurou Ritter.

—Nem eu. Sou muito sensível no que diz respeito a minha incapacidade, e só falo do assunto com o Hunter e com meus antigos companheiros.

— Talvez sua mãe o contou...

—Levava sete anos sem ver a Sarina - o interrompeu Colby. Fechou a boca imediatamente, porque seu chefe ignorava que tinha havido uma relação prévia entre eles.

Eugene arqueou as sobrancelhas, e lhe perguntou:

—Conhecia a Sarina antes de vir trabalhar aqui?

Colby agarrou o desenho, e se tomou seu tempo voltando a dobrá-lo.

—Estivemos casados, muito brevemente.

—A menina... — começou a dizer Ritter.

—Não é minha — disse Colby com firmeza, em um tom que não convidava a possíveis especulações.

—Está seguro? —insistiu Eugene.

Colby baixou o olhar para a mesa, e disse com voz atormentada:

—Sou estéril.

A forte inalação do Ritter se ouviu claramente na habitação.

—Sinto muito. Tenho dois filhos, e não posso imaginar o que seria viver sem eles — se levantou da cadeira, e acrescentou—: mas nada disto justifica que faça a vida impossível a Bernadette. Já tem que suportar bastante de seus companheiros do colégio, não quero que também o passe mal onde trabalhe sua mãe.

—Que problema tem com seus companheiros? —disse Colby, antes de recordar o que Sarina tinha mencionado sobre os prejuízos.

—Não teve problemas em classe de gramática? —perguntou-lhe Eugene com sagacidade.

—Fui à classe de gramática na reserva, todos tínhamos sangue índio apache.

—Bernadette não tem tanta sorte e teve problemas com os prejuízos, tanto no Arizona como aqui. Por isso Sarina escolheu viver em uma zona principalmente hispânica; de fato, a filha do Hunter, Nikki, vai à mesma escola que ela, porque também tiveram problemas.

Colby voltou a meter o desenho no bolso, e comentou:

—Isso não explica por que tem que estar na cafeteria pelas tardes.

—Levá-la a classes extras escolares ou contratar a alguém que a cuide lhe custaria o salário íntegro — disse Eugene com secura.

Colby ficou olhando, mais que surpreso.

—E o que passa se uma mulher tem dois ou três filhos?

—Suponho que lhe custaria mais do que poderia ganhar na maioria de postos de trabalho em um escritório.

—Isso não é justo! —exclamou Colby.

Seu chefe se limitou a encolher-se de ombros.

—Diga-lhe ao governo. A questão é que Bernadette fique na cafeteria, onde não causa nenhum problema. É minha empresa, assim posso fazer o que me dê a vontade, dentro de alguns limites razoáveis — entreabriu os olhos, e acrescentou—: e você não vai causar lhe mais problemas, verdade, Lane?

—Não, claro que não — disse Colby com calma—. Não tinha entendido bem a situação.

—Nenhum de nós a entende — resmungou Eugene—. É incrível que um homem seja capaz de lhe dar as costas a sua própria filha.

—É verdade.

—Bom, vamos dar lhe outra olhada ao armazém, a ver se encontrarmos algo.

—De acordo.

O guarda de segurança que tinha deixado entrar os narcotraficantes no armazém estava no cárcere, até que tivesse que comparecer ante o juiz. Depois de falar com seus dois companheiros, que afirmaram não ter visto nada suspeito, Ritter e Colby fizeram uma busca rápida pelo local, mas não encontraram nem rastro de droga.

Ritter expôs a possibilidade de levar a cabo um registro em profundidade, mas Colby acreditava que a vigilância constante daria melhores resultados, assim que recomendou a seu chefe que se colocassem câmaras e sistemas de escuta escondidos, sem avisar nem sequer aos guardas de segurança.

A sugestão fez que Eugene sorrisse de orelha a orelha, e quando lhe disse que poderia providenciar imediatamente, Colby se sentiu melhor depois de sua chamada de atenção anterior.

Quando voltou para seu escritório, ainda se sentia um pouco culpado por como tinha tratado a Bernadette.

Tirou sua Glock automática de calibre quarenta e comprovou a antecâmara, mas quando estava martelando a arma, Sarina entrou repentinamente sem bater na porta; ela parou de repente, e ele voltou a pôr a trava de segurança da pistola e a colocou de novo na capa que levava no cinturão.

Sarina ficou olhando a arma. Não se tinha dado conta de que Colby devia levar uma arma no trabalho, mas era uma estupidez não ter antecipado algo assim. A Glock era a arma preferida de muitos departamentos de segurança, porque era capaz de disparar inclusive depois de ter caído em um atoleiro de barro.

Como se supunha que isso era algo que ela não sabia, manteve a boca fechada e se cruzou de braços.

—Já sei por que vieste — disse Colby sem preâmbulos—. Seu amigo Ramírez e o senhor Ritter já me cantaram as quarenta, assim adiante.

Aquelas palavras fizeram que Sarina perdesse algo do impulso que a tinha impulsionado a ir ver lhe; além disso, Colby nem sequer parecia hostil.

—Por que a desgostou esta vez? —limitou-se a lhe perguntar.

Ele tirou o desenho do bolso, desdobrou-o e o ensinou.

Sarina piscou, olhou-o perplexa e comentou:

—É uma selva.

Depois de tirá-la jaqueta, Colby se desabotoou a manga da camisa e a levantou.

Sarina soltou uma exclamação afogada quando viu o lugar onde se unia a prótese ao que ficava do braço esquerdo, justo por debaixo do cotovelo, e seu rosto ficou branco.

Sua reação o incomodou. A Maureen também tinha repugnado a prótese, embora aquilo não tivesse tido a menor importância, porque quando tinha perdido o braço já estavam separados. Não lhe tinha sentado nada bem sua decisão de que vivessem separados, e se havia refugiado ainda mais no álcool. Maureen tinha ido viver com o homem que mais tarde se converteu em seu marido, e tinha ficado grávida para desafiá-lo. O tinha aceitado a divorciar-se dela imediatamente ao inteirar-se, mas ela se mostrou surpreendentemente indiferente a respeito, e nunca lhe havia

enviado os documentos finais da separação; de fato, comportou-se como se seu matrimônio nunca tivesse existido.

Tinha perdido o braço durante aquela separação, e não havia ficado meio doido no tiroteio. Estava claro: Sarina também sentia repulsão, e embora soubesse que não deveria lhe importar, porque não tinham nada que ver o um com o outro, não podia evitar que sua reação lhe afetasse.

Voltou a baixá-la manga bruscamente, e a fechou.

—Faz alguns anos, tive uma missão na África, e aí é onde passou tudo — disse, enquanto assinalava para o desenho—. Foi justo depois de que Maureen me abandonasse. Tive problemas com a bebida, e quando minha unidade caiu em uma emboscada, não fui o bastante rápido para me tirar do meio. Voaram-me o braço em pedaços, embora um dos componentes da equipe conseguisse desfazer do atirador que tinha a metralhadora. Se não o tivesse feito, eu estaria morto. Não é uma lembrança precisamente alegre.

Sarina olhou de novo o desenho, e disse com firmeza:

—Ninguém o contou a Bernadette.

—Isso já sei, não sou completamente estúpido — respondeu Colby com brutalidade.

Ela mordeu o lábio inferior com força.

—Sinto muito, estou segura de que a menina não queria te incomodar.

—Sério? —disse Colby, com uma gargalhada seca—. Não lhe caio bem, ganhei sua antipatia imediatamente. Lançou-me um olhar fulminante, e depois ficou a desenhar isto.

—Não é uma pessoa rancorosa — protestou Sarina, sem verdadeira convicção. Sua filha tinha um caráter muito forte.

—Não o é de forma consciente — Colby a olhou com curiosidade, enquanto recordava o que Hunter lhe tinha contado sobre sua vida, e de repente disse—: Poderia ter contratado a um detetive privado para que localizasse ao pai da menina, lhe obrigar a que te pagasse sua manutenção.

Sarina conseguiu ocultar a sensação de intranquilidade que lhe provocaram aquelas palavras, e se cruzou de braços.

—Naquele tempo não queria ter mais problemas — disse com voz firme.

—Mas as coisas mudaram — Colby se sentou na borda da mesa, e a olhou com olhos pensativos —. Se quiser, posso encontrar-lo.

Sarina empalideceu.

—Não, não quero que o faça — disse com firmeza, sem olhá-lo aos olhos —. Tudo isso já é água passada.

—Isso não é verdade, nem sequer pode te permitir pagar a alguém para que cuide da menina quando sai do colégio — respondeu ele.

—Isso não é de sua incumbência! — disse Sarina, indignada.

—Tudo o que entra neste edifício é de minha incumbência, sobre tudo agora — Colby se levantou, e acrescentou—: Temos traficantes brincando de correr pelas instalações com armas automáticas.

—Sim, já me inteirei do tiroteio, Jodie te salvou a vida.

Sarina não acrescentou que tinha estado a ponto de parar o coração ao dar-se conta de que ele poderia ter morrido, antes sequer dela souber que ele estava ali. Depois de todos aqueles anos de angústia e de dor, seguia sem poder deixar de preocupar-se com ele.

—Sim, e também salvou ao Hunter e ao Cobb. Esse tipo de gente é capaz de carregar-se a tudo o que se mova... inclusive a uma menina.

Ela sabia mais do que Colby acreditava.

—Não acredito que eles ataquem a cafeteria — disse.

—Faz uma semana, Com certeza teria dado a razão.

Quando Colby se aproximou dela de repente, Sarina ficou olhando, muito sobressaltada para reagir.

Ele a contemplou com um brilho de aborrecimento nos olhos, incapaz de esquecer sua aparência daquela noite, anos atrás. Recordou seu longo cabelo loiro solto sobre o travesseiro, a

expressão assombrada em seus olhos quando ele a tocou intimamente, seu ofego de prazer...

Colby gemeu em pensamento quando viu a atração impotente que se refletia no rosto dela, e pensou que era incrível, tendo em conta o que lhe tinha feito.

Com um gesto vacilante, posou a mão direita em sua suave bochecha e a contemplou com olhos cheios de sombras.

—Cometi um montão de enganos em minha vida — disse em voz baixa—. Suponho que não pensei no dano que estava te causando.

Sarina o olhou um pouco desconcertada ao sentir aquele contato de pele contra pele, mas estava como presa em um feitiço e era incapaz de apartar-se dele. Suas carícias ainda tinham o poder de fazer que o desejasse.

—Maureen e você deixaram varias vidas destroçadas no caminho, e nunca lhes incomodaram em olhar atrás — lhe acusou com voz rouca—. É um pouco tarde para que comece a te remoer a consciência.

—A que te refere com o das vidas destroçadas? — perguntou-lhe ele com curiosidade.

O rosto da Sarina pareceu fechar-se em banda.

— Talvez algum dia chegue a lhe entendê-lo disse embora sua voz tremesse ligeiramente quando lhe acariciou o lábio inferior com o polegar.

Colby observou sua reação com uma curiosidade quase clínica.

—Bebia como um peixe — lhe disse de repente—. Metia-me em brigas, perdia trabalhos. Afundei-me tão fundo como é possível sem chegar a morrer. Então, a mulher de meu melhor amigo fez que fosse a terapia, e comecei a me dar conta de que estava em um caminho auto destrutivo; mesmo assim, demorei muito tempo para conseguir recuperar minha vida, porque estava obcecado com a Maureen.

Sarina se separou da carícia de sua mão. Outra vez Maureen, sempre havia sido ela. Por que seguia lhe doendo, depois de tantos anos?

— Talvez não tivesse te abandonado se tivesse se mantido sóbrio.

—Ela não queria ter filhos comigo, não queria ter um mestiço — admitiu-o, com uma voz carregada de dor.

Sarina esteve a ponto de morder a língua enquanto tentava não reagir ante aquelas palavras.

—Assim suponho que minha esterilidade foi uma sorte; de todas as maneiras, meu estilo de vida não teria encaixado com a paternidade.

—Muitas crianças crescem sem problemas em um ambiente militar — protestou ela.

Colby duvidou por um momento, e finalmente disse:

—Sarina, eu não estive no exército exatamente.

—Claro que sim, quando estive protegendo a meu pai trabalhava para os serviços de inteligência do exército...

—Essa era meu disfarce — a interrompeu ele —. A verdade é que estava trabalhando para a CIA como especialista em contra terrorismo, segurança privada e negociação com reféns. Hunter e eu trabalhamos juntos para a Agência durante alguns anos, justo depois de que te conhecesse.

Sarina tentou conciliar o que ele estava dizendo com o que acreditava ter sabido dele.

—Foi um... um espião?

—Em certa maneira, sim. Seu pai tinha conexões clandestinas com um governo estrangeiro e havia recebido algumas ameaça e assim nos chamaram para que interviéssemos.

Ela ficou sem fala, porque não tinha nem idéia de tudo aquilo.

—Posteriormente, estive em um... conflito no estrangeiro, ajudando a proteger um pequeno governo africano de um possível golpe militar, mas me embabedei, descuidei-me e perdi o braço —Não mencionou que tinha estado trabalhando como mercenário na África, porque não queria que ela soubesse tudo sobre seu passado; ainda não.

Sarina se apoiou contra a porta, e disse:

—Bernadette o viu. Naquele momento não me dava conta de que estava falando de você, mas viu como acontecia. Contou-me isso o dia que te conheceu.

—Sim, mas era a primeira vez que me via em toda sua vida, assim que a pergunta é a

seguinte: como pôde chegar tão perto da intimidade de um perfeito desconhecido?

Capítulo 4

Sarina não pensava em responder a aquela pergunta. A Bernadette e ao Colby os unia um laço muito sólido, mas não queria que ele suspeitasse disto.

—Não sei — disse.

—Fez antes algo assim? — insistiu ele.

Ela não soube o que dizer, porque não queria que ele soubesse a grande capacidade que Bernadette tinha para ler o futuro. O pai do Colby tinha tido o mesmo dom, assim se arriscaria a que ele começasse a atar fatos.

—Uma vez, sonhou que seu avô ia morrer — admitiu, minimizando a importância do incrível dom de sua filha.

—Seu pai?

—Não, o pai... de seu pai.

—Conhecia-o?

Sarina se voltou, e disse com firmeza:

—Isso não é de sua incumbência. Minha vida privada é exatamente isso... privada.

—Se o conhecia, por que não te ajudou a encontrar ao pai da Bernadete? — perguntou-lhe ele.

—Porque seu filho o odiava — espetou-a. Olhou-o por cima do ombro com olhos cintilantes, e acrescentou—: Não se falaram durante anos.

Colby entendeu bem aquela situação, porque quando seu próprio pai tinha morrido, levavam anos sem ter contato algum. Observou o rosto de Sarina com atenção, e viu as linhas e as profundas olheiras. Ao dar-se conta de que parecia mais velha do que era em realidade, recordou o que Hunter lhe tinha contado sobre quão dura havia sido sua vida.

—Todo mundo se voltou contra você — disse com suavidade—. Foi uma mulher doce e generosa, não merecia que te tratassem assim.

—Diz-se que o que não nos mata nos faz mais fortes, não? Bom, pois eu o comprovei em minha própria carne.

Colby a percorreu com o olhar. Seguia sendo tão desejável como quando a tinha conhecido, mas a havia tratado muito mal, assim não podia culpá-la por lhe odiar. Respirou fundo, e murmurou:

—De todos os enganos que cometi você foi o pior. Nunca devi ter te tocado.

—Jamais entendi por que o fez — comentou ela com frieza.

Colby não podia admitir que a tivesse desejado com loucura, apesar de que lhe tinham obrigado a casar-se com ela à força. Nem sequer sua fúria o tinha detido, mas não suportava saber que lhe tinha feito tanto mal. Sua expressão se endureceu.

—Sabe o que me disse a psicóloga? Que meu problema não era Maureen... a não ser você. O que te fiz me lançou em espiral de autodestruição. Pensei que foi experiente, e a lembrança de algumas das coisas que te disse ao partir.

Sarina também, e não pôde olhá-lo aos olhos ao pensar nisso.

—Maureen foi só a desculpa que me dava mesmo por meu alcoolismo — o admitiu —, porque era muito doloroso escavar mais profundamente no passado.

Ela desejou poder acreditar, mas foi incapaz, já que a paixão do Colby pela Maureen tinha tido

um peso muito grande em suas vidas. E, ao parecer, ele ainda não sabia o que sua mulher havia feito para conseguir que ficasse a seu lado.

—Não acreditas, verdade? —disse-lhe ele.

—Não. Nunca fui nada mais que uma breve nota a pé de página para você, e ambos sabemos; de todas as formas, já não importa nada em todo caso. Supera o de uma vez e segue com sua vida, Colby — disse, sem rastro de humor na voz — Eu o tenho feito.

Colby sentiu uma pontada de dor quando ela se afastou.

Colby não pôde deixar de lhe dar voltas à questão de como se inteirou Bernadette do de seu braço, nem ao comportamento que tinha tido com a menina. A pequena tinha guelra, e ele era incapaz de esquecer aqueles olhos jogando fogo enquanto o insultava. Estava claro que não era nenhuma covarde. No dia seguinte de seu último enfrentamento, havia tornado a vê-la na cafeteria, mas ele se manteve cuidadosamente afastado dela. Não queria voltar a pô-la nervosa, e lhe doía havê-la feito chorar. Parecia uma menina dura e inteligente, e teria sido um crime quebrar seu espírito orgulhoso. O tinha sido muito parecido a ela a sua idade.

As coisas tinham ido progredindo no caso do contrabando de droga. Hunter e ele tinham visto uma gravação de Cara Rodríguez encontrando-se com um de seus comparsas em uma cafeteria, cortesia do Jodie Clayburn, e embora estivesse claro que Cara sabia algo sobre o contrabando perdido, tinha tido a precaução de não ir-se muito na língua. Possivelmente havia suspeitado que a presença do Jodie na cafeteria não era completamente inocente. Embora estivesse em liberdade sob fiança com cargos por narcotráfico, esfumou-se de repente da cidade, e Cobb tinha despedido um de seus agentes, um tipo chamado Kennedy, por filtrar informação. Finalmente, o agente tinha sido detido.

Cy Parks os tinha avisado de que havia vários traidores mais entre as fontes governamentais, e como Cobb pensava que Cara ainda tinha várias toupeiras mais no escritório, seguia sem compartilhar toda sua informação com o Hunter e com o Colby.

Eles seguiam procurando o contrabando que não tinham conseguido localizar e estavam convencidos de que ainda estava escondido em algum lugar do armazém da empresa, mas tinham sido incapazes de encontrá-lo. Nem sequer tinham tido êxito os cães adestrados que um membro da equipe do Cobb tinha levado às escondidas. Os animais tinham percorrido um corredor atrás de outro cheio de caixas, mas não tinham mostrado reação alguma; um deles havia cheirado a uma parede com certo interesse, mas Colby não tinha demorado em dar-se conta da razão: ao que parece, algum cão tinha entrado no armazém e tinha marcado o terreno. Se um macho deixava um rastro de urina, os que passavam depois por aquele lugar foram deixando também seu rastro.

As drogas tinham que estar em uma das caixas da parte superior, assim perderia muito tempo e esforço para ir baixando e as examinando uma a uma; tendo em conta quão grande era o armazém, vários empregados teriam tido trabalho assegurado durante o meio ano ao menos, mas Ritter não podia esbanjar a mão de obra nem o tempo que requeria examinar todas e cada uma das caixas.

—Maldita sejam, as drogas estão aqui! — murmurou Hunter na sexta-feira pela tarde.

—Encontraremos — lhe assegurou Colby.

—De verdade acreditas? — resmungou seu amigo. Depois de olhar seu relógio de pulso, disse—: Tenho que ir.

—Ainda ficarei meia hora — lhe disse Colby.

—Nikki e Bernadette atuam esta noite no festival da escola.

—Ritter me disse que estudam juntas.

—Sim, são muito amigas. Nikki gosta muito de sua escola, e a Sarina e a nós também.

Passaram junto à cafeteria, onde Bernadette estava pintando.

—A verdade é que lhe faz muito bem desenhar — admitiu Colby.

—Pois deveria ouvi-la cantar, tem a voz de um anjo.

Colby se surpreendeu ao sentir-se orgulhoso, já que tinha tratado à menina com hostilidade desde que a havia conhecido; entretanto, inquietava-lhe a conexão que parecia haver entre eles. E não falava de sua vida privada com quase ninguém, mas, de algum modo, a menina estava dentro dela.

—Vai cantar esta noite?

Hunter lhe lançou um olhar carregado de curiosidade, e respondeu:

—Sim, tem um solo.

Colby se moveu com certo nervosismo.

—Onde está a escola? Pode ir todo mundo ver a apresentação, ou terá que ser um familiar?

Hunter sorriu para seus pensamentos.

—Se quiser, pode vir com a Jennifer e comigo.

Colby duvidou por um momento, já que não sabia como reagiriam Sarina e a menina ante sua presença, mas tinha muita curiosidade.

—Sim, obrigado.

—Tenho que ir para casa logo, porque vão vir alguns encanadores. Jennifer tem que levar a Nikki as cinco para que se vá preparando, assim passe lá em casa por volta das seis, e vamos todos juntos. Vai bem?

—Perfeito, ali estarei — se voltou para ir a seu escritório, e disse sem olhar a seu amigo—: Obrigado.

—De nada.

Ao chegar a seu escritório, Colby abriu uma das gavetas e tirou uma bolsa de uma loja de artesanatos que tinha ali guardada. Por alguma razão que não alcançava a entender, havia sentido o impulso de entrar e fazer aquela compra. Sem dar-se tempo a arrepender-se, voltou para a cafeteria com a bolsa na mão.

A menina levantou o olhar quando ele entrou no local, e a expressão de seus enormes olhos marrons foi mais que eloqüente. Ficou imóvel enquanto o observava com apreensão, como se estivesse esperando outro ataque frontal.

Colby deixou a bolsa na mesa, empurrou-a ligeiramente para a pequena e ficou ali de pé.

Bernadette abriu a bolsa com curiosidade, e viu que dentro havia uma caderneta de esboços, vários lápis-carvões, uma borracha profissional, e um enorme estojo metálico com cores variadas. Inclusive havia um livro para aprender a desenhar.

—Caramba... — disse com suavidade. Olhou-o com expressão interrogante, e lhe perguntou—: Tudo isto é para mim?

Colby assentiu.

A menina sorriu com acanhamento, e o gesto pareceu iluminar todo seu rosto. Seus olhos escuros brilhavam quando se encontraram com os dele.

—Obrigado.

Colby deu de ombros, e comentou:

—Tem talento de verdade.

O sorriso da pequena se fez ainda mais largo, mas de repente se desvaneceu e o olhou com expressão de culpabilidade.

—Sinto-o — lhe disse.

—O que é que sente? —perguntou-lhe ele, perplexo.

—Fazer aquele desenho. Não esteve bem.

Colby se aproximou um pouco dela, e a olhou com curiosidade.

—Como soube daquele lugar? O que passou ali?

Ela pareceu ficar um pouco nervosa, e lhe disse com honestidade:

—Não sei. Vejo coisas, tenho sonhos que se cumprem, e vi o que te passou — assinalou seu braço, e acrescentou—: Foi... foi horrível.

Colby tragou com dificuldade, e admitiu:

—Sim, foi.

—Meu avô me disse que era um presente, e que não tinha que me dar medo, mas não posso

evitá-lo confessou ela. Baixou o olhar para a bolsa, e acrescentou—: Não quero saber coisas más.

—Só vê coisas más?

—Sim, e vi algo novo, mas não posso falar disso. Não posso contar a mamãe.

—Lhe contar o que? —perguntou-lhe ele com seriedade.

A pequena o olhou, angustiada, e disse:

—Que lhe vai passar algo mau.

Colby sentiu uma estranha sensação na boca do estômago.

—Sabe o que é?

—Não, mas alguém vai fazer mal a minha mamãe, e não sei o que tenho que fazer. Não posso parar as coisas, só sei às vezes o que vai acontecer.

Ao Colby não gostou de nada a idéia de que acontecesse algo a Sarina. Aproximou-se mais à menina, e se ajoelhou junto a sua cadeira; era tão alto, que seus olhos ficaram à mesma altura.

—Onde vai passar? —perguntou-lhe com suavidade.

Ela o olhou diretamente, com uma expressão carregada de medo e de preocupação.

—Em um lugar muito grande com caixas, de noite.

Colby franziu o cenho. O único lugar assim que lhe ocorria era o armazém, mas Sarina não tinha por que ir ali, nem de noite nem de dia.

—Você trabalha com o papai da Nikki, e cuidam da gente que trabalha aqui, verdade? O assentiu.

—Pode cuidar também de minha mamãe, para que não lhe façam mal?

—Claro que sim. Não vou deixar que lhe aconteça nada a sua mãe — assegurou, com voz firme e acalmada—. Prometo-lhe isso.

—Obrigado — lhe disse ela.

Quando a menina posou com gesto vacilante sua mão em seu largo ombro, Colby sentiu uma estranha sensação em seu interior.

—De nada.

—Não te caio bem, verdade? — disse-lhe ela de repente.

O voltou a sentir-se culpado, e franziu o cenho.

—Não é isso — disse, sem saber muito bem como explicá-lo que passa é que não estou acostumado a falar com crianças, e, além disso, não... compartilho minha vida com outros.

A pequena assentiu, como se o entendesse à perfeição, e de repente pareceu muito amadurecida para seus seis anos.

—Eu tampouco. Outras crianças pensam que dou medo, ou se metem comigo porque sou... — Bernadette se deteve o recordar que não podia lhe dizer que era índio apache, e depois de uma breve pausa acrescentou—: diferente.

—Os chicanos também são maus com você? — Perguntou Colby.

—Não, os outros meninos também se metem com eles.

Colby sabia como se sentia; embora não tinha nenhum dom especial, havia-se sentido como um forasteiro toda sua vida, de uma ou outra forma. Primeiro com sua gente, depois com seu pai, e depois com a própria sociedade em que vivia. Maureen o tinha ensinado a não confiar nunca em uma mulher, e o mundo a não confiar nunca nas pessoas, assim estava encerrado em si mesmo e não podia sair.

—Hunter me há dito que canta — lhe disse à menina, depois de um incômodo silêncio.

—Sim, vou cantar esta noite na apresentação do colégio.

—Eu vou com o Hunter e com a Jennifer — lhe disse.

—De verdade?

Quando a menina o olhou com doçura com aqueles olhos enormes, Colby pensou de repente em sua própria mãe, a que recordava com amor e tristeza. Havia algo em sua expressão...

Bernadette o incomodava, porque fazia que se lembrasse de tudo o que se perdeu em sua vida, de seus defeitos e suas carências. Levantou se sentindo um vago nervosismo, consciente de uma estranha sensação, como se estivesse sendo observado.

Voltou-se e viu a Sarina na porta, olhando-o com uma mescla de curiosidade e de preocupação.

Quando ela se deu conta de que a tinha pilhado, apagou toda expressão de seu rosto enquanto tentava dissimular o muito que a havia afetado ver o Colby tratando à menina com ternura.

—É hora de ir, céu — disse a sua filha com um sorriso cálido.

—Certo mamãe. Olhe o que me deu de presente! — exclamou Bernadette, mostrando o que havia na bolsa.

—Material para desenhar? — Sarina olhou ao Colby com óbvia curiosidade.

Ele meteu as mãos nos bolsos, e resmungou:

—Se for pintar, será melhor que o faça com o material adequado.

Sarina franziu os lábios, e voltou a dar uma olhada ao interior da bolsa.

—Ao menos não tiquetaqueia — murmurou—. Seguro que não envenenaste as pontas dos lápis?

—Mamãe, isso não está bem — lhe disse Bernadette—. Disse-me que sempre terá que ser amável com as pessoas.

—É verdade — disse Colby, com um sorriso travesso—. Parece que sua filha vai ter que te ensinar a se comportar com educação.

Sarina o fulminou com o olhar.

—Às vezes, podemos escolher às pessoas com as que queremos ser amáveis.

—Assim trata a alguém contratado para te manter a salvo? — perguntou-lhe ele com ironia.

—Certo, serei amável — disse ela com tom cortante.

Não se sentia cômoda com a mudança de atitude que Colby tinha tido com a Bernadette, já que, por muitas razões, não era prudente que ele passasse muito tempo com a menina.

A pequena colocou o desenho e suas cores na bolsa, tomou a sua mãe pela mão e disse ao Colby:

—Obrigado.

—De nada — respondeu ele.

Sem saber o que dizer, Sarina se limitou a assentir e saiu com a Bernadette da cafeteria.

—Vai vir para ver-me esta noite! E me há dito que desenho muito bem! Não é um homem mau, mamãe!

Colby ouviu as palavras da menina enquanto se afastavam, e sentiu como se lhe tivessem dado um chute no estômago. O entusiasmo da pequena o afetava muito e acendia uma suave calidez em seu interior, algo que não tinha experiência em sua vida. Sentia como se a conhecesse, embora não entendesse o porquê, e ver que era tão receptiva com o fazia sentir-se mais culpado por quão cruel havia sido com ela.

Ao ouvir a menina, Sarina se sentiu mais preocupada que nunca. Se Colby se aproximava muito à pequena, podia inteirar-se de coisas que ela não queria que soubesse. Estava claro que Bernadette se sentia fascinada por ele, e ao parecer, Colby estava começando a sentir algo por ela. Aquilo ia complicar as coisas.

A apresentação do colégio foi uma experiência nova para o Colby, já que não tinha assistido a uma desde sua infância. Estavam fazendo um espetáculo chamado «Festival da Colheita», porque, ao parecer, tornou-se politicamente incorreto dizer «Halloween» sem mais. Não havia adornos fantasmagóricos como os que tinham posto em seu colégio quando ele era pequeno, e os meninos não foram disfarçados de uma classe a outra para explorar lugares encantados, procurar presentes escondidos ou participar de distintos jogos, e se sentiu completamente fora de lugar.

Os meninos estavam vestidos com roupa normal, e explicaram a história da colheita do primeiro Dia de Ação de Graças, como as pessoas tinha feito a coleta em outono e tinham recitado poemas. No cenário havia algumas cabaças, embora não estavam esculpidas nem

tinham velas em seu interior.

Depois de que Nikki Hunter recitasse um poema sobre a coleta de maçãs em uma horta, Bernadette se aproximou do microfone com óbvio nervosismo. Seu cabelo, escuro e resplandecente, emolduravam-lhe o rosto, e levava um bonito vestido marrom com pescoço branco. Quando uma mulher bastante volumosa se sentou ao piano e começou a tocar alguns acordes a modo de introdução, a menina percorreu ao público com o olhar e sorriu quando encontrou a sua mãe, aos Hunter e ao Colby.

A pianista assentiu, e quando Bernadette começou a cantar, Colby sentiu que um calafrio lhe percorria as costas. A menina tinha um talento incrível. Sua voz era alta e clara, e por alguma razão, resultou-lhe dolorosamente familiar. Fechou os olhos e pôde ouvir sua mãe lhe cantando uma canção de noite, viu-a sorrindo-lhe enquanto o agasalhava.

Quando a canção acabou e começaram os aplausos, Colby voltou a pôr os pés no chão e aplaudiu enquanto a olhava com um sorriso. A menina o viu, e lhe devolveu o gesto.

Então se fechou o pano de fundo, e a apresentação se deu por concluída. Os Hunter se levantaram para ir procurar a Nikki, e Bernadette pôs-se a correr pelo corredor para um homem que a levantou em seus braços. Colby apertou os dentes ao dar-se conta de que era Rodrigo Ramírez. Não o tinha visto até esse momento, e tampouco a Sarina; ao parecer, tinham estado sentados várias filas por diante dele, ao outro lado do auditório.

Por um momento não soube o que fazer, mas decidiu ir felicitar a menina por quão bem cantava; e se ao Ramírez não gostava, pior para ele.

Quando se aproximou deles, Bernadette o viu primeiro e seu rosto se iluminou com um grande sorriso.

—Que bom que tenha vindo! — exclamou.

Colby sorriu, e ignorou por completo ao Rodrigo.

—Hunter tinha razão, canta como um anjo.

—Obrigado — lhe disse ela com acanhamento.

—Onde estão as cabaças esculpidas, os fantasmas, as bruxas e os gatos negros? — perguntou ele, enquanto percorria a sala com o olhar.

—Te cale ou conseguirá que nos expulsem — disse Sarina em voz baixa—. Hoje em dia, celebrar Halloween é algo muito controverso.

Colby olhou ao Rodrigo, e comentou:

—Em seu país não o é, verdade? Claro que ali celebram o Dia dos Mortos em primeiro de novembro.

Rodrigo arqueou as sobrancelhas, surpreso.

—Sim, é verdade. Como sabe?

—Viajei o bastante.

—Surpreende-me verte aqui.

—Comprou-me um montão de lápis e de coisas para desenhar — lhe disse Bernadette—. Não é um homem mau.

—Olhaste na parede da agência de correios? —disse Rodrigo em voz baixa, enquanto lançava ao Colby um olhar gélido que lhe devolveu com acréscimo.

—Teríamos que ir — disse Sarina, ao notar a tensão que havia no ambiente—. Rodrigo teve um dia muito longo.

—Sim, claro, trabalhar de contato em um escritório deve ser exaustivo — comentou Colby com despreocupação—. Terá que trabalhar tão duro...

Rodrigo o olhou com olhos cintilantes, e comentou:

—Sim, deve ser tão cansado como ocupar-se da segurança. Depois de tudo, terá que comprovar que todas essas portas fiquem fechadas...

Colby avançou um passo para ele, e Sarina se apressou a interpor-se entre os dois homens. Tomou a mão de sua filha, segurou ao Rodrigo do braço e disse enquanto puxava ele.

—Temos que ir.

Bernadette se aferrou ao pescoço do Rodrigo, e olhou ao Colby por cima de seu ombro com

um sorriso.

—Boa noite!

Colby assentiu, e seguiu com olhos cheios de fúria ao outro homem. Meteu as mãos nos bolsos e ficou ali de pé com expressão de poucos amigos, e Hunter teve que chamá-lo várias vezes para que se desse conta de que eles também tinham que ir-se.

Jennifer, uma mulher loira e muito bonita, sorriu para si quando Colby se afastou da casa em seu carro. Nikki estava em seu quarto, acabando os deveres antes de ir-se à cama.

—Rodrigo e ele vão encarar se um destes dias — disse a seu marido.

—Acabam de lhe fazê-lo recordou Hunter, com um sorriso. Rodeou-a com os braços, e acrescentou—: Mas esse é seu problema, não o nosso.

Jennifer lhe devolveu o sorriso, e lhe fez baixar a cabeça para poder beijá-lo.

—Hoje se cumprem os dois meses — sussurrou.

Hunter cobriu seu ventre ligeiramente volumoso com uma mão, e disse com voz suave:

—Estou ansioso para esperar. Iluminaste as sombras que tinha dentro, nunca sonhei que chegaria a ser tão feliz.

—Embora passasse todos aqueles anos me olhando carrancudo e fingindo que me odiava - brincou ela.

Ele encolheu os ombros, e respondeu:

—Ao final, tive o sentido comum de me fixar em você.

—Sim, claro, depois de que me disparassem — disse ela, com uma gargalhada.

Hunter a apertou com mais força contra si, e disse com voz rouca:

—Não me recorde isso, se o franco-atirador tivesse falhado, teria morrido. Estávamos no deserto do Arizona, a quilômetros de um hospital, assim foi uma sorte que só fosse uma ferida superficial; de todas as maneiras, deu-me um susto de morte. Então soube o que sentia por você —admitiu—. Por isso menti sobre meus sentimentos e fugi.

—Sim, mas não te serve de nada, verdade? Acabou voltando — brincou Jennifer.

—Minha vida estava vazia — Hunter se inclinou, e a beijou com ternura—. Aterrorizava-me pensar que te tinha perdido, sabia que Eugene esteve a ponto de me enviar de volta ao Arizona? Não queria que te fizesse mais dano.

— Comentou-me isso, mas se alegrou ao ver que as coisas se arrumavam — o olhou sob a tênue luz do alpendre, e admitiu—: Sinto falta da minha prima Danetta.

—Já sei. Se quiser, podemos voltar para Tucson quando Colby se acostume a viver aqui.

Jennifer duvidou um segundo, e finalmente disse:

—A verdade é que Houston não está nada mal. Nikki gosta muito de seu colégio, e Bernadette e ela parece haver-se integrado de verdade pela primeira vez.

—Quer ficar aqui?

Ela se mordiscou o lábio inferior.

—Podemos esperar um ou dois meses mais antes de tomar uma decisão?

—O que você queira — disse Hunter, com um sorriso—. Embora para o Colby não faça muita graça, porque terá que seguir estando a minhas ordens.

—Sabe muito bem que ele não é assim. Não teve nenhum problema em trabalhar sob o mando do Tate Winthrop em Washington.

—Sim, suponho que tem razão. Enfim, esperraremos ver o que acontece.

Jennifer sorriu, e voltou a beijá-lo.

No dia seguinte, Colby estava passando junto ao escritório do Hunter quando viu o Ramírez caminhando pelo corredor junto a um velho amigo ao que não tinha visto em anos, Cy Parks.

—Cy! Quanto tempo sem verte! —disse-lhe com um sorriso, enquanto se estreitavam à mão.

—Por tua culpa, porque eu tentei me manter em contato — lhe respondeu Cy—. Não sabia

que estava aqui até que me comentou isso Alexander Cobb, que tal vai?

—Bastante bem, suponho que acabarei me acostumando a viver como um civil — olhou ao Ramírez com expressão hostil, e lhe disse—: O que acontece, que agora é o encarregado de receber às visitas? Claro, normalmente se ocupa a gente maior...

—Se quiser agora mesmo te demonstro quão maior sou — lhe respondeu Rodrigo, fulminando-o com o olhar.

—Será um prazer — disse Colby, com olhos cintilantes.

Cy se interpôs entre eles imediatamente.

—Sinto muito, mas tenho depressa — lançou um olhar eloqüente ao Rodrigo, e tomou ao Colby do braço bom—. Por que não me acompanha? Cobb me chamou, e tenho informação para o Hunter.

—Desde quando lhes conhecem? —perguntou-lhes Rodrigo, com curiosidade.

Colby olhou a seu amigo, e lhe advertiu com o olhar que não dissesse mais da conta. Não queria que Ramírez se inteirasse de seu passado; de fato, não queria que se inteirasse ninguém, sobre tudo Sarina.

—Colby é um velho amigo do Micah Steele, que agora vive no Jacobsville — comentou Cy —. Faz anos, os dois trabalhavam com o Hunter em um campo profissional totalmente diferente, e eu conheci o Colby em Washington DC — disse, sem acrescentar o emprego específico que tinha tido naqueles tempos.

—Micah é um bom tipo, devo-lhe a vida — comentou Colby. Era certo, já que tinha sido quem lhe havia amputado o braço.

Nesse momento, Hunter os viu e se aproximou deles.

—Parks! —exclamou—, me alegre de verte.

—Também me alegra ver todos, passou muito tempo — disse Cy. Entretanto, arrependeu-se imediatamente de haver dito aquelas palavras, porque não queria revelar que Rodrigo e ele também eram velhos conhecidos.

—A que vieste? —perguntou-lhe Colby.

—Disse ao Cobb que o pedisse — lhe explicou Hunter—. Sabe mais que ninguém sobre a antiga organização do López.

—Bom, não sei mais que... — começou a dizer Cy.

Hunter o interrompeu imediatamente.

—Ultimamente, terá que ir com cuidado com a informação.

Cy entendeu imediatamente que não devia fazer nenhum comentário sobre o trabalho disfarçado do Rodríguez na organização do López. Perguntou-se por que Hunter queria ocultar-lhe a seu companheiro, mas decidiu que não era assunto dele.

—Sim, talvez possa lhes proporcionar alguma informação útil — disse, com um sorriso.

Deliberadamente, evitou olhar ao Rodrigo, que as engenhou para aparentar desinteresse e se despediu deles.

Hunter conduziu ao Cy e ao Colby a seu escritório, e fechou a porta. Sentia-se aliviado por ter chegado a tempo de evitar que Rodrigo indagasse mais, e sabia que ia ser difícil evitar que Cy e Colby conseguissem descobrir alguma incômoda conexão do passado. Fizesse o que fizesse, não podia deixar ao descoberto o disfarce do Rodrigo, e embora o homem não tenha formado parte de sua unidade quando Colby tinha perdido o braço, tinha estado com o Micah Steele em uma operação relacionada. Colby e ele tinham coincidido brevemente em uma zona de fornecimento, mas, felizmente, não haviam chegado a conhecer e se viram só de passada; obviamente, nem um nem o outro se reconheceram.

Cy o tinha encarregado a seu capataz, Harley Fowler, que vigiasse o armazém que tinha no bordo de um rancho de sua propriedade. O edifício o tinha construído o defunto Manuel López, o antigo chefe de uma organização que se dedicava ao narcotráfico, para utilizá-lo como centro de distribuição de seus carregamentos de cocaína.

Nos últimos tempos, tinham detectado que outra vez parecia haver atividade no armazém, e Cy queria contratar a outro antigo mercenário, Eb Scott, para que ajudasse com a vigilância. Eb tinha umas instalações em Jacobsville, equipadas com os últimos avanços tecnológicos, onde ensinava táticas de combate e técnicas de interrogação e de contra terrorismo a pessoal militar de todo o mundo. Dois anos atrás, Cy, Eb Scott e Micah Steele tinham desmantelado a organização do López, com a ajuda da unidade interdepartamental antidroga do agente Cobb.

Tinha havido um tiroteio, mas a maior parte dos capangas do López tinham ido ao cárcere; como vingança, o narcotraficante tinha seqüestrado à meio-irmã do Micah e a havia levado a Cancún, e Micah tinham organizado um comando de mercenários para resgatá-la. Rodrigo tinha sido um deles, e anteriormente já havia ajudado a afundar ao López. O narcotraficante tinha morrido em uma misteriosa explosão perto de Nassau, e Cobb tinha insistido em que Colby não podia inteirar-se da implicação do Rodrigo.

A informação que Cy Parks lhes deu sobre o antigo império do López proporcionou ao Hunter e ao Colby novas pistas que investigar. Colby ainda sentia curiosidade pela aparente cordialidade que havia entre o Parks e Rodrigo, mas os novos dados centraram sua atenção e decidiu deixar o assunto de momento. Com certeza ao mexicano lhe dava bem tratar com desconhecidos; depois de tudo, em seu trabalho de relações públicas deviam ser importantes.

Antes de partir, Cy convidou ao Colby a ir a seu rancho.

—Segue montando apesar do braço, verdade? —perguntou-lhe.

Colby não se ofendeu, porque o mesmo Cy tinha o braço esquerdo cheio de cicatrizes pelo incêndio que havia matado fazia anos a sua primeira mulher e a seu filho. —Posso montar qualquer cavalo que me sele, a verdade é que o sinto falta — lhe disse, com um sorriso. —Nos velhos tempos tinham alguns, verdade? —Sim, mas tive que renunciar a eles quando comecei a trabalhar por livre — respondeu Colby. Sabia que Cy entenderia que se estava referindo o seu trabalho de mercenário—. Obrigado pelo convite, eu adoraria voltar a montar.

—Vêem qualquer sábado que tenha livre, me chame quando for bem —lhe disse Cy, sorridente—. Assim conhecerá a Lisa, nosso primeiro filho nascerá em umas semanas. Por desgraça, perdeu o primeiro menino que esperávamos.

—Mas parece que agora as coisas vão bem — comentou Colby.

—Melhor que bem! Adeus, Colby.

Cy lhes tinha informado que dois empregados do Ritter tinham conexões com Cancún, e embora isso não provasse sua culpabilidade, era muito suspeito que ambos tenham entrado em trabalhar recentemente na empresa. Gary Ordóñez era assistente na seção de Fornecimentos e seu pai tinha um histórico bastante turvo, enquanto que Daniel Morris, um operador de maquinaria, tinha estado no cárcere por distribuição de drogas; ao parecer, ao Ritter gostava de ajudar a reabilitar as ovelhas desencaminhadas.

Colby se perguntou se em suas fichas pessoais haveria algo que os relacionasse com Cara Domínguez; como aquela informação podia dar-lhe na seção de pessoal, decidiu ir ver o Brody Vance em seu escritório para lhe fazer algumas pergunta.

Tinha acreditado que seria fácil; ao fim e ao cabo, ele era o chefe adjunto de segurança, e tinha autoridade para comprovar os expedientes de qualquer empregado se suspeitava que pudesse estar envolto em algo ilegal. Também queria ver como reagia Vance para ouvir os nomes, porque estava seguro de que os dois homens estavam relacionados com o tráfico de drogas da zona.

Entretanto, Brody Vance se negou a lhe facilitar informação confidencial da empresa.

—Sinto-o — disse ao Colby com secura—, mas meu departamento não revela a informação pessoal dos empregados, nem sequer aos encarregados de segurança.

Colby ficou olhando como se pensasse que estava louco, e lhe disse com total seriedade:

—Estamos procurando um traficante de droga, não podemos deixar que se acuse à corporação de permitir e fomentar atividades criminais.

Vance se moveu com desconforto, e lhe disse:

—Sinto muito, mas essas são minhas regras.

Colby arqueou uma sobrancelha, abriu seu celular, marcou o número do Hunter e esperou a que respondesse. Com o olhar fixo no Vance, começou a falar em idioma apache.

—Este tipo não me deixa olhar os arquivos — disse a seu amigo—. Acredito que está escondendo algo.

—Quer que baixe e te ajude a lhe convencer?

—Certo.

Colby cortou a conexão, e voltou a guardar o telefone. Vance o observou com óbvio nervosismo.

—Que língua era essa?

—Uma que aprendi quando trabalhava na CIA — lhe respondeu Colby com naturalidade.

A expressão na cara do Vance resultou quase cômica.

—Trabalhou na CIA?

Colby não respondeu. Era um estratagema deliberado, para que Vance tivesse tempo de pensar em quão perigoso podia ser lhe negar acesso à informação que queria na suspeita que pudesse resultar aquela atitude.

Obviamente, Vance estava reconsiderando sua postura quando Hunter abriu a porta sem chamar, entrou no escritório e lhe deu uma folha com os nomes dos empregados suspeitos e alguns dados sobre suas passadas atividades delitivas. Vance apertou os dentes conforme foi lendo.

—E agora, nos dê os arquivos ou terá que lhe explicar ao DEA sua negativa — disse Hunter com voz dura —. Posso fazer que um de seus agentes esteja aqui em cinco minutos, junto com o Eugene Ritter e um dos advogados da empresa.

Vance tragou com dificuldade, pigarreou, sentou-se frente a seu computador e começou a teclar com mãos trementes.

—Se quiserem, posso lhes imprimir a informação — lhes disse.

Lutando por conter um sorriso, Hunter olhou ao Colby e lhe disse em idioma apache:

—Vê como funciona?

—Sim, parece-me que o grande guerreiro vai ter que trocar de calças quando formos — respondeu ele.

Sem entender o que estavam dizendo, Vance tomou duas folhas de papel da impressora e as deu.

—A privacidade é muito importante para meu departamento — lhes disse, para tentar arrumar a situação.

—Sim, estou seguro de que os capangas dos narcotraficantes lhe darão obrigado por tentar lhe protegê-los disse Colby... em idioma apache.

Hunter o agarrou por braço, e o levou do escritório antes que pudesse fazer algum comentário sarcástico em uma língua que o outro entendesse.

—Bom trabalho — Lhe disse Colby com um sorriso, quando estiveram fora.

—Quando a gente leva no jogo da segurança tanto tempo como eu, aprende a tratar com diplomacia aos tipos como Vance — respondeu Hunter —. Não é muito diferente a um interrogatório, mas funciona com os executivos. Já te mostrarei a técnica. Enfim, por que não vais procurar um par de cafés? Enquanto, eu baixarei ao armazém a comprovar esta informação com os supervisores.

—Certo, vemo-los em seu escritório — respondeu Colby.

Apesar de sua experiência, ainda era um novato naquela classe de batalhas verbais civilizadas; ao fim e ao cabo, ele quase sempre se fez entender com uma pistola automática.

Minutos depois, Sarina estava passando perto do escritório do Brody Vance e o ouviu soltar uma maldição.

—Não pode fazer isso! Já estou sob suspeita...

Sarina seguiu caminhando com os olhos fixos na pasta aberta que levava nas mãos, e fingiu estar lendo absorta nos papéis que havia dentro.

Vance a viu passar, e se apressou a trocar de inglês a espanhol enquanto seguia dizendo:

—Tive que lhes dar a informação! Não posso me arriscar a que me demita, e já suspeitam de mim. Não. Está louca? Não pode voltar para armazém, está vigiado dia e noite. Sim, claro que há câmaras! —houve uma breve pausa, e continuou dizendo—: O que te acreditas que sou, um técnico em eletrônica? —outra pausa—. Olhe, não penso voltar a me dar o pescoço, peça-lhe a Cavanhaque. Não, está em outra cidade, no Corpus Christi. Sim, o faz — disse, antes de desligar.

Sarina se sentiu entusiasmada. Sabia que tinha ouvido algo de vital importância, e se perguntou qual seria a melhor maneira de lhe tirar partido.

—Ouviste o que estava dizendo? —disse Vance atrás dela, em espanhol.

Sarina o tinha entendido perfeitamente, mas não reagiu ante a pergunta e seguiu andando.

—Senhorita Carrington?

Voltou-se fingindo surpresa, e o viu observando-a da porta de seu escritório. —Sim?

—Veio para ver-me?

Ela piscou, fingindo confusão. —Desculpe?

—Ouviu-me falando? —insistiu ele.

Sarina conseguiu fazê-la tola, e levantou a pasta que tinha na mão.

—Estava repassando estes informes. Tenho que entregar-lhe ao senhor Ritter antes de partir, e não estava emprestando atenção. Sinto muito, tinha-me chamado?

Vance pareceu relaxar-se.

—Não, não é nada. Só queria me assegurar de que gosta de trabalhar aqui.

—Eu adoro, há muito bom ambiente — disse ela.

—Sim, é verdade. Bom, não a entretenho mais — acrescentou Vance. Sorriu de forma amigável, e voltou a entrar em seu escritório.

Sarina seguiu seu caminho com passo rápido, e olhou várias vezes por cima do ombro para assegurar-se de que Vance não a seguia. Decidiu que o contaria ao Hunter, já que ele podia informar às pessoas adequadas. Sentia-se eufórica... por fim tinham conseguido algo!

Como não encontrou ao Hunter em seu escritório, foi à pequena sala onde Rodrigo estava acostumado a trabalhar, mas ele tampouco estava. Com um gemido afogado, deu meia volta com outro destino em mente, mas se deu totalmente contra Colby Lane ao dobrar uma esquina.

—Vá justo o homem ao que queria ver — lhe disse. Sem mais preâmbulos, agarrou-o pela manga e o arrastou até seu próprio escritório.

—O que acontece? —perguntou-lhe ele, surpreso.

—ouvi o Brody Vance falando por telefone, acredito que com uma mulher — lhe disse com olhos brilhantes, assim que fechou a porta—. Há dito que lhe tinha dado uma informação a alguém, que não tinha podido evitá-lo, e que ela não podia entrar no armazém, porque está vigiado. Também comentou que não é um técnico de eletrônica, assim suponho que lhe terá pedido que desconecte as câmaras de segurança.

—Vá, é muito ardilosa! — exclamou Colby, entusiasmado ao dar-se conta de que tinham assustado ao Vance o suficiente para fazer que chamasse do telefone de seu escritório. Podiam localizar a chamada, para descobrir com quem tinha estado falando.

Sem parar-se a pensar o que fazia, tomou a Sarina da cintura e a atraiu para si; com um grande sorriso, inclinou-se e depositou em seus lábios um beijo rápido e duro, e se pôs a rir ao ver o surpreendida que ficava.

—Sinto muito, não pude resistir — lhe disse com voz suave, enquanto a soltava—. Estou orgulhoso de você.

Ela não pôde evitar ruborizar-se, já que o contato a havia deixado impactada.

Colby se deu conta de sua reação, e seus olhos escuros se iluminaram com um brilho especial.

—Está desperdiçando suas aptidões trabalhando em um escritório — comentou. Então franziu

o cenho, e acrescentou—: Vance deve ter muita guelra para dizer algo assim abertamente, sobre tudo depois da visita que lhe temos feito Hunter e eu.

Sarina não sabia a que visita se referia, e ele não se explicou.

—Disse-o em espanhol — lhe esclareceu.

—Viu-te?

—Sim, mas não sabe que falo essa língua — respondeu ela, com um sorriso travesso—. Fingi que estava lendo alguns documentos, e nem sequer o olhei.

—Graças a você, agora vamos por diante na partida. O contarei ao Hunter para ver o que fazemos, talvez pudéssemos conseguir que ele tire o chapéu mesmo — com voz suave, acrescentou—: Muito obrigado, é uma maravilha.

—De nada — disse ela, molesta consigo mesma pelo prazer que sentiu ante seus elogios.

Colby inclinou a cabeça, e a contemplou com expressão pensativa.

—Talvez pudesse te expor trabalhando para mim — lhe disse, meio a sério—. É mais emocionante que redigir documentos.

Sarina apartou o olhar.

—Não é má idéia, igual penso isso.

—Bem.

Colby foi em busca do Hunter. Aquela podia ser a oportunidade que necessitavam para localizar o contrabando que procuravam.

Capítulo 5

Colby encontrou ao Hunter falando com um contador, perto da porta principal.

—Passa algo? —perguntou-lhe seu amigo. Colby sorriu de orelha a orelha, e respondeu:

—Nada grave, mas quero te comentar algo.

—Claro — Hunter se despediu do contador, e se afastou com o Colby pelo corredor.

—Desestabilizamos totalmente o Vance, Sarina lhe ouviu falar com uma mulher — lhe disse, com entusiasmo logo que contido — Começou a falar em espanhol ao vê-la, sem saber que ela domina essa língua. Há-lhe dito que teve que nos dá os nomes, e quando a mulher lhe perguntou se podia entrar no armazém, lhe respondeu que não, porque está vigiado.

—Sarina é fantástica.

—O emprego que tem é um autêntico atoleiro para uma mulher como ela, está desperdiçando todo seu potencial.

Hunter gemeu para seus pensamentos, porque não podia delatá-la.

—Bom, gosta de seu trabalho — disse, sem comprometer-se—. Podemos localizar o número a que Vance chamou — acrescentou, enquanto começava a pensar nas possíveis estratégias que podiam seguir.

—Conhece alguém da companhia Telefônica? — perguntou-lhe Colby, esperançado.

—Tenho meus contatos — ao ver que seu amigo parecia frustrado, acrescentou—: Não se preocupe, passar-lhe-ei isso quando chegar o momento. Olhe, sei que acredita que te estou deixando às escuras a propósito, mas tenho que seguir as instruções do Cobb. Esta operação é dele, leva muito tempo trabalhando nela.

—Não se preocupe, às vezes estive em sua mesma posição — Colby franziu o cenho, e comentou—: Tenho que pôr o aparelho de seguimento em seu carro, se por acaso decide encontrar-se em pessoa com sua evasiva noiva.

—Esta tarde há uma reunião de pessoal, assim vai estar ocupado durante uma hora pelo menos — lhe disse Hunter.

—Estamos com sorte — comentou Colby.

Em questão de minutos, Colby colocou um transmissor dentro do carro e um aparelho de seguimento debaixo do porta-malas, se por acaso Vance descobria o primeiro; entretanto, não acreditava que o tipo se incomodasse em comprovar se lhe estavam controlando, assim só ficava esperar.

Tinha planejado acontecer o dia seguinte controlando o que fazia Vance antes de ir trabalhar, mas o tempo o impediu, já que começou a chover muito. Certas zonas de Houston eram propensas a alagar-se, mas felizmente o bairro onde ele vivia não tinha esse problema.

Mesmo assim, assim que entrou no escritório Hunter se aproximou dele e lhe disse:

—Tem um carro tracionado, verdade?

—Sim, por quê?

Hunter vacilou por um momento, e finalmente disse:

—Sei que Sarina e você têm seus problemas, mas Bernadette e ela estão presas em sua casa e não podem chegar ao carro; além disso, a água chega ao pára-choque. Não posso ir, porque Ritter e Cobb vão falar de algumas novidades que surgiram... de fato, supõe-se que mais tarde temos uma reunião na sala de conferências, e você também tem que participar. Pode ir as buscar, e levar a Bernadette ao colégio?

—Sim, claro — se apressou a dizer Colby.

O beijo que lhe tinha dado a Sarina o tinha afetado, e ele ainda podia senti-lo em sua boca; além disso, a atitude da Bernadete para ele se suavizou. Deu-se conta de que Hunter poderia haver pedido ao Rodrigo que fosse as buscar, e sorriu com satisfação. Tinha-lhe ganho aquele ponto ao mexicano. Não gostava de nada a relação que existia entre a Sarina, a menina e ele, embora não acabava de entender por que se sentia assim.

—Não se esqueça da reunião, é as dez — disse Hunter.

—Voltarei com tempo de sobra — respondeu ele.

Resultou-lhe muito complicado aproximar-se do estacionamento, porque o local estava alagado. Colby estacionou a certa distância, na estreita estrada asfaltada que havia por cima do complexo de apartamentos, e ficou as altas botas de água que ficava quando ia pescar.

Teria que levar nas costas a Sarina e a sua filha, se quisesse que ficasse o resto do dia com os pés molhados.

A casa era velha, e estava bastante desmantelada; os degraus estavam gretados, a pintura da porta estava descascando, o painel de uma das janelas estava solto e fazia falta uma boa mão de pintura, embora alguns dos outros apartamentos estivessem ainda pior. Era uma zona realmente pobre.

Colby viu uma grafite na parede de uma casa próxima, e se deu conta de que era o sinal de uma gangue para marcar seu território. Hunter lhe tinha ensinado a reconhecer os distintos signos, se por acaso alguma gangue estava implicada na operação de contrabando.

Não era um bom bairro para uma mulher e sua filha, certamente o único positivo era que o aluguel devia ser bastante baixo; entretanto, Colby se sentiu incômodo ao ver o estado de pobreza no que viviam. A menina era doce e muito prometedora, e naquela zona havia tiroteios, grafites de gangues perigosas e certamente tráfico de drogas. Ao pensar que Sarina tinha que agüentar tudo aquilo enquanto criava sozinha a sua filha, sentiu-se furioso pelo pouco que havia feito por elas o pai da menina.

Foi até a porta vadeando a água e tocou ao campainhinha; depois de alguns segundos, Sarina abriu a porta e ficou olhando com assombro.

—Hunter me há dito que ia vir ele — disse, com voz insegura.

—Ao final não pôde. Tem uma reunião com o Cobb e Ritter, assim que enviou a mim.

—Certo — respondeu ela. Pareceu desorientada por um segundo e tinha os olhos avermelhados, como se não tivesse dormido muito.

Colby a percorreu com o olhar. Pôs-se um traje simples, sapatos de salto e um bonito cachecol floreado, e seu cabelo lhe caía como uma cortina de seda cor milho sobre os ombros. De repente, recordou sua textura contra seu próprio peito nu...

—Será melhor que vamos, antes que a água suba mais — disse com voz cortante, enquanto se esforçava por esquecer aquela excitante lembrança.

Sarina chamou imediatamente à menina.

—Bernadette! Não esqueça o impermeável!

—Sim, mamãe!

A menina apareceu ao cabo de alguns segundos, com um impermeável amarelo um pouco quebrado que parecia de segunda mão; ao parecer, Sarina só tinha um velho guarda-chuva para proteger-se da chuva, e por alguma razão, ao Colby doeu ver todas aquelas amostras de sua precária situação econômica.

—Olá — lhe disse Bernadette, claramente entusiasmada ao ver quem havia ido resgatar-las.

—Olá — sorriu ele, esforçando-se por adotar um tom amável. Tinha tratado muito mal à pequena, e queria compensá-la por isso. Voltou-se para a Sarina, e lhe disse—: Será melhor que leve primeiro a ela.

—Tem que ir sentada no assento traseiro, se tiver airbag no lado do co-piloto — lhe disse ela.

—O que? —disse ele, perplexo.

—Se o airbag se ativa com um menino pequeno no assento dianteiro, pode chegar a lhe matá-lo explicou ela.

—Cada dia se aprende algo novo. Está preparada? — perguntou-lhe à menina.

Ela assentiu, e jogou a mochila ao ombro.

Colby a levantou facilmente com seu braço direito, e seu coração se derreteu quando ela se afezrou a seu pescoço confidencialmente.

—Te agarre bem e não se preocupe, não vou te deixar cair — disse com voz suave.

—Já sei — respondeu a pequena com um enorme sorriso, antes de aferrar-se com mais força a ele.

Colby se voltou e começou a subir pela rua. Passaram junto ao estacionamento, e finalmente chegaram a sua camionete negra.

—Vá, é enorme — disse Bernadette—. Pode levar cavalos nele?

Colby se pôs a rir.

—Acredito que não. É que está pensando em comprar um? —brincou.

Bernadette soltou uma gargalhada.

—Oxalá pudesse. Às vezes vamos ao rancho que um amigo do Rodrigo tem em Jacobsville, e me deixa montar seus cavalos. Eu adoro!

—Eu também tenho um amigo com um rancho em Jacobsville — murmurou, sem mencionar ao Cy—. E eu também tinha cavalos, quando era mais jovem; ainda gosto muito de montar.

Quando chegaram à caminhonete, Colby abriu a porta e colocou à pequena com cuidado.

—Te coloque o cinto de segurança — lhe disse.

—Sempre o faço, porque mamãe me disse que é muito importante.

—Sua mãe tem razão. Cuidado com os dedos — fechou a porta brandamente, e voltou para Sarina.

A chuva tinha diminuído até converter-se em uma fina garoa. Sarina fechou o guarda-chuva e olhou ao Colby, indecisa, já que sabia que sua prótese não suportaria seu peso.

Ele duvidou por um momento, cheio de amargura. Detestava sua incapacidade.

—Poderia tirar os sapatos, ir andando — disse ela com suavidade, sem querer ferir seu orgulho. Aproximou-se um pouco a ele, e acrescentou com uma expressão eloqüente—: Não passa nada.

Os olhos do Colby relampejaram de fúria; odiava que o compadecessem, odiava sua debilidade.

Sarina o observou durante alguns segundos. Apesar de tudo o que tinham compartilhado no passado, em realidade era um completo desconhecido, e não sabia o que fazer ou dizer para lhe

facilitar um pouco as coisas.

—Um de meus companheiros perdeu as duas pernas no Iraque, na operação «Tormenta do deserto», e lhe puseram umas artificiais. Não são de última geração como sua prótese, mas são tão funcionais, que nenhum companheiro da unidade pode ganhar em uma carreira.

Colby ficou olhando fixamente, e lhe perguntou sentido saudades:

—A que unidade te refere?

Ao dar-se conta de seu deslize, Sarina pigarreou e pensou a toda pressa.

—Em Tucson, os companheiros do escritório formavam unidades segundo cada departamento, para participar das competições esportivas da empresa.

—Ah.

Colby respirou fundo, e observou com curiosidade seu penteado elegante, seu singelo traje cinza e a camisa de algodão cor crua que levava; resultava-lhe estranho, já que a recordava vestida de seda. Alargou a mão, e tocou ligeiramente a gola de sua camisa.

— A primeira vez que te vi, levava uma blusa azul de seda e umas calças brancas, e tinha o cabelo recolhido em um coque. Estava jogando com aquela golden retriever que tinha...

Sarina baixou o olhar, ao recordar com uma pontada de dor o que tinha passado quando seu pai a havia expulsado de casa.

—O que te passa? — perguntou-lhe ele.

—Meu pai fez que a sacrificassem quando me expulsou de casa — respondeu ela com brutalidade.

Colby recordou o muito que Sarina tinha querido a aquela cadela doce e obediente, e decidiu que seu pai tinha sido um monstro. Ao ver a dor refletida em seus olhos, rodeou-a de forma involuntária com os braços e a atraiu para seu corpo. Apertou-a com força contra si, e começou a balançá-la com ternura; a expressão de seus olhos lhe tinha ferido profundamente, como tantas coisas o fazia nesses dias. Fechou os olhos, e inalou o aroma a rosas de sua colônia e a fragrância do xampu em seu cabelo.

—Sinto muito, sei o muito que a queria — sussurrou.

O cansaço fez que as lágrimas aparecessem sem oposição alguma. Sarina não tinha dormido quase nada a noite anterior, porque tinha tido que levar correndo a Bernadette a Urgências. Respirou fundo, e se secou as bochechas com um gesto irritado enquanto se separava dele.

—Sinto muito, foi uma noite muito longa. Não dormi muito.

Colby pensou imediatamente que seu amigo Rodrigo tinha que ver com seu cansaço, e lhe perguntou com aborrecimento:

— Por quê? É que Ramírez e você fazem festas de pijama?

Sarina abriu os olhos arregalados, surpreendida ante sua falta de delicadeza.

— Diante da Bernadete?

Colby se ruborizou, envergonhado, e seus lábios se apertaram em uma fina linha. Não tinha sido sua intenção fazer um comentário tão desafortunado. Agachou-se um pouco, e lhe disse com secura:

—Venha, levar-te-ei como fazem os bombeiros. Não posso levantar pesos com a prótese.

—Não... não me importa, Colby — sussurrou ela, ainda desconcertada por aquele comentário que tinha parecido revelar que estava ciumento.

Seus olhos se encontraram, e Colby sentiu que o fôlego ficava suspenso no peito quando um relâmpago de emoção fez que se estremecesse. Vacilante, posou uma mão em sua bochecha e acariciou os lábios com o polegar.

—Sete anos — sussurrou tremente enquanto sua boca cobria a sua lentamente, de forma indecisa. Mordiscou-lhe o lábio superior com ternura, e a aproximou ainda mais a seu corpo.

Sarina voltou a sentir-se como uma adolescente, insegura de si mesmo e afligida com muita facilidade pelo desejo de que ele a abraçasse e a beijasse. Quando a boca dele a insistiu a abrir os lábios para poder aprofundar o beijo, foi como se os anos se desvanecessem.

Colby gemeu brandamente, e de repente a apertou com força contra seu firme e musculoso corpo e a beijou com tanta paixão, que ela nem sequer pôde inalar suficiente ar para protestar.

Os dedos dele se enredaram em seu cabelo e sua boca a devorou no alpendre de sua casa, enquanto a chuva voltava a aumentar. Nenhum dos dois se deu conta, até que ouviram uma pequena voz a suas costas.

—Mamãe vamos chegar tarde ao colégio! — recordou-lhe Bernadette da caminhonete.

Colby se apartou como se o tivessem esbofeteado, e ficou olhando os olhos enormes e emocionados da Sarina com uma sensação de incredulidade. Os batimentos do seu coração o estavam sacudindo, e ao dar-se conta de que seu corpo estava tenso de desejo, retrocedeu um passo para que ela não se desse conta.

—Né... será melhor irmos — conseguiu dizer ela. Tinha os lábios inchados, o cabelo despenteado e lhe ardiam às bochechas.

Colby pensou que estava muito atraente e sorriu lentamente, como estava acostumado a fazê-lo sete anos atrás, antes de seu trágico matrimônio.

Aquele sorriso fez que Sarina ficasse sem fala, incapaz de articular palavra.

—É que ele não te beija? — provocou-a ele.

Enquanto ela tentava encontrar uma resposta suficientemente cortante, Colby se agachou e a levantou cuidadosamente sobre o ombro, maleta e guarda-chuva incluídos.

—Bom, lá vamos — disse ele, enquanto baixava os degraus—. Segure-te bem, a não ser que caia de cabeça em um atoleiro de barro.

Sarina logo que podia respirar, e tinha a boca um pouco irritada. Esqueceu-se do perito e sensual que era; aquela noite terrível que tinham acontecido juntos tinha começado com um festim para os sentidos com seus beijos, e ela tinha ardido de desejo até que tinha começado a dor...

Chegaram em seguida a caminhonete, já que Colby seguia estando em plena forma apesar de suas feridas. Ao deixá-la no acostamento - sorriu a Bernadette, e a menina lhe devolveu o sorriso.

Depois de abrir a porta do passageiro, guiou a Sarina para que se segurasse no console que havia na parte superior e a ajudou a subir; foi tirar as botas de água e às deixar no porta-malas, mas quando ia ficar ao volante, deu-se conta de que Sarina ainda parecia aturdida, e seguia com a porta aberta. Com um grande sorriso, foi pôr lhe o cinto de segurança e lhe fechou a porta antes de voltar para lado do condutor; subiu na caminhonete sentindo uma alegria que não tinha sentido em anos.

—Todo mundo está preparado? —disse, enquanto voltava para trás para olhar a Bernadette.

—Via livre — disse a menina, levantando os polegares.

Colby arqueou as sobrancelhas, e soltou uma gargalhada.

—Lá vamos nós — disse.

Ao ver que Sarina estava tentando pentear-se um pouco, baixou-lhe a viseira, que se iluminou automaticamente a ambos os lados. Seus olhos se encontraram, e Colby baixou sensualmente o olhar para sua boca aberta.

—Assim poderá verte no espelho — lhe disse com voz suave.

—Obrigado — respondeu ela, a ponto de engasgar-se com a emoção que sentia.

Colby pôs em marcha o motor e jogou uma olhada ao mapa que Hunter lhe tinha dado, mas a escola não figurava nele.

—Alguém terá que me indicar o caminho do colégio — comentou.

—Gira à direita no sinal de pare - se apressou a dizer Bernadette—. Então terá que acontecer um semáforo, e está à esquerda.

—Certo — disse Colby, com um sorriso. Girou onde a menina lhe tinha indicado, mas ao chegar ao pé da costa, encontrou-se com uma correnteza e girou para a direita para meter-se em uma estrada um pouco menor.

—Mas... —começou a protestar a menina.

—Nunca terá que tentar atravessar uma massa de água sem saber quão profunda é — lhe explicou ele com voz suave—. Quando era mais jovem, tive que resgatar a cinco operários de uma caminhonete que ficou presa em meio de uma estrada pela que passava uma correnteza;

parecia que só tinha vários centímetros de profundidade, mas aqueles homens tiveram que subir ao teto para não afogar-se.

Sarina se voltou para sua filha, e lhe disse:

—Tem razão, lembra-te o rápido que se enchiam as partes baixas da estrada em Tucson, embora estivesse chovendo a quilômetros dali?

—Sim, mamãe. Tinha-me esquecido.

Sarina voltou a tentar arrumar o cabelo, e Colby a olhou com expressão travessa e lhe disse:

—Sinto muito. Não tem um pente, verdade?

—Aqui não — respondeu ela, com uma careta de resignação.

—Veremos se podemos fazer algo antes de ir ao escritório.

Colby parou a caminhonete diante da escola, sob o toldo da entrada, e Sarina se baixou e tirou a Bernadette.

—Não vem você também? —perguntou-lhe a menina quando sua mãe começou a fechar a porta.

Ele não soube o que dizer, já que a pergunta o havia tomado por surpresa.

—Tem que vir conosco — insistiu a menina.

Como um sonâmbulo, Colby apagou o motor do veículo e desceu sem lhe dar importância ao feito de que provavelmente se encontraria com uma multa ao voltar.

Bernadette o tirou pela mão boa e se aferrou a ele com força, enquanto com a outra mão se agarrava a sua mãe, e Colby teria sido incapaz de explicar o que sentiu nesse momento, com aquela mão suave e obstinada à sua. Era uma sensação inclusa dolorosa, já que embora se perdesse muitas coisas ao longo de sua vida, o pior era não ter podido ter filhos. Tinha desejado ser pai com toda sua alma.

Primeiro foram à secretaria, e Sarina saudou a encarregada com um sorriso; a mulher, que não levava nada de maquiagem, estava carrancuda, mas assim que viu o Colby pareceu animar-se imediatamente e sorriu de orelha a orelha.

—Olá, Bernadette — disse, embora sem apartar o olhar dele.

—Chegamos tarde porque a rua se alagou, e o senhor Lane teve que vir nos buscar... trabalhamos juntos, é o chefe adjunto de segurança da empresa —se apressou a lhe explicar Sarina.

—Olá, sou Rita Dawes — ronronou a outra mulher—. Encantada de conhecê-lo, senhor Lane.

—Pode lhe dar a Bernadette uma justificativa para a professora? —perguntou-lhe Sarina com voz suave.

—claro que sim! —a mulher escreveu algo em uma folha de papel, e a deu à menina—. Pronto, preciosa.

—Obrigado — disse Bernadette. Depois de lhe dar um abraço a sua mãe, voltou-se para o Colby e levantou os braços para ele sem duvidá-lo nem um momento.

Sorridente, ele a levantou e lhe devolveu o abraço.

—Que tenha um bom dia — lhe disse, antes de voltar a deixá-la no chão.

—E você também — lhe respondeu a menina, com um grande sorriso.

Bernadette saiu ao corredor, mas se parou em seco quando um menino loiro com dois amigos a viram e sorriram com pura malícia. Sarina os viu e conteve o fôlego, já que na escola não era nenhum segredo que Bernadette tinha ascendência índia apache, e não queria que dissessem nada revelador diante do Colby.

—Vá, aqui está a aborígene do Arizona — disse o menino loiro com tom zombador—. Anda, volta para sua cabana de barro, e te leve a sua cultura inferior e atrasada com... —parou-se em seco ao ver o Colby aproximar-se dele, olhando-o com olhos cintilantes.

Colby se agachou e apoiou um joelho no chão, para que seus olhos negros estivessem à mesma altura que os do menino.

—Bernadette procede de uma longa linhagem de Xamãs — lhe disse em um tom suave e

gélido, sem dar-se conta do que estava dizendo por causa da fúria que sentia. De forma subconsciente, tinha relacionado à menina com a cultura índia apache —. Seus antepassados estavam nestas terras muito antes que chegasse sua gente, e quando sua cultura européia se escondia ainda em covas, a sua construía canais e até irrigava granjas. Eu não chamaria a isso de inferior nem atrasado, e você?

O menino se ruborizou enquanto seus amigos permaneciam mudos e envergonhados.

—Né... não. Não, senhor.

Colby se levantou lentamente, com o que pôs ao menino em uma posição de desvantagem ainda maior.

—Que tenha um bom dia, céu — disse a Bernadette, sem dar-se conta de que sua voz gotejava ternura.

Ela o olhou com adoração, como se fosse seu herói, e sorriu.

—Obrigado!

Colby se encolheu de ombros, e voltou a olhar ao menino com expressão séria.

—Acreditava que intimidar a outros meninos estava proibido, talvez tivessem que ir ver o diretor — comentou.

—Não estava intimidando-a! De verdade! Bom, temos que ir, é tarde — disse o menino, assustado, antes de ir-se com seus amigos a toda pressa.

Bernadette lançou ao Colby um olhar carregado de picardia, e se foi pelo corredor na mesma direção.

Sarina e Rita Dawes estavam Sorrindo.

—Pensou em dedicar-se à educação, senhor Lane? —perguntou-lhe a mulher.

—É um trabalho muito perigoso — brincou ele. Jogou-lhe uma olhada a seu relógio, e disse a Sarina—: Será melhor que nos apressássemos, tenho uma reunião às dez.

—Sim, claro. Obrigado, senhorita Dawes.

—De nada! —respondeu a mulher, olhando ao Colby com expressão deslumbrada.

Rita Dawes era uma mulher bastante atraente e Sarina sentiu uma pontada de ciúmes, mas se apressou a ocultar sua reação antes que Colby se desse conta.

Ao voltar para a caminhonete, Colby notou com alívio que não havia nenhuma multa.

—Obrigado pelo que fez — disse Sarina com voz ligeiramente rouca, quando se incorporaram à estrada—. Esse menino causou alguns problemas, mete-se muito com a Bernadette.

—Não voltará a fazê-lo — respondeu ele com tom firme. Ela sorriu, e admitiu:

—Tem razão.

A atitude protetora que Colby tinha para a menina a inquietava e a emocionava ao mesmo tempo, já que não seria prudente que ele se aproximasse muito à menina, porque a Bernadette podia escapar algo indevido. Além disso, não podia tirar-se da cabeça o comentário que lhe havia feito ao menino; Colby havia mencionado que a menina procedia de uma linhagem de Xamãs, mas era impossível que conhecesse sua ascendência, assim por que o havia dito?

Colby tentou fechar a mão esquerda no volante, mas ficou bloqueada; voltou a tentá-lo, e resmungou uma maldição quando obteve o mesmo resultado.

—O que acontece? —perguntou-lhe Sarina.

—A prótese se bloqueou — murmurou ele—. Maldita parte de sucata de última tecnologia... — acrescentou, furioso —. Ia melhor com o gancho de ferro. A gente me olhava, mas ao menos era confiável!

—Tem uma sobressalente?

—Sim. Não é tão avançada, mas parece bastante real e é muito confiável. Terei que passar por minha casa para ir procurar a... sinto que tenhamos que chegar ainda mais tarde, mas não posso trabalhar sem ela.

—Não se preocupe não me importa — lhe disse ela, com total sinceridade.

Quando Colby estacionou diante de sua casa, Sarina se surpreendeu ao ver quão elegante

parecia. Estava em uma discreta e tranqüila comunidade protegida por uma grade, e tinha uma boa iluminação e medidas de segurança. Certamente, era um lugar muito melhor que o seu.

Ela havia planejado ficar esperando na caminhonete, mas Colby lhe abriu a porta e a ajudou a descer.

—Vou demorar alguns minutos em me pôr isso — lhe disse. Seu rosto se esticou, e acrescentou—: Além disso, talvez necessite que me ajude... se não te importar.

A prótese tinha uma armação que lhe abrangia o peito; podia fechar ele mesmo, mas demoraria muito e já perderam muito tempo.

—Claro que não me importa — respondeu Sarina com naturalidade.

Colby abriu a porta de sua casa, e a levou a sala de estar. O mobiliário era de uso mediterrâneo, e as cortinas e o tapete eram de uma cor terra.

—Quer um café? — perguntou-lhe.

—Não, obrigado.

—Só um momento.

Quando Colby se afastou pelo corredor, Sarina olhou a seu redor e se deu conta de que a decoração não tinha nenhum toque pessoal, nem sequer havia uma foto. Era evidente quão vazia era sua vida, e certamente ele nem sequer se dava conta.

Aproximou-se de uma mesinha onde havia vários livros; eram clássicos gregos, e, além disso, estavam em sua língua original. Tinha-lhe esquecido que era um homem com uma educação muito extensa.

—Pode-me ajudar com isto?

Sarina se voltou, e ficou sem fôlego ao vê-lo sem camisa. Colby tinha um peito largo e musculoso, coberto por uma sexy capa de pêlo negro, e seus ombros eram enormes e seu estômago plano.

O rosto dele se esticou visivelmente.

—Já sei que é desagradável...

—O que? —perguntou-lhe ela, realmente surpreendida pelo comentário.

—Isto! —Colby levantou o coto, que acabava justo por debaixo do cotovelo.

—Ah — vacilante Sarina lhe perguntou—: Isso acredita? —O que é que estava olhando? — perguntou-lhe ele com aborrecimento.

De forma involuntária, os olhos dela voltaram para o seu peito e a seu estômago, e muito ruborizada, voltou a olhá-lo ao rosto e se deu conta de que ele a estava contemplando com uma expressão estranha.

Sem dizer uma palavra, Colby deixou a prótese em cima de uma mesa e se aproximou dela. O coração lhe pulsava a toda velocidade, já que se tinha dado conta de que não era seu braço o que a tinha afetado tanto.

Parou diante dela, mas franziu o cenho ao vê-la ruborizar-se ainda mais e retroceder um passo. Quando a parede a deteve, ele se aproximou até deixá-la presa e a olhou aos olhos em meio de um profundo e tenso silêncio.

—Olhou-me igual à primeira vez que me viu sem camisa — lhe disse com voz rouca—. Eu a tinha despido até a cintura e te havia beijado os seios, e você soltou uma exclamação ao me olhar. Quando tomei em meus braços, acreditei que foste deprimir-te, gemeu...

—Por favor — sussurrou ela, frenética, enquanto tentava apartar o olhar.

Colby se aproximou ainda mais e posou a mão na parede, junto a sua cabeça; baixou os lábios para sua boca, e apertou os quadris contra os seus. Seu corpo se excitou imediatamente, de forma quase dolorosa, e soltou um gemido.

—Colby! —protestou ela.

Sarina lhe pôs as mãos no peito, mas não pôde obrigar-se a empurrá-lo, porque a sensação de sua pele, de seu pêlo e de seus músculos duros era maravilhosa. Ele cheirava a sabão, e à mesma colônia sexy que levava anos atrás.

—Sete anos, e ainda me ponho duro como uma rocha assim que te olho — sussurrou ele, sem apartar o olhar de seus olhos.

—Por favor! — protestou ela. Tentou empurrá-lo para apartá-lo, envergonhada, mas ele nem se alterou.

—Não mudaste Sarina — comentou-o em um tom suave e rouco, enquanto seu olhar descendia até sua boca—. Segue sendo tão inocente como então, apesar de ter tido uma filha — franziu o cenho, e lhe perguntou—: Como teve a Bernadette? É sua filha biológica?

—Que pergunta! — exclamou ela, indignada.

—Sei que te feri física e emocionalmente — se explicou ele —. Não posso me acreditar que pudesse te entregar a outro homem, depois do que te fiz.

Ela tragou com dificuldade.

—Isso... isso não é de sua incumbência!

Colby a olhou com expressão angustiada.

—Acreditas que não sei que te destruí como mulher? — fechou os olhos, enquanto o desejo o atendia com força—. Tomei dois uísques antes de me aproximar de você, porque pensei que me sedariam um pouco, mas foi inútil. Não pude me deter.

O medo da Sarina se desvaneceu ao ver que ele parecia atormentado.

—O que quer dizer? —perguntou-lhe, desconcertada. Ao ver sua expressão de curiosidade, Colby respirou fundo e lentamente; de forma deliberada, moveu os quadris contra ela para que pudesse sentir seu membro apertado contra seu ventre.

—Pode me sentir? — perguntou-lhe.

—Pelo amor de Deus...! — Sarina tentou apartar-se, mas ele segurou seu quadril com firmeza e a manteve quieta.

—Nunca quis te fazer dano a propósito, mas te desejava tanto, que perdi o controle — lhe disse com suavidade—. Por isso tiveram que te pôr pontos. Sempre tive que ir com cuidado com as mulheres; faz muito tempo, houve uma que inclusive me rechaçou depois de excitado.

Sarina sentiu que lhe ardiam as bochechas. Durante todos aqueles anos, tinha estado convencida de que lhe tinha feito mal por vingança; devia estar pensando em voz alta, porque ele negou com a cabeça e disse:

—Não foi por vingança — baixou a cabeça para ela, e sussurrou contra sua boca—: E se tivesse sabido que fosse virgem, e apesar das circunstâncias de nosso matrimônio, me teria passado toda a noite te fazendo o amor lentamente...

Justo quando Sarina ia recordar lhe a Maureen para tentar recuperar a compostura, ele moveu brandamente os quadris contra ela e seus lábios cobriram sua boca. A língua do Colby a penetrou com apostas lânguidas e suaves, que despertaram umas estranhas e aterradoras sensações nela, e embora quisesse que parasse... não queria que o fizesse.

Sarina se retorceu, gemendo, enquanto a ameaça que ele representava se convertia em uma sensual promessa. Como por decisão própria, seus braços se levantaram e lhe rodearam o pescoço, e Colby baixou a mão e lhe acariciou o seio ligeiramente, provocativamente, até que ela se moveu um pouco para que cobrisse o duro mamilo. Desejava sentir suas carícias sobre sua pele, sob o tecido da blusa e do sutiã.

Sarina notou que lhe desabotoava o fecho do sutiã, mas estava muito imersa na lenta sedução de sua boca para preocupar-se com isso. Voltou a gemer quando sentiu os dedos dele sobre sua pele nua, e se apertou contra ele enquanto o desejo a alagava e começava a palpitar em sua feminilidade.

Os anos passados pareceram desvanecer-se. O joelho do Colby se introduziu entre suas pernas, e ele começou a mover-se intimamente contra ela. Sarina se estremeceu, e soltou um soluço quando o poder e a sensualidade dele começaram a derrubar todas suas defesas.

A boca do Colby se voltou mais insistente enquanto seus quadris se moviam sedutoramente contra as suas, e a dureza de seu corpo esfregando-se contra ela fez que a percorressem pequenas ondas de prazer. Sem dar-se conta, Sarina abriu mais as pernas para aproximá-lo ainda mais, e iniciaram juntos movimentos rítmicos e insistentes que ameaçou satisfazendo-os através da roupa.

Colby sentiu um ruído, mas estava muito excitado para identificá-lo. Quando o molesto som

seguiu incessante, levantou a cabeça, imerso no aroma e no tato da Sarina, no desejo mais forte que tinha sentido em anos.

—Não... — gemeu ela, enquanto lhe atirava do pescoço—. Colby, não...

O voltou a baixar a cabeça para beijá-la, mas essa vez o fez com ternura, enquanto ignorava o doloroso desejo de seu corpo tenso. O som estridente de seu telefone celular começou outra vez, e levantou a cabeça lentamente. Tomou ar com dificuldade, consciente de que ela era dele, de que podia tombá-la no sofá e fazer o que quisesse com ela; entretanto, soltou uma maldição ao dar-se conta de que tinha que deter-se, porque o telefone não parava de tocar.

Quando se tornou para trás, soltou um gemido e rodeou a Sarina pela cintura para atraí-la para si enquanto respondia, porque era incapaz de soltá-la. Depois de cobrir sua boca com a seu em um beijo breve e apaixonado, disse bruscamente:

—Lane.

Depois de uma breve pausa, uma voz masculina disse:

—Colby?

O se esclareceu garganta, com o olhar fixo no rosto da Sarina.

—Hunter?

—Onde está? E onde está Sarina? — perguntou-lhe seu amigo.

—Em minha casa, me pondo a prótese — respondeu ele, ainda aturdido.

—Né... lhe poderia pôr isso um pouco mais rápido? —disse-lhe Hunter, obviamente divertido—. Estamos-te esperando todos no escritório do Ritter.

—Estão-me esperando — repetiu Colby, perdido nos olhos da Sarina.

—Sim, para a reunião. Lembra-te? a reunião das dez?

—A reunião. Claro — Colby abriu os olhos de par em par, e exclamou—: A reunião! — pigarreou um pouco, e soltou a Sarina imediatamente—. É as dez — olhou seu relógio, e viu que já passavam dez minutos da hora—. Estarei aí em cinco minutos, sinto muito!

Pendurou sem esperar a que Hunter lhe respondesse, e disse a Sarina com voz rouca:

—Era Hunter, chegaremos tarde.

—Sim, claro — Sarina se ruborizou, e se levou as mãos às costas para voltar a fechar o sutiã. Sem fôlego, vestiu a blusa.

—Terá que me ajudar com isto — lhe recordou Colby.

Depois de colocar a capa no coto, colocou-se a armação que mantinha a prótese em seu lugar e lhe ensinou onde estava o fechamento. Sarina tinha as mãos frias e tremulas, mas conseguiu fechar.

—Obrigado — lhe disse ele, depois de comprovar os dedos artificiais e que tudo estivesse bem encaixado.

—De nada.

Brandamente, Colby fez que levantasse o rosto ruborizado para que o olhasse aos olhos, e lhe disse com voz rouca:

—Desculpar-me-ei se quiser, mas não serei sincero.

—Não passa nada — respondeu ela, tragando com dificuldade.

Acariciou-lhe os lábios, que estavam ligeiramente inchados, e comentou:

—Despentei-te ainda mais, há um pente no banheiro.

—Obrigado.

Colby a soltou com relutância e acabou de vestir-se, com o corpo dolorido por causa do desejo insatisfeito. Não havia tido intenção de tocá-la, tinha sido algo completamente inesperado.

Foram ao escritório em um silêncio tenso, e quando se despediram no vestíbulo, Colby foi à reunião ainda imerso em uma nuvem de emoção, apenas consciente dos olhares carregados de diversão que Hunter lhe lançava.

Capítulo 6

Colby se sentia como em uma nuvem enquanto ouvia a discussão que se desenvolvia na mesa da sala de reunião. Seu corpo palpitava de desejo, enquanto recordava o delicioso sabor da boca da Sarina.

—Colby, perguntei-te desde onde controla os movimentos do carro do Vance — lhe disse Alexander Cobb.

De repente, Colby se deu conta de que o agente do DEA se estava dirigindo a ele, e se esclareceu garganta.

—Sinto muito. A unidade de seguimento está em meu escritório.

—Perfeito. Pode gravá-lo em vídeo?

—É obvio.

—Há outra coisa que queria lhes comentar — disse Hunter—. Cy Parks nos disse que detectou atividade em seu rancho, onde López tentou montar aquele centro de distribuição. A companhia segue sendo proprietária das terras.

—Talvez valesse a pena que um de nós se aproximasse para dar uma olhada — comentou Cobb.

—Eu posso ir no sábado — se ofereceu Colby.

—Perfeito, quanto antes melhor — disse Cobb.

—Por certo, felicidades — disse Hunter ao agente.

Colby arqueou as sobrancelhas, e o olhou com curiosidade.

—Casou-se com o Jodie Clayburn este fim de semana — anunciou Hunter.

—Não recordo haver-lhe dito a ninguém — comentou Cobb.

—Em meus tempos, trabalhei de espião. Sei tudo — disse Hunter.

Cobb se pôs a rir, e Colby foi a seu escritório para chamar o Cy Parks e lhe perguntar se podia ir com vários convidados a seu rancho. A coisa ficou arrumada imediatamente.

Colby se passou pelo escritório da Sarina na hora de comer.

—Vou a Jacobsville a visitar um amigo este fim de semana, tem um rancho — lhe disse sem entrar em detalhes. A decisão de convidá-la havia ocorrido de repente, e tinha decidido tentar a sorte —. Quer vir com a Bernadette? Há-me dito que gosta de muito os cavalos, e poderíamos sair a montar.

Ela o olhou com olhos enormes e carregados de doçura, que ainda conservavam certo brilho de excitação da manhã.

—Bom... certo. Quando?

—No sábado. Iremos logo.

—Muito bem.

Colby se apoiou no marco da porta, e a observou com uma expressão que transbordava emoção.

—Querida algo mais? —perguntou-lhe ela, ruborizada.

—Eu gosto de como fica de rosa — disse ele com suavidade—, mas prefiro seu cabelo solto.

Sarina ficou sem fôlego, e se sentiu ainda mais acalorada. Os anos pareceram desvanecer-se e se sentiu de novo como uma jovem, completamente vulnerável.

Colby também tinha problemas para respirar, devido ao muito que a desejava.

—Vêm comer comigo — lhe disse com voz rouca.

Sarina tragou com dificuldade.

—Já tenho ... isto, é...

Nesse momento, Rodrigo entrou no escritório.

—Está preparada? — perguntou a Sarina, sorridente.

Colby o fulminou com o olhar.

—É que fica pendurando do teto, esperando até te lançar sobre a gente?

Rodrigo lhe lançou um olhar gélido, e respondeu:

—Não tem que ir vigiar alguma porta, ou algo assim?

—Estava-lhe perguntando a Sarina se queria comer comigo — lhe disse Colby.

—Vai vir comigo — anunciou Rodrigo, com um sorriso. Ao tomar a mão da Sarina, deu-se conta de quão fria estava.

Colby se esticou ao ver que o outro homem a tocava, e seus olhos adquiriram um brilho perigoso.

—Sinto muito, Colby, mas o prometi ao Rodrigo — disse Sarina, enquanto se apressava a interpor-se entre os dois homens.

Colby estava respirando pelo nariz, já que sua boca era uma fina linha tensa. Tinha um ciúme brutal do outro homem, e logo que foi capaz de conter-se ao ver seu sorriso insolente.

—Claro, outra vez será — disse entre dentes.

Quando se voltou e se foi, Sarina lançou ao Rodrigo um olhar eloqüente.

—Não quererá sair com ele, depois de como tratou a Bernadette, verdade? —perguntou-lhe ele, sem saber o que pensar.

—Foi nos buscar esta manhã porque a rua estava alagada, e levou a menina ao colégio — lhe respondeu Sarina.

—Tem um problema com a bebida — lhe disse ele com brutalidade.

—Já não.

—Sabe algo sobre seu passado? —insistiu ele—, era um...

—Um espião — o interrompeu ela —. Já sei Rodrigo.

—Acredito que esconde algo, temos que investigá-lo disse ele, preocupado.

Sarina inclinou a cabeça, e ficou olhando com curiosidade.

—Tem algo contra ele? —perguntou-se em voz alta. Surpreendentemente, Rodrigo apartou o olhar.

—Nada pessoal.

—Nós trabalhamos em um setor parecido — comentou —. Pelo menos poderíamos ser agentes secretos, tendo em conta algumas das coisas que têm que fazer em suas missões, mas há gente que não tem tantos escrúpulos. Não é uma marca, verdade?

Rodrigo franziu o cenho, como se estivesse preocupado por algo que não queria pôr em palavras.

—Não, claro que não — entreabriu os olhos, e acrescentou—: Não estará começando a cair bem, verdade? Sarina é um completo desconhecido.

—Eu não diria isso, estive casada com ele — admitiu ela com um suspiro.

Ele pareceu ficar atônito.

—Foi há muito tempo, o matrimônio se anulou — acrescentou rapidamente—. Foi proteger a meu pai, quando eu ainda estudava.

—Quando esteve casada com ele, exatamente? — perguntou-lhe ele com sagacidade.

Sarina se apressou a olhar seu relógio, e comentou:

—Estamos ficando sem tempo para comer, deveríamos ir já.

—Está evitando a pergunta.

—Exato — admitiu-a sorridente—. Alegro-me de que te dê conta. Venha, vamos antes que o telefone comece a tocar e fique presa.

Rodrigo a seguiu, sentindo uma escura suspeita que não pôde tirar da cabeça.

No sábado pela manhã, Colby ajudou a Bernadette a subir no assento traseiro da caminhonete e lhe fechou o cinto de segurança. A menina levava umas botas velhas, jeans gastos e uma

camisa vermelha de quadros, e estava entusiasmada.

—Eu gosto muito de montar a cavalo! Obrigado por nos levar! É muito grande o rancho?

Colby se pôs a rir, mais depravado do que o tinha estado em anos.

—Sim, muito. Também tem gado além de cavalos, acredito que vai gostar.

Abriu a porta para que entrasse Sarina, que estava vestida de forma parecida com sua filha, embora tivesse penteado seu cabelo loiro em uma trança que lhe caía a costas. Ele se tinha posto também jeans, botas e uma camisa, embora a da Sarina fosse de tecido vaqueiro com flores bordadas. As calças ajustadas acentuavam sua feminilidade, e ele sentia seu corpo dolorido de desejo.

—Você também monta? —perguntou ao sentar-se ao volante.

—Sim, Rodrigo me ensinou — respondeu ela, com um sorriso.

Colby perdeu o sorriso de repente, pôs em marcha o motor e saiu do estacionamento com violência contida.

Sarina se perguntou por que se pôs tão furioso; ele havia reagido igual quando Rodrigo a tinha levado a comer, mas era impossível que estivesse ciumento...

—Quanto sabe sobre seu amigo? — perguntou-lhe ele com tom cortante.

Ela não se atreveu a responder a aquilo, assim que se esclareceu garganta e optou por dizer:

—foi um bom amigo para nós, Colby.

Ao contrário que ele, e isso era algo que o corroía como o ácido. Não suportava pensar no muito que ela havia sofrido desde seu breve matrimônio, e embora não era culpa dela, doía-lhe. Se ele tivesse estado em contato com ela, faria o possível por ajudá-la, apesar da forma em que se separaram.

—Antes tinha cavalos, verdade? —perguntou-lhe Sarina, para tentar trocar de tema.

—Sim, faz alguns anos criava quartos de milha em um rancho no norte do Texas, e um empregado os levavam as competições por mim. Ganhamos alguns prêmios. Meu pai criava apalusas no Arizona quando eu era pequeno, comprava-os e os vendia para pagar a minha escola — não gostava de falar dele, já que tinha remorsos pela distância que os tinha separado.

Bernadette começou a falar, mas um rápido olhar de sua mãe fez que se calasse.

—Ainda monta? — perguntou-lhe Sarina.

Colby a olhou com frieza, e respondeu:

—Tenho que fazer de lado, mas sim, ainda monto.

—Sabe que não lhe perguntei isso com má intenção — disse ela, ruborizando-se.

Ele fez uma careta, e fixou de novo o olhar na estrada.

—Sou bastante sensível nesse tema.

Sarina olhou de esguelha a prótese; era a que lhe tinha ajudado a colocar no dia que tinha ido as buscar, e se ruborizou ao recordar o que tinha passado em sua casa.

Colby viu sua reação e começou a relaxar; gostava de como respondia ela ante sua cercania, mas lhe resultava um pouco surpreendente, tendo em conta quão mau a havia tratado. Impulsivamente, cobriu a mão que ela tinha em sua perna com a sua e entrelaçou os dedos de ambos; deu-lhe um ligeiro apertão, e se sentiu eufórico quando ela o devolveu.

Sarina se voltou para ele com os lábios ligeiramente entreabertos, e quando seus olhos se encontraram, ele desejou poder fazer muito mais que aferrar-se a sua mão.

—Cuidado! — exclamou Bernadette do assento traseiro.

Colby olhou imediatamente para frente, e virou bruscamente para evitar sair-se da estrada.

—Obrigado, pequena — lhe disse, rindo, enquanto lhe lançava um rápido olhar pelo retrovisor—. Distraí-me.

A menina lhe devolveu o sorriso, e lhe perguntou:

—Está muito longe? Falta pouco para chegar?

—Muito pouco — mentiu ele, já que ficava pelo menos meia hora. Não soltou em nenhum momento a mão da Sarina; de fato, aferrou-se a ela com mais força enquanto conduzia sem problemas com o braço da prótese.

Colby parou a caminhonete quando chegaram ao rancho do Cy, e Bernadette exclamou:

—Aqui é onde nos traz Rodrigo! O senhor Parks me deixa montar um Pônei muito bonito! Colby franziu o cenho e olhou a Sarina, que parecia haver ficado de pedra.

—Ramírez conhece o Cy?

Ela tragou saliva e escolheu suas palavras com muito cuidado.

—Conhecera-se faz alguns meses, e se fizeram amigos — mentiu. Decidiu que teria que falar a sós com o Cy, para lhe advertir que não contasse ao Colby nada revelador sobre o Rodrigo.

—Acreditava que Ramírez era do México.

—Sim, mas... esteve trabalhando um tempo em Jacobsville.

Sarina estava ocultando algo. Colby ficou olhando durante um longo momento, até que viu o Cy descendo os degraus do apêndice para recebê-los.

— Me alegro de que tenha vindo... vá, não sabia quem eram suas convidadas! Resulta que não é a primeira vez que vêm — revolveu o cabelo a Bernadette em um gesto brincalhão, e lhe disse —: Olá, duende. Direi ao Harley que prepare o Bean.

—Quem é Bean? — disse Colby.

—Uma égua pintada — lhe respondeu Cy, com um sorriso de orelha a orelha. Olhou por cima do ombro, e exclamou —: Ouça Harley, pode selar o Bean e o Twig para este par, e o Dusty e o King para o Colby e para mim? Tenho que falar um momento com o Colby.

—Claro. Bernie vêem comigo, ensinar-te-ei outra vez como se faz o nó de diamante.

—Posso ir? — perguntou-lhe a menina a sua mãe.

—Sim, céu — lhe disse Sarina, com um sorriso.

Quando Bernadette se foi com o Harley ao estábulo, Cy comentou:

—Temos um pequeno problema, o velho armazém do López está outra vez operativo. Disse ao Eb Scott que pusesse uma câmara de vigilância, e conseguimos um vídeo muito interessante — ao captar o rápido olhar que Colby lançou para a Sarina, acrescentou—: Sarina, Lisa está preparando café na cozinha, poderia ir conversar com ela até que possamos ir?

Sarina teve que esforçar-se por ocultar um sorriso, porque Cy estava tentando não danificar seu disfarce.

—Muito bem colega irei me esconder com a grávida — disse, arrastando as palavras —. Se aparecer qualquer bandido, me avise e o espantarei daqui a golpe de anágua.

—Descarada — murmurou Colby em um tom profundo e sensual, enquanto a olhava com um brilho muito especial nos olhos.

—Só queria ser útil — respondeu ela.

Antes de ir-se, lançou ao Cy um olhar eloqüente para que soubesse o que pensava de que a deixasse de lado; Cy conhecia seu histórico, mas não se atrevia a contar-lhe ao Colby. Ainda não.

Cy levou ao Colby a seu escritório, onde tinha a equipe de vigilância; depois de pressionar alguns botões, apareceu no monitor do computador a gravação de uma mulher e vários homens, mantendo uma acalorada conversa em espanhol. Colby entrecerrou os olhos e começou a traduzir mentalmente, enquanto Cy ia fazendo um resumo.

—Estão falando de um envio bastante grande de cocaína que se cancelou e segue em Houston; querem trazê-lo aqui, mas não decidiram como fazê-lo. Pensaram em trazê-lo em caminhão, mas um deles pensa que é muito arriscado, e prefere fazê-lo em caminhonetes velhas cheias de meninos — a cara do Cy se endureceu—. Põe-me doente.

—Para eles, é só uma questão de negócios — comentou Colby.

—Vou seguir gravando, e direi ao Eb que mantenha a vigilância dia e noite. Não penso deixar que alguns traficantes tenham carta branca em minhas próprias terras!

—Tenho controlado a um de seus cúmplices, e estou reunindo informação — lhe disse Colby—. Se sair algo importante, dir-lhe-ei isso. De onde conhece o Rodrigo?

Cy arqueou as sobrancelhas, e disse com rosto inexpressivo:

—Apresentaram-nos em Houston. Conheço o Eugene Ritter, e Rodrigo estava um dia no

escritório; começamos a conversar, e descobrimos que tínhamos muitas coisas em comum. Quando me perguntou se podia trazer a Sarina e a Bernadette para montar, eu aceitei sem problemas.

Colby tinha trabalhado em operações secretas durante muitos anos, e conhecia o Cy dos velhos tempos, assim sabia perfeitamente bem quando o estava enganando.

—Aceita o que te contei sem mais — disse Cy com tom firme — Tudo se esclarecerá cedo ou tarde.

—Sinto-me como um maldito cogumelo — comentou Colby, irritado.

—Fica bem na escuridão, sem saber o que acontece seu redor. Aconteceu-me várias vezes. Colby sacudiu a cabeça.

Saíram a montar pelo mesmo caminho rústico que Colby e Cy tinham percorrido semanas antes. A folhagem estava tingida de tons vermelhos, dourados e alaranjados.

—Eu adoro o outono — comentou Colby.

—Também é minha estação preferida do ano — confessou Sarina.

—Prende as rédeas um pouco mais, céu. Não querera que se ponha a correr, verdade? — disse Colby a Bernadette.

—Claro que quero — disse a menina, com um sorriso travesso —. Se tentar afastar-se, controlá-lo-ei.

—Pode fazê-lo?

—Claro que sim. Faço força com uma mão e uma perna, e o controlo se tenta sair correndo de repente. Ensinou-me isso um dos homens do Cy, que antes domava cavalos.

—E o que faz se encabrita e se levanta sobre duas patas?

—Agarro-me à crina com as mãos e a seu lombo com as pernas, até que volte a pôr as patas no chão. A gravidade é nossa amiga — brincou ela, com olhos risonhos.

—É uma diabinha — a acusou ele.

Sarina os estava contemplando, e ao ver as similaridades que havia entre os dois, teve que lutar por não tornar-se a chorar, já que lhe doía muito ver o quanto a Bernadette se perdeu todos aqueles anos. Rodrigo se comportava muito bem com elas, mas não era o pai da menina, e perguntou se Colby se dava conta de quão diferente era seu comportamento quando estava com a pequena.

Quando estava com ela, Colby ria e brincava algo que raramente tinha feito o homem ao que recordava. Nas últimas semanas, desde que havia voltado para sua vida, comportou-se com frieza, como se fosse um completo desconhecido; entretanto, nesse momento, com a menina, era muito diferente.

Colby se deu conta de que o estava observando, e lhe perguntou com o cenho franzido:

—Passa algo?

—Nada — lhe respondeu ela com um sorriso forçado, antes de voltar sua atenção ao caminho.

De volta ao rancho, Colby e Cy intercambiaram de repente um olhar travesso, esporearam a suas montarias com as botas e saíram ao galope para a porta. Antes que Cy pudesse acabar de rodear a cerca, Colby a saltou e chegou ao estábulo.

—É um louco — lhe disse.

O outro homem pôs-se a rir e desceu do cavalo, respirando com dificuldade.

—E você chamou diabinha a Bernadette!

—Tenho um amigo que teria saltado a porta, em vez da cerca — lhe disse Colby, assinalando para o estreito espaço que havia entre a porta e a tabela com o distintivo do rancho que havia em cima.

—Você o teria feito faz alguns anos.

Colby se encolheu de ombros, e disse em tom de brincadeira:

—Estou tentando sentar a cabeça — lançou a Sarina um olhar eloqüente, e se sentiu encantado ao ver que se ruborizava.

Ficaram a comer no rancho com a Lisa e Cy, e depois voltaram para Houston na caminhonete; entretanto, a anterior camaradagem parecia haver-se esfumado, e Sarina se mostrava amável, mas reservada. Manteve-se calada durante toda a viagem, e Colby se perguntou a que se devia aquela súbita frieza.

Quando chegaram a sua casa, Bernadette lhe disse obrigado pela excursão e entrou para ver um programa de televisão que gostava. Sarina ficou na porta com ele, nervosa e sem saber o que fazer. Colby e a menina tinham cada vez mais afinidades em comum e o afeto que existia entre eles era óbvio... O que aconteceria se ele fizesse a pergunta correta e a Bernadette lhe escapava algo indevido? Como reagiria o Colby? E havia outra complicação mais: ele não tinha nem idéia de seu verdadeiro trabalho, e estava claro que não lhe faria nenhuma graça. Embora ela estivesse se esforçando por não olhar atrás, lhe tinha feito muito dano no passado, e a nova paixão que se acendeu entre eles era perigosa. Não queria voltar a arriscar o coração por ele, assim tinha decidido tornar-se atrás para proteger-se a si mesmo.

—Passamo-lo muito bem, obrigado — lhe disse, com um sorriso forçado.

Colby se aproximou dela, e lhe fez levantar o queixo.

—Perdi tanto... uma família, filhos — disse com voz rouca, enquanto a olhava aos olhos sob a luz do alpendre com expressão atormentada—. Estive casado duas vezes, e mesmo assim, vivi sozinho a maior parte de minha vida.

—Igual aos lobos — tentou brincar ela.

Ele a rodeou com os braços, e a aproximou de seu corpo.

—Não, os lobos protegem a suas crias e a seu casal — se inclinou e a beijou, mas ela não respondeu à carícia—. O que passa? —perguntou-lhe com voz suave.

Sarina tragou com dificuldade, e confessou:

—Que tenho muitas dúvidas.

Colby a contemplou com atenção durante alguns segundos, e finalmente retrocedeu um passo.

—Sim, entendo-te — disse, pensando em todas as coisas que ela ignorava sobre ele, sobre a vida que havia levado. Não estava sendo honesto com ela, e possivelmente o notava—. Enfim, boa noite.

Sarina conseguiu sorrir, e lhe disse:

—Boa noite, Colby.

Ele começou a descer os degraus do alpendre, vacilou um segundo, e se girou para ela de novo. Ao ver que o estava olhando com uma expressão carregada de dor, voltou para seu lado e lhe emoldurou o rosto com as mãos.

—Me diga o que te passa — lhe pediu com voz rouca.

Sarina não pôde controlar as lágrimas. Começaram a lhe correr pelas bochechas até chegar a sua boca, e Colby se inclinou e as recolheu com seus beijos.

Abraçou-a e a apertou com força, enquanto a balançava brandamente com a bochecha apoiada em sua cabeça, inalando seu aroma a rosas. Permaneceram assim durante longo tempo, até que finalmente se separou com movimentos lentos e voltou a olhar aqueles olhos enormes e doces.

Sem dizer uma palavra, voltou-se e foi. Sarina entrou em sua casa, e fechou a porta.

Na sexta-feira seguinte, a Ritter Oil Corporation celebrou seu cinqüenta anos com uma festa para os empregados. Eugene Ritter havia contratado uma orquestra para que tocasse na enorme sala de banquetes do restaurante onde tinha lugar à celebração, e se tinha colocado a enorme mesa do bufe ao longo de uma parede.

As crianças também estavam convidadas, e Sarina contemplava divertida como tentavam imitar aos maiores na pista de baile. Com uma taça de champanha na mão; o álcool lhe subia à cabeça muito rapidamente, assim só estava acostumado a tomar uma bebida com o estômago cheio.

Colby se aproximou da mesa das bebidas, e depois de pedir um "gingerale", disse-lhe com um sorriso:

—Levo quase três anos sem provar o álcool, não quero voltar a cair nessa armadilha.

Ela assentiu e notou uma pontada no coração, como cada vez que o via.

Colby procurou a Bernadette com o olhar, e a viu falando animadamente com a Nikki e com um menino.

—É muito extrovertida, verdade? —comentou.

—A verdade é que se sente muito confortável com gente conhecida, mas é tímida quando está com estranhos.

—Eu também era assim de pequeno... e sigo sendo-o, até certo ponto — comentou ele, enquanto percorria o salão com uma expressão fria e dura.

—O que está procurando? —perguntou-lhe ela, com curiosidade.

—Ao Ramírez — respondeu ele com tom cortante.

Sarina ocultou um sorriso, e comentou:

—Há-me dito que chegará um pouco tarde.

—Certamente terá tido que dormir uma sesta — resmungou Colby—. Todo esse trabalho no escritório deve ser duro para um homem de sua idade.

A ela lhe escapou um sorriso, mas o dissimulou imediatamente tossindo e se levou uma mão à boca.

Colby a olhou com aborrecimento, e lhe disse muito sério:

—É muito velho para você.

—Isso não é verdade, só tem trinta e cinco anos.

—Pois parece muito velho. Sarina baixou os olhos até sua bebida.

—Teve uma vida difícil — disse.

Colby estava a ponto de pedir que se explicasse, mas nesse momento Bernadette se aproximou deles com a Nikki, o menino com o que tinha estado falando e três pequenos mais de idade similar.

—É ele — disse a seus amigos, assinalando ao Colby—. Levou nós duas até seu carro pela água, e depois me levou ao colégio, É muito forte!

Os outros meninos o olharam com igual fascinação, e Colby se ruborizou.

—Também salta cercas a cavalo! — acrescentou Bernadette. Contemplou-o com olhos enormes e entusiasmados, e lhe sorriu com acanhamento.

Colby lhe devolveu o sorriso.

—Vamos ver a bateria, está tocando um sonzinho! — exclamou um dos meninos, depois de alguns segundos.

Os pequenos se afastaram, e Bernadette se voltou para o Colby para lhe sorrir uma vez mais antes de partir com seus amigos.

—É um herói — comentou Sarina, divertida—. Resgatou-nos da grande inundação.

Colby soltou uma gargalhada, incapaz de admitir o muito que significava para ele que Bernadette o considerasse seu herói. Tomou um gole de sua bebida enquanto contemplava aos casais na pista de baile, e ao cabo de alguns segundos olhou a Sarina e lhe perguntou:

—Ainda dança?

—Mais ou menos — disse ela. O coração lhe deu um tombo.

—O que quer dizer isso? — Colby deixou os copos de ambos na mesa das bebidas.

—Que faz muito tempo que não o faço.

—Igual a mim. Talvez consigamos não se chocar com ninguém.

Colby tomou com suavidade em seus braços e a aproximou de seu corpo enquanto começavam a mover-se ao lento e sedutor ritmo latino da orquestra.

Sarina se sentia no sétimo céu. A calidez de seus braços e a sensação de seu corpo alto e musculoso lhe subiu um pouco à cabeça, e se relaxou contra ele com um suspiro trêmulo.

Colby sentiu que seu corpo inteiro se tencionava de desejo. Era algo que só lhe havia passado com a Maureen, ao começo de sua turbulenta relação, e lhe surpreendeu estar tão conectado a

Sarina, apesar dos anos que tinham estado separados.

Ela se apartou um pouco, com o olhar velado.

—Ainda é tímida comigo? — murmurou ele — Certo, gatinha, tentarei me levar bem.

Colby deixou que ela separasse os quadris dos seus, mas apoiou a bochecha em seu suave cabelo.

—A música é muito bonita — comentou ela.

—Sim. Fazia anos que não estava em uma situação assim, nunca vou a festas — admitiu-o.

—Eu tampouco estou acostumada a sair muito.

Sarina vacilou um momento, ao recordar que o aniversário da Bernadete era no dia seguinte, e que tinha pedido ao Rodrigo que fosse buscar o bolo, porque a confeitaria ficava no seu caminho. Perguntou-se se seria uma loucura convidar ao Colby, já que ele não tinha nem idéia da idade da menina.

—Está muito calada — comentou ele. Seus dedos se entrelaçaram com os dela, e acariciou seu cabelo com os lábios—. Estive ocupado toda a semana com melhorias na segurança interna, mas poderíamos ir amanhã a montar no rancho do Cy, se gostar.

—Não posso — respondeu Sarina com suavidade.

Colby deixou de dançar, e seus olhos escuros se cravaram nela com uma expressão intensa.

— Por quê? Ainda tem dúvidas?

—Não é isso — fez uma careta, e admitiu —: Bernadette vai celebrar uma festa.

—Que tipo de festa?

Ela duvidou, sem saber o que responder.

—Me diga — insistiu ele.

—É seu aniversário.

Depois de alguns segundos de silêncio, Colby disse: — Já vejo.

—Te teria convidado a vir, mas Rodrigo e você... bom...

—Não faz falta que me soletre — disse isso Colby. Relaxou-se um pouco ao dar-se conta de que ela não estava tentando tirá-lo de sua vida, e sorriu ao olhar aqueles formosos olhos escuros. Aproximou-a com suavidade para si com o braço da prótese, e lhe perguntou—: Posso ir mais tarde?

Devolveu-lhe o sorriso, e seu olhar se iluminou.

—Seria perfeito, a Bernadette adoraria que viesse.

Colby assentiu, e centrou o olhar em sua boca suave.

—Colby... —protestou ela, com voz rouca.

—O que? —sussurrou ele.

Sua cabeça começou a inclinar-se para diante, mas de repente, uma mão posou em seu ombro com firmeza e uma voz com acento latino disse a suas costas:

—Acredito que é meu turno.

Colby parou em seco e se voltou ao recém-chegado.

—Como diabos o faz? Sempre aparece do nada — lhe disse com tom gélido.

—Tem em conta — lhe respondeu Rodrigo, antes de levar-se a Sarina dançando.

Colby ficou ali de pé, furioso.

—Isso foi muito grosseiro — comentou Sarina. Rodrigo soltou uma gargalhada.

—Sim, não lhe gostou de muito, verdade? A que hora quer que vá amanhã?

—Por volta das onze, pode trazer o bolo?

—Sim, claro — seus olhos se entrecerraram, e acrescentou—: Está deixando que esse policial de aluguel se aproxime muito. Em qualquer momento começará a ligar fatos, e não podemos correr esse risco.

—Já sei, mas...

—Sarina, não te deixe enrolar — lhe disse ele, com preocupação—. Já te deixou sozinha uma vez por outra mulher.

Distraidamente, Sarina começou a riscar com a mão livre uma forma indeterminável em sua jaqueta.

—Não se preocupe não me esqueci.

—Fez alguns serviços bastante questionáveis ao longo dos anos — acrescentou Rodrigo.

Ela levantou o olhar para ele, e lhe perguntou:

—Como sabe?

O se esclareceu garganta.

—Cy me contou isso. Fui a seu rancho comprovar um par de coisas, e me há dito que Lane lhes levou a Bernadette e a você para montar na semana passada.

—Cy poderia ocupar-se de seus próprios assuntos — disse ela, irritada.

A fúria de sua voz captou a atenção do Rodrigo. Estava claro que Sarina estava voltando a apaixonar-se outra vez pelo Colby, e lhe preocupava não poder encontrar a forma de evitá-lo. Queria lhe contar o que sabia sobre o Lane, mas parecia rasteiro e covarde enfrentar-se assim ao outro homem; além disso, em certa forma, todos estavam na mesma equipe, e Sarina e ele eram companheiros. As razões pelas que queria intervir não eram só profissionais, já que sentia muito carinho por ela. Lane era uma ameaça para sua estreita relação com a Sarina e com sua filha, mas não sabia como detê-lo.

—Lane só pode nos trazer problemas — lhe disse com tom cortante.

—Já sei.

—Mas isso não te impede de sair com ele, verdade? — Rodrigo deixou de dançar, e ficou olhando com atenção —. Sarina, quando o conheceu exatamente?

—Faz sete anos — admitiu ela incapaz de olhá-lo à cara.

Sabia somar e subtrair, assim respirou fundo e soltou uma maldição afogada.

—É o pai do Bernadette, verdade?

Capítulo 7

Sarina olhou ao Rodrigo nos olhos, e foi incapaz de lhe mentir.

—Sim, mas ele não sabe, e é inútil tentar lhe dizer a verdade. Sua segunda mulher o convenceu de que é estéril, assim não acredita que possa ter filhos.

—Isso explica muitas coisas — disse ele, com um suspiro.

—Assim não serviria de nada tocar no assunto — continuou ela —. O passado está morto e enterrado, e é impossível que eu tenha uma relação com ele; não é só pela Bernadette, mas também por meu trabalho. Ficaria furioso se, se inteirasse.

Rodrigo viu sua expressão de dor, e se sentiu culpado por ter falado no assunto. Deu-lhe uma suave sacudida, e lhe disse com um sorriso:

—Vamos dançar, estamos chamando a atenção.

—E o estamos fazendo sem pistolas, incrível! — brincou ela, em voz baixa.

—Vão ouvir — sussurrou ele.

—Sinto muito, não pude me conter. Não se esqueça do bolo, certo?

—Leva uma semana me recordando isso com uma vez teria bastado — lhe disse ele.

—Mensagem recebida.

—Espero que goste de meu presente.

—O que é?

—Não o penso em dizer isso. Iria dar na língua, assim não vou te contar nenhum de meus segredos.

—Ouça que não sou nenhuma delatora...

Nesse momento, uma mão se posou com firmeza no ombro do Rodrigo.

—É meu turno outra vez — disse Colby. Sem lhes dar tempo a reagir, tomou a Sarina em seus braços e lhe lançou ao outro homem um sorriso satisfeito.

Rodrigo o fulminou com o olhar, e exclamou:

—Por que não te coloca seu sorriso pelo...

—É que não pode te conter? Há mulheres e meninos na sala! — Colby fingiu estar escandalizado.

Rodrigo pareceu estar a ponto de estalar, e sua pele morena se avermelhou por causa da força de seu aborrecimento.

—Que pouco autocontrole — comentou Colby, estalando a língua, enquanto se afastava dançando com a Sarina —. Está segura de que quer te relacionar com um tipo assim?

Sarina conseguiu controlar com muita dificuldade a vontade de tornar-se a rir, e Colby a apertou contra seu peito, divertido pelo muito que se esforçava em lhe ocultar sua reação a seu amigo latino.

—Pelo amor de Deus, não faz falta que te contenha para não ferir seus sentimentos.

—É terrível! —exclamou ela, sem fôlego.

—Obrigado, isso entendo. Sempre pensei que se terá que fazer algo, é melhor esforçar-se em fazê-lo o melhor possível.

Sarina soltou um longo suspiro.

—Pobre Rodrigo — comentou.

—Superá-lo-á — disse Colby, com um sorriso —. O mundo está cheio de mulheres solteiras.

—Eu sou uma delas — comentou Sarina.

Colby negou com a cabeça, e lhe disse:

—Nem pensar.

Sarina o olhou nos olhos, e lhe deu um tombo o coração. O passado e o presente se mesclaram, e nesse momento desejou que ele a abraçasse com mais força, que a amasse...

A mão voltou a aparecer no ombro do Colby.

—Outra vez é meu turno! — ronronou Rodrigo, antes de tomar a Sarina em seus braços e levar-la dançando.

Colby os seguiu com um olhar tormentoso; entretanto, quando a música parou menos de um minuto depois e a orquestra pareceu tomar um descanso, foi procurar sua bebida com um sorriso satisfeito.

Parou para conversar um par de minutos com a Jennifer e Hunter, e quando olhou a seu redor, não encontrou a Sarina e ao Rodrigo por nenhum lado. Bernadette seguia jogando com a Nicole e com o menino que parecia formar parte de seu grupo de amigos.

Finalmente, viu-os falando com expressão séria perto de uma parede. Não parecia haver nenhum interesse romântico entre eles, ao menos por parte da Sarina, e ambos pareciam muito solenes.

Aproximou-se um pouco a eles com dissimulação, e observou os lábios dela enquanto falava com o Rodrigo. Era uma sorte que lhe tivessem ensinado a ler os lábios em seu treinamento.

Sarina inclinava e movia a cabeça bastante ao falar, assim só conseguiu captar algumas frases desconexas, mas lhe pareceu entender algo sobre uma missão de vigilância, e sobre um seguimento, e uma operação em que ela estava envolta.

Colby pensou que aquilo não tinha sentido em que operação ia estar implicada o empregado de escritório de uma corporação petroleira? De repente, perguntou-se se Hunter se tomou literalmente o comentário que lhe tinha feito sobre sua capacidade desperdiçada, e a tinha posto a vigiar os suspeitos de narcotráfico.

Sentiu que lhe parava o coração ao pensar que podia estar implicada em algo perigoso. Bernadette só a tinha a ela, assim que lhe custava acreditar que Sarina arriscasse sua vida estando ao cargo de uma menina. Zangou-se muito consigo mesmo, por haver mencionado ao Hunter o potencial que ela tinha.

Afastou-se deles, muito preocupado, e decidiu falar com o Hunter sobre o assunto. Sarina

tinha uma filha, não podia envolver-se em um trabalho perigoso.

Tomou outro gole de sua bebida e esperou a que a música voltasse a começar, mas ao ver que a orquestra não voltava, deu-se conta de que a festa estava acabando e se sentiu decepcionado. Tinha esperado poder voltar a dançar com a Sarina, já que tê-la em seus braços, embora só fosse na pista de baile, era aditivo. Ao ver que Bernadette e ela se dirigiam para a porta, apressou-se a ir interceptar-las.

—Ver-te-ei amanhã pela tarde — lhe disse à menina.

Os olhos da pequena se iluminaram, e lhe perguntou entusiasmada:

—Vai vir a minha festa?

Ao ver sua alegria, Colby sentiu que uma grande paz alagava os rincões gelados de sua alma, e sorriu com um afeto genuíno.

—Claro que sim, mas chegarei um pouco tarde... por volta das quatro. De acordo?

—Genial!

—Mas só irei se tiver bolo, claro — estipulou-o, com fingida seriedade—. Eu adoro bolo.

—Sobre tudo a de chocolate, verdade? —comentou Sarina, sem pensar.

—Sim — respondeu ele, olhando-a aos olhos.

Ela se ruborizou, já que o comentário tinha sido completamente irrefletido.

—E você gosta de sorvete de morango — acrescentou Colby, com um pequeno sorriso.

Sarina se surpreendeu, já que não esperava que se lembrasse de detalhes tão corriqueiros sobre ela.

—Até amanhã — disse ele.

Entretanto, antes que partisse, Rodrigo se aproximou deles.

—Estão preparadas? — perguntou-lhes, ignorando completamente ao Colby enquanto tirava as chaves de seu carro do bolso.

Colby lhe lançou um olhar fulminante, e o outro homem a devolveu com acréscimo.

—Boa noite, Colby — lhe disse Sarina.

—Boa noite — respondeu ele, antes de piscar os olhos para a Bernadette.

—Até manhã as quatro — lhe disse a menina, com um sorriso.

—Certamente, há essa hora já teremos acabado com o bolo — comentou Rodrigo.

—Não passa nada, levarei outro.

—A vai cozinhar você mesmo? — murmurou Rodrigo.

—Pois claro. Tem-te feito você esse pulôver? — perguntou-lhe Colby.

—Vamos — se apressou dizer Sarina, enquanto se interpunha entre os dois homens. Segurou ao Rodrigo pela mão, e o levou virtualmente a rastros antes que ele pudesse responder ao comentário zombador do Colby.

Colby não dormiu muito bem. Tinha a impressão de que havia algo que não encaixava com o aniversário da Bernadete, mas se negou a escutar a voz que lhe rondava pela cabeça. Levantou-se muito cedo, e depois de preparar o café, vestiu-se e foi a um centro comercial. Não tinha nem idéia do que podia comprar a uma menina de sete anos, mas parou de repente ao passar junto a uma loja, porque não podia tirar da cabeça a idéia de um microscópio.

Entrou no estabelecimento, e perguntou ao vendedor sobre um modelo que ele havia gostado. Era bastante caro, e até podia conectar-se a um computador para guardar os dados das amostras em um CD.

—Talvez seja muito sofisticado para uma menina de sete anos — comentou o vendedor.

—Não é uma menina qualquer — lhe respondeu Colby, antes de tirar seu cartão de crédito.

O vendedor só tinha papéis de presente bastante sérios, mas decorou o pacote com um alegre laço para lhe dar cor.

Depois de deixar o pacote em sua caminhonete, Colby foi comer algo e depois deu um passeio pelo centro comercial. Seguiu intranquilo pela conversa entre o Rodrigo e Sarina; estava claro que estavam ocultando algo, e embora não tivesse nada que ver com um romance,

estava-o voltando louco... Sarina o estava voltando louco.

Não podia deixar de pensar no que tinha sentido ao tê-la em seus braços, aquela manhã em sua casa; de fato, não havia podido pensar em outra coisa depois. Tinha ficado claro que não lhe odiava e que o desejava, mas não ia ser nada fácil conseguir tê-la de novo em sua vida. Ela ainda tinha alguns medos relacionados com as relações íntimas, igual a ele mesmo. Se começava uma relação e ele perdia o controle, como lhe tinha passado anos atrás...

Ao dar-se conta de que já eram quase quatro horas, afastou-se da vitrine de roupa que tinha estado contemplando e foi procurar sua caminhonete. Esperava que Rodrigo estivesse ainda em casa da Sarina, porque estava desejando lhe estampar a cara do que ficasse do bolo.

O corrimão de ferro do alpendre estava decorado com balões coloridos, e junto à porta havia um cesto de papéis cheio de papéis de presente enrugados e de laços. Colby tocou a campainha, e Bernadette abriu em seguida à porta; levava um vestido rosa, meias três - quartos brancas e umas sapatilhas de balé rosa que pareciam novas. Tinha o cabelo escuro um pouco mais curto, e o havia adornado com um alegre laço de tecido.

—Olá! Vieste! — exclamou ela.

—Disse-te que o faria — lhe recordou ele. Olhou para o interior da casa e viu a Sarina, limpando os pratos na cozinha.

—Entra! Guardei uma parte do bolo e um pouco de sorvete, quer um café? — perguntou-lhe ela.

—Sim, obrigado.

Colby entrou na casa, e sorriu enquanto tirava a jaqueta, já que não havia nem rastro do Rodrigo na sala de estar. A roupa que se pôs esse dia enfatizava seu atrativo: levava uma calça cinza, uma camisa de manga larga e uma gravata com motivos azuis. Também havia tornado a usar a prótese de última geração, recém reparada, mas não gostava de usá-la apesar de que parecia muito real; de fato, por isso quase nunca levava camisa de manga curta.

—Trouxe, para você — disse a Bernadette, ao lhe dar o pacote retangular.

—Posso abri-lo? —perguntou-lhe ela, entusiasmada.

—Claro — sorriu ele.

Ela pôs o pacote em cima da mesa.

—Pesa muito — murmurou, enquanto começava a desembulhá-lo.

Sarina lhe levou uma xícara branca de café, e parou junto a ele.

—Pensará que me tornei louco ao ver o que é — comentou Colby, sem voltar-se para olhá-la. Estava começando a duvidar se tinha acertado com o presente—. Não sei por que o comprei...

Quando Bernadette acabou de desembulhar o pacote, ficou olhando a sua mãe com a boca aberta, e Sarina a contemplou com uma expressão similar.

Ambas se voltaram para ele, emudecidas.

Colby se ruborizou como um tomate, e começou a dizer:

—Posso devolvê-lo...

—Não! —exclamou Bernadette, horrorizada. Como um relâmpago, rodeou o pacote com os braços e o apertou contra si.

Sarina se aproximou de um pequeno móvel, tirou uma folha de papel e a deu ao Colby com certa insegurança. Era o anúncio de um microscópio... que ele tinha comprado à menina.

—Disse-lhe que não podíamos nos permitir isso - lhe disse Sarina, com as bochechas acesas de vergonha.

Bernadette estava tocando seu presente, como se não pudesse acreditar que era de verdade. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

—Eu gosto muito de ir ao colégio, porque há um microscópio como este em nossa classe. Às vezes vou logo, e a professora me deixa ver um paramécio — se voltou para o Colby, alargou os braços para ele e lhe disse—: Obrigado.

A expressão nos olhos da menina lhe cravou no coração, e seu gesto de afeto o feriu no mais

fundo. Tinha-a tratado muito mal, mas não lhe havia guardado rancor. Apoiou um joelho no chão, e ao abraçá-la sentiu seus braços lhe rodeando o pescoço e aferrando-se a ele com força.

Colby suspirou, e depositou um beijo em sua cabeça de cabelo escuro. Sete anos. Tinha sete anos... e era outubro.

Sete anos?

Colby ficou rígido. Era outubro, e a menina tinha sete anos, assim tinha sido concebida fazia sete anos e nove meses... em janeiro. Sarina e ele se casaram em janeiro, sete anos atrás.

Sacudiu-o um relâmpago de dor tão forte, que se estremeceu. Separou-se da Bernadete, e a olhou com expressão horrorizada enquanto sua cabeça lutava por permanecer centrada em meio de um torvelinho de pensamentos inconclusos. Maureen lhe havia mentido, não era estéril. O pai da Bernadete havia abandonado a Sarina quando ficou grávida, e ela ficou em uma situação desesperada, doente e sozinha, porque seu pai a havia expulsado de casa ante sua negativa a abortar. O pai da menina a tinha abandonado, ele... tinha-a abandonado!

—OH, Meu deus!

Bernadette ficou olhando por um segundo, e depois foi a uma estante e tirou um álbum de fotos.

—Bernadette, não! —exclamou Sarina, horrorizada.

A menina a olhou com os olhos do Colby, e lhe disse com suavidade:

—Não passa nada, mamãe. Ele já sabe.

Sarina esteve a ponto de derrubar-se em uma cadeira, e seus olhos se encheram de dor e de angústia.

Bernadette tomou ao Colby pela mão, levou-o a um sofá e o empurrou ligeiramente para que se sentasse.

—Olhe — lhe disse em idioma apache.

O ficou olhando com impotência, enquanto se via si mesmo na forma de seus olhos, de sua boca, de seu nariz... era sua filha, sua filha!

—Olhe papai — lhe disse a pequena, sem deixar de falar em idioma apache.

Por um momento, seu cérebro intumescido tinha sido incapaz de processá-lo, mas então se deu conta de que ele estava falando em sua própria língua. Não era hispânica, a não ser índio apache.

—Minha filha — sussurrou ele, no idioma de seus antepassados.

—Este era meu avô — lhe disse a menina, com um sorriso, assinalando uma foto.

Colby baixou o olhar, e ao ver a imagem, deu-se conta de que estava retrocedendo no tempo. Havia uma foto da Sarina grávida, com um sorriso radiante... outra dela no hospital, onde parecia doente e abatida... outra da chegada a casa depois de sair do hospital, em que estava rodeada de um montão de presentes para a recém-nascida e de várias pessoas, entre as que se encontrava Eugene Ritter; tinha a Bernadette em seus braços, e junto a ela havia um homem velho e ligeiramente curvado com o cabelo branco e um grande sorriso.

De repente, Colby se deu conta de que aquele homem era seu pai, e olhou a Sarina completamente atônito.

Ela moveu os ombros, incômoda, e disse com voz rouca:

—Estava completamente sozinha, não encontrava ajuda... de ninguém, nem sequer quando te chamei. A única comida que havia era a que meus colegas de trabalho me traziam de vez em quando, mas era muito orgulhosa para lhes dizer o pouco que tinha. Tive que deixar de trabalhar, e um dia seu pai apareceu na porta de casa com sua mala e me disse que o bebê que eu esperava era uma menina e se ocuparia de mim até o nascimento, e então cuidaria dela para eu pudesse voltar a trabalhar.

—Como soube? — conseguiu dizer ele.

—Não sei. Manteve-nos com o pagamento de sua pensão até que Bernadette nasceu, e Eugene Ritter pagou os gastos médicos. Eu era sua empregada e apenas me conhecia, mas me tinha feito amiga do Phillip e da Jennifer, assim suponho que eles o pediram — fez um gesto com uma mão, e acrescentou—: Seu pai inclusive cozinhava. Quando pude voltar a me pôr em pé e

voltar para trabalho, ele cuidou da Bernadete, e anos mais tarde — disse, saltando-as classes noturnas na universidade e seu emprego posterior —, eu o cuidei quando adoeceu de câncer. Foi um golpe muito duro perdê-lo — acrescentou com voz tremente.

Bernadette contemplou ao Colby com atenção. Seu avô lhe tinha pedido que lhe dissesse algo, e lhe havia dito que ela saberia reconhecer o momento adequado, mas estava segura de que não era esse, porque era óbvio que o homem diante de si estava sofrendo muito. Seus olhos estavam quase cegos de dor.

Sarina mordeu o lábio com força, e Colby a olhou aos olhos, embora logo que foi capaz de vê-los.

—Maureen não me disse em nenhum momento que tivesse me chamado — disse com voz tensa—. Estava na África... — levantou-se de repente, como um sonâmbulo.

Sarina ficou olhando, sem saber o que dizer. Ele não tinha sabido o que acontecia?

—Ela me convenceu de que era estéril — seguiu dizendo Colby, com voz estrangulada. Voltou a olhar a Bernadette, a sua filha, com olhos cheios de dor—. Todos estes anos...

Sarina se levantou.

—Colby...

Antes que pudesse continuar, ouviu-se um grito desesperado.

Colby recordou que deixou a pistola no porta-luvas da caminhonete, mas saiu imediatamente ao alpendre e descobriu imediatamente quem tinha gritado.

Uma anciã estava na calçada frente a umas casas próximas, lhe rogando a gritos em espanhol a um jovem que a estava golpeando grosseiramente com ambos os punhos.

Sem duvidá-lo nem um segundo, Colby pôs-se a correr. Sarina esteve a ponto de lhe seguir, até que se deu conta da imagem que daria, e não se atreveu a envolver-se.

O menino viu o Colby, e soltou uma gargalhada descarada; entretanto, quando fez gesto de atacar, já era muito tarde e Colby o atirou ao chão com um golpe circular. O moço rodou para afastar-se e ficou de pé, mas antes que pudesse levantar os punhos, Colby lhe deu um chute no diafragma e voltou a mandá-lo ao chão. Rapidamente, pô-lo de costas, tirou-se um lenço do bolso e, sujeitando-o com um joelho, atou-lhe os polegares na cintura enquanto o menino gritava maldições e se retorcia grosseiramente, com os olhos frágeis.

Sarina o contemplou, fascinada. Nunca o tinha visto em plena ação, e acabava de dar-se conta do eficiente e perito que era. Seus movimentos tinham sido completamente seguros e efetivos apesar de que lhe faltava parte de um braço; estava claro que não tinha perdido as habilidades que havia adquirido em seu treinamento militar.

O menino não parava de amaldiçoar como um possesso e Colby se deu conta de que estava drogado. Ajoelhou-se junto à anciã, e lhe perguntou com voz suave:

—Está bem?

A mulher estava chorando, desesperada.

—Por quê? Por quê? — soluçou. Seus braços e seu rosto estavam cheios de machucados.

—Venha comigo — lhe disse Colby, antes de ajudá-la a levantar-se—. Pode caminhar?

—Sim — gemeu ela.

Colby a conduziu lentamente para o alpendre da Sarina, onde Bernadette e ela os estavam esperando.

—Fica com ela enquanto chamo à polícia, certo? — disse-lhe com suavidade.

—Claro — respondeu Sarina, sem duvidá-lo nem um segundo—. Senhora Martínez, entre em casa, limpar-lhe-ei o rosto.

—Por favor, polícia não — gemeu a anciã, olhando desesperada ao Colby—. Não o entende, ele é tudo o que tenho. Se o denunciar, o meterão no cárcere e nunca voltará a ser o mesmo, não tenho as palavras...!

Quando Colby a tirou pela mão e lhe assegurou em espanhol que ele se ocuparia do menino, e que não o meteriam no cárcere, a mulher lhe beijou a mão enquanto seus velhos olhos cansados seguiam vertendo lágrimas.

—Em seguida volto — disse Colby a Sarina.

—Eu cuidarei da senhora Martínez — lhe prometeu ela. Ao olhá-lo nos olhos, deu-se conta de que ainda não se recuperou da comoção anterior, e não pôde evitar preocupar-se com ele.

—Já sei.

Colby alargou a mão para lhe tocar a bochecha, mas a retirou bruscamente e se deu a volta. Depois de toda a dor que lhe havia causado, não tinha direito a tocá-la.

Foi para o jovem enquanto tirava seu celular, consciente de que as coisas se complicariam se alguma testemunha já tinha chamado à polícia; decidiu que teria que confiar em que tudo saísse bem, e quando chegou junto ao menino, este seguia gritando obscenidades e retorcendo-se como um peixe na calçada, marcou um número de telefone.

Nesse momento, um menino maior que o primeiro chegou correndo e parou a poucos metros do Colby. Levava um lenço na cabeça e tinha tatuagens nos dois braços, e Colby adotou instintivamente uma posição relaxada de luta.

O moço notou sua posição ameaçadora, e vacilou um segundo antes de dizer:

—Você veio a ver a senhorita Carrington.

—Sim.

—vai chamar a policia, não? — perguntou-lhe o jovem, com atitude beligerante.

—Não.

O menino pareceu surpreso, e disse:

—Então, o que...?

—Por que te importa o que lhe passe? — perguntou-lhe Colby com frieza.

—Sou Raúl. É meu primo, Tito — olhou para a porta da casa, e lhe perguntou—: Viu a minha avó...?

—Está com a Sarina e com a Bernadette, está bastante machucada.

—Tito, é um idiota!

—Não pode te ouvir, está drogado.

O menino passou uma mão pela cara.

—Só tem ao Tito e a mim. O é seu sobrinho, e vive com ela — lhe disse, com voz rouca—. Vai comprar e cuida dela, mas... disse-lhe que deixasse de tomar-se isso, que era um veneno... !

Colby levantou uma mão para que se calasse, porque o homem ao que tinha chamado acabava de responder. Disse-lhe que tinha a um menino drogado e este acabava de dar uma surra em uma anciã, e o mesmo necessitava ajuda, e assentiu enquanto escutava a resposta do homem, consciente de que Raúl o olhava com expressão de surpresa. A seguir disse a seu interlocutor onde estava, e acrescentou que era melhor que levasse ajuda e que não tinha chamado à polícia, embora não sabia se algum vizinho o havia feito. Assentiu de novo, e depois de umas diretas palavras mais, pendurou e se meteu o celular no bolso.

—A quem chamou? — perguntou-lhe Raúl.

—Um amigo meu, um velho... colega — acrescentou, com um pequeno sorriso—. Dirige um centro de reabilitação, assim vai levar seu primo até que se recupere e depois tentará pô-lo em tratamento.

O menino soltou uma gargalhada seca, e disse com frieza:

—É mais do que se merece, depois do que tem feito, mas o idiota é da família. Está seguro de que minha avó está bem?

—Vá ver a se quiser, eu esperarei aqui ao Eduardo.

—Certo — Sem duvidar um segundo, o menino acrescentou— Obrigado.

—Se não se reabilitar, a prisão é inevitável — lhe disse Colby—. E a próxima vez, com certeza mata a sua avó.

—Sim, já sei. Estarei cuidando dela, e farei o que possa por ele.

Raúl se foi para a casa da Sarina, e Colby ficou junto ao menino amarrado enquanto fazia ouvidos surdos a suas exclamações de fúria. Percorreu os arredores com o olhar, e viu que várias cortinas se moviam. Aquela gente sabia que era perigoso saber muito sobre um crime, assim era pouco provável que alguém chamasse à polícia.

Ao fim de dez minutos, uma caminhonete bege parou no estacionamento que havia perto dali,

e um homem vestido com roupa de sacerdote e dois jovens fortes se baixaram e se aproximaram do Colby. O homem sorriu, e estendeu sua mão.

—Olá, compadre. Quanto tempo passou?

—Uns oito anos — disse Colby, lhe devolvendo o firme apertão.

—Tem bom aspecto.

—O mesmo digo embora me choca como vá vestido — Colby indicou com um gesto o colarinho branco na roupa de seu amigo, que revelava que era um sacerdote.

Eduardo se pôs a rir, e admitiu:

—Também me custou acostumar.

Colby assinalou para o menino, que seguia retorcendo-se no chão.

—Não sei o que usou, mas como se retorce e por sua expressão atordoada, eu diria que é ácido ou crack.

—Não sei o que é pior, embora seja mais fácil eliminar o ácido — comentou Eduardo, com um interesse quase clínico, antes de lhes fazer um gesto aos meninos que o acompanhavam.

Eles levantaram entre os dois o Tito como se fosse um tigre em um pau, e o levaram a caminhonete enquanto ele não deixava de amaldiçoar e de retorcer-se.

—Não se preocupe nos ocuparemos dele — acrescentou Eduardo.

—Que forma de esbanjar uma vida — murmurou Colby.

—É o que acontece as drogas — disse o outro homem, com seriedade—. Te deste conta de que o mundo está cheio de pressão? Que não podemos relaxar alguma vez? Muito estresse, muita responsabilidade, muitas preocupações... e esta é a resposta — assinalou para o menino, que estava sendo introduzido na caminhonete, e acrescentou—: Como está a anciã?

—Recuperar-se-á, só está machucada e dolorida. Embora pareça que ele é quem se ocupa dela, faz-lhe a compra e a cuida, assim vai ficar sozinha.

—Faremos o que possamos para lhe ajudar a reabilitar-se, e enquanto isso me ocuparei também dela. Tem mais familiares?

—Um neto, agora está com ela. Parece um menino bastante responsável.

—Diga-lhe que podemos proporcionar o que sua avó necessite, só tem que me chamar.

—Perfeito, obrigado.

Eduardo voltou a lhe estreitar a mão, sacudiu a cabeça e comentou com olhos faiscantes:

—Faz muito tempo, ganhávamos à vida utilizando a violência.

—Éramos mais jovens — respondeu Colby, e seus olhos pareceram apagar-se um pouco—. E muito inconscientes.

—Sim, é verdade. Cuide-te, compadre, e vêm me visitar quando tiver tempo. Arrumado a que ainda posso ganhar no xadrez.

—Isso não lhe acredita isso nem você — disse Colby, com uma gargalhada—. Até outra.

O sacerdote se despediu dele, e voltou para sua caminhonete.

Colby voltou para a casa da Sarina e a encontrou olhando com expressão cautelosa ao Raúl, que agüentava com cuidado uma bolsa de gelo sobre a cabeça de sua avó.

Os três levantaram o olhar para ouvi-lo entrar.

—O levaram ao centro, e o padre Eduardo me há dito que se sua avó necessitar algo, o ajudará no que possa. É um bom homem.

—Tem que sê-lo, se levou o meu Tito para que não o metam no cárcere — disse a mulher, que tinha os olhos inchados de tanto chorar—. Obrigado por tudo o que tem feito por nós.

—De nada — disse Colby, lhe subtraindo importância ao assunto.

A anciã se levantou com a ajuda de seu neto, e o menino olhou ao Colby e lhe disse com expressão solene:

—Você é um bom homem, não o esquecerei.

Colby os acompanhou à porta, e uma vez no alpendre, Raúl hesitou um momento e acrescentou:

—Se necessitar algo, o que seja, peça-me isso O que seja. Devo-lhe uma.

Colby se aproximou um pouco, para que Sarina não pudesse ouvi-lo, e lhe disse:

—Então, te assegure de que a Sarina e à menina não passe nada. Este bairro é perigoso, e sei que algumas gangues operam pela zona. Não posso estar com elas em todas as horas.

Raúl o olhou com um estranho sorriso que revelava certa surpresa, e alargou a mão. Colby a estreitou.

—Dou-lhe minha palavra de que não lhes vai passar nada aqui — lhe disse o menino.

—Obrigado — respondeu Colby.

—Quero muito a minha avó — acrescentou Raúl, antes de levar-lhe a passo lento para sua casa.

Sarina saiu ao alpendre, e observou junto ao Colby como se afastavam.

—Vai estar vigilante de vocês duas — lhe disse ele com voz suave—. Assim estarão mais seguras.

—Genial — respondeu ela. Olhou-o com uma mescla de surpresa e exasperação, e acrescentou—: acaba de pedir ao chefe da maior gangue da zona que me vigie, acredita que isso me tranqüiliza?

Capítulo 8

Colby ficou olhando, sem saber o que dizer.

—Não sabia? —perguntou-lhe ela.

—Como ia saber? —respondeu-lhe ele.

—Leva as cores e as tatuagens dos Serpentes.

Colby arqueou uma sobrancelha, e ficou olhando com preocupação.

—Aprendeste isso no trabalho? — perguntou-lhe com voz tensa.

Sarina vacilou um segundo, e logo respondeu.

—Certo, Rodrigo me disse isso — lhe respondeu, sem olhá-lo aos olhos.

—O empregado de escritório que faz contatos?

—Tem um amigo na polícia — comentou ela, com total sinceridade.

—Entendo.

Em realidade, Colby não entendia nada, mas a cabeça ainda lhe dava voltas depois de inteirar-se da verdade sobre a Bernadette e ela. Bernadette, sua filha. Aproximou-se mais à porta, e observou como a menina conectava o microscópio que tinha dado a um computador portátil.

—Sabe fazer isso? — disse, surpreso por sua inteligência.

—Sim, lhe dá muito bem a eletrônica, como... como a você.

Colby se voltou para ela, e a olhou com expressão atormentada.

—Disse ao Hunter que o pai da menina era um mal nascido insensível, e tinha razão. Sou-o — disse com voz rouca.

—Não sabia o que acontecia.

—Não, não sabia. Maureen nunca me disse uma palavra sobre sua chamada — sacudiu a cabeça, e disse com tom seco—: Estava cego pela luxúria, desejava-a tanto que não podia ver mais à frente, e o que consegui desse matrimônio? Alguns anos infernais, quando a excitação se desvaneceu. Por não falar de sua vida, ou da Bernadete — com um suspiro, acrescentou—: Disse-me que Maureen e eu fomos deixando vidas destruídas em nosso caminho, mas até agora não havia entendido o que quis dizer — ao vê-la ruborizar-se, franziu o cenho—. Há algo mais?

Sarina vacilou, sem saber o que fazer.

—Será melhor que me conte isso — lhe disse ele com amargura—. Parece que é a noite das

confissões.

Apesar de suas palavras, Colby parecia incapaz de agüentar muito mais, mas não a estava pressionando para que falasse. Com uma careta, Sarina lhe disse:

—Maureen estava casada quando saía com ela.

— O que?

Ela tragou com dificuldade.

—Enquanto você e eu saíamos juntos, ela estava ocupada tentando conseguir o divórcio em Rena, mas seu marido se negava a dar-lhe O dia que você e eu nos casamos, ele... ele se suicidou — Sarina apartou a vista, incapaz de lhe olhar o rosto—. Então ela foi te buscar, por fim livre.

Colby teve que apoiar-se em uma parede para manter-se de pé. Depois de tudo o que havia suportado essa noite, aquela era a gota que enchia o copo. Fechou os olhos, e se estremeceu ao sentir uma garoa geada, já que não levava a jaqueta. Para ele era um risco ficar resfriado, porque o mesmo tinha sido contaminado de uma febre na África e sofria recaídas se não se cuidava, mas estava muito agitado para pensar nisso.

—Se suicidou — disse, com voz rouca. Olhou a Sarina, e viu a dor e a angústia de sua gravidez com mais clareza da que podia suportar —. Você perdeu tudo, até esteve a ponto de morrer ao dar a luz a Bernadette, e ela cresceu sem um pai. Um homem inocente morreu para que Maureen pudesse casar-se comigo. E eu pensava viver felizmente, depois de causar tanta destruição... Deus! Tive o que me merecia.

Sarina não soube o que dizer, não tinha sabido que a revelação ia impactar lhe tanto. Embora tivesse sonhado muitas vezes vendo sua reação cara a cara quando ele se inteirasse da verdade sobre sua filha, não lhe proporcionava a satisfação que havia esperado. Quão único sentia era dor ao ver seu desespero.

—Colby... — começou a dizer, enquanto tentava encontrar as palavras adequadas.

Deu-lhe as costas, e lhe disse com voz rouca:

—Dá boa noite a Bernadette por mim, certo? Tenho que ir.

—Obrigado pelo presente — lhe disse ela, com voz tremente.

Colby nem sequer pôde responder. Um presente. Perdeu toda sua vida até esse momento, tinha-a tratado mal ao conhecê-la, e lhe levava um presente quando deveria lhe haver dado dúzias ao longo daqueles anos; aniversário, festas, dias especiais... os tinha perdido todos. Enquanto estava tentando que Maureen voltasse com ele, sua filha havia crescido na pobreza sem um pai. Foi para a caminhonete, apenas consciente do que fazia.

Horas depois que chegasse a sua casa, as palavras seguiam martelando na sua cabeça, até que pensou que ia enlouquecer. Alegrou-se de não ter nada de álcool, porque estava muito tentado a jogar por terra aqueles anos de abstinência e embebedar-se.

Mas sabia que aquele caminho só conduzia ao desastre, assim que tomou banho e se deitou, tão esgotado pelo estresse que dormiu imediatamente. À manhã seguinte, despertou com febre e náuseas, assim que tomou uma aspirina e voltou para a cama, convencido de que só era um resfriado; entretanto, de noite começou a delirar por causa da febre, e foi incapaz de alcançar o telefone para pedir ajuda. Embora o certo era que não queria fazê-lo; se morria, talvez deixaria de sentir a dor...

—Mamãe! Tem que te levantar!

Sarina despertou imediatamente, completamente alerta, já que estava acostumada a cuidar da Bernadete durante seus ataques.

—Está bem, céu? —perguntou-lhe, enquanto se sentava na cama.

—Sim, mas papai não — lhe disse a menina—. Temos que ir com ele, mamãe, está muito mal... acredito que está morrendo!

—Mas... —Sarina olhou o despertador que tinha na mesinha de noite, e lhe disse—: Céu, são as três da madrugada, tenho que me levantar às sete...

—Por favor!

—Não sei se saberei chegar a sua casa de noite, e estou segura de que está dormido. Poderíamos chamá-lo — sugeri, porque a menina estava muito nervosa.

—Não! Temos que ir agora mesmo, ou morrerá!

A urgência na voz da pequena a convenceu. Bernadette sabia coisas que outros ignoravam, e embora não queria nem pensar no que ia dizer Colby quando se apresentasse em sua casa há àquela hora, ao final cedeu.

Vestiu seu jeans e uma camisa, enquanto Bernadette pegava o uniforme da escola e recolhia seus livros.

—O que faz? —perguntou-lhe Sarina, perplexa.

—Terá que me deixar em casa do senhor Hunter, irei ao colégio com a Nikki — lhe respondeu a menina, com total naturalidade—. Papai está muito mau.

—Vai ficar bem? —perguntou-lhe Sarina, um pouco vacilante.

—Sim, acredito que sim — respondeu a menina, embora fosse óbvio que seguia preocupada.

Sarina suspirou, e fechou a porta quando saíram. Não tinha nenhuma dúvida de que Bernadette estava convencida do que lhe estava dizendo, e sua conexão com o Colby era muito real; de fato, parecia ser algo mútuo, a julgar pelo microscópio que lhe havia comprado a sua filha. Mas esperava que Bernadette se equivocasse sobre o suposto perigo que corria.

O guarda de segurança da porta de entrada as deixou entrar graças às lágrimas da Bernadette, e inclusive as acompanhou à casa do Colby. A menina se dirigiu diretamente para sua porta, com serena confiança, apesar de que nunca tinha estado ali.

—Está muito mal — lhe disse ao guarda de segurança, muito preocupada.

O homem abriu a porta, e lhes disse com firmeza:

—Deixem que eu entre primeiro.

Quando ele entrou na casa, Sarina começou a fazer mentalmente uma lista de bons advogados defensores... O guarda voltou pouco tempo, com expressão de preocupação.

—Sabe que médico o atende? — perguntou-lhe.

Sarina passou por seu lado quase à carreira, e se encontrou ao Colby em sua cama, vestido somente com uma cueca negra, tremendo e empapado de suor. Sua pele estava muito quente ao tato, e seus olhos enfebrecidos.

Sarina se apressou a chamar o Hunter por telefone, e quando ele respondeu ao cabo de alguns segundos, disse-lhe sem preâmbulos:

—Colby está muito doente, tem muita febre e não me reconhece...

—É malária, já lhe aconteceu outras vezes — lhe disse Hunter—. Olhe no estojo de primeiro socorros, deveria haver um frasco de quinina.

Sarina foi ao banheiro, e buscou no estojo de primeiro socorros até que encontrou dois frascos de pastilhas. Um continha calmantes muito fortes para a dor, e o outro, que estava cheio de quinina.

Voltou para telefone, e disse ao Hunter:

—Já o tenho.

—Veja se consegue fazer que engula duas pastilhas, vou para lá.

Sarina foi à cozinha a por um copo de água, e sob o atento olhar da Bernadette e do guarda, conseguiu que Colby engolissem duas pastilhas.

—É malária — lhe disse ao guarda.

—Como pôde contrair malária em Houston? —disse o homem.

—Contraiu-a na África — disse Bernadette, com um tom de voz apagado e cheio de preocupação—. Estava em uma missão.

—Em uma guerra?

—Esteve no exército até faz alguns anos — disse Sarina.

—Às vezes pensamos que conhecemos as pessoas, verdade? — comentou o homem—.

Embora tenha aspecto de ser um tipo duro, assim não é tão surpreendente.

Bernadette acariciou o cabelo escuro e ondulado do Colby.

—Papai... —disse, com voz triste.

Sarina tomou em seus braços, e a apertou contra seu peito com força.

—Vai ficar bem — lhe prometeu. Rogou ter razão,

Já que Colby tinha muito mau aspecto. Voltou-se para o guarda, e lhe disse—: Phillip Hunter, seu melhor amigo, está de caminho. Nós três trabalhamos para a Ritter Oil Corporation, e acredito que Hunter já o cuidou em ocasiões parecidas — e então descreveu ao Hunter, no caso de.

—Vou esperar o à porta, para deixá-lo passar. Você fica?

Sarina assentiu.

O homem revolveu o cabelo a Bernadette, e lhe disse:

—Espero que seu pai fique bem.

—Obrigado — disse a menina, enquanto se secava os olhos.

Quando o guarda se foi, Sarina abraçou a sua filha com mais força e a balançou lentamente. Resultava-lhe doloroso ver assim a um homem são e cheio de vitalidade, e sabia instintivamente que o trauma emocional do dia anterior havia contribuído ao reaparecimento da enfermidade. Colby tinha deixado à jaqueta em sua casa, e os últimos dias tinham sido frios e úmidos. Deixou a Bernadette no chão, e a olhou com preocupação.

—Estou bem, não se preocupe. Posso respirar bem — lhe disse a menina.

Sarina soltou um suspiro carregado de preocupação.

—Tomaste-te seu remédio?

—Sim, enquanto me estava vestindo — com um sorriso, acrescentou—: O medicamento novo funciona de verdade, mamãe.

—Sim, isso parece.

Quando ouviu o som de um carro parando fora, Sarina foi abrir a porta.

—Como vai? —perguntou-lhe Hunter com um sorriso, embora parecesse meio dormido.

—Bastante mal — lhe respondeu ela com sinceridade—. Sabe que Bernadette é sua filha, e ontem teve várias surpresas fortes. Esteve sob a chuva sem a jaqueta, e se esfriou.

—Passou-lhe o mesmo a última vez. Muito estresse e nenhum descanso, e se nega a beber qualquer bebida alcoólica.

—Não o culpo.

Hunter foi ao dormitório. Bernadette estava sentada em uma cadeira junto à cama, com uma mão no braço bom do Colby, e lhe estava sussurrando algo em idioma apache.

—Não tenho que te perguntar se conheceu algum Xamam — comentou Hunter, ao reconhecer o cântico que estava entoando à pequena.

Bernadette levantou o olhar para ele, e sorriu.

—O avô dizia que os remédios estavam muito bem, mas que nunca estava de mais rezar.

—Tinha razão.

Hunter se aproximou da cama e observou ao Colby, que seguia ardendo de febre. Com um suspiro, tirou-se o casaco e disse:

—Vai ser uma noite muito longa.

Hunter e Sarina se foram alternando para banhar ao Colby com uma esponja, para tentar lhe baixar a febre. Hunter chamou um médico amigo dele; embora o homem vivesse no Jacobsville, aceitou imediatamente a ir a Houston para ajudá-los.

—Não pode chamar a alguém que esteja mais perto? — perguntou-lhe Sarina, com curiosidade.

—Sim, mas Micah conhece o Colby há muito tempo e está familiarizado com as febres; de fato, esteve na África conosco, e lhe salvou a vida amputando o braço quando lhe dispararam.

Sarina ficou olhando com preocupação ao recordar de repente que Cy Parks lhe tinha

comentado que havia ido à África com uma equipe para intervir em um conflito armado.

—Não te precipite em tirar conclusões — lhe advertiu ele.

—Parks e você estiveram na África, igual à Colby — disse ela, lentamente.

—Ali estiveram muitas pessoas, algumas delas com o consentimento das agências governamentais. É informação reservada, assim não posso falar do assunto.

—Vá, sinto-o — respondeu ela, aliviada—. Estava recordando algo que ouvi sobre um grupo de mercenários que ajudaram a restaurar o governo de um estado africano... de fato, foi Rodrigo quem me comentou isso.

Hunter recordou que Rodrigo tinha estado com eles naquela missão, mas não pensava dizer-lhe a Sarina. E tampouco ia dizer-lhe a verdade sobre o Colby, porque preferia que ele mesmo a contasse quando estivesse preparado; por outro lado, perguntava-se como reagiria seu amigo ao inteirar do trabalho real da Sarina.

Ao fim de alguns minutos, deixou de passar a esponja pelo rosto e o peito do Colby e disse a Sarina que tinha que ir procurar algo na caminhonete; assim que saiu à escuridão da rua, chamou com o celular ao Micah para lhe avisar de que não dissesse nada sobre o passado do Colby diante dela.

Enquanto observava ao enorme indivíduo loiro que estava examinando ao Colby, Sarina pensou que parecia mais um lutador profissional que um médico; entretanto, era óbvio que sabia o que fazia.

—Enfim, parece que não se fez mais preparado com os anos, não? —comentou Micah, depois de dar uma injeção no Colby—. Sabe o efeito que lhe produz o estresse.

—Ouça, ao menos tem malária em vez de ressaca — disse Hunter.

—Quem tem o título de médico aqui? —perguntou-lhe Micah, com olhos faiscantes.

Hunter o olhou com indignação.

—Sei distinguir a malária assim que a vejo, eu mesmo a tive três vezes.

Micah soltou um bufo e fechou sua maleta.

—Esta vez tem razão, é malária. A febre lhe baixará dentro de um par de dias, assim sigam lhe dando quinina. Poderia lhes dar mepacrina, mas acredito que preferirá ter um ligeiro zumbido nos ouvidos a ficar amarelo.

—Acredito que sim — sorriu Hunter.

—Tentem que não volte a resfriar-se — Micah olhou com curiosidade a Sarina, e lhe perguntou—: vai ficar-te com ele? Ela intercambiou um olhar com o Hunter, e finalmente disse:

—Suponho que sim, ao menos um ou dois dias.

—Que esteja bem hidratado e agasalhado, e lhe dê quinina cada quatro horas. As instruções estão no frasco.

—Muito bem — disse ela.

—Não é Maureen — comentou o médico, com os olhos ligeiramente entreabertos.

O rosto de Sarina se fechou em banda, e seus olhos brilharam com aborrecimento.

—Não, não o sou, graças a Deus.

—Amém — disse o homem, fazendo caso omissso da expressão de preocupação do Hunter—. Esteve a ponto de destruí-lo.

—Sarina foi sua primeira mulher — lhe disse Hunter.

Micah abriu os olhos arregalados, completamente atônitos.

—O que?

—É a mãe de sua filha, a menina que está na sala de estar — acrescentou Hunter.

Micah se levou a mão à frente, e ficou olhando a seu amigo.

—Acredito que preciso descansar, porque me pareceu ouvir que tem uma filha. Como é possível, se for estéril?

—Não o é — disse Sarina, com firmeza —. E se tivesse visto minha filha, não teria nenhuma dúvida, porque são iguais.

—Já a vi e me dei conta de que se parecem muito, não estava questionando sua palavra — lhe disse Micah—. Mas, se tivesse conhecido ao Colby quando...

—Acredito que não a tempo de ficar a contar histórias — lhe interrompeu Hunter com firmeza. Micah lhe lançou um rápido olhar, e entendeu a indireta.

—Sim, é verdade. Tenho que ir a casa, minha filha tem um ano — disse a Sarina—. Não há nada como ter filhos para fazer ainda mais feliz a um matrimônio.

Sarina voltou a ficar totalmente inexpressiva, e Micah fez uma careta.

—Acompanhar-te-ei à porta — disse Hunter.

—Obrigado — Micah olhou a Sarina, e lhe disse com um sorriso —: vai ficar bem.

—Obrigado — respondeu ela.

—De nada, Colby é um bom tipo.

—Sim, já sei — disse ela, esboçando um sorriso.

—Supunha-o, tendo em conta que tiveram uma filha juntos — brincou ele, antes de tomar sua maleta e sair da habitação com o Hunter.

Bernadette se levantou de um salto do sofá, e se aproximou do médico.

—Vai ficar bem meu papai? —perguntou-lhe rapidamente.

Micah olhou aqueles olhos escuros carregados de preocupação, tão parecidos com os do Colby, e sorriu.

—Sim, vai ficar bem.

—Obrigado — lhe disse ela, com um tímido sorriso.

O lhe revolveu o cabelo, e respondeu:

—De nada. Pode entrar e vê-lo, se quiser.

—Obrigado! — disse ela, e saiu correndo para o dormitório.

Micah se voltou para o Hunter, e assentiu. Não havia nenhuma dúvida de que era a viva imagem de seu pai.

—Por que me interrompeu? — perguntou o médico ao Hunter, quando chegaram a seu Porsche.

—Sarina não sabe a verdade sobre o passado do Colby, ele já o contará quando estiver preparado.

Micah franziu o cenho.

—Não fizemos nada mau. Fomos idealistas, fizemos muito bem.

—Já sei, mas não entende a situação. Ela não é o que parece — disse, sem entrar em detalhes —. Acredite, quando souberem a verdade um do outro, vão estalar foguetes.

—Callie e eu tivemos nossos próprios foguetes — disse Micah, com um enorme sorriso—. E agora acreditamos que está grávida outra vez.

—Felicidades — lhe disse Hunter—. Jennifer e eu também pensamos que esperamos outro filho.

Micah soltou um assobio suave, e comentou:

—Deve ser a água.

Hunter se pôs a rir.

—Sim, pode que sim.

Bernadette permaneceu sentada com sua mãe no dormitório do Colby, e quando Hunter voltou, foi procurar seus livros, porque ia ficar com a Jennifer e com a Nikki até que sua mãe voltasse para casa. Sarina tinha negado a ir-se, apesar de que Hunter lhe havia dito que ele podia cuidar do Colby caso ela preferisse ir-se.

—Você tem que te ocupar de outras coisas — lhe recordou ela com firmeza—. Cuidei do pai do Colby e trabalhei ao mesmo tempo, e é mais fácil que eu possa tomar vários dias livres.

Hunter a olhou com sagacidade, e lhe perguntou:

—Seu interesse é totalmente indiferente?

Sarina tragou com dificuldade, e apartou o olhar.

—Foi meu marido — disse com voz suave.

—Em sua mente, segue sendo-o — disse Hunter. Ao ver sua expressão surpreendida,

acrescentou—: Se não me acredita, lhe mencione ao Rodrigo e espera à explosão.

Ela se esclareceu a garganta, e disse com firmeza:

—O que passa é que não se dão bem.

—Venha já, está ciumento. Isso é parte do que lhe passa. Olhe o fato de que se enfrentou a um golpe assim sem recorrer à garrafa, deveria te dizer algo. Faz anos, um mau dia bastava para que se embebedasse, mas agora não quer arriscar-se a recair, pela Bernadette e por você. Preferiria morrer.

—Não tentará...? —começou a dizer ela, subitamente aterrada.

—Não, Colby não — lhe disse Hunter—. Acaba de descobrir uma razão para viver; ultimamente, só fala da Bernadete.

—De verdade? — perguntou-lhe a menina da porta, com os olhos cheios de assombro.

—De verdade — lhe assegurou Hunter—. Sabe desenhar muito bem, canta como os anjos e fala espanhol, está muito impressionado.

Bernadette sorriu de orelha a orelha, encantada.

Sarina a abraçou com força, e lhe disse:

—Comporte-se bem com a Jennifer, eu cuidarei de seu pai. De acordo?

—Certo.

—Tem seus remédios e o inalador?

A menina assentiu.

—Muito bem, céu. Adeus.

—Boa noite, mamãe.

—Voltarei assim que deixe a Bernadette em casa — lhe disse Hunter.

—Posso cuidar disso só umas horas. Você tem muito trabalho e eu não sou tão necessária no escritório, podem arrumar sem mim; e tampouco sou essencial para o outro ainda.

—Certo, então iremos alternando. Chamarei o Cy para que venha, ou poderia avisar ao Rodrigo...

Sarina arqueou uma sobrancelha, e comentou:

—Rodrigo banharia ao Colby com água fervendo, e lhe daria cicuta para beber.

—Rivais até o fim — disse Hunter, com uma gargalhada.

—Somos companheiros — protestou ela.

—Isso te acredita. Venha, Bernadette, vamos. Voltarei pela manhã, necessita que te traga algo?

—Sim, suco de laranja e aspirinas.

—Feito.

Quando Hunter e Bernadette partiram, Sarina se sentou em uma cadeira junto à cama do Colby. Ao cabo de alguns minutos, ele começou a sacudir-se e a mover-se inquieto; seu corpo poderoso estava molhado de suor, tinha o cabelo murcho e úmido, e seus olhos abertos estavam cegos. Quando ela se levantou e lhe pôs com cuidado uma mão no ombro para comprovar sua temperatura, ele soltou um gemido; ao parecer, uma febre tão alta provocava que até o toque mais suave resultasse doloroso.

Sarina franziu o cenho, muito preocupada. Todo mundo dizia que ia ficar bem, mas era horrível permanecer ali sem poder fazer nada, presenciando sua agonia com impotência; além disso, em certo modo se sentia culpado de que ele tivesse recebido golpes tão terríveis em tão pouco tempo.

No passado, tinha sonhado sacudindo-o com a verdade de sua crueldade, mas na prática não lhe tinha proporcionado nenhuma satisfação. Ele não havia dito a Maureen que não queria saber nada dela nem do filho que esperava, nem sequer se havia informado de que o havia chamado.

Sarina fechou os olhos ante a quebra de onda de dor que a alagou. Maureen tinha mentido, aquela mulher tinha destruído vidas e tinha pisoteado a todo aquele que se interpunha em seu caminho, sem sentir nenhum pinga de compaixão ou de remorsos.

Sabia que Colby tinha amado a aquela mulher, e que inteirar-se de sua crueldade tinha aprofundado ainda mais suas feridas emocionais. Doía-lhe ver o preço que ele havia tido que pagar por sua obsessão com a outra mulher, porque era óbvio que tinha sido uma teimosia. Certamente sua devoção pela Maureen tinha estado apoiada principalmente em um desejo ardente, ou possivelmente havia sido seu orgulho o que lhe impediu de admitir o tremendo engano que cometeu ao casar-se com ela.

Ele se deu a volta até tombar-se de costas, e com os olhos entrecerrados e o lábio ressecado ofegou:

—Sede. Tanta... sede.

Sarina foi à cozinha, e juntou água e gelo picado em um copo. Ao voltar para dormitório, sentou-se junto a ele e lhe levantou com cuidado a cabeça para que pudesse beber um pouco. Ele gemeu e tomou vários goles, completamente sedento, e quando terminou, ela voltou a lhe baixar a cabeça e deixou o copo a um lado.

Ao dar-se conta de que o travesseiro se estava caindo, Sarina deslizou a mão por debaixo para colocá-la bem e ficou gelada. Rapidamente, tirou a pistola que havia debaixo, e depois de comprovar que a trava de segurança estava posta, meteu-a em uma das gavetas da mesinha de cabeceira. Era uma Glock de calibre quarenta, provavelmente a que Colby levava no trabalho, e estava carregada. Não lhe havia ocorrido pensar que ele dormia com uma pistola sob o travesseiro, mas não era muito surpreendente, porque era algo que faziam muitos militares e policiais.

Foi trocar a água da bacia e a por uma toalha e um pano limpos, e voltou a banhá-lo com água fresca e a secá-lo bem para que não se esfriasse. Quando passou a toalha por seu musculoso peito e foi descendo por seu estômago, Colby se arqueou sensualmente e soltou um gemido. Nesse momento, Sarina notou uma mudança súbita em seu corpo, e sentiu que se acalorava. Esperou alguns segundos para poder recuperar a compostura, e então centrou sua atenção em seus braços e em seu pescoço.

—Não sabia — sussurrou ele, entre dentes—. Não sabia...!

Sarina lhe aconteceu o pano úmido pelo rosto suado, enquanto tentava acalmá-lo.

—Tranquilo Colby. Não passa nada.

Ele se moveu inquieto, e sua respiração se acelerou. — Maldito Ramírez! Não pode... tê-la... é minha!

—Colby... —sussurrou ela, atônita.

Seus olhos se abriram, e a olhou sem vê-la.

—Não a deixarei partir — disse, com brutalidade—. Nunca mais! Minha filha... minha menina... deveria me odiar! — sua voz se quebrou, e voltou a arquear-se —. Maldito seja!

—Colby, não... —sussurrou ela com suavidade, enquanto lhe acariciava a bochecha.

De repente, Colby a segurou e a tombou na cama junto a ele. Cobriu-lhe os quadris com uma perna, e piscou ao olhá-la com expressão de confusão.

—Sarina? — sussurrou desorientado.

—Tem malária — lhe disse ela com ternura, antes de elevar a mão e lhe acariciar o queixo.

—Malária... — Colby duvidou por alguns segundos, enquanto se esforçava por respirar—. Malária — fechou os olhos, e acrescentou—: Sinto-me tão débil...

—Vai pôr-te bem. Viu-te um médico, e deu mais remédios. Passará-te.

—Tenho... calor — Colby a soltou, e se deitou de costas na cama—. Muita sede.

Sarina desceu da cama pelo lado oposto, e a rodeou para ir pelo copo de água.

—Beba — se sentou junto a ele, e lhe ajudou a levantar a cabeça para que bebesse.

Colby tomou vários goles, e de repente se estremeceu.

—Frio... —gemeu—, tenho frio — abriu os olhos, observou-a enquanto ela deixava o copo sobre a mesinha, e sussurrou—: Esquente-me, deita comigo.

Sarina duvidou por um momento, mas ele voltou a segurá-la, ajudou-a a deitar a seu lado e a apertou contra seu corpo. Voltou a sacudi-lo um estremecimento violento de pés a cabeça.

—Me abrace.

Sarina sabia que não era uma boa idéia, mas foi incapaz de resistir. Com um longo suspiro, estirou-se completamente ao longo de seu corpo, rezando para que as costuras de seu jeans não lhe provocassem arranhões na pele nua das coxas. Deixou que ele a apertasse contra seu corpo febril, e detrás rodeá-lo com os braços, apoiou a cabeça em seu ombro. Colby se estremeceu uma última vez, e depois relaxou com um suspiro. Segundos depois, sua respiração se normalizou e Sarina se deu conta de que estava dormindo. Disse-se que deveria levantar-se, quis fazê-lo, mas a sensação de seu braço rodeando-a com ternura e a novidade de estar deitada junto a ele a superaram. Fechou os olhos, e também dormiu.

Despertou com uma risada afogada, e se deu conta de que tinha um peito largo e peludo sob sua cabeça. Não estava em sua cama, estava... onde estava?

Começou a levantar a cabeça, e se encontrou com os enfebrecidos olhos do Colby fixos nela.

—Se tiver planejado te aproveitar de mim, preferiria que esperasse a que me passem os calafrios e a febre — lhe disse ele com voz rouca.

Sarina franziu os lábios, e comentou:

—Suponho que te está perguntando o que faço aqui.

—Onde? Em minha casa, ou em minha cama? — perguntou-lhe ele, tentando brincar.

—Bom, suponho que nos dois lugares.

Colby inalou bruscamente ao recordar o que havia acontecido.

—Resfriei-me... voltei a ter malária?

—Sim, Hunter e eu nos alternamos para te cuidar.

Colby arqueou uma sobrancelha e baixou o olhar para seus corpos, que estavam muito juntos.

—Ele também dormiu comigo? —perguntou-lhe.

—Não diga tolices.

—Até agora eu não gostava dos mosquitos, mas parece que a malária tem um benefício inesperado — disse ele com um sorriso, enquanto percorria sua bochecha com um dedo, até chegar a sua boca.

—Tinha frio — se apressou a lhe dizer ela.

Colby baixou a vista para os lençóis, que estavam aos pés da cama.

—Não foi minha culpa, agarrou-me e te negou a me soltar! —protestou ela.

—Acaso estou me queixando? — Colby se inclinou um pouco e lhe beijou o nariz, mas a dor retornou assim que se moveu e soltou um gemido—. Sentirei-me melhor durante alguns minutos - disse, com voz rouca, enquanto o sacudia um calafrio.

Sarina se separou dele e se levantou.

—Pode comer algo?

—Não sei. Acredito que não tenho tanta febre, mas a dor e as náuseas voltaram — fechou os olhos, e começou a tremer.

—Quer um pouco de leite?

—Não posso beber leite, tenho intolerância à lactose — disse ele.

—Igual à Bernadette — comentou ela, sem pensar.

—Bernadette... minha filha, minha pequena — Colby voltou a gemer, quando a dor emocional o golpeou com força.

Sarina não soube o que dizer.

—Por que vive naquele bairro tão pobre? E não me venha com o dos prejuízos.

—Bernadette tem asma — lhe respondeu ela, com sinceridade—. Até recentemente, cada vez que tinha uma manha de criança tínhamos que ir correndo a Urgências, mas lhe puseram um tratamento que parece acautelar os ataques, ao menos até agora. Gasto muito em cuidados médicos.

—Eu tinha asma de menino, mas ao final me passou. Talvez lhe aconteça o mesmo — a olhou com atenção, e acrescentou—: Diz que o problema aparece quando tem manhas de criança... como quando a fiz chorar ao princípio?

Sarina se ruborizou, e ele voltou a gemer.

—Meu Deus, meus pecados seguem e seguem, verdade?

Sarina se sentou junto a ele na cama, e o olhou com doçura.

—Tiveste muitas impressões, mas tem que deixar de olhar atrás. É muito importante para a Bernadette, e está desejando ter um pai. Tem que olhar para diante.

—Mereço estar no inferno, Sarina.

—Não é tão mau como acreditas, não sabia o que estava passando... embora tentei dizer isso

—Deveria ter ido ver-te, embora só fosse para comprovar que estava bem, mas a África me trocou. Depois, bebia tanto...

—Mas já não o faz — o interrompeu ela—. Ontem à noite tinha a desculpa perfeita para te refugiar em uma garrafa, mas não o fez.

—Estou farto de tentar me evadir de meus problemas, agora tenho responsabilidades.

Sarina arqueou as sobrancelhas.

—O primeiro que terá que fazer é te tirar do buraco em que vive, e depois iremos compra as duas tudo o que precisem - disse ele, com tom firme.

Sarina lhe pôs os dedos na boca para que se calasse.

—O primeiro é que ponha bem, e depois discutiremos sobre se for permitir que assuma o controle de nossas vidas — o corrigiu.

—Cuidado, eu gosto de discutir com você — lhe disse ele, com olhos faiscantes.

—Acreditas que me conhece, mas está muito equivocado — brincou ela.

—Isso acredita? — Colby se tragou outro embate de náusea, e voltou a estremecer-se —. Maldita enfermidade... abandonei-a na época em que estava grávida, e embora haja diferentes variedades, me tocou a que não tem pai. Sempre terei recaídas, se fizer a estupidez de ficar sob a chuva sem um casaco.

—Não voltará a fazê-lo - disse ela.

Ao Colby gostou muito sua segurança, e sorriu apesar do mal que se encontrava.

—Sarina, te teria avassalado faz sete anos — lhe disse com voz suave—. Dá-te conta agora?

Ele era um homem com uma personalidade muito forte, e ela tinha sido total e o havia idealizado de jovem.

—Sim, acredito que sim.

—Como soube que estava doente? —perguntou-lhe ele de repente.

—Bernadette despertou às três da madrugada — lhe disse, muito séria—. Disse-me que estava muito mal e que tínhamos de vir a ver-te, convenceu ao guarda a nos deixar entrar e depois veio diretamente a sua casa. O guarda nos abriu, e chamei o Hunter. A menina vai ficar com a Jennifer e com há Nikki alguns dias.

—Se eu fosse você teria me deixado aqui sozinho até que morresse.

Sarina posou a mão em seu ombro, e lhe disse:

—Não teria podido fazê-lo, com a Bernadette chorando desconsolada. Sentou-se a seu lado e cantou enquanto Hunter e eu falávamos de chamar o médico.

—Cantou-me?

—É que não te lembra de que seu avô era um Xamam? Ensinou-lhe suas técnicas de cura, acreditava que a quinina teria sido suficiente para te salvar?

—Sabe de onde herdou essa voz tão bonita? Minha mãe cantava como um anjo e estava acostumado a sentar-se a meu lado quando estava doente, e cantava para que me curasse. Morreu quando eu tinha seis anos — acrescentou com voz rouca—. Meu pai bebia muito, e não se deu conta de que tinha pneumonia... morreu enquanto ele dormia a profundamente depois de uma farra de três dias. Ajudei a meus primos a reunir suas coisas e às queimar depois do enterro, e como meu pai seguiu refugiando-se no álcool, acabei indo a viver com um primo. Depois disso, nossa relação foi muito problemática.

—Sim, já sei, contou-nos toda a história — lhe disse ela—. Sabia por que não te punha em contato com ele — acrescentou com voz rouca—, que o merecia por deixá-la morrer e por te deixar sozinho. Também me disse que o melhor o que estava fazendo pela Bernadette serviria

para pagar por seus equívocos, embora fosse pouco.

Capítulo 9

Incapaz de falar, Colby fechou os olhos enquanto tentava ocultar a Sarina o muito que tinham doído suas palavras. Não havia tomado a iniciativa de fazer as pazes com seu pai, e embora desejasse havê-lo feito, já era muito tarde.

Sarina deixou que voltasse a dormir, e quando Hunter chegou várias horas depois, voltou para sua casa para tomar banho e preparar uma bolsa com um pouco de roupa.

A aparente cura do Colby tinha sido um milagre, e pela tarde a febre voltou a subir e os tremores se intensificaram. Sarina e Hunter se alternaram para cuidá-lo, embora ele fosse umas horas ao escritório para assegurar-se de que o empregado que tinha deixado ao cargo tinha a situação controlada. Sarina se negou a deixar ao Colby, e se limitou a dar alguns cochilos aos pés da cama quando não estava lhe administrando os remédios, dando suco de laranja ou refrescando-o com uma esponja.

Estava muito preocupada, porque ele não deixava de gemer e de tagarelar em sonhos. Falava da África e de um tiroteio, da Bernadete, e ficava furioso ao reviver uma espécie de interrogatório com alguém que parecia ser um terrorista. Nada do que dizia havia sentido, a não ser que estivesse recordando a época em que tinha trabalhado para o governo.

Sarina falou com a Bernadette por telefone e lhe assegurou que tudo ia sair bem, enquanto rogava que fosse assim. Nunca antes tinha visto um ataque de malária, e nunca esqueceria a experiência.

O quarto dia, Colby começou a melhorar e Hunter anunciou com alívio que o pior já havia passado. Já só era questão de descanso e boa comida.

Colby deu conta de que necessitava desesperadamente tomar um banho, e a sensação lhe recordou de forma muito vívida a como havia sentido quando estava imerso no álcool, quando não lhe importava se vivia ou morria, ou se emprestava. Mas nesse momento as coisas eram diferentes, porque tinha a responsabilidade de uma família.

Moveu-se trabalhosamente até a borda da cama, e ao levantar-se cambaleou um pouco. Não tinha dado conta de quão débil estava até que as pernas tinham começado a tremer.

Foi ao banheiro, e depois de abrir a torneira da ducha, apoiou-se contra a parede para não perder o equilíbrio, enquanto respirava fundo e amaldiçoava sua moleza.

—O que acredita que está fazendo? — perguntou-lhe Sarina, que levava uma xícara de café e um prato com torradas nas mãos—. Trouxe-te algo para comer!

—Comerei isso depois, antes tenho que tomar banho — lhe disse ele, com voz rouca—. Pode trocar os lençóis enquanto isso? As roupas limpas estão no armário.

Sarina se aproximou dele e fechou a ducha, baixou a tampa da privada e o ajudou a sentar-se nela.

—Você fique aqui quieto enquanto eu me ocupo de tudo.

Colby obedeceu, divertido ao ver-la mandona e segura de si mesmo que se tornou. Quando voltou, observou-a com um brilho travesso no olhar, embora não deixou que ela o visse.

—Ficarei fora, justo diante da porta — lhe disse ela—, e se não ter tantas forças como cria...

—Não posso permanecer de pé na ducha eu sozinho, e muito pior apoiar na parede e me

ensaboar só com uma mão — comentou-o, enquanto assinalava seu coto. A verdade era que sim que podia fazê-lo, mas tinha motivos ulteriores.

—Bom... —disse ela, indecisa.

—Terá que te colocar na ducha comigo, se não ser muito trabalho — acrescentou Colby, com o olhar encurvado—. Entendo que um homem nestas condições te pareça repulsivo.

Sarina sentiu que lhe encolhia o coração, e exclamou:

—Claro que não!

Colby se sentiu eufórico.

—Então, vai ajudar-me?

Sarina limpou a garganta, sem responder, e ele se levantou e se aproximou dela.

—Me diga o que te passa.

—Em toda minha vida, só tirei a roupa diante do médico. Nem sequer o fiz diante de você aquela noite, porque estava escuro.

O rosto do Colby se suavizou.

—Me passa o mesmo — confessou —. Já sabe que os apaches são muito pudicos por natureza, inclusive de menino me punha o traje de banho quando ia nadar com outros na época da monção —sorriu ao recordar quão escassa era a água nos rios da reserva.

A expressão tensa da Sarina se relaxou um pouco, mas ao ver que seguia sem estar convencida, Colby se aproximou mais a ela e a olhou com expressão séria.

—Eu não gosto de me sentir sujo — insistiu —. Além disso, acaba-me de pôr lençóis limpos, deixaria as sujas se me metesse na cama assim, não acredita?

—Sim, suponho que sim — Sarina sentiu que o coração o martelava no peito, e perguntou se ele se deu conta.

Colby lhe percorreu a bochecha com a ponta de um dedo.

—Estivemos casados, e me deu uma filha — lhe recordou.

Ela soltou um suspiro fatalista, e cedeu.

—Certo, mas tenta não te dar conta o quanto vermelha que me ponho.

Colby soltou uma gargalhada, abriu a torneira da ducha e comprovou a temperatura. Depois de tirar a cueca, meteu-se sob a água e apoiou a mão na parede, sem deixar de dar as costas a Sarina.

—Não demore muito, estou um pouco cambaleante — lhe disse, com total sinceridade.

Sarina vacilou por um segundo depois de tirar a blusa, as calças e os sapatos, mas então ele cambaleou visivelmente e soltou uma maldição, e a preocupação superou a vergonha. Tirou a roupa interior e a deixou com o resto de sua roupa sobre um móvel, agarrou um par de toalhas de mão e entrou na ducha.

Colby a percorreu com o olhar, fascinado pela perfeição de seu corpo, desde seus seios plenos e firmes coroados com seus escuros mamilos, até a curva de sua cintura. Suas maçãs do rosto se tingiram de vermelho, e esperou estar muito fraco para que a súbita quebra de onda que o alagou se refletisse fisicamente.

Era uma esperança vã, já que levava muito tempo sem estar com uma mulher.

Sarina baixou os olhos com acanhamento ao ver sua expressão ardente, e ao encontrar-se com a maior diferencia física que havia entre eles, ruborizou-se e levantou o olhar a toda pressa até seu peito musculoso.

—Suponho que terá visto algum que outro homem nu em alguma revista — lhe disse ele.

Ela tragou com dificuldade, e lhe deu uma das toalhas.

—Como você, não.

Colby se pôs a rir, encantado com sua resposta, e jogou a pequena toalha ao ombro enquanto abria o pote de sabão.

—Tem um aroma bastante masculino, mas teremos que nos arrumar pode me ensaboar as costas?

—Cla... claro.

Sarina ficou mãos à obra. A larga costa do Colby estava cheia de cicatrizes, e não pôde evitar

fazer uma careta de dor enquanto as percorria com a toalha ensaboada.

—Leva a história de sua vida nas costas — lhe disse, com tristeza.

Colby se esticou imediatamente, já que se havia esquecido das cicatrizes.

—Dão-lhe asco? — perguntou-lhe.

—Colby, não seja tolo — disse ela, com voz triste —. Sabe que não é isso.

Ele estava um pouco complexado por aquelas marcas, e sua resposta o tranqüilizou.

—Suponho que algo é algo — comentou.

Sarina sentiu uma estranha sensação ante sua óbvia insegurança, já que parecia algo muito estranho em um homem tão seguro de si mesmo e tão masculino. Sorriu enquanto sua mão descia para a firme curva de seu traseiro, e sua mão vacilou um segundo.

—Sedutora — a provocou ele.

—A anatomia nunca foi um de meus fortes — disse ela, com um suspiro.

—Pois esta é a oportunidade perfeita para te pôr ao dia — brincou ele.

Sarina se pôs a rir, e baixou a toalha pela parte posterior de suas pernas. Sua musculatura era tão dura, que era como tocar o tronco de uma árvore.

—Suponho que ainda faz exercício diariamente, não? — comentou.

—Tenho que fazê-lo. Embora esteja em outro tipo de trabalho, segue sendo muito físico. Quando trabalhava para o Hutton, tive que me encarregar de ladrões e até de terroristas uma ou duas vezes. Faz três anos, tivemos um tiroteio com alguns assassinos justo nos subúrbios de Washington.

Sarina mordiscou o lábio inferior, e disse:

—Não sabia que fora tão arriscado.

—Só o é se baixas o guarda — comentou ele —. Nos velhos tempos, bebia muito, e pilhei a malária porque me esqueci de tomar a dose de quinina várias vezes. Também perdi o braço por culpa do álcool.

—Mas não bebeu nenhuma gota quando se inteirou do da Bernadete.

—Não podia lhe fazer algo assim — admitiu-o, com voz rouca—. Sarina, não sou um pai exemplar, mas não vou voltar a beber jamais, porque não quero pô-la em nenhum tipo de perigo. Nem a você tampouco — se voltou para ela, e a olhou com uma expressão muito séria enquanto a água caía sobre eles. Tirou-lhe a toalha com suavidade, e disse com voz tremente—: Agora me é a minha vez.

Quando Colby começou a ensaboá-la, o roce de sua mão e a carícia da toalha fizeram que os seios da Sarina se endurecessem imediatamente. Ao ver que ela se ruborizava, ele disse com suavidade:

—Não está acostumada a que lhe toquem.

—Não — admitiu-a.

—Pobre Rodrigo, não sente saudades que pareça tão magro e desesperado.

O rubor da Sarina se intensificou quando Colby começou a descer por seu estômago plano.

—Não sinto nada... especial com o Rodrigo.

Colby se deteve por um momento, e a olhou o rosto para ver a verdade em seus olhos.

—Alguma vez?

—Nunca.

—Comigo sim que vai sentir algo especial — lhe assegurou ele, com suavidade.

—Está muito seguro disso, verdade? — comentou ela, tentando aliviar o ambiente.

Colby voltou a mover a mão, sem apartar o olhar de seu rosto.

—Completamente seguro.

Fez-a voltar-se com cuidado para lhe lavar as costas, e ao senti-lo atrás dela de forma tão íntima, com a água caindo sobre seus corpos, Sarina sentiu um desejo quase doloroso. Desejava voltar-se para ele, e apertar seu corpo contra o seu.

Colby era o bastante experiente para notar sua reação, mas não queria arriscar-se a apressar as coisas. Deu-lhe a toalha para que a enxaguasse, e depois tomou o pote de xampu. Colocou-a debaixo do jato de água, jogou-lhe um pouco de xampu no cabelo e, depois de voltar a deixar o

pote em seu lugar, começou a lhe lavar sua larga cabeleira loira.

—Desembrulha-te muito bem — comentou-a.

—A gente aprende a arrumar-lhe quando se tem uma invalidez.

—Claro.

Colby fez que voltasse a colocar-se sob a água para retirar o xampu do cabelo, e quando acabou, ocupou seu lugar.

—Seu turno — lhe disse.

Sarina tornou xampu na mão, mas quando voltou a deixar a garrafa em seu lugar, deu-se conta de que teria que ficar nas pontas dos pés para chegar a seu cabelo, porque ele era muito mais alto. Quando o fez, seus corpos se tocaram com uma intimidade que não tinham compartilhado na noite que tinham concebido a Bernadette.

A reação do Colby foi um pouco desconcertante; assim que seus seios tocaram suas costas, ficou totalmente rígido e gemeu de forma audível.

Ela ficou gelada, com as mãos em seu cabelo, e sua expressão de surpresa se encontrou totalmente com os olhos escuros e brilhantes dele.

—Faz muito tempo que não estou com uma mulher — admitiu ele, com voz rouca.

Ela vacilou por alguns segundos, e finalmente disse:

—Faz... faz mal?

Colby deslizou sua mão até a base de suas costas, e a atraiu com força contra si.

—Isto que faz mal — lhe disse, pressionando seu membro ereto contra seu ventre.

Sarina entreabriu os lábios, e se estremeceu ante seu forte físico, que lhe resultava um pouco intimidante.

—Teve a Bernadette de forma normal, verdade? — perguntou-lhe ele com voz tensa.

Quando ela assentiu, as maçãs do rosto do Colby voltaram a alagar-se de cor.

—Talvez pudesse te penetrar completamente sem dor, depois de tudo — acrescentou ele, em um tom suave e sensual.

A mente da Sarina se alagou de imagens eróticas; estava tão perto dele, que já estava virtualmente vibrando de desejo. O olhar em seu rosto duro, somada às vívidas imagens que desenhavam suas palavras em sua imaginação, fizeram que se ruborizasse e que a percorresse um calafrio.

Colby retrocedeu até colocar-se de novo sob o jato de água, e lavou o cabelo; segundos depois, inclinou-se e cobriu lentamente seus lábios entreabertos com sua boca. Roçou seu lábio superior e deslizou a ponta da língua por debaixo de forma provocadora, excitando-a, enquanto uma de suas poderosas pernas se colocava pouco a pouco entre as suas em um movimento sensual. De forma instintiva, Sarina quis lhe facilitar as coisas, e ao abrir um pouco as pernas ofegou quando ele apertou intimamente seu corpo contra o seu.

Ao sentir sua resposta imediata, Colby abriu a boca sobre seus lábios e aprofundou o beijo. Sarina gemeu ante a intensidade da carícia, e seu corpo começou a estremeecer-se pela força do desejo que sentia por ele.

Colby se apartou um pouco, fechou a torneira da ducha e segurou um par de toalhas. Depois de que se secassem um ao outro, lhe deu o secador sem dizer uma palavra, enquanto a olhava com uma expressão eloqüente.

Sarina logo que podia respirar. Embora sentisse certo temor residual ao recordar a dor que tinha sentido anos atrás, a seu corpo não parecia lhe importar, porque estava desejando deitar na cama junto a ele e lhe deixar fazer o que quisesse.

Tanto a tensão do corpo do Colby como o brilho de seus olhos enquanto ela acabava de secar seu cabelo escuro e sua própria cabeleira loira revelava que ele sabia o que ela estava pensando. Quando lhe tirou o secador das mãos e o desconectou, ela fez um gesto vacilante para sua roupa, mas ele a deteve e a aproximou de seu corpo.

Sarina foi incapaz de resistir. A curiosidade e o desejo se mesclaram em seu interior, e a deixaram indefesa.

—Não vai doer-te. Vêem aqui — lhe disse ele, completamente tenso.

Beijou-a com uma paixão desenfreada, devorando sua boca enquanto sua mão se deslizava por seu corpo, provando o suave peso de seus seios e a textura aveludada de sua pele. De repente, inclinou-se e cobriu um de seus duros mamilos com os lábios e começou a sugar.

Sarina ofegou e se arqueou contra ele. O prazer era enlouquecedor, incrivelmente estimulante, incontrollável. Não queria que ele se detivesse, e o desejo alagou cada uma de suas células quando sua boca descendeu até seu ventre.

Segundos depois, tirou-a pela mão e a conduziu para o dormitório. De alguma forma, lembrou-se de fechar a porta antes de aproximar-se da cama.

—Colby, não deveríamos... — Sarina ficou sem palavras quando ele a fez deitar-se de costas e se colocou a seu lado.

—Eu gostaria de ser racional, mas acredito que não tenho tempo... OH, Sarina! — sussurrou ele, enquanto começava a percorrer seu corpo tenso com os lábios.

A forma em que a tocava e o doloroso desejo que provocavam as carícias de sua boca em sua pele pareciam quase indecentes. O prazer foi crescendo, e Sarina se estremeceu e se retorceu sob suas peritas carícias. Nunca se havia sentido tão fora de controle, tão desesperada, nem sequer aqueles maravilhosos minutos em sua noite de núpcias que depois tinham deixado caminho à dor.

Apesar de seu próprio desejo desesperado, Colby a acariciou lentamente, com ternura, e se assegurou de que ela estivesse excitada e pronta para ele antes de cobrir seu corpo tremente com o seu.

—Não vou fazer te dano — sussurrou sobre sua boca, enquanto se colocava entre suas pernas—. Não importa o que me custe, não vou fazer te dano. Confia em mim.

Sarina lhe cravou as unhas nos ombros quando sentiu que ele começava a penetrá-la lentamente. Colby levantou a cabeça para olhá-la, e ao ver o brilho de medo em seus olhos, sussurrou-lhe com ternura:

—Nunca te faria mal a propósito, embora me custasse à vida, e não penso saciar meu desejo de forma egoísta, sobre tudo agora.

Colby fechou os olhos ao sentir uma quebra de onda de prazer enquanto a penetrava mais profundamente, e sentiu que ela ofegava e o apertava com mais força contra seu corpo.

—Deu-me uma filha... — acrescentou, estremecendo-se de prazer.

Sarina sentiu uma sensação indescritível ao sentir seu corpo enchendo a de forma tão íntima, e suas unhas curtas se cravaram em seus ombros enquanto se arqueava para ele e saboreava aquele contato cada vez mais profundo. Tinha esperado sentir dor apesar de suas palavras tranquilizadoras, mas o único que sentia era um intenso prazer que se alimentava a si mesmo enquanto os movimentos lentos e tenros do Colby se faziam cada vez, mas prazer.

—Está bem? — sussurrou ele, sorrindo ao sentir sua resposta entusiasta.

—É... é incrível — ofegou ela, estremecendo-se com cada uma de suas investidas.

—Pois logo que começamos — lhe disse ele, com voz rouca.

Sarina abriu os olhos de par em par para ouvir aquilo. O prazer se estava apropriando dela, e a estava elevando para algum ponto intangível que estava um pouco mais à frente, justo ao alcance de seus dedos. Fixou o olhar no rosto do Colby, mas suas reações apenas se registraram em sua mente, porque seu corpo inteiro estava centrado nos profundos movimentos que foram intensificados, na tensão que se acrescentou até que começou a estremecer com cada ascensão e baixada de seus poderosos quadris. Sua boca se abriu sem emitir som algum, e se moveu com mais e mais força e exigência enquanto tentava alcançar aquele nível superior de prazer que certamente ia matar-la.

—Tranquila, não temos pressa — sussurrou ele, sujeitando-a pelos quadris.

—Não posso suportá-lo mais — ofegou ela, com um soluço—. Por favor... !

Colby sorriu com ternura, porque ela não sabia o que estava a ponto de acontecer e só pensava em termos de uma satisfação imediata; entretanto, ele não estava pensando nos segundos seguintes, há não ser nos minutos que ficavam por diante, e a suave cadência ondulante que incrementava o segundo prazer a segundo.

Apoiou-se em um cotovelo, tão imerso na paixão cega que sentia por ela, que logo que notou a falta do braço, e deslizou a mão para baixo até chegar ao centro de sua feminilidade. Acariciou-a lentamente, com ternura, enquanto seus quadris se apertavam ainda mais contra as suas.

Sarina o olhou com incredulidade quando os suaves movimentos de seus dedos a lançaram mais à frente do limite da prudência, e se inundou em uma ardente agonia de satisfação enquanto soluçava contra sua boca.

Quando seu corpo se relaxou, sentiu um pouco de vergonha, mas imediatamente Colby se moveu para cima e seu corpo, que estava incrivelmente sensível, reagiu com um clímax ainda mais explosivo que o primeiro. Convulsionou-se enquanto ele a contemplava, eufórico, e o segurou pelas coxas para aproximá-lo ainda mais.

Colby estava suando. Ainda estava um pouco fraco, e as pernas lhe tremiam pela tensão e pelo desgaste de energia; entretanto, não teria podido deter-se por nada no mundo.

—Por favor — gemeu ela contra sua boca—, mais perto...!

—É arriscado — sussurrou ele, embora também desejasse aproximar-se ainda mais.

Depois de duvidar por um instante, agarrou um travesseiro e a colocou debaixo dos quadris dela. A postura elevada voltou a lançá-la pelo bordo do precipício, e Colby sentiu seu corpo aceitando o seu, como o rodeavam e o acolhiam sua calidez e sua suavidade. Não pôde conter-se mais, e se moveu cegamente em busca de sua própria satisfação. O prazer o sacudiu com uma força brutal, esticou seu corpo e a explosão de êxtase o lançou às estrelas. Soltou um grito interminável enquanto seu corpo se convulsionava uma e outra vez, embalado pela suavidade da Sarina.

Ela o contemplou, fascinada, e embora seu corpo estivesse lânguido e satisfeito, respondeu aos ferozes movimentos de seus quadris. Sacudiu-a outro clímax, mais poderoso e lhe atemorizem que todos os outros juntos, e soluçou quando o delicioso prazer seguiu e seguiu.

Finalmente, Colby se desabou pesadamente sobre seu corpo úmido enquanto tentava recuperar o fôlego. Sarina se sentia completamente saciada, mais viva que nunca, e se estremeceu com o prazer que lhe proporcionava seu peso cobrindo-a por completo. Não havia sentido nenhuma dor, só um êxtase como nunca havia podido sonhar.

—Está bem? — perguntou-lhe ele ao ouvido.

—Sim — respondeu ela, com voz estrangulada.

Colby levantou a cabeça para olhá-la. Tinha o cabelo úmido de suor, como ela, mas nunca o tinha se sentido tão depravado.

Olhou-a com uma expressão doce, carregada de sentimento, incapaz de encontrar as palavras adequadas para lhe dizer o que sentia. Inclinou-se e riscou meigamente sua boca com seus lábios, beijou-lhe as bochechas, a testa, as pálpebras fechadas, com uma devoção assustadora.

Sarina se estremeceu. Cada vez que ele se movia, percorria-a uma corrente de prazer, e se moveu ligeiramente para voltar a senti-la.

Colby a olhou com expressão séria, e lhe segurou o quadril para detê-la.

—Não. Depois te doeria, temos que parar — sussurrou.

Sarina se ruborizou, e ficou imóvel.

—Perdoa...

—Seguiria durante horas se não fosse a te doer, volta-me louco lhe olhar — disse ele com voz tensa, enquanto a contemplava com olhos ardentes de paixão—. Mas depois estaria dolorida.

—Sou... nova nisto — admitiu ela, com um suspiro.

—Já sei — disse ele, emocionado. Fechou-lhe as pálpebras com os lábios, e se estremeceu quando começou a sair de seu corpo lentamente, com muito cuidado. Ao deitar-se de costas, estremeceu-se e admitiu—: Faz uma hora, pensava que era um inválido.

Ela se apoiou em um cotovelo, e contemplou seu rosto sorridente.

—O que quer dizer?

—Não tinha feito o amor desde que perdi parte do braço, dava-me medo. Não sabia se podia, sem a prótese.

—Faz muito tempo que lhe amputaram — disse isso ela.

—Sim — disse. A singela resposta estava carregada de significado. Arqueou uma sobrancelha, e comentou—: Você e eu encaixamos muito bem.

—Já me dei conta — Sarina se ruborizando.

Colby estirou seus músculos doloridos, e se estremeceu.

—Ainda não estou recuperado de tudo.

Sarina riscou sua boca com os dedos, e comentou preocupada:

—Espero que isto não te prejudique.

—Não me importaria nem que me matasse, teria valido a pena.

—Foi diferente da outra vez — disse ela, olhando-o com curiosidade.

—Estava assustada, e era virgem — respondeu ele com calma. Fez uma careta, e acrescentou — Além disso, eu não estava sóbrio. Ainda me atormenta saber o dano que te fiz.

—Foi uma época dolorosa para os dois — lhe disse ela, enquanto lhe acariciava o braço prejudicado até o coto—. É... normal, sentir tanto...?

—Normal, mas não usual — lhe respondeu ele, com expressão solene—. Nunca em minha vida havia sentido algo tão poderoso. Com ninguém.

Aquelas palavras a reconfortaram, e sorriu encantada.

Colby ficou de lado, e a atraiu para si, suspirou enquanto cobria seus corpos com os lençóis.

—Temos que dormir um pouco — disse, antes de apagar a luz.

—Mas...

—Mas estamos nus e não é de noite, já sei — soltou uma ligeira gargalhada, e a apertou ainda mais contra seu corpo—. Dê-me o gosto, estou doente.

Sarina deslizou uma perna contra a sua, e suspirou.

—Deixa de fazer isso, estou moído — murmurou ele, meio dormindo.

Ela sorriu contra seu ombro, fechou os olhos e dormiu em questão de segundos.

Horas depois, vestiram-se e foram à cozinha comer um pouco de sopa, e Sarina começou a sentir-se envergonhada pelo que tinha passado; apesar de que tinham estado casados no passado, já não era assim, e lhe remoia a consciência.

Colby notou sua atitude decaída, e não soube o que pensar; com voz suave, disse-lhe:

—Sarina, estamos começando a nos conhecer nas coisas importantes, assim temos que aprender a confiar um no outro. Nada de segredos. Nunca.

Sarina se sentiu muito incômoda, porque lhe estava ocultando um grande segredo que podia trocar sua percepção dela. Queria contar-lhe, mas o tinham proibido; além disso, não queria romper aquela nova intimidade que se desenvolveu entre eles de forma tão inesperada.

O que ela ignorava era que Colby também se sentia culpado por sua própria falta de honestidade no referente a seu passado.

—Nada de segredos — acessou-a depois de um segundo, com um sorriso.

Colby lhe devolveu o sorriso, embora soubesse que tinha que contar a verdade quanto antes, enquanto estivesse a tempo. Esperava que ela pudesse aceitar seu passado.

Sarina se obrigou a retornar a sua casa aquela mesma noite; não queria fazê-lo, mas já havia deixado a Bernadette com os Hunter muito tempo e Colby podia arrumar-lhe sozinho.

Quando foi ao escritório ao dia seguinte, não demorou em ver-se imersa em um torvelinho de atividade, já que devia ficar ao dia e tinha muito trabalho atrasado.

Rodrigo foi ver-la e a observou como um falcão, claramente irritado pelo tempo que tinha passado cuidando do Colby, e lhe disse:

—Vai começar a suspeitar algo.

—E o que? — espetou ela, mais bruscamente do que tinha pretendido—. O trabalho não é minha vida inteira, Rodrigo.

—Antes sim o era — comentou ele.

—É o pai da Bernadete, não posso mantê-lo afastado sem mais — lhe disse ela, com voz tensa.

—Por que não? —Rodrigo entrecerrou os olhos, e lhe perguntou—: Como acredita que vai reagir quando se inteirar de qual é seu verdadeiro trabalho?

Capítulo 10

Sarina não queria enfrentar-se a aquela pergunta. Colby pensava que era uma simples empregada de escritório com um trabalho comum, uma sombra da mulher em que se converteu naqueles anos, e de repente sentiu medo. Deveria haver-lhe dito, apesar de que se comprometeu a guardar silêncio, porque sabia que Colby acreditaria que não tinha crédito nele; além disso, não ia gostar de nada inteirar-se de que ela corria tantos riscos, e certamente pensaria que teria que havê-lo deixado pela Bernadette. Possivelmente deveria havê-lo feito.

Ao ver sua expressão atormentada, Rodrigo se sentiu culpado pelo que havia dito e respirou fundo. Estava claro que Sarina estava apaixonando-se outra vez de seu ex-marido, e ele estava apanhado no meio sem poder fazer nada para evitá-lo; expôs-se contar-lhe tudo sobre o antigo trabalho do Colby, mas sabia que não tinha direito a atormentá-la ainda mais.

—Logo poderá esclarecer as coisas — lhe disse com calma.

Sarina assentiu, e o olhou com tristeza.

—Sinto muito, sei que tinha algumas esperanças — disse com voz suave.

Rodrigo deu de ombros, e conseguiu esboçar um sorriso.

—Seguirei estando perto, se por acaso me necessita.

—Oxalá tivesse podido ser sincera com ele desde o começo, não sei como vai reagir. Rodrigo tampouco sabia, mas tinha a certeza de que ele não tinha nenhuma possibilidade.

—Por agora, temos outras coisas nas que pensar. Dedicamos-lhe muito tempo a este caso, para nos arriscar a danificar as coisas agora.

—Já sei — lhe disse ela, com preocupação.

Rodrigo se levantou da cadeira, e comentou:

—Vamos praticar o tiro quando sairmos daqui? Iria bem nos exercitar um pouco.

—Tem razão. Perguntarei a Jennifer se for bem que deixe a Bernadette com a Nikki por um par de horas.

—Perfeito, até mais tarde.

Sarina assentiu com gesto distraído.

Estiveram por uma hora no campo de tiro. Sarina somou mais pontos que Rodrigo, e o olhou com um sorriso travesso.

—Isso, esfregue-me isso pela cara — resmungou ele.

—Apesar de tudo, gosto muito de trabalhar com você — lhe disse ela, enquanto descarregava sua automática.

—O mesmo digo.

—Oxalá...

Rodrigo levantou uma mão, e sorriu com um pouco de nostalgia.

—Não pode controlar seus sentimentos — lhe disse.

—Suponho que não — Sarina posou uma mão em seu braço, e acrescentou—: Obrigado por ser meu amigo.

—Sempre o serei, sem importar o que acontecer.

Colby não foi trabalhar em todo o dia, e quando Sarina foi procurar a Bernadette a casa do Hunter, disseram-lhe que não tinha chamado. Esteve a ponto de fazê-lo ela ao chegar a sua casa, mas estava nervosa depois de seu apaixonado interlúdio, e se sentia um pouco insegura. Disse que o melhor ele se arrependia do que tinham feito e por isso não se pôs em contato com ela, e lhe doeu. Que a intimidade que tinham compartilhado tivesse criado mais problemas em vez de arrumar as coisas, que houvesse interposto tanta distancia entre eles.

Então pensou que possivelmente tinha tido uma recaída, e lhe deu um tombo o coração ao imaginar-lhe na cama, incapaz de alcançar o telefone. Finalmente, decidiu e marcou seu número, mas lhe saltou a secretária eletrônica e se sentiu muito insegura de si mesmo para lhe deixar uma mensagem. Tentou chamar o Hunter, mas tampouco pôde localizá-lo, e não voltou a tentá-lo porque Bernadette estava lançando olhares de estranheza e não queria preocupá-la.

Mesmo assim, sua preocupação não se desvaneceu. Depois de assar dois pães de plátano, meteu-os em um recipiente de plástico e os guardou em seu carro debaixo de uma revista, para que Bernadette não perguntasse por eles, mas não pôde deixar de pensar no Colby. Hunter tinha comentado aquela manhã que estava melhor e que pensava voltar para o trabalho na segunda-feira, mas, mesmo assim, tinha esperado que ele a chamasse em pessoa.

No sábado, depois de deixar a Bernadette na casa dos Hunter para que passasse o dia com a Nikki, decidiu ir ver-lo sua casa.

Um pouco insegura, bateu na porta enquanto praticava a desculpa que ia dar para lhe explicar sua presença ali, em caso de que ele não se alegrasse de vê-la. Apertou com força o recipiente com os pães de plátano enquanto esperava, sem saber se ele ia zangar-se com ela por aparecer por ali sem que a houvesse convidado.

Quando a porta se abriu, levou-se a impressão mais forte e desagradável de sua vida ao encontrar-se cara a cara com uma bonita loira que levava só um lenço.

—Sim? —disse-lhe a mulher, com um sorriso amável.

Sarina foi incapaz de articular uma só palavra ao compreender por que Colby não se incomodou em chamá-la, por que a tinha evitado. Foi-se imediatamente com aquela mulher, igual a que havia ido com a Maureen anos atrás. Por que havia acreditado que seria diferente? Os homens infiéis sempre reincidiam, por que se tinha enganado a si mesmo?

A outra mulher vacilou ao ver seu rubor e sua expressão indignada, mas antes que pudesse falar, Colby apareceu na porta com o cabelo úmido da ducha e uma toalha azul ao redor dos quadris.

—Cecily, ia A... —deteve-se em seco, com uma expressão quase cômica e a boca aberta, e se ruborizou violentamente ao dar-se conta da situação. Cecily e ele estavam recém saídos da ducha, aparentemente sozinhos, e Sarina os contemplava destroçada —. Sarina...

Ela trouxe com dificuldade, e conseguiu recuperar um pouco de compostura.

—Bernadette e eu preparamos pão de plátano, e me pediu que te trouxesse um pouco — mentiu entre dentes, com um sorriso forçado—. Parece... recuperado.

Colby não soube o que dizer; de fato, nem sequer podia falar. Sabia o que ela acreditava, e as probabilidades de que escutasse sua explicação eram as mesmas de que lhe tocasse a loteria. Estava claro que ela não ia acreditar que tudo era um mal-entendido.

Sarina lhe deu o recipiente de plástico a Cecily com um gesto brusco.

—Pegue, podem compartilhá-lo disse antes de ir-se a toda pressa para o refúgio de seu carro.

Ao ver a expressão angustiada do Colby, Cecily soube que estava muito afetado. Fazia muito tempo que eram amigos, assim sabia que ele não queria falar do acontecido, e soltou um suspiro enquanto desejava que seu marido saísse da ducha quanto antes.

—Quem é? —perguntou-lhe finalmente, incapaz de conter-se, quando voltaram a entrar na casa.

—Minha ex-mulher — respondeu ele com voz tensa, sem voltar-se para ela.

Cecily ficou olhando, boquiaberta, e exclamou:

—Sua o que?

—Estive casado duas vezes — admitiu ele, sem nenhuma inflexão na voz—. Sarina foi minha primeira mulher — trouxe com dificuldade, e acrescentou—: Temos... temos uma filha, Bernadette. Tem sete anos.

Cecily se deixou cair de repente em uma cadeira da cozinha.

Nesse momento, Tate Winthrop entrou na habitação, secando-se seu cabelo longo com uma toalha. Era um siux lakota, e sua ascendência era muito mais visível que a do Colby. Seus olhos escuros foram de sua mulher a seu melhor amigo, e lhe perguntou:

—O que acontece?

—A ex-mulher do Colby veio, e nos viu assim — disse Cecily, enquanto se aproximava de seu marido.

—Maureen? É impossível, seu marido e ela estão de caminho de Nassau. Por isso me pediu que te desses esses papéis que encontrou — disse Tate, perplexo.

—Não era Maureen — disse Colby.

—Ao parecer, tem duas ex-mulheres — comentou Cecily, e têm uma filha juntos.

Tate se apoiou contra a porta.

—Uma filha? Acredito que tenho febre — disse, enquanto se levava uma mão à frente.

—Pode, mas ele segue tendo uma filha. Você sabia? —perguntou ao Colby.

—Não, inteirei-me faz alguns dias. Foi toda uma surpresa — confessou.

—Então, o que faz aqui? Vá procurar lá — lhe disse Cecily —. Faça uma foto aos três, e lhe explique que não passava nada!

—Faz que te escute — interveio Tate.

Colby não se deixou convencer.

—É mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Será melhor que lhe dê um momento para que chegue em casa e se tranquilize, depois a chamarei.

Não acrescentou seria sorte se Sarina não desligasse o telefone assim que ouvisse sua voz, porque Cecily não sabia que ela devia estar recordando que a havia deixado pela Maureen; certamente, pensava que a história estava se repetindo, sobre tudo porque não a tinha chamado depois de seu apaixonado encontro. Sarina estaria magoada e ressentida, culpando o de toda a dor que tinha tido que suportar no passado. Logo que acabavam de começar de novo e já a estava perdendo, e tudo porque se havia sentido inseguro de si mesmo e dos novos e frágeis sentimentos que tinham aparecido entre eles, e não se atreveu a chamá-la porque estava envergonhado de havê-la seduzido deliberadamente. Tinha tido a intenção de chamá-la esse mesmo dia para tentar averiguar em que ponto estavam as coisas, mas pela expressão que havia visto em seus olhos, sabia que já era muito tarde e que nunca acreditaria que Cecily e ele só eram amigos.

Cecily o olhou dissimuladamente. Ao ver que se mostrava resistente a chamar à mulher, quis lhe dizer que se equivocava ao pospor a explicação embora fossem alguns minutos, mas Colby saiu da cozinha antes que pudesse abrir a boca.

Tate a olhou com uma expressão eloqüente. Colby parecia ter um afã auto destrutivo, e embora tenha deixado de beber, seguia sem encontrar seu caminho.

Colby tentou chamar a Sarina ao cabo de alguns minutos, mas tal e como tinha esperado, desligou imediatamente. Tentou localizá-la no celular, mas parecia ter desligado, assim que se conformou lhe enviando uma mensagem de texto com a esperança de que acabasse recebendo-o.

A razão pela que tinha duvidado quando ela se foi correndo era quão mau a havia tratado no passado, mas não queria admiti-lo ante seus amigos, que partiram à manhã seguinte. Finalmente, decidiu que o melhor era ir a sua casa para lhe explicar o que tinha passado; embora ainda seguisse um pouco fraco, seria capaz de colocar o pé na porta e negar-se a partir até que ela o

escutasse. Sarina tinha que recordar quão compenetrados tinha estado o muito que lhe importava; não o havia dito com palavras, mas ela tinha tido que dar-se conta. Tudo sairia bem.

Possivelmente teria sido assim, se o destino não tivesse decidido interpor-se em seu caminho. Justo depois de comer, recebeu uma chamada urgente do Hunter.

—Está bastante bem para entrar em ação?

Embora ainda não estivesse recuperado de tudo, Colby estava farto de estar inativo, assim respondeu:

—Claro, o que acontece?

—Sopraram-nos que esta noite vai haver movimento no armazém, organizamos um grupo conjunto para preparar a armadilha, e eu gostaria que viesse.

—Claro — disse Colby imediatamente—. Onde, e quando? Hunter lhe deu as indicações, e se despediram minutos depois.

—Tenho que ir — disse ao Tate e a Cecily—. Temos um problema há bastante tempo, e com um pouco de sorte, esta noite resolveremos o assunto.

—Não deixe que lhe disparem antes de arrumar as coisas com a Sarina — lhe disse ela com firmeza. Tirou uma foto de sua bolsa, em que estavam Colby e eles com seu filho, e a deu antes de acrescentar—: Mostre a ela e entenderá muitas coisas.

—De acordo, obrigado — respondeu Colby, enquanto metia a foto na carteira.

—Tudo vai sair bem, já o verá — disse ela, com um sorriso tranquilizador.

Colby soltou uma gargalhada, abraçou-a e depois fez o mesmo com o Tate.

—Bom, ao menos ainda ficam esperanças — disse. Retrocedeu um passo, e admitiu—: Não sabia o muito que podia chegar a significar um filho até que soube que Bernadette era minha. Oxalá pudesse conhecê-la — acrescentou, com certa tristeza.

—Não se preocupe, iremos conhecê-la a próxima vez que venhamos - disse Tate.

—Trato feito. Bom, será melhor que me ponha em marcha.

—Colby, queria te comentar uma coisa — lhe disse Tate, enquanto o seguia a seu dormitório—. Falei com. Maureen antes de vir.

—Isso está acabado e enterrado — disse Colby com brutalidade.

—Já sei, mas há algo que tem que saber — insistiu Tate—. Podemos falar enquanto te veste, não?

Colby suspirou com aborrecimento, mas ao final assentiu.

Tate fechou a porta atrás deles, e deixou um grosso envelope em cima da penteadeira.

—Deu-me isto para você.

Colby franziu o cenho, abriu o envelope e se encontrou com...

—Os papéis da anulação? — exclamou, enquanto folheava as páginas—. Sarina os assinou, mas... eu não o fiz! — disse, olhando com incredulidade os espaços em branco onde deveria figurar sua assinatura—. Pensei que seu pai as tinha engenhado para fazê-lo sem minha ajuda... estava fora do país quando chegaram e nunca cheguei a vê-los, Maureen me disse que os tinha assinado por mim... mentiu!

—Não te perguntou alguma vez por que te resultou tão fácil casar com a Maureen? — perguntou-lhe Tate, com muito cuidado—. Nem sequer teve que apresentar documentos de identidade, verdade? E não viu a certidão de casamento.

Colby sentiu um frio súbito na boca do estômago.

—Solta o de uma vez! — exclamou impaciente.

—Maureen me confessou que nunca estiveram casados legalmente — admitiu Tate—. Segundo uma cláusula no testamento de seu primeiro marido, ela não teria herdado nada se voltasse a casar-se.

—Não pôde receber nem um tostão do seguro, porque ele se suicidou. Sarina me disse isso.

—Sim, mas a nomeou beneficiária de milhares de dólares e de umas quantas ações de uma petroleira, e Maureen não estava disposta a renunciar a sua herança.

Colby tentou assimilar tudo aquilo, e fracassou estrepitosamente.

—Ainda estou casado com a Sarina.

—Exato. Maureen não teve o valor de dizer isso à cara. Disse-me que o sentia, mas que, de todas as formas, tampouco tinha planejado ficar com você para sempre.

—Já sei. Gosta do horário do banqueiro e o fato de que o tipo herdará a fortuna de seu pai algum dia.

—Conforme tenho entendido, ficou grávida dele para ter tudo bem amarrado — comentou Tate com frieza—, porque seu novo sogro queria assegurar-se de que não se casou com seu filho por seu dinheiro.

Colby se limitou a assentir, e não disse a seu amigo que Maureen lhe tinha feito acreditar que era estéril. Não era necessário. Percorreu com um dedo os documentos sem assinar, pensando que supunham uma complicação mais; como ia dizer lhe a Sarina que ainda estavam casados, se ela voltava a odiá-lo?

—Pergunto-me por que o pai da Sarina não insistiu na anulação — comentou Tate.

Colby apenas o estava escutando, mas lhe disse:

—Certamente, pensou que o advogado se ocupou do assunto, nunca se preocupava dos detalhes que podiam solucionar seus subordinados; além disso, eu já tinha saído da vida da Sarina, e isso era o único que lhe importava... ao menos, até que se inteirou de que estava grávida. Jogou-a na rua, e ela esteve a ponto de perder a Bernadette; esteve vivendo virtualmente como uma indigente e além doente, sem que eu soubesse. Chamou-me quando eu estava na África, e Maureen lhe disse que se mantivesse separada de minha vida, que eu não queria saber nada dela... nem sequer me disse que tinha chamado!

Ao ver que Tate fazia uma careta, Colby disse:

—Maureen teve sorte de não me haver chamado diretamente.

—Certamente nem sequer teria enviado os documentos se tivesse sabido que está em contato com a Sarina. O destino nos leva por caminhos surpreendentes, verdade?

—Sim.

—Me fale de sua filha, como é?

A cara do Colby se iluminou com um sorriso.

—É igualzinha a mim — disse, cheio de orgulho—. É teimosa e orgulhosa, não tem medo a ninguém e, além disso, é muito inteligente, como sua mãe.

—A que se dedica Sarina?

—É empregado de escritório em uma companhia petrolífera — admitiu Colby, com um suspiro.

—Então, não é uma mulher de carreira, não? — murmurou Tate.

—Por sorte para mim — disse Colby, enquanto tirava sua roupa do armário —. Nunca poderia ter uma relação estável com uma mulher com uma profissão estressante.

Colby não deixou de falar enquanto se vestia da miniatura feminina que era sua filha a ele, e Tate sorriu ao ver seu entusiasmo, porque sempre tinha pensado que Colby seria um bom pai. Anos atrás, tinha tido medo de que seu amigo escolhesse a Cecily como a mãe de seus filhos, mas ela o havia escolhido a ele e levavam muito tempo felizmente casados.

—Como é Sarina? —perguntou-lhe.

—Loira, esbelta e muito bonita. Tem os olhos escuros, e é uma mãe fantástica.

—Certamente Cecily e eu podemos conhecê-la em melhores circunstâncias.

—É uma pena que as coisas tenham saído assim hoje. Tinha planejado ir ver-la, mas não posso deixar sozinho o Hunter. Queremos apanhar a alguns traficantes de drogas, e tenho que estar ali.

—Dispare reto, e te lembre de agachar — lhe disse Tate.

—Ouça, que não me esqueceu todo — Colby soltou uma gargalhada, e lhe deu uma palmada a seu amigo no ombro —. Espero voltar esta mesma noite.

—Se não poder, fecharemos com chave quando formos. Mas quero saber o que acontece Sarina e com os traficantes.

—Não se preocupe, contar-lhe-ei isso embora seja por telefone.

Ao chegar ao estacionamento do escritório, Colby viu que o carro do Hunter já estava ali. Depois de comprovar sua arma e tirar um carregador de reposição do porta-luvas, saiu da caminhonete e foi diretamente ao escritório do Ritter. Ali já estavam Eugene, dois agentes do DEA incluindo o Alexander Cobb, e cinco membros dos departamentos antidroga de diferentes corpos policiais. Hunter os apresentou a todos, e depois o levou a um lado para poder falar com ele.

—Ainda está pálido. Se não estiver em condições de fazer isto, diga-me isso lhe disse em voz baixa.

—Não teria vindo se estivesse mau, sabe que nunca poria em perigo a vida de um companheiro de forma deliberada — lhe respondeu Colby com firmeza.

Hunter sorriu, e lhe deu uma palmada nas costas.

—Muito bem — disse, antes de lhe entregar uma HK MP—5.

—Sinto falta de minha velha Uzi — brincou Colby, enquanto sopesava a arma—. É legal utilizar estas?

—Sim, quando se está colaborando com agentes federais. Não se preocupe, e usa-a sem perguntar de onde a tirei — disse Hunter com uma gargalhada, enquanto olhava de esguelha à equipe do SWAT, que já tinha começado a prover-se.

—De acordo.

Colby embainhou seu Glock, e comprovou o carregador da MP—5 antes de pôr o seguro.

Alexander Cobb se colocou frente ao grupo, e disse:

—Temos a dois agentes no armazém. Os empregados os conhecem, e aparentemente só estão comprovando um envio para o senhor Ritter, assim que sua presença não levantará suspeita. Se virem algo suspeito, nos...

Cobb se deteve em seco quando seu celular começou a tocar, abriu-o e respondeu imediatamente. Depois de escutar durante alguns segundos, respondeu que ia de caminho e cortou a comunicação.

—Temos luz verde — lhes disse—. Estão justo antes da primeira fila de paletes, e houve disparos. Não lhes disparem entre vós — acrescentou, com um pequeno sorriso.

Os agentes vestiram imediatamente suas jaquetas, onde apareciam em grandes letras às siglas que identificavam seus respectivos corpos policiais, e Hunter e Colby intercambiaram um olhar, já que eles não tinham nada para que lhes reconhecesse.

Distribuíram-se em vários carros, e se dirigiram a toda velocidade ao armazém principal, que estava muito perto dali. O estacionamento estava muito bem iluminado, e viram imediatamente uma caminhonete vazia junto ao estacionamento de carga. Justo quando os agentes desceram dos veículos e começaram a entrar no armazém com as pistolas empunhadas, ouviram-se mais disparos.

Colby se deteve um segundo junto à porta para tirar sua arma e martelá-la, mas quando se dispunha a entrar, um agente da polícia local se aproximou dele.

—Parado aí! Não leva identificação! — disse-lhe o homem, com voz ameaçadora—. Quem é? O que faz aqui? Disseram-nos que esperássemos a receber ordens.

—Sou da equipe de segurança do Ritter — lhe disse Colby.

—Ah, um policial de aluguel — comentou o homem, com certo desdém—. Não ponha no meio quando entrarmos, pode ser que te faça mal.

Colby lhe lançou ao tipo um olhar gélido, e lhe disse com firmeza:

—Você fica esperando ordens se quiser, eu vou entrar — antes que o policial pudesse dizer uma palavra, entrou no armazém com a MP—5 em posição.

Dois homens com armas automáticas abriram fogo, escondidos atrás de algumas caixas amontoadas sobre uns paletes de madeira que havia ao longo de um corredor.

Colby abaixou ao chão, rodou e disparou duas vezes seguida, e quando um dos dois homens se desabou, ele voltou a levantar-se e começou a correr pelo corredor. Depois dos largos anos que tinha passado na contra inteligência e operações secretas, aquilo lhe resultava mais que familiar. Era vagamente consciente de que o policial ia detrás dele, e ao ver algumas silhuetas escondidas nas sombras da parede oposta do enorme armazém, supôs que provavelmente era o grupo de assalto.

Perguntou-se onde estariam os agentes que Cobb tinha mandado a vigiar, mas não tinha tempo de preocupar-se com civis, porque estava até o pescoço com os traficantes. Parecia que saíam de todas as partes.

Deu-lhe um golpe ao transmissor que tinha no ouvido e que o mantinha em contato com o Hunter e outros, mas não funcionava. Rapidamente, levou-se a mão às costas, e tocou um cabo solto. A conexão estava rota, mas não podia parar-se a arrumá-la, porque outro tipo lhe estava disparando.

Escondeu-se de um salto detrás de umas caixas empilhadas, e fechou os olhos para concentrar-se nos ruídos que havia a seu redor. Quando sentiu que uma tabela rangia sobre sua cabeça e o som de alguém respirando justo detrás dele, voltou-se como uma exalação com a MP5 preparada e apontando... justo ao nariz do policial.

O homem logo que teve tempo de soltar uma exclamação antes que Colby, com uma maldição, levantasse a pistola em um ângulo de quarenta e cinco graus e disparasse várias rajadas a uma sombra que se movia. Depois de deter-se por uma milésimo de segundo, disparou várias vezes mais justo por diante de um segundo rangido que acabava de ouvir. Ouviu-se um grito de dor, e o golpe de algo ao cair sobre as pranchas.

Colby se voltou, fazendo caso omissivo do olhar carregado de curiosidade do policial, e avançou pelo corredor tão sigilosamente como pôde, com uma falta de ritmo deliberada. Em seu papel de caçador, tinha aprendido que os passos rítmicos sempre indicavam a presença de um ser humano, sobre tudo na selva, e ali também podia ser um som revelador, apesar de que levava reveste de borracha. A suas costas, os passados do policial imitaram sua tática.

Respiro fundo enquanto ia avançando. Para ouvir vários disparos, perguntou-se se Hunter estava em algum atoleiro, e amaldiçoou o inútil aparelho eletrônico que levava ao ouvido. Não tinha nem idéia de onde estavam os outros membros do grupo, ou onde estavam os agentes infiltrados... nem sequer sabia quem eram, ou que aspecto tinham. A situação tinha todas as papeletas para converter-se em uma tragédia, seria um milagre se a operação acabasse bem.

Pensou na Sarina e na Bernadette, e em quão desoladora ia ser sua vida sem elas se não conseguia arrumar as coisas; entretanto, sabia que era perigoso distrair-se nesse momento, e se concentrou na situação que tinha entre mãos.

Dois homens começaram a cruzar correndo o corredor, disparando sem parar, e Colby derrubou a um deles com um tiro na perna.

—Te ocupe do outro! —gritou-lhe à polícia.

O homem avançou pelo corredor com a pistola levantada perto da orelha, preparado para disparar. Um tiro próximo quebrou o súbito silêncio, mas o seguiram dois mais, que provinham de duas armas distintas. Colby tinha aprendido a detectar a diferença muito tempo atrás.

Ao dobrar a esquina, chegou a tempo de ver como um homem vestido de negro cruzava o corredor e desaparecia detrás de umas caixas. No chão, dobrado sobre si mesmo, havia um indivíduo com uma boina de beisebol e uma jaqueta negra com o distintivo do DEA em grandes letras às costas. O tipo parecia estar ferido.

Colby se aproximou correndo ao agente e se ajoelhou a seu lado, sem deixar de controlar a zona se por acaso apareciam mais homens armados.

—Acertaram-lhe? —perguntou-lhe com voz cortante.

—É só... uma ferida superficial —respondeu uma voz estranhamente familiar—. Não fique aqui parado, vá atrás dele! Não deixe que esse mal nascido escape!

Colby se voltou para ela, completamente boquiaberto, e se encontrou totalmente com seus olhos marrons e seu rosto acalorada. A boina escondia sua cabeleira loira.

—Sarina? — exclamou, aturdido —. Sarina! Que demônios está fazendo aqui?

Ela o fulminou com o olhar, e lhe disse feita uma fúria:

—Isso não importa, é Brody Vance. Está com os traficantes, disparou-me. Vá atrás deles!

—Está ferida! — disse ele com brutalidade. Tinha o olhar fixo na parte superior de sua manga, que estava rasgada, enquanto tentava encaixar o que estava vendo com seu trabalho de empregado de escritório.

—Atravessou-me limpamente. Colby estou bem, de verdade. Não deixe que Vance escape! Ah, e não dispare ao Rodrigo, é dos nossos.

Nesse momento, o policial chegou junto a eles e se tirou a gravata rapidamente.

—Eu me ocupo dela, está mais bem armado que eu — disse ao Colby com expressão solene—. Vá rápido!

Colby lançou a Sarina um último olhar angustiado, antes de ficar de pé e de afastar-se rapidamente por onde Vance se foi.

Capítulo 11

Colby teve que obrigar-se a pensar de novo com lucidez. O golpe de ver a Sarina ferida já havia sido bastante duro, sem a certeza quase total de que estava trabalhando para o DEA. Tinha uma pistola e aparentemente sabia utilizá-la, assim tinha destrezas que não lhe havia revelado nem sequer depois de deitarem-se juntos, e as implicações daquilo lhe doíam. Tinha-lhe mentido, tinha o feito acreditar que tinha um trabalho seguro e aborrecido, e de repente a encontrava participando de uma perigosa jogada a rede... tinha uma filha!, acaso havia se tornado louca?

Quanto mais pensava nela, mais se avivava seu aborrecimento, mas o súbito som de disparos do fundo do armazém captou sua atenção. Aproximou-se sigilosamente, com a MP—5 levantada e pronta, e os olhos brilhantes de fúria. Que Deus tivesse piedade do traficante que lhe pusesse diante nesse momento.

Com as costas contra um montão muito alto de caixas, apareceu cuidadosamente a cabeça para dar uma olhada e viu o Rodrigo Ramírez no meio do corredor de costas a ele, e com as mãos levantadas. Ele também levava uma jaqueta do DEA, e de repente, tudo encaixou em seu lugar: Rodrigo e Sarina não eram amantes, a não ser companheiros! De fato, estava seguro de que eram os dois agentes infiltrados dos que Cobb lhe havia falado. Tinham estado justo diante de seus próprios narizes sem que ele desse conta de nada, e se perguntou se Hunter sabia a verdade.

Apertou os dentes com força, completamente furioso, mas nesse momento não tinha tempo para entreter-se com especulações. Estava claro que um dos traficantes havia apanhado ao Rodrigo, e estava falando por telefone e assentindo de vez em quando sem lhe tirar a vista de cima.

Aproveitando que estava distraído, Colby saiu ao corredor de repente e o derrubou com um rápido disparo no quadril. Sem perder nem um segundo, apontou-lhe com a arma sem emprestar atenção alguma ao Rodrigo, e lhe disse:

—Onde está Vance? Responda-me!

O homem fez uma careta de dor, e detrás se separar de um chute seu celular, Colby apoiou um joelho no chão e pôs um polegar justo em cima da carótida do homem.

—Diga-me isso ou te Mato aqui mesmo — disse brandamente, com uma voz mais cortante que uma faca.

Ao ver o brilho de seus olhos, o homem se deu conta do quanto falava sério, e depois de conseguir tragar com dificuldade, confessou que Vance tinha escapado para uma barcaça que estava ancorada no canal que havia atrás do armazém.

Rodrigo se aproximou deles, e se agachou e tirou a quarenta e cinco do cinturão do traficante.

—Então, vamos ter que trabalhar entre civis — comentou com frieza, enquanto comprovava a arma e lhe punha o seguro.

Colby se levantou, e olhou ao Rodrigo pela primeira vez.

—Sarina e você são do DEA — disse, com voz tensa.

Rodrigo lhe devolveu o olhar com a mesma fúria contida, e admitiu:

—Sim, e você não é um militar. Sabia que me recordava de algo, mas custou me lembrar. Eu estava na África faz seis anos, quando Cy Parks te fez interrogar a um prisioneiro, e nunca esqueci sua técnica. A informação que conseguiu salvou muitas vidas, assim que lhe devíamos um favor, embora seus métodos fossem... pouco usuais.

Colby recordou a um homem vestido de camuflagem e com óculos de sol, que tinha formado parte de outro grupo paramilitar no que estavam Dutch, Archer e Laremos.

—Estava com o Archer — disse, olhando-o com atenção.

—Sim, e você com o Parks. Os dois fomos mercenários.

—Sabe Sarina?

—Não, não sabe nada... sobre nenhum dos dois — disse Rodrigo, olhando-o com fria antipatia.

Colby não fez nenhum comentário a respeito, mas lhe surpreendeu que não o tivesse delatado.

—Acredita que me tem encurralado, verdade? — acrescentou Rodrigo—. A Sarina não importaria sabê-lo, somos companheiros há três anos.

—São agentes de campo do DEA, verdade? Tem uma filha pequena!

Rodrigo havia pensado que Colby se zangaria ao inteirar do verdadeiro trabalho da Sarina, mas não tinha esperado que reagisse tão mal. O tipo estava lívido!

—É igual, não podemos perder o tempo com problemas pessoais — acrescentou Colby com secura—. Temos que apanhar aos traficantes.

—Onde está Sarina? — perguntou-lhe Rodrigo.

—Com um agente local. Tem uma ferida de bala, mas só é superficial — disse Colby, apartando o olhar.

Rodrigo lutou contra o impulso de ir correndo a seu lado. Sabia qual era seu dever, e tinha que cumprir com ele. Voltou a tirar sua arma, e olhou ao Colby antes de dizer:

—Por que tem uma MP—5, e eu uma simples pistola?

—Deu-me isso Hunter, caio-lhe bem — lhe disse Colby, com uma expressão de superioridade.

—Eu também lhe caio bem — protestou Rodrigo, com tom cortante.

—Ah, sim? Pois eu lhe caio melhor. Venha, vamos — duvidou um momento antes de dobrar outra esquina, e lhe disse— Se seu transmissor ainda funciona, será melhor que diga a outros aonde vamos.

O canal estava cheio de embarcações, desde lanchas a barcas, e discorria entre os armazéns e os escritórios navais que salpicavam a borda. Havia civis por toda parte.

—Maldição! Qual será? — disse Colby, ao ver pelo menos três barcas amarradas em distintos atracadouros.

Rodrigo estava pensando a toda pressa, comparando os nomes das embarcações com as listas de carga que tinha estado revisando horas antes.

—A negra, remará-a — disse imediatamente.

—Está seguro?

—Não, mas as probabilidades são muito altas — disse, enquanto corria para a barca em questão—. Cara Domínguez é da Colômbia.

—Não está mal — admitiu Colby, a contra gosto.

Rodrigo embainhou sua arma, e lhe disse:

—Será melhor que guarde a sua. Se souberem que estamos procurando traficantes, não nos

deixarão subir a bordo.

—O mesmo lhes dirá que vamos atrás — lhe disse Colby.

Rodrigo se tirou a jaqueta do DEA e a deixou sobre umas caixas.

—Seguro que está escondendo-se na parte de baixo, provavelmente nem sequer nos veja chegar.

—Te ocorre como vamos poder subir à barcaça?

—Espera e verá — lhe disse Rodrigo, sorridente.

Sem fazer caso do olhar feroz que lhe lançou Colby, foi para a embarcação com passo firme e se deteve perto do capitão, que estava comprovando a lista da carga com outros dois homens.

—Boa tarde — disse Rodrigo em espanhol—. Temos entendido que está preparando-se para zarpar breve.

—Sim — respondeu o capitão, olhando-o com desconfiança —. A você o que lhe importa?

Rodrigo se tirou a carteira e lhe deixou ver a placa por um segundo, o justo para que o homem visse o que era, mas sem poder lê-la.

—Somos da seção de Imigração e Alfândegas, e temos razões para acreditar que há dois passageiros ilegais em sua embarcação. Viemos detê-los.

O capitão, que se havia posto tenso e nervoso, relaxou-se de repente.

—Procuram ilegais? Bom, talvez levemos um ou dois, não tenho tempo para comprovar os papéis de toda minha tripulação. Como se chamam?

—Não temos seus nomes, só sua descrição — respondeu Rodrigo, sem alterar—. Os reconhecerei assim que os veja, vi fotografias deles.

O capitão franziu o cenho, e lhe jogou uma olhada a seu relógio.

—Tenho um horário que cumprir... — começou a dizer.

—Quinze minutos — o interrompeu Rodrigo—, só necessito isso. Meu ajudante e eu os encontraremos em seguida, se nos permite subir a bordo — ao ver que o capitão seguia duvidando, acrescentou—: Demoraremos mais se tiver que chamar a meus superiores para pedir que me enviem reforços.

O capitão deu-se conta de que aquilo atrairia ainda mais atenção, porque pigarreou e disse:

—Certo, mas só quinze minutos.

—É obvio — lhe assegurou Rodrigo.

Fez um gesto ao Colby, e subiram à barcaça sem nenhum problema.

—É bastante útil — comentou Colby.

—Trabalho muito de forma disfarçada, por isso atribuíram a esta missão — lançou um rápido olhar, e admitiu—: Me infiltrei na organização do López faz vários anos, tenho informação de primeira mão sobre como se transporta a droga.

Muito a seu pesar, Colby se sentiu impressionado.

—Cy Parks comentou que conhecia um agente infiltrado, suponho que se referia a você.

—Meu primo trabalhou para o López, mas o mataram pouco depois da última grande cilada em Jacobsville. López também matou a minha irmã. Trabalhava em um clube noturno e ele se encantou por ela, mas a matou quando o rechaçou.

—Sinto-o — lhe disse Colby, com sinceridade.

—Poderia ter sido eu, mas tive sorte.

Rodrigo não lhe contou que Alexander Cobb se havia posto furioso ao descobrir que ele era um dos dois agentes infiltrados do DEA, porque lhe havia registrado o escritório depois da morte de sua irmã.

Quando chegaram ao convés, seguiram caminhando com naturalidade. Os marinheiros com os que se foram cruzando os olharam sentidos alertas, sem saber como reagir ao ver dois tipos bem vestidos passeando tão tranquilos por ali.

—Se Vance nos vir, por-se-á a correr, sobre tudo depois de ter ferido a Sarina. O assalto a um agente federal...

—É um delito — acabou Rodrigo por ele. Lançou-lhe um olhar inexpressivo, e enfatizou—: O queremos vivo.

Colby o olhou com um brilho gélido em seus olhos escuros.

—Estará vivo... mais ou menos.

—Não — disse Rodrigo com firmeza—, temos que localizar seus cúmplices. Cara Domínguez segue em liberdade, dirigindo os assuntos do cartel de drogas, e Vance pode nos levar até ela.

—É um desmancha-prazeres — disse Colby, furioso.

—Também gostaria de acertar um tiro nele, mas não podemos fazê-lo. Ainda não.

Colby se animou imediatamente.

—Certo, depois poderíamos nos fazer passar por agentes de polícia, e nos oferecer a levá-lo ao tribunal.

Rodrigo afogou uma gargalhada.

—Tem que deixar de pensar como um mercenário, aqui terá que seguir umas normas.

—Embora não terei que romper as normas, tampouco terá que as seguir ao pé da letra.

—Não foi por isso pelo que o mandaram de volta a casa quando estava na África? Por não seguir as normas ao pé da letra com vocês... originais técnicas de interrogação?

—Conseguí que me dessem a informação — protestou Colby.

—Mas não de forma voluntária — quando chegaram à escada que levava a adega de carga, Rodrigo se deteve por um segundo e lhe disse—: Tome cuidado, ainda está armado e esperará que alguém lhe tenha seguido.

Colby lhe lançou um olhar transbordante de sarcasmo, e meteu a mão na jaqueta para tirar sua arma automática.

Ao vê-la, Rodrigo franziu o cenho e resmungou:

—A mim também teriam que me haver dado uma dessas.

—Não quer admitir o mau atirador que é?

—E você?

Quando entraram na adega de carga, Colby ficou quieto e indicou ao Rodrigo com um gesto que se fizesse a um lado. Permaneceu completamente imóvel, sem respirar, e se sentiu agradecido de que Rodrigo tivesse um histórico similar ao dele, porque um companheiro ruidoso teria feito que os matassem. Justo diante deles havia dois homens falando com o Brody Vance, que estava tremendo de medo enquanto tirava o cabelo suarento da cara.

—Reconheceram-lhe? — perguntou-lhe um dos homens.

—Não! —exclamou Vance—. Estou seguro de que não... bom, o agente ao que lhe disparei me viu, mas não estava bastante perto para me reconhecer. Embora houvesse algo familiar nele... enfim, que... — ficou calado durante um segundo, e soltou um gemido—. Disparei-lhe! Pode ser que o tenha matado!

—Isso não importa — lhe disse o outro homem, com uma voz sem acento algum—. Se não lhe reconheceram, pode voltar.

—Não! descobrir-me-ão, irei ao cárcere!

O primeiro homem lhe apontou ao coração com uma pistola, e lhe perguntou:

—O que prefere, ir ao cárcere ou morrer?

Vance levantou as mãos, aterrorizado.

—Por favor! Por favor, não me mate!

Colby estava pensando a toda velocidade. Rodrigo e ele podiam tomá-los por surpresa, disparar aos três e prender os sobreviventes, mas se Vance não sabia que o tinham reconhecido, seria útil que continuasse em seu posto. Se soubessem dirigi-lo bem, acabaria levando-os até Cara Domínguez, porque o tipo era um covarde.

Olhou ao Rodrigo por cima do ombro, viu o brilho de astúcia em seu olhar e assinalou com a cabeça a escada de acesso. Sem emitir nem um som, Rodrigo retrocedeu até perder-se de vista, e começou a subir. Colby o seguiu, e fechou sua jaqueta para ocultar sua arma.

Baixaram juntos pela passarela até o ancoradouro, e se aproximaram do capitão.

—Está limpo, não encontramos nenhum ilegal em sua embarcação. Obrigado por seu tempo — lhe disse Rodrigo, com um sorriso.

—De nada — respondeu o capitão, visivelmente aliviado.

—Que tenha um bom dia — acrescentou Rodrigo, antes de voltar com o Colby para o armazém.

—É rápido, não sabia se me entenderia antes que nos vissem. De momento, Vance é mais valioso em seu posto que no cárcere — comentou Colby, quando chegaram à porta do armazém.

A equipe do SWAT, o pessoal do DEA e os outros agentes estavam ocupando-se de limpar a zona.

—Sim, é verdade — disse Rodrigo—. Tenho que arrumar as coisas com o Cobb antes que me pegue um tiro, devo-lhe várias desculpas — disse, sem entrar em detalhes—. Mas antes quero ver como está Sarina.

Colby entrou atrás dele no armazém. Embora soubesse que ela estava bem, que só havia uma ferida superficial sem gravidade, sentia uma mescla estranha de culpabilidade, indignação e fúria.

Ela estava na parte dianteira com os auxiliares médicos, e embora levantasse os olhos quando os ouviu aproximar-se, foi incapaz de enfrentar o frio olhar do Colby.

Rodrigo se agachou junto a ela, e a olhou com preocupação.

—Está bem? — perguntou-lhe com suavidade.

O sorriso que deu de presente a seu companheiro fez que Colby se esticasse.

—Sim, não se preocupe — Sarina lhe pôs uma mão no ombro, e lhe perguntou—: E você?

Ele assentiu, e lhe cobriu a mão com a sua.

—Encontrastes ao Vance? — perguntou ela ao Colby, enquanto o olhava pela primeira vez.

—Não. Não te reconheceu, e como ainda está relacionado com a operação do Domínguez, vamos fingir que não sabemos nada para tentar apanhá-la.

Sarina começou a protestar, indignada, mas Rodrigo lhe deu um apertão na mão.

—Colby tem razão, não podemos deter ainda o Vance — disse com firmeza.

—Disparou-me! É assalto a um agente federal é um delito! — exclamou ela. Fulminou com o olhar ao Rodrigo, e lhe perguntou—: E por que te põe agora do lado do Colby?

—Salvou-me a vida — admitiu—. Um dos comparsas do Vance estava apontando, e Colby o derrubou de um disparo e conseguiu que lhe dissesse onde estava Vance.

—OH, não... — gemeu Colby.

—Sente-se culpado por me haver salvado a vida? — perguntou-lhe Rodrigo.

—Não, não é isso. Mencionei avanço diante de seu comparsa, teremos que conseguir que a polícia o mantenha incomunicável até fecharmos o caso — evitou que seu olhar se cruzasse com os olhos acusadores da Sarina, e acrescentou—: irei falar com eles.

—Te tranqüilize, está saindo fumaça das orelhas — lhe disse Rodrigo, quando Colby se afastou deles.

Sarina esteve a ponto de tornar a tremer pela força de seu aborrecimento.

—Ai! —exclamou, quando um auxiliar começou a lhe pôr uma vendagem provisória.

—Sinto muito, senhorita, mas temos que prepará-la para levá-la ao hospital.

—Só é uma ferida superficial — lhe disse ela entre dentes—. Não necessito que me leve a nenhuma parte!

—De verdade? Quanto faz que tomaste a antitetânica?

Sarina ficou muda; nem sequer recordava haver a havia tomado alguma vez, embora possivelmente a tivesse tomado em sua infância.

—Se não se lembrar, já temos outra razão para colocá-la na ambulância, Rambo — lhe disse o homem, com um sorriso.

—Uma ferida de bala pode infectar-se com muita facilidade — interveio Rodrigo—. Eu passei várias semanas no hospital por fazer o que você está tentando, não vai arrumar nada indo a casa e limpando-a com água oxigenada.

Sarina soltou um suspiro, impaciente.

—Certo, irei ao hospital, mas não penso ficar ali - disse, enquanto a metiam na ambulância.

Rodrigo não disse nenhuma palavra, mas o auxiliar e ele intercambiaram um olhar eloqüente.

Enquanto isso, Colby tinha localizado à polícia que havia ido atrás dele no armazém.

—Necessito um favor — lhe disse ao homem, que segundo sua placa era um cabo.

—Do que se trata? —perguntou-lhe ele.

Colby começou a meter uma mão no bolso, mas se deu conta de que um dos circuitos de seu braço artificial se danificou. Amaldiçoando entre dentes, tirou a jaqueta, deixou-a em cima de um corrimão e se levantou a manga para deixar ao descoberto à prótese, que tinha uma bala incrustada.

—Maldita seja! Esta coisa só me dá problemas!

O policial a olhou com curiosidade, e lhe perguntou:

—Como perdeu o braço?

—Em uma operação especial na África — respondeu ele distraidamente, enquanto comprovava o alcance dos danos — Vou ter que ir para casa colocar a prótese sobressalente.

—Olhe, sinto minha atitude de antes — lhe disse o policial—, mas é que tive alguns problemas com guardas de segurança que se acreditavam Eliot Ness.

Colby sorriu, e admitiu:

—Eu também; de fato, conheci um tipo assim quando trabalhava na Hutton Corporation. Como não deixava de estorvar, tivemos que encerrá-lo em um armário com um terrorista, e quando saiu disse que ia voltar a ganhar a vida passeando com cães.

—Com um terrorista? —disse o policial.

Colby assentiu, enquanto voltava a baixar a manga da camisa e vestia a jaqueta.

—Tentou voar pelos ares uma das plataformas petrolíferas do Hutton. O entregamos a Interpol.

—Hutton esteve relacionado com aquele seqüestro no estrangeiro, verdade? Que esteve a ponto de fazer estalar uma guerra. Esteve em todos os periódicos.

—Isso foi antes que eu fosse trabalhar com ele, mandou-me uma das agências governamentais — se inclinou para o policial, e acrescentou —: Que fique entre você e eu, mas no setor privado o salário é melhor.

—Provavelmente o chamo para que me consiga trabalho um dia destes — brincou ele.

—Ah, sim? Pois Com certeza contrato — respondeu Colby, com um sorriso—. Olhe, decidimos deixar que Vance volte para o trabalho, e fingir que não sabemos seu envolvimento em tudo isto, mas lhe perguntei por ele ao tipo ao que disparei. Temos que nos assegurar que não passe informação a seus colegas.

—É que não te inteiraste?

—Do que?

—O idiota tentou tirar a pistola de um agente enquanto o estava algemando, lutaram e a arma se disparou. O homem está morto.

—Vá. Resolve meu problema, embora não da melhor forma.

—Entendo-te. Bom, será melhor que te ocupe desse braço — lhe disse, quando os dedos começaram a mover-se ruidosamente, de forma descontrolada.

—Sim. Por certo, obrigado por me cobrir as costas.

—De nada. Eu gosto de trabalhar com os agentes do DEA, porque nunca ficam com todo o mérito quando trabalhamos juntos. Adeus.

—Adeus.

Colby foi procurar ao Hunter, e deixou seu MP—5 junto ao resto de armas especiais que seu amigo tinha pedido emprestadas.

—Maldito seja, Hunter, quer deixar de nos roubar material? —resmungou o sargento do SWAT enquanto comprovava e descarregava as armas.

—A Deus ponho por testemunha, que não sei como chegou essa pistola a meu cinturão — disse Colby ao homem, com a mão no coração.

Hunter o levou rapidamente dali bem a tempo.

Quando ficou sozinho, o humor do Colby não demorou em azedar-se. Havia dito a Sarina que não voltariam a ter segredos um com o outro, e ela tinha concordado, mas havia estado mentindo todo o tempo. Como podia deitar-se com um homem que não confiava? Sua falta de fé nele o destroçava.

Mas tinha que pensar na Bernadette, e sabia que não podia lhe dar as costas a sua filha, sem importar o que sentisse pela Sarina. Com uma careta, admitiu para si que não sabia o que sentia por ela, porque estava muito confuso.

Mesmo assim, ao sair do armazém foi direto ao hospital, apesar de seu braço quebrado. Não podia deixar de preocupar-se com a Sarina embora soubesse que a ferida não era grave, e tampouco queria deixar que Rodrigo a cuidasse, sem importar que tivesse trocado sua opinião sobre ele.

Encontrou-a em um compartimento da sala de Urgências. Tinham feito umas radiografias, e estava esperando a que chegasse o radiologista para comentá-las.

—Hei-lhe dito que a bala não me havia danificado o osso — lhe estava dizendo ao Rodrigo—, mas não me tem feito nem caso.

—Teria que lhe haver mostrado seu título de Medicina — brincou ele.

Sarina o fulminou com o olhar.

—O que há dito o médico? —perguntou-lhes Colby ao chegar junto a eles, enquanto mantinha o rosto deliberadamente inexpressivo.

—É um residente — o corrigiu ela com tom cortante—. Há-me dito que tenho uma ferida de bala.

Colby não pôde conter um sorriso.

—Foi dar parte à polícia — acrescentou ela.

—Mostrastes sua identificação? —perguntou-lhe ele, surpreso.

A expressão dela se nublou ainda mais.

—Não pude! Acredita-se que sou uma criminosa em fuga, assim não quis lhe privar de seu entretenimento de esta noite.

Rodrigo deu de ombros, como pedindo que tentasse fazê-la entrar em razão.

Colby começou a falar, mas o residente, um menino jovem e alto de expressão séria que levava grossos óculos, chegou nesse momento acompanhado por um agente de polícia.

Rodrigo, Colby e Sarina tiraram suas placas ao mesmo tempo, e depois de observar à do Colby durante alguns segundos longos, o agente lhe lançou ao residente um olhar que dizia mais que mil palavras e foi desculpar-se por incomodar a uma agente ferida.

Só por chatear, Colby deixou que o jovem vislumbasse sua identificação; era a velha, é obvio a da «Agência».

O residente limpou a garganta, e comentou:

—As normas do hospital me obrigam a informar à polícia de qualquer ferida de bala.

Colby guardou a carteira, e comentou com voz firme:

—Tem minha palavra de que esta mulher não é uma fugitiva, mas se não lhe curam logo a ferida, vou falar com o administrador do hospital. O residente colocou mãos à obra.

Mais tarde, um médico foi comprovar o diagnóstico e aprovou o tratamento, mas não quis deixar que Sarina voltasse para sua casa. Quando ela começou a protestar, o homem a interrompeu levantando a mão e lhe disse:

—Temos muitas camas livres e é melhor acautelar, sobre tudo tendo em conta que a bala passou muito perto do osso. Se amanhã estiver bem, dar-te-ei alta a primeira hora da segunda-feira.

—Da segunda-feira? —protestou ela.

—Vê o que se sente quando não deixam a um fazer o que quer? — perguntou Colby.

—Você tinha malária! Tinha que ficar na cama!

—Onde as dão, tomam — disse ele.

—Colby tem razão — interveio Rodrigo—. Não teria que ficar sozinha em sua casa, Bernadette não saberia o que fazer se passasse algo.

Sarina o olhou com olhos cintilantes, mas ao dar-se conta de que protestar não ia servir lhe de nada, disse-lhe:

—Está com os Hunter. Chamarei a Jennifer para lhe perguntar se pode ficar até segunda-feira, pode levá-la ao colégio com a Nikki. Mas, o que lhe digo?

—Eu passarei amanhã por ali — disse Colby—, e direi que tiveste que ir a uma reunião urgente fora da cidade com o senhor Ritter.

Sarina vacilou por um segundo, mas finalmente respondeu:

—De acordo.

—Poderia levá-la ao zoológico — sugeriu-o.

Os olhos da Sarina se acenderam com indignação.

—Vai levar a com sua nova amante? — perguntou-lhe. Rodrigo ficou alerta, e contemplou com curiosidade como o rubor se estendia pelas bochechas do Colby.

O ignorou por completo, e olhou a Sarina com expressão pétrea. Não pensava admitir a verdade, que ela pensasse o que lhe desse a vontade.

—Resulta que tem que tomar um vôo pela manhã, assim estarei sozinho — disse.

—Que lástima. Dá-te bem guardar segredos, verdade?

—Olhe quem fala que classe de mãe arriscaria sua vida com uma filha a que criar?

Capítulo 12

Sarina empalideceu de repente. Tinha esperado aquela pergunta desde que Colby a havia encontrado no chão do armazém, mas ainda não sabia como responder; de fato, não queria fazê-lo. Tinha-lhe feito conceber esperanças, acreditar que sentia algo por ela, que queria um futuro a seu lado, e de repente a tinha ignorado por completo e o havia encontrado quase nu com outra mulher. A história se repetia, porque no passado tinha tido a Maureen enquanto fingia estar interessado nela. Já a tinha traído uma vez, por que não ia voltar a fazê-lo? Nunca seria um marido fiel, e embora ela tivesse estado vivendo em um mundo imaginário com finais felizes, deu-se de cara com a realidade.

Levantou o queixo em atitude beligerante, e lhe disse:

—Sou uma boa agente, e enfrento a situações perigosas poucas vezes. Rodrigo pode dizer isso.

—Não me importa o que ele diga — respondeu Colby, antes que o outro homem pudesse falar —. Esta noite te acertaram um tiro no braço, um par de centímetros mais à esquerda, e estaria morta!

—Mas não o estou. Além disso, seu trabalho é mais perigoso que o meu. Está pensando em deixá-lo pela Bernadette? Vai dedicar-te a uma atividade mais tranquila?

—Não estamos falando de mim.

—É seu pai! — exclamou ela.

—E você sua mãe! É que pensa criá-la entre tiroteio e tiroteio?

—Você disparou a um homem!

—E você tentou fazê-lo! — respondeu ele, furioso.

Rodrigo se interpôs entre eles, e comentou:

—Sarina está ferida e você está quebrado, assim que os dois necessitam algumas reparações. Acredito que não seria má idéia pospor a Terceira Guerra Mundial até que lhes recuperem um pouco.

Colby o olhou com olhos cintilantes, mas ao cabo de alguns segundos deu de ombros e respirou fundo.

—Suponho que não é má idéia — admitiu —. Tenho que ir procurar meu braço de reposição em casa. Sarina segurou o braço, e confessou:

— Iria bem um calmante.

—Isso está melhor — disse Rodrigo, satisfeito.

—Puseste-te ao seu lado — o acusou ela.

—Salvou-me a vida, assim que lhe devo uma... por agora —acrescentou, lhe lançando ao Colby um olhar carregado de ironia.

—Quando for bem, pode me salvar a vida para que estejamos em paz — lhe disse ele com tranquilidade.

—Ainda te devo uma pelo da outra vez — disse Rodrigo sem pensar, ao recordar o que havia passado na África. Ao dar-se conta do que havia dito, ficou calado e olhou a Sarina com desconforto.

—Qual outra vez? —perguntou-lhe ela.

—Havia dois tipos no armazém — se apressou a dizer Colby—. Bom, tenho que ir. Não deixe que ataque ao residente e escape — disse ao Rodrigo.

—Não é meu tipo, eu não gosto dos homens loiros — respondeu ela, irritada.

—Já nos demos conta — brincou Rodrigo.

Colby o fulminou com o olhar, mas o residente voltou antes que pudesse fazer algum comentário.

O jovem olhou aos dois homens e depois a Sarina, que lhe lançou um olhar gélido e posou a mão na culatra de sua arma.

—Ouça, só estava cumprindo as normas — se apressou a dizer o jovem.

Ela levantou a pistola e a deu com movimentos lentos ao Rodrigo.

—Guarda-me isso lhe disse.

—Eu não me preocuparia não lhe deu ao último homem ao que disparou — disse Rodrigo ao residente, com um sorriso inocente.

Colby tinha começado a sentir os efeitos da agitada noite. Olhou a Sarina, tentando que não se notasse que ainda seguia preocupado.

—Vai estar bem?

—Sim, só é...

—Uma ferida superficial. Claro.

—Exato.

—Vamos ingressar em uma habitação — lhes disse o residente—. Tem que preencher alguns papéis, mas enviaremos a alguém à habitação para que se ocupe de tudo isso. Né... está preparada? — acrescentou, antes de lançar aos dois homens um olhar eloqüente, mas que revelava seu nervosismo.

—Tenho que ir — disse Rodrigo. Acariciou a mão dela com suavidade, e lhe disse—: Chame se me necessitar.

—Obrigado — respondeu ela, com um sorriso.

Quando Rodrigo se foi, Colby respirou fundo e lhe disse:

—Não direi nada a Bernadette do que passou. Virei na segunda-feira para te buscar e a te levar a sua casa.

—Rodrigo pode encarregar-se disso.

—Já sei, mas não vai fazer — respondeu ele —. Na segunda-feira pela tarde, podemos ir juntos a procurar a Bernadette ao colégio, se, se sentir com forças.

Sarina quis protestar, mas lhe doía o braço e estava um pouco enjoada.

Colby lhe fez um gesto afirmativo ao residente, e lhe disse:

—Vou, te ocupe de que esteja cômoda na habitação — ao ver que ela fazia uma careta de dor ao baixar-se da maca, comentou—: Já sei o que dói me feriram a bala várias vezes. Amanhã te alegrará de que lhe tenham obrigado a ficar.

—Tem razão — disse o residente—. vai sentir enjôos e mais dor que agora, dar-lhe-ei algum calmante.

—Boa noite — disse Colby.

Sarina quis lhe lançar um olhar furioso, mas já estava perdendo forças e não lhe saiu muito bem.

Colby se voltou sem acrescentar nada mais; tinha mais razão que ela para estar zangado, mas esse não era o momento de discutir sobre o assunto.

Quando saiu do compartimento, ainda se sentia traído. Sabia que deveria ter mostrado a foto do Tate e Cecily, mas estava muito zangado. Que pensasse que havia a outra mulher, não lhe importava. Tinha-lhe mentido.

Ia de caminho a casa, quando de repente apareceu em sua mente a imagem de uma carinha desolada. Era Bernadette, chorando angustiada. Não podia tirar da cabeça, embora não tinha sentido; além disso, era quase meia noite e estaria dormindo, não podia ir à casa dos Hunter e despertar a todo mundo... claro que podia. De fato, isso foi o que decidiu que ia fazer.

Pouco depois, bateu na porta. Quando Hunter abriu, soltou um suave assobio ao vê-lo e disse:

—Graças a Deus que está aqui, embora não sei por que vieste.

Assim que Hunter se fez a um lado, Bernadette foi correndo para o Colby. Levava um pijama arroxeadado, e tinha o rosto úmido de lágrimas e os olhos inchados e avermelhados.

—Papai! —exclamou, antes de lançar-se a seus braços—. Papai dispararam a mamãe, igual ao em meu sonho! Está morta?

Nesse momento, Colby recordou que a menina havia tido uma premonição, em que tinha visto sua mãe ferida em um lugar grande e cheio de caixas. Tinha-lhe prometido que cuidaria da Sarina, mas naquela época não tinha nem idéia de que ela trabalhava para o DEA. Levantou a Bernadette em seus braços e entrou com ela na casa, enquanto tentava tranquilizá-la.

—Não passa nada, céu. Mamãe está bem — sussurrou—. Mamãe está muito bem.

—Mas lhe saía sangue, eu vi! —gemeu a menina.

Os braços do Colby apertaram com mais força à pequena. As conexões quebradas não deixavam de fazer ruído, mas ele nem sequer se deu conta. Sentou-se no sofá com a Bernadette no colo, e tirou um lenço para lhe secar os olhos.

—Céu, me escute. Sua mãe é muito valente, assim que você também tem que sê-lo. Vai ficar no hospital até segunda-feira, mas te prometo que ela e eu iremos te buscar no colégio na segunda-feira pela tarde. Prometo-lhe isso, Bernadette.

A menina começou a acalmar-se um pouco. Olhou a seu pai aos olhos, e ao ver sua completa sinceridade, sua respiração foi normalizando-se.

— Certo, papai.

Aquela palavra, que ainda lhe resultava tão estranha, fez que se sentisse mais alto, mais forte. Olhou-a com um sorriso, e lhe apartou o cabelo úmido de seus enormes olhos marrons. O fluxo de lágrimas se ia detendo pouco a pouco.

—Nunca te mentirei — disse à pequena.

Ela assentiu, e disse com voz ainda algo tremente:

—Tinha muito medo. Por que vejo estas coisas más?

—Não sei céu, mas a seu avô acontecia o mesmo. Um dia, veio a cavalo ao colégio porque sabia que eu tinha caído; ninguém o havia dito, mas ele sabia de alguma forma. Havia quebrado a perna, e ele apareceu justo quando chegava à ambulância.

—Contou-me isso — lhe disse ela, com um sorriso.

Os três membros da família Hunter estavam de pé junto ao sofá, escutando a conversação. Nikki tinha uma camisola posta, e os adultos pijamas e bata.

—Suponho que não estou vestido, para a ocasião — comentou Colby, com um suspiro —. Deveria me pôr um pijama, ou ir a minha casa.

Hunter se deu conta do ruído que estava fazendo a prótese, e comentou:

—Eu diria que a segunda opção é a melhor — fez um gesto para o braço prejudicado, e lhe perguntou—: Acertaram-te na prótese?

—Sim, é um aporrinho.

—Eu não diria isso — sorriu Hunter.

Colby se levantou, e voltou a deixar a Bernadette no chão.

—Pode ficar até na segunda-feira pela manhã? Posso levá-la ao colégio — comentou.

—Não faz falta, pode ir com a Nikki — lhe disse Jennifer, enquanto se abraçava sonolenta ao Hunter.

—Certo então Sarina e eu iremos buscá-la na segunda-feira pela tarde ao colégio — olhou à menina, e lhe disse—: Quer que vamos ao zoológico amanhã?

—Sim! —exclamou a menina—. Pode vir Nikki também?

—Claro — disse Colby, com um sorriso.

—Então, iremos todos — interveio Hunter—. Podemos passar todo o dia ali, eu gosto dos zoológicos.

—Isso é porque te ficaste muito tempo entre animais — brincou Colby.

—Excetuando aos pressente? —disse Hunter, com uma gargalhada.

—Mais ou menos — Colby se tocou o braço, e comentou—: Será melhor que me leve esta bomba para casa, antes que comece a contagem para autodestruição. A que horas sairemos amanhã?

—Vai bem por volta das doze e meia?

—Perfeito, assim poderei me levantar tarde. Ainda não estou aos cem por cem depois da malária, e esta noite não foi exatamente tranqüila — levantou a Bernadette com seu braço bom e a abraçou com força, em um gesto que cada vez lhe parecia mais natural. Deu-lhe um beijo na bochecha, e lhe disse — Volta a dormir, certo?

—Certo. Boa noite, papai.

—Boa noite, céu.

Colby desfrutou muitíssimo da excursão ao zoológico; não tinha estado em um desde sua infância, e de fato tinha sido mais uma granja de animais exóticos que um zoológico. Havia recintos ao ar livre muito bem acondicionado para os animais, que não davam à sensação de estar enjaulados, mas o que mais gostou de foi o terrário dos répteis; a Bernadette também pareceu gostar muito, e não mostrou nenhum medo pelos animais.

A menina se manteve agarrada a sua mão com orgulho, e sorria aos outros meninos com os que se foram cruzando, como alardeando dele. Ao notar quão orgulhosa sua filha se sentia dele, Colby sentiu que lhe dava um tombo o coração.

Comeram cachorro-quente e passearam até que ao Colby doeram as pernas, e depois foram ao parque; ao parecer, às meninas não afetava muito o frio, porque se foram correndo aos balanços enquanto os Hunter e ele descansavam em alguns bancos. Colby se sentia satisfeito por quão bem ia o dia, e se deu conta de que ser pai não se parecia em nada a suas expectativas do passado; era muito melhor.

Mais tarde, Jennifer chamou por telefone ao hospital, porque Colby se negou a fazê-lo sem alegar razão alguma. Sarina lhe disse que Rodrigo tinha ido ver a, mas que se sentia um pouco esquecida, sobre tudo pelo Colby.

—Fomos ao zoológico — lhe disse Jennifer—. Teria que ter visto a Bernadette com os répteis; não tem medo de nada, como Colby. O tratador deixou que tocasse a uma píton albina, e ela esteve encantada.

—Gosta das serpentes — comentou Sarina, enquanto sorria para si mesmo. Fez uma careta de dor ao trocar de postura na cama, porque o braço lhe doía bastante e havia náuseas e um pouco de febre —. Há dito Colby algo sobre mim?

—Não, acredito que ainda não se recuperou da surpresa. Phillip me disse que ele não sabia a que te dedica, e não o tomou muito bem.

—Pois terá que acostumar-se — disse Sarina, muito zangada —. Não penso deixar meu trabalho!

—Os dois terão que fazer ajustes consideráveis um dia destes — lhe disse Jennifer com suavidade —. Sabe que a menina necessita aos dois.

Depois de um breve silêncio, Sarina admitiu:

—Tem razão. Suponho que ainda estou um pouco zangada.

—Pelo tiroteio? —perguntou-lhe Jennifer.

Não, pela loira quase nua que se encontrou em casa do Colby, mas Sarina não se sentia cômoda falando daquilo com a Jennifer, assim optou por mentir.

—Sim, pelo tiroteio. Tenho febre e o braço me dói o bastante, assim suponho que tinham razão ao querer que ficasse aqui.

—Sinto que tenha perdido a excursão ao zoológico, Bernadette se divertiu como nunca.

—Me alegre. Passei tanto tempo trabalhando nos últimos anos, que não pudemos sair a passá-lo bem tanto como me teria gostado.

—Colby a tirará por aí de vez em quando, já o verá - disse Jennifer—. A Nikki adora sair a passá-lo bem com seu pai, e presumir dele.

—Phillip é um bom pai. —Colby também vai ser.

Sarina não respondeu, e depois de alguns segundos, Jennifer acrescentou:

—Suponho que não sabe que Colby se apresentou em casa em meio da noite, verdade?

—O que? Por quê?

—Disse-nos que tinha visto a Bernadette chorando, e Phillip me disse depois que havia sido uma visão. Quando chegou, estávamos todos na sala de estar, tentando convencer a de que não passava nada. Colby lhe contou um pouco do que tinha passado, mas conseguiu tranquilizá-la e a deixou Sorrindo quando se foi.

Sarina permaneceu em silêncio um momento, e finalmente suspirou e disse:

—Suspeitava que Colby tivesse uma conexão especial com ela, igual a seu pai a tinha com ele — disse com tom suave—. Bernadette teve uma visão em que o feriam na África, e o dia que se conheceram tiveram um desentendimento porque ela mencionou o que lhe havia passado.

—Sim, Phillip me contou isso. É incrível, verdade?

—Sim. Seu avô era igual a ela, explicou-nos que sempre sabia quando acontecia algo mau ao Colby.

—Deve ser hereditário. Conhecia uma mulher que tinha ascendência irlandesa e escocesa, que era clarividente e tinha esse tipo de conexão com sua mãe. Tomou um avião e voou três mil quilômetros para estar junto a ela, porque sabia que acabava de sofrer um ataque ao coração. Ninguém o havia dito, ela soube sem mais.

—O avô da Bernadete dizia que era um dom, um presente, mas a Bernadette dá um pouco de medo porque só vê coisas más.

—Mesmo assim, deve ser reconfortante poder saber se algo vai mau. Segundo o tipo de premonição que se tenha, até se poderiam salvar vidas.

—Sim, suponho que sim, mas eu gostaria que as visões não fossem tão angustiantes — Sem duvidar um segundo, Sarina acrescentou—: Colby não mencionou a nenhuma outra mulher, verdade?

—Claro que não — lhe respondeu Jennifer, com um ligeiro sorriso — Por que ia fazer, sobre tudo agora?

—Por nada. Não me faça conta, estou um pouco enjoada — se apressou a dizer ela—. Obrigado por me chamar, lhe dê um beijo de boa noite a Bernadette de minha parte, e lhe diga que a verei amanhã. O médico me prometeu que me dará alta se não piorar, e não penso fazê-lo — disse com firmeza.

—De acordo. Boa noite.

—Boa noite.

Colby foi trabalhar com o braço sobressalente, depois de enviar o quebrado ao laboratório com uma nota em que pedia que o arrumassem quanto antes... como a vez anterior. Começava a perguntar-se se aquele traste chegaria a ser confiável algum dia.

Sarina passou uma má noite, e no domingo foi ainda pior. Dormiu entre os antibióticos e calmantes, enquanto amaldiçoava para seus pensamentos ao Colby por havê-la traído com aquela mulher. Não teria sido tão mau, se não seguisse revivendo uma e outra vez a noite que tinha passado em sua casa; havia sido a experiência mais doce dos últimos anos, e tinha construído um montão de sonhos sobre seus alicerces. Mas os sonhos se foram derrubando ao enfrentar-se à dura realidade.

Perguntou-se o que teria pensado sua nova amante ao vê-la aparecer na porta com o pão de plátano, e pensou esperançada que talvez a mulher se pusesse como uma fera e não tinha deixado de lhe dar a lata em todo o dia. Não havia sentido que a tivesse deixado por outra aos poucos dias de fazer o amor apaixonadamente, mas a verdade era que seu histórico com os homens não era nenhuma maravilha.

Pensou no bem que se levou Rodrigo com a Bernadette e com ela, e desejou com todo seu coração poder amá-lo; entretanto, não tinha sido possível, nem sequer antes que Colby reaparecesse em sua vida. A primeira vez que havia visto o Colby, lhe tinha acelerado o coração, e sua reação não tinha trocado com os anos. Detestava o que sentia por ele, sobre tudo nesse momento.

Sabia que ele tinha certa razão no referente a seu trabalho, mas não pensava admiti-lo. Tinha resultado ferida em ato de serviço, mas se perguntou o que teria sido da Bernadette se o disparo a tivesse matado. Possivelmente Colby teria acessado a ficar com ela, mas poderia arrumar-lhe com uma menina em sua vida? Ao parecer, era novo no setor da segurança, e sua antiga vida ainda ressurgia de vez em quando.

Sarina se perguntou se ele seria capaz de deixar a Bernadette com alguém para voltar para serviço ativo. Sua carreira profissional estava centrada no exército, assim devia lhe resultar duro renunciar a seu estilo de vida, sobre tudo porque seu novo trabalho podia resultar um pouco aborrecido às vezes.

Recordou a facilidade com que tinha prendido o drogado enlouquecido que havia atacado a sua vizinha, e como tinha saltado a cerca a cavalo no rancho, com um brilho triunfal nos olhos. Tem uma veia selvagem impossível de domesticar, e resultava um pouco estranho que tivesse encaixado tão bem nas forças de segurança. A maioria de militares eram pessoas conservadoras, estritas e reservadas, mas Colby não se ajustava a esse perfil; de fato, tinha mais em comum com os homens que viviam ao fio da navalha, como os que participavam de operações especiais ou os das equipes dos SWAT. Conforme havia lido, nenhum homem que pudesse passar um exame psicológico estava qualificado para formar parte das forças especiais.

Com certeza Colby tinha tido problemas disciplinadores, e por isso se retirou antes de tempo. Não sabia em que ramo do exército tinha servido, porque nunca o havia perguntado.

Recostou-se sobre os travesseiros, e tentou ver um pouco de televisão. Sentia falta da Bernadette e estar em sua própria casa, e não estava acostumada a permanecer inativa.

Na segunda-feira ao meio dia, Colby apareceu com o doutor em sua habitação.

—Pode ir a casa — disse o médico—. A enfermeira te dará as receitas para um antibiótico e um calmante — a olhou por cima dos óculos, e acrescentou—: Não tome o calmante se tiver que usar sua arma.

Sarina o olhou com indignação, e respondeu:

—Nunca tomo nada se for armada.

—Boa garota, segue assim. Bom, tenho que ir — acrescentou, enquanto lançava um olhar divertido ao Colby, que tinha cara de poucos amigos—. Chame-me se surgir algo.

—De acordo, obrigado — sorriu ela.

Quando o médico se foi, Sarina se levantou. Levava a mesma roupa que tinha chegado, e a manga tinha um buraco de bala e estava manchada de sangue.

—Não tinha outra roupa — comentou, ao ver que os olhos do Colby estavam fixos na manga em questão.

—Teria que ter pensado nisso, e te haver trazido algo — disse ele, com voz apagada.

—Não passa nada, vou direto a casa. Posso me trocar antes de buscar a Bernadette.

—Tinha pensado que poderíamos comprar algo para comer de caminho — comentou ele.

—Como queira.

—Chinês?

Sarina o olhou, surpreendida. Antigamente quando mantinham uma relação estreita, tinham ido muitas vezes a restaurantes de comida Chinesa.

—De acordo — disse. Soltou um sorriso nervoso, e admitiu—: Faz muito tempo que não compro comida chinesa para comer em casa.

—Igual a mim — comentou-o, com voz seca.

Sarina percorreu a habitação com o olhar para assegurar-se de que não esquecia nada, e depois foram ao posto de enfermaria. Tiveram que esperar alguns minutos a que localizassem suas receitas, e depois se detiveram na farmácia que havia perto do estacionamento para comprar os medicamentos. Quando ficaram em marcha, já tinha passado à hora da comida.

Sarina esperou na caminhonete enquanto Colby entrava no restaurante; ele voltou pouco tempo depois, e lhe deu a bolsa de plástico com a comida, porco agridoce para ela e frango para ele, antes de ficar ao volante.

Quando notou que ela tinha o olhar fixo em sua prótese, Colby suspirou e disse:

—Não parece tão real como a outra, mas vai muito bem. A verdade é que o gancho de ferro é o mais eficiente, mas as pessoas se assustam ao vê-lo.

—Colby, em que ramo do exército servia? — perguntou ela de repente.

Ele sentiu que seu corpo inteiro se esticava. Não queria responder a aquilo, e de todas as formas, as explicações necessárias requeriam bastante tempo.

—É que era algo ultra-secreto? — insistiu ela.

—Algo assim — respondeu ele—. Está cômoda? Posso subir o aquecimento se tiver frio.

—Estou bem.

—Teremos o tempo bastante justo para comer antes de ir procurar a Bernadette — comentou ele.

Aquele comentário a distraiu do assunto de seu trabalho, e durante o resto do trajeto falaram de assuntos gerais.

Colby pôs a comida na mesa enquanto Sarina tirava pratos e um par de bebidas. Ambos se mostraram calados durante a comida, porque seus problemas ainda seguiam latentes; ela não podia deixar de pensar na mulher que tinha visto em sua casa, e ele em sua inesperada profissão e na certeza de que ela acabaria descobrindo seu truculento passado.

—Obrigado por vir a me buscar — disse Sarina finalmente.

—De nada.

Ela tomou um pouco de arroz com o garfo, e o levou a boca sem pressa.

—Há alguma novidade sobre o Vance?

—Não, ainda é muito cedo — lhe respondeu Colby—. Se hoje voltou para trabalho, saberemos que vamos por bom caminho, mas não falei com o Hunter esta manhã.

—Eu tampouco. Suponho que algum dos dois teria que chamar o escritório.

Colby tirou seu celular, marcou um número e esperou alguns segundos.

—Sim, sou eu. Acabo de buscar Sarina no hospital, ter-me-á aí assim que busquemos a Bernadette no colégio — escutou a resposta do Hunter, e seguiu dizendo—: Sim, suponha que o faria. Bem, então suponho que ainda vamos bem — voltou a escutar, e comentou—: Sim, já sei,

mas acredito que teremos uma oportunidade antes ou depois — olhou a Sarina, e disse —: Melhor, mas ainda não está aos cem por cem. O direi, obrigado. Até mais tarde.

Colby desligou, e voltou a meter o celular na jaqueta.

—Deu-me uma mensagem do Ritter e Cobb para você. Dizem que não vá trabalhar até amanhã, se está decidida a seguir infiltrada.

—Tenho que fazê-lo, não posso deixar sozinho o Rodrigo — disse ela, sem olhá-lo.

—Cobb estava como louco tentando averiguar quem eram os agentes infiltrados do DEA, e acredito que ficou furioso quando se inteirou de que Rodrigo era um deles. Já se conheciam de antes — a olhou com o cenho franzido, e admitiu—: Ramírez e você me enganaram completamente.

—Não é a primeira vez que trabalhamos de disfarçado. Trabalhei para o Ritter quando estava grávida e enquanto fui à universidade, assim pensou em mim quando lhe surgiram os problemas, e decidi trazer também ao Rodrigo.

—Escolheu uma profissão perigosa — comentou-o.

—Igual a você, ou é que acredita que o exército é um trabalho tranquilo? — Sarina baixou o olhar para seu prato de arroz, e lhe perguntou—: Foi ali onde a conheceu?

—A quem te refere?

—À mulher loira que estava em sua casa — lhe disse ela, com voz tensa.

Colby começou a lhe responder, mas o interrompeu o som de golpes na porta.

Capítulo 13

Colby deu um olhar carregado de tensão com a Sarina, e colocou lentamente a mão em sua jaqueta, contra a fria culatra de sua arma automática, enquanto ia sigilosamente para a porta e jogava uma olhada através das persianas de uma das janelas.

Sarina esteve a ponto de tirar sua própria pistola para lhe servir de apoio, mas sabia que não fazia falta, porque o havia visto em ação. Estava convencida de que ele podia ocupar-se da situação, fosse qual fosse.

Era Raúl, o neto da senhora Martínez. O jovem se apressou a entrar na casa, fechou a porta atrás dele e disse ao Colby:

—Vim lhe dizer que meu primo está em tratamento e que volta a ser o de antes, graças a seu amigo, o sacerdote reformado — com um grande sorriso, comentou—: Explicou-me muitas coisas sobre vocês dois na África.

—Era um de nossos melhores homens, antes que se fizesse sacerdote.

—Segue sendo um dos melhores — disse o menino. Ao olhar a Sarina, fez uma careta e comentou—: Não tive tempo de lhes avisar do assalto. Sinto muito que a ferissem senhorita.

Sarina conseguiu esboçar um sorriso.

—Obrigado.

—Mas vim para lhes compensar — seguiu dizendo Raúl—. Essa mulher, a tal Domínguez, está-nos destruindo a todos. Só pensa em seu próprio benefício, e nos pisoteia como se fôssemos formigas. Meu outro primo, que tinha quinze anos, morreu no armazém e ela nem sequer foi ver sua mãe para lhe dizer que o sentia. Só disse que tinha morrido por sua estupidez.

—Nem sequer López matava a meninos, apesar de ser um criminoso — disse Colby, furioso.

Raúl arqueou uma sobrancelha, e lhe disse:

—Tinha ouvido que seu grupo teve algo que ver em seu desaparecimento.

—Um antigo membro dele — respondeu Colby, consciente de que Sarina estava sem entender a conversa e de que não sabia nada sobre seu passado real.

—Agora, temos que escolher entre a mulher ou um compatriota dele que é um pouco menos

sanguinário, assim decidimos que ela tem que ir-se. Só lhe interessam os benefícios, e não lhe importam quantas vidas destrói — disse o menino.

—Escuto-te — lhe disse Colby, muito sério.

—Não deve saber que eu os ajudei.

—Nunca saberá — disse Colby, enquanto Sarina assentia sua conformidade.

—Estão planejando transladar logo o carregamento a uma cidade que está ao sul daqui, chama-se Jacobsville. López teve uma base ali faz tempo, e ainda está em seu nome por meio de uma companhia.

—É que não sabe que Jacobsville está cheio de antigos mercenários?

—Não — disse o menino, com um sorriso —. Acredita que isso era um rumor que se criou para que López parecesse estúpido.

Colby se pôs a rir, e disse:

—Pois está muito equivocada.

—Sim. Não sei nada mais, mas os avisarei se me inteiro de algo — olhou a Sarina, e acrescentou—: Devo-lhes muito aos dois, pela recuperação do Tito e a vida de minha avó, mas não vou trair a meus companheiros.

Colby alargou a mão, e o menino a estreitou.

—Dou-te minha palavra de que nunca se saberá que nos ajudaste em tudo isto.

—Sei que posso confiar em você. Tenho que ir.

—Como está sua avó? —perguntou-lhe Sarina.

—Muito bem, obrigado. O sacerdote envia dois homens cada semana para que lhe façam a compra, e um deles até lhe limpa a casa. Parece que os mercenários sabem fazer de tudo. Adeus!

Quando Raúl se foi, Sarina ficou olhando ao Colby sem piscar e lhe disse:

—Como é que é amigo de um sacerdote que esteve contigo na África, trabalhando como mercenário?

Colby respirou fundo e se voltou para ela.

—Eu não estive trabalhando todos estes anos nos serviços de inteligência militar, exatamente.

—Não?

—Não encaixei bem o exército, inclusive me senti desconjurado na CIA, assim decidi trabalhar por livre.

A expressão da Sarina se esticou.

—Por isso foi à África — começou a dizer lentamente, e seus olhos se abriram de par em par ao entendê-lo tudo—. Formou parte de um golpe militar que houve ali!

—Sim. Derrocamos a um ditador que estava assassinando a centenas de pessoas inocentes diariamente — confessou ele —. Pusemos em seu lugar um governo menos brutal, e afim a nosso país.

—Quais foram?

—Eb Scott, Cy Parks, Micah Steele e eu.

Sarina o olhou com a boca aberta.

—Cy era um mercenário?

Colby sabia que Sarina estava a ponto de levar-se mais de uma surpresa, sobre tudo quando se inteirasse de que Ramírez, seu amigo e companheiro, haviam estado até o pescoço naquele tipo de trabalho; entretanto, não lhe parecia bem contar aquilo, ainda não.

—E Micah Steele também — disse Sarina, pensando em voz alta—. Por isso Phillip lhe pediu que viesse, porque esteve com você na África. Soube o que te passava antes de ver-te.

—Sim, salvou-me a vida... amputou-me o braço com a única ajuda de um interno da zona, em condições de combate.

Sarina se voltou e lhe deu as costas, muito afetada.

—Bom, agora já sabe como me senti quando me intei de repente de que é uma agente do DEA, e que te dedicava a se colocar em tiroteios com narcotraficantes — lhe disse ele, à defensiva.

Sarina teve que apertar os dentes com força para controlar um arranque de fúria, consciente de que Colby tinha razão. Ambos tinham guardado segredos muito perigosos, mas ao menos suas próprias ações eram compreensíveis. As dele, não.

—Tive que sair adiante com minha filha, que estava muito doente de asma e poderia ter morrido quando pequena — disse, sem olhá-lo—. Tive que aceitar o trabalho que me oferecia o melhor salário, e trabalhar de empregado de escritório para uma petroleira não cumpria os requisitos.

—Poderia ter subido até a direção — lhe disse Colby, com brutalidade.

—Sim, claro — respondeu Sarina, com uma risada vazia, antes de sentar-se no braço do sofá—. Não me dá bem mandar às pessoas, por isso sou uma agente de campo. Não sirvo para dirigir. Isso depende da personalidade de cada um, não significa que não possa ser boa em meu trabalho.

—Isso é verdade, tem guelra e é muito inteligente. O seu é trabalhar no campo da segurança.

—Eu gosto do que faço — respondeu ela.

Colby se aproximou dela, e a olhou com uma expressão acalmada.

—Pois não deveria ser assim. Se te acontecesse algo, Bernadette teria que ficar comigo, e não é sensato apostar por mim.

Sarina não soube como interpretar aquelas palavras, e seus olhos se obscureceram de dor. Acaso estava lhe dizendo que não tinham um futuro juntos, apesar dos apaixonados momentos que tinham compartilhado?

Colby viu sua expressão, e a entendeu imediatamente.

Deu um passo para ela, e lhe acariciou a bochecha com a mão boa.

—Cometi muitos enganos, verdade? — perguntou-lhe com suavidade—. Tenho tanto pelo que compensar a Bernadette e a você, que não sei por onde começar.

—Talvez fosse um bom começo que fosse sincero comigo.

—Olhe quem foi falar — disse ele, com uma sobrelance arqueada.

Sarina se ruborizou.

—Tinha ordens estritas de não lhe revelar minha verdadeira identidade a ninguém.

—Disse a verdade ao Hunter — a acusou ele.

—Ordenou-me isso um oficial regional do DEA, com fila superiora ao do Cobb — respondeu ela com firmeza—. Sabia que Cobb tinha ao menos um delator em suas filas, e como não queria correr riscos com uma operação tão grande, disse-me que explicasse a situação ao Hunter. Mas você acabava de chegar e o oficial não sabia se podia confiar, porque não te conhecia.

—Suponho que é compreensível.

Sarina viu o brilho de dor em seu olhar, e lhe disse:

—Eu não gostava de ter que te ocultar coisas, mas depois daquele domingo pela manhã em sua casa... — apartou o olhar, e lhe perguntou—: Quer uma xícara de café?

—Sim.

Sarina foi à cozinha, e preparou uma cafeteira. Ao dar uma olhada a seu relógio, comentou:

—Ficam vinte minutos antes de ir procurar a Bernadette, poderia preparar algo para lanchar.

—Estou cheio da comida.

—Eu também.

—Mas poderíamos passar pela pizzaria à volta, e comprar a Bernadette algo com montões de pepperoni e cogumelos.

Sarina se pôs a rir.

—Como sabe que...?

—Não deixo de ter alguns desejos muito estranhos, e como me dava conta de que não podia estar incomodado, atribuí-os à conexão que tenho com minha filha.

—Sabe um montão de coisas sobre você — admitiu Sarina, com um sorriso—. Não sei como funciona exatamente, mas seu pai também tinha esse dom.

—E meu tio também. É um comanche, e ensina História em uma universidade pública do Oklahoma. Seu filho, meu primo Jeremiah Cortez, trabalha no FBI.

—Arrumado a que é um investigador de primeira — comentou Sarina enquanto servia o café.

—A verdade é que não tem o dom de seu pai, igual a mim. Bernadette supera a todos — sentou-se à mesa da cozinha, e tomou sua xícara de café puro —. Metem-se muito com ela no colégio?

—Tenta escondê-lo, sua capacidade lhe dá um pouco de medo — lhe disse Sarina.

—É compreensível, se viu como me feriam. Um de meus homens vomitou.

Sarina olhou de esguelha a prótese, tentando não imaginar a dor. E duvidava que Maureen se mostrasse muito pomenorizada.

—Colby — começou a dizer, sem olhá-lo—, aquela mulher loira...

O inclinou a cabeça e a olhou com uma expressão gélida.

—Sigo sendo o mesmo, embora tenha descoberto algo sobre mim que não sabia. Acreditas que sou um homem capaz de ir de uma mulher a outra sem nenhuma consciência?

—Abandonou-me e foi com a Maureen.

Ele fez uma careta, tomou um gole de café e finalmente admitiu:

—Estava obcecado com ela, desde antes de te conhecer. Senti-me atraído por você e te desejava, mas estava cego pelo que sentia por ela. Foi uma miragem, porque ao viver com ela me dava conta de que só se preocupava com si mesmo, e de que não lhe importava ninguém mais. Quando perdi o braço, parecia-lhe repulsivo e não podia suportar me ver sem camisa — a olhou nos olhos, e sorriu—. Você nem sequer pareceu te dar conta de que não o tinha.

—Não me importou — lhe respondeu ela, incapaz de mentir—. Ainda não me há dito...

Com um longo suspiro, Colby tirou de sua carteira a foto que Cecily lhe havia dado, pôs em cima da mesa e a empurrou para ela.

Sarina a levantou, surpreendida, e lhe perguntou:

—Quem é o homem que está junto a ela?

—Tate Winthrop, seu marido e meu melhor amigo. É um lakota oglaga, e ela se chama Cecily. Têm um filho de um ano, e estão esperando outro. Tate estava na ducha quando chegou.

Sarina se sentiu envergonhada. Tinha dado por feito que lhe tivesse sido infiel, e havia atuado em consequência sem lhe dar sequer o benefício da dúvida. Voltou a olhar a fotografia, e disse:

—Sinto ter tirado conclusões precipitadas.

—É normal, tendo em conta meu histórico, mas a partir de agora temos que tentar ser completamente sinceros um com o outro.

—Isso pode que me resulte um pouco difícil — admitiu-a.

—A mim também, porque estou acostumado a guardar segredos. Podemos começar desde zero.

—Para que?

—Bernadette necessita aos dois, necessita uma mãe e um pai — lhe disse ele, com suavidade—. Sei que vou começar a exercer como tal bastante tarde, mas não estou disposto a renunciar a ela.

—Minha filha também é muito importante para mim.

—Que pinta Ramírez em seu futuro? — perguntou-lhe ele de repente.

—Colby, é meu companheiro. Levamos três anos trabalhando juntos, e já sabe como é quando se trabalha com alguém em situações perigosas. Há um vínculo entre nós.

—Ah, sim? —ao Colby não gostou de nada ouvir aquilo.

—Precisa-me — insistiu ela.

Aquilo era uma solene tolice. Ramírez era um tipo ainda mais solitário que ele, e quando Sarina se inteirasse de seu passado, sua relação trabalhista com ele ia se ressentir; mesmo assim, pareceria que estava ciumento se tirava o assunto. Estava ciumento, claro, mas não queria que ela se desse conta. Ramírez ria de sua debilidade.

—Que te parece se por agora vamos dia a dia? — sugeriu-lhe —. Podemos esperar até que se resolva todo este assunto das drogas, e então já veremos o que acontece.

—É uma boa idéia — disse ela.

—Agora que sabemos que os narcos vão transladar a mercadoria, não tem sentido seguir

vigiando o armazém. Teremos que ir a Jacobsville, e organizar o plano de ação com o Eb e Cy.

—Mas, meu trabalho... seu trabalho...

—Arrumaremos com o Cobb, Ritter e Hunter. Todo mundo no escritório sabe que você e eu passamos muito tempo juntos, e que cada vez me levo melhor com a Bernadette, assim pareceria perfeitamente normal se tomássemos alguns dias de férias para ir visitar alguns amigos em Jacobsville.

—Bom, não está mal como disfarce — comentou ela.

Colby franziu o cenho. Ela o havia interpretado mal, mas possivelmente era muito cedo para fazer planos em longo prazo.

—Oxalá soubesse onde está escondida a droga — disse Sarina, depois de um incômodo silêncio.

—Sim, mas se Raúl não nos enganou, ao menos temos uma pista de aonde vão levar. Cy conhece a zona, e com a ajuda de alguns amigos, conseguiu desfazer-se do López. Podem voltar a fazê-lo. —Suponho que sim.

—Eu gosto de Jacobsville — comentou ele, de repente —. É um lugar pequeno, mas isso não tem por que ser algo negativo. Quando era pequeno e alguém ficava doente, o povo inteiro ia tentar lhe ajudar. Nas cidades não é o mesmo.

—A verdade é que não tenho muita experiência com comunidades pequenas — admitiu Sarina com voz fraca—. Levava uma vida de luxo e tinha de tudo, menos amor — soltou uma risada seca, sem olhá-lo, e acrescentou—: O dinheiro não dá a felicidade.

—Bernadette te quer muitíssimo — comentou ele.

O rosto da Sarina se iluminou com um sorriso.

—Sim, é verdade. E eu a adoro, é o mais importante de minha vida.

—Estou começando a entender esse sentimento. Eu gostaria de estar perto, se por acaso me necessita.

Sarina sentiu que lhe acelerava o coração. Perguntou se ele estava lhe oferecendo um futuro, ou simplesmente lhe dizendo que estaria em contato com sua filha.

—De verdade vai estar perto? - E o que passará quando tiver vontades de ação? —perguntou-lhe com total seriedade—. Estiveste impaciente e agitado desde que chegou à companhia.

Colby rodeou a xícara de café com ambas as mãos, e admitiu:

—Não vou negar que é duro renunciar aos prazeres da adrenalina, mas estou ficando muito lento para combater. Já não estou em plena forma, e além disso, quero chegar a ser avô.

Sarina sorriu, mas evitou olhá-lo aos olhos.

—Realmente acredita que algum dia seria capaz de criar raízes em um povo?

—Por que não? Certamente gosta de desfrutar da segurança entre os vizinhos e os amigos em uma localidade pequena, sobre tudo tendo em conta que ali vivem um montão de antigos mercenários — acrescentou, em tom de brincadeira—. E você? Pensou alguma vez em te mudar com a Bernadette a um lugar pequeno? E nesse caso, deixaria o trabalho de campo?

—Não sei, pode que sim — disse Sarina—. Mas, embora conseguisse um emprego e um lugar onde viver, não sei como poderia explicar ao Rodrigo — se deteve de repente, temerosa de ter revelado seus desejos com muita clareza.

—Eu poderia explicar-lhe por você — lhe ofereceu ele, com um brilho travesso nos olhos —. Acredito que ainda ficam umas quantas balas no bolso...

—Deixa-o já, Bernadette o quer muito.

—Gosta das serpentes, teria que havê-la vista no terrário do zoológico. Até sabe os nomes em latim.

—Os ensinei eu, também gosto das serpentes — admitiu Sarina, sorridente.

—Vá! Que sorte para o Ramírez! — brincou ele.

—Colby!

Ele olhou seu relógio, e comentou:

—Será melhor que vamos, ou chegaremos tarde.

Sarina se rendeu, e decidiu deixar o assunto. A atitude do Colby para o Rodrigo não ia mudar,

apesar de que Bernadette e ela sentissem muito carinho por ele. Mas se perguntava se havia sido sincero no de criar raízes...

Capítulo 14

Colby chegou ao escritório pouco antes que Sarina, e foi diretamente ver o Hunter, para lhe contar o que lhe havia dito Raúl e para propor seu plano de ir a Jacobsville comprovar a situação.

—O problema é que teremos que explicar nossa ausência aqui, sem levantar suspeitas — disse —. Além disso, Jennifer e você terão que ficar três ou quatro dias com a Bernadette, e temos que ter uma razão sólida para ir.

Hunter franziu os lábios, enquanto considerava a questão.

—Poderíamos ter uma conversa fictícia para que Vance se inteirasse — disse.

—Não é má idéia — admitiu Colby—. Direi ao Cy que faça circular o rumor de que quero comprar uma casa ali, para ir viver com a Sarina e Bernadette. As fofocas correm como a pólvora nas populações pequenas, sei de quando era menino.

—Estou seguro de que Cy e Micah estarão dispostos a nos ajudar.

—Devo uma ao Micah por vir a Houston quando tive malária — disse Colby, com um sorriso.

—Você teria feito o mesmo, em seu lugar.

—Sim, é verdade.

—Pergunto-me por que Vance parece tão tranquilo ultimamente, não tem feito nem um só movimento do armazém — comentou Hunter.

—Certamente acredita que suspeitamos dele, e não está desencaminhado — Colby entrecerrou os olhos, que brilhavam de fúria, e disse —: Podia ter matado a Sarina, devo-lhe uma por feri-la. Se pudesse reunir provas suficientes...

—Entendo-te, mas temos que seguir esperando até que surja algo sólido — lhe disse Hunter —. A informação que conseguiste pode nos ajudar muito se for certa, mas até que os pilhemos com as mãos na massa, não podemos provar nada. E se Sarina denunciar ao Vance, não poderemos apanhar a Cara Domínguez e a seus comparsas.

—Suponho que tem razão — admitiu Colby, impaciente.

—Não seja tão impaciente, prometo-te que os pilharemos a todos. Não se esqueça do tempo que demoraram Cy e outros em desfazer-se do López.

—Já sei, as coisas avançam devagar.

—Mas tudo chega. Enquanto Sarina e você estão no Jacobsville, nós apertaremos um pouco as porcas ao Vance para ver o que faz. Um de nossos homens controlará os transmissores que lhe pôs no carro, de momento não tem feito nada suspeito.

—Acabará colocando a pata, sempre o fazem — lhe disse Colby, convencido.

—Dá lembranças ao Cy de minha parte, talvez pudessem ficar todos um dia para falar dos velhos tempos.

—Verei se posso arrumá-lo — respondeu Colby.

Dois dias depois, Colby e Sarina se instalaram em habitações separadas no Hotel Jacobsville. Colby havia estado a ponto de sugerir que podiam reservar uma sozinha, mas ainda não estava preparado para lhe contar a verdade sobre seu matrimônio; apesar da intimidade que tinham compartilhado em recente passado, Sarina seguia mostrando-se cautelosa e distante com ele, e não queria pressioná-la muito. O melhor era lhe dar tempo para que pensasse no que lhe havia dito.

Foram ao campo de treinamento do Eb Scott, e Colby se sentiu como em casa entre

mercenários. Em certa maneira, estava um pouco mais tranqüilo a respeito de seu passado desde que o tinha contado a Sarina, porque ela não tinha reagido como havia esperado. Como era uma mulher muito convencional e rigorosa, tinha acreditado que certamente não queria saber nada dele quando se inteirasse, mas não havia sido assim. Apesar disso, tampouco lhe tinha permitido aproximar-se dela; comportava-se com educação e frieza.

—Está muito calada — lhe disse, ao sair do carro no rancho do Eb.

—Não tenho nada que dizer — lhe respondeu ela.

—Ainda está zangada pelo do Vance, verdade? Eu queria detê-lo, mas Hunter não me deixou. Segundo ele, não podemos nos permitir uma onda no lago — Colby se sentia furioso e frustrado de uma vez.

Sarina se surpreendeu ao ver seu aborrecimento, e o olhou com certa curiosidade.

—Acreditava que não te importava que seguisse livre.

—Pegou-te um tiro — respondeu ele, com voz cortante.

Ela se voltou, mas Colby pôde vislumbrar o sorriso que se formou em seus lábios.

Eb Scott era alto e forte, e tinha o cabelo castanho brunido pelo sol e os olhos verdes. Estreitou a mão do Colby com calidez, e comentou:

—Quanto tempo, tem bom aspecto.

—Você também — respondeu Colby. Jogou uma olhada a seu redor; as instalações contavam com os últimos avanços tecnológicos—. Tem feito ampliações da última vez que vim.

—Fazia anos que não vinha — lhe recordou Eb, com um sorriso.

—Sim, é verdade — Colby se voltou para a Sarina, e lhe disse—: Não conhece o Eb, verdade?

—Não, mas ouvi falar dele, claro. Cy queria nos apresentar, mas nunca encontrou o momento — alargou a mão para o homem, e acrescentou—: Sou Sarina Carrington, do DEA.

Eb lhe estreitou a mão, e lançou ao Colby um olhar que revelava sua curiosidade.

—Estivemos casados, e temos uma filha de sete anos — lhe disse ele.

Eb sabia que seu amigo havia estado casado, mas acreditava que sua mulher era morena, e Sarina era loira.

—Certamente, conheceu sua segunda mulher — comentou ela, antecipando-se à pergunta —. Eu sou a primeira, só estivemos casados um dia.

Eb arqueou uma sobrancelha.

—Deve ser uma mulher inteligente, se te deu conta tão logo de que te tinha casado com um toco. Colby se pôs a rir e Sarina se surpreendeu, porque havia esperado que se ofendesse; ao parecer, os dois homens se conheciam muito bem.

—O que fazem aqui? — perguntou-lhes Eb—. Acreditava que estava trabalhando para o Ritter em Houston, Colby.

—Sim, mas tivemos problemas com alguns traficantes de droga, e acreditam que vão tentar esconder nesta zona um carregamento de cocaína bastante grande. Viemos para tentar prendê-los.

—Perfeito, por aqui já tivemos muitos problemas com traficantes. Micah, Cy e eu jogamos por terra o negócio do López com a ajuda do Harley Fowler.

—Sim, já me inteirei. Fizeram um bom trabalho.

—Não foi tão difícil, López nos subestimou.

—Seu sucessor vai pelo mesmo caminho — lhe disse Colby—. Cara Rodríguez acredita que os homens que ficaram da organização do López inventaram aos mercenários, para tentar explicar seu fracasso.

—Está claro que não lê os periódicos — comentou Eb, ao recordar que se publicou informação sobre a operação antidroga depois da morte do López.

—Acredita-se que é muito superior a outros, mas se apóia nas pessoas equivocadas — interveio Sarina —. Um de seus homens soltou a língua, e comentou que vão tentar transladar a droga de nosso armazém. Deu por sentado que era o único na empresa que falava em espanhol — com um sorriso irônico, acrescentou—: Se equivocou.

—Se souberem que a droga está no armazém, por que não lhes limitam a fazer um inventário? —perguntou-lhes Eb.

—Porque é um local enorme, não imagina a quantidade de caixas que terei que abrir — lhe respondeu Colby—. Além disso, não acredito que a droga esteja nas caixas, parece-me que a esconderam em outro lugar.

—Onde? — perguntou-lhe Sarina.

—Não estou seguro, é só uma intuição.

—Suas intuições estavam acostumadas ser muito confiáveis — comentou Eb.

—E ainda o são — murmurou Sarina, sem olhar ao Colby.

—Bom, teremos que chamar o Micah e ao Cy para planejar tudo. Tenho contatos por toda parte, e Cy conhece um tipo que esteve infiltrado na organização do López...

—Eu também o conheço — se apressou a dizer Colby, enquanto lhe lançava um olhar de advertência a seu amigo.

Eb entendeu imediatamente que não devia mencionar ao Rodrigo diante dela, e disse com voz despreocupada:

—Enfim, já falaremos depois do assunto, antes lhes mostrarei as instalações. Sally chegará do colégio por volta das quatro, e também conhecerão nosso filho de quatro anos.

—Tem uma mulher e um filho — comentou Colby, sacudindo a cabeça—. Quem o teria imaginado, faz seis anos?

—Poderia dizê-lo mesmo de você — lhe respondeu Eb, com um sorriso —. Mas mudamos, verdade?

—Sim, completamente — admitiu Colby.

Olhou a Sarina com um cálido sorriso, e ela se ruborizou.

O campo de treinamento era gigantesco. Havia dois barracões que continham todo tipo de dispositivos eletrônicos e de artefatos, um enorme edifício metálico para a prática de artes marciais, um campo de tiro, percursos de treinamento através do bosque e áreas sinalizadas, incluindo um cenário urbano onde se levavam a cabo simulações de combate. Havia inclusive uma pista, onde um dos peritos do Eb ensinava táticas defensivas de condução. Era uma escola de antiterrorismo que qualquer governo teria desejado ter.

—Trabalhamos para distintos governos, e vou acrescentando pessoal conforme vou necessitando. O campo de tiro e a zona de combate são novos, temos que estar ao dia segundo as novas táticas terroristas. A luta guia de ruas é algo que incorporamos recentemente, depois do Iraque. Temos um instrutor que ensina árabe, farsi e alguns dialetos beduínos, e me tinha exposto ampliar a demolição e desativação de explosivos, mas Sally se negou em permitir — se deu de ombros, e acrescentou—: Algumas vezes ganha, e outra se perde.

— Certamente, não queria que saltasse pelos ares — comentou Colby.

Eb soltou uma gargalhada.

—De todas as formas, tinha pensado em lhe pedir ao Cord Romero que se ocupasse do curso, mas se casou e está esperando um filho. Vai se retirar do trabalho de mercenário, quer começar a criar touros.

—Maggie e ele saíram no periódico faz alguns meses, desmantelaram uma gangue de tráfico de menores e mataram ao chefe em Amsterdã.

—Sim. Imagine, ela trabalhava de assessora de investimentos.

—E Sarina era empregada de escritório, mas resulta que é uma agente do DEA, e das melhores.

—Alcançaram-me com um disparo — lhe recordou ela com secura, embora estivesse encantada com seu elogio.

—Isso pode lhe acontecer a qualquer um — comentou Eb—. Também me têm feito alguns buracos, e não porque me descuidasse. Feridas acabam curando-se.

—Sim, com o tempo — disse Colby.

Sally chegou por volta das quatro com o menino, que era a viva imagem de seu pai. O pequeno se mostrou um pouco tímido com eles, mas era um encanto.

A mulher do Eb era professora de gramática; era loira e esbelta, e era óbvio que estava loucamente apaixonada por seu marido. Sarina e ela se foram conhecendo, enquanto Eb e Colby conversavam dos velhos tempos.

No dia seguinte o passaram no rancho da Lisa e Cy. Arrumou-se tudo para que estivessem vigiadas as antigas tocas do Manuel López, e se designaram a alguns vaqueiros de confiança para que controlassem as cercas e mantiveram os olhos bem abertos.

—Soube que um rancho próximo está em venda? — comentou Cy.

—Não, que classe de rancho? — perguntou-lhe Colby.

—Não é muito grande para esta zona, mas tem muito potencial. Tem bons pastos e muita água, é ideal para criar cavalos.

Colby lançou um olhar a Sarina, que os estava escutando com atenção.

—Onde está? — perguntou ao Cy.

—Vamos, lhe mostrarei — respondeu isso seu amigo, com um sorriso.

Lisa decidiu ficar na casa, assim Cy foi com seus convidados em sua enorme caminhonete vermelha e passou junto ao próspero rancho de gado do Judd e Christabel Dunn, até chegar à antiga propriedade do Hob Downey.

—Ao Hob o matou um dos irmãos Clark — lhes explicou —. Era um bom homem, todo mundo o queria. A propriedade esteve abandonada desde que morreu — parou o veículo diante da casa, que estava bastante desmantelada, e ao ver que a observavam sem muito entusiasmo, comentou—: A casa é um caso perdido.

—Sim, eu a derrubaria e voltaria a construir do zero... uma casa de estilo espanhol colonial iria bem com as pitas e os cacto.

Sarina o olhou com um cálido sorriso, e comentou:

—Sim, e grafite em um tom amarelo claro, como o da areia do deserto...

—Seria perfeita. A Bernadette adoraria, poderia montar a cavalo cada dia.

A Sarina deu um tombo o coração, e quando seus olhos se encontraram com os seu do assento traseiro da caminhonete, disse com suavidade:

—Sim, é verdade.

Intercambiaram um olhar ardente, e Cy pigarreou para tentar lhes chamar a atenção.

—Bom, saiamos a dar uma olhada — disse, ocultando um sorriso enquanto saía do veículo.

Ao final do caminho de entrada havia um sinal que indicava que a propriedade estava em venda; pelo danificada que estava, era óbvio que levava ali algum tempo.

—Andy Webb, da Imobiliária Jacobsville, ocupa-se da venda — lhes disse Cy—. Como o velho Hob não tinha familiares vivos, não há herdeiros; parte dos lucros se usará para pagar os gastos de seu funeral, e o resto se investirá em benefício do fundo social da comunidade. Hob sempre dizia que os pobres necessitam mais ajuda da que recebem do governo, e desta maneira poderá seguir ajudando-os embora já não esteja aqui.

—Devia ser uma boa pessoa — comentou Sarina.

—Sim, era. Por que não dão uma olhada? Esperar-lhes-ei na caminhonete, enquanto falo com a Lisa pelo celular — com um sorriso um pouco torto, admitiu—: Nós não gostamos de estar separados muito tempo, sobre tudo com o parto tão perto.

Colby sorriu, e se afastou com a Sarina para a casa.

—Se o tivesse conhecido faz seis anos, pensaria que é outro homem. O matrimônio o trocou.

—Parece muito apaixonado — comentou Sarina.

—Está — lhe respondeu ele, enquanto a puxava pela mão.

Aproximaram-se da casa, que tinha um jardim cheio de roseiras e arbustos despojados de flores. Mais à frente, havia um enorme campo aberto de pasto que se estendia até uma linha de árvores que havia ao longe, no horizonte.

—Há muito espaço. Como na reserva, quando era pequeno — comentou Colby.

—Seu pai estava acostumado a falar disso — disse Sarina com voz suave—. Sabia que havia cometido muitos enganos em sua vida, e se arrependia de todos, sobre tudo de ter perdido o contato com você. Sentia-se culpado.

Colby lhe apertou a mão com um pouco mais de força.

—Culpava-lhe por todo o mau que me passava, inclusive de adulto, mas estou começando a entender como se sentia. Queria a minha mãe, mas não pôde renunciar ao álcool, e deve ter se odiado a si mesmo quando ela morreu. Isso fez que seu alcoolismo piorasse ainda mais.

—É verdade que se odiou durante muito tempo, mas quando se inteirou de que eu estava grávida de sua neta, reabilitou-se e não voltou a beber nem sequer uma cerveja. Acreditava que cuidar da Bernadete enquanto eu trabalhava era uma maneira de desculpar um pouco os enganos do passado, queria muitíssimo à menina.

—Eu também a quero, Sarina. E mais cada dia.

Sarina contemplou seu rosto, seus olhos escuros e serenos. Tinha amado a aquele homem a metade de sua vida, e não sabia como tinha podido viver sem ele; o amor era um sentimento tenaz, além de aterrador.

Colby lhe acariciou a boca com os dedos, e disse com voz tensa:

—Sabia que me queria, mas te fiz passar por um inferno. Mereci o que me passou com a Maureen, não pode construir a felicidade sobre a dor de outra pessoa.

Sarina sentiu que lhe dava um tombo o coração.

—Estava apaixonado por ela — começou a dizer.

—Desejava-a, mas nunca a amei como pessoa. Era egoísta e ambiciosa, e nunca se preocupou com ninguém mais. Sinto pena por seu filho, provavelmente estará em um internato antes dos treze anos. Maureen não vai ser precisamente uma mãe perfeita — Colby sacudiu a cabeça, e adicionou —: E eu queria ter filhos com ela... tive sorte de que não tivéssemos nenhum.

—Não te ocorreu que pude haver ficado grávida aquela noite? —perguntou-lhe ela.

Ele soltou uma gargalhada suave, enojado consigo mesmo.

—Recorda que pensei que tinha experiência, assim dava por sentado que estava tomando pílula. Alguma vez me ocorreu pensar que podíamos ter concebido um filho — a olhou aos olhos, e acrescentou—: Te perguntaste como teriam sido as coisas se Maureen não tivesse ignorado sua chamada de auxílio?

Sarina conseguiu esboçar um débil sorriso, e admitiu:

—Às vezes. Não podia evitar me perguntar o que teria feito.

—Teria ido ver-te imediatamente. Desejava ter filhos mais que tudo no mundo, mas estava convencido de que não podia — disse ele, com amargura.

—Então, Certamente não teria acreditado que Bernadette era sua... — começou a dizer ela.

Colby pôs um dedo em seus lábios para silenciá-la, e lhe disse com suavidade:

—Hoje em dia é muito fácil fazer uma prova de paternidade, assim que a dúvida não teria durado muito, e menos ainda ao ver a menina. Nunca acreditei que fosse uma mulher capaz de ir de um homem a outro com tanta rapidez, sobre tudo depois do que te fiz.

Sarina se aproximou dele, abraçou-o pela cintura e sussurrou:

—Certamente não estamos recordando o mesmo, porque eu estou pensando na ducha que nos demos juntos, enquanto te recuperava da malária.

Colby se estremeceu e procurou sua boca com a sua; ao encontrá-la, começou a beijá-la na fria brisa outonal que os rodeava. Ao sentir que ela respondia imediatamente, gemeu e sussurrou com voz rouca:

—Foi algo glorioso, nunca havia sentido nada igual... — deteve-se em seco, e sussurrou com expressão tensa—: OH, Deus...

—O que acontece? —perguntou-lhe ela.

—Sarina, não usamos preservativo. Céu! Poderia estar grávida neste momento.

O rosto dela se iluminou com um sorriso cálido.

—Sim, suponho que sim — disse afligida de agradar ao ver a mescla de assombro e felicidade

em seu rosto.

—Não te importaria? —sorriu Colby.

—Eu adoro crianças — de repente, seu sorriso se desvaneceu—. Mas...

—Mas não estamos casados — disse ele. Olhou-a com uma expressão transbordante de ternura, e acrescentou—: Quando o caso fique resolvido, decidiremos o que vamos fazer, de acordo?

—De acordo — respondeu ela, que sentia como se estivesse passeando entre as nuvens.

Colby voltou a beijá-la, e a soltou a contra gosto.

Deram um passeio pela propriedade, enquanto discutiam sobre seus prós e seus contra. Ele a puxou pela mão, e ao sentir que seu corpo inteiro vibrava de desejo, perguntou-se se ela também podia notar a paixão que os unia. Ao baixar o olhar para ela, viu que seus olhos ardiam de desejo, e lhe apertou a mão com mais força.

Quando chegaram de novo frente à porta principal da casa, Cy se uniu a eles.

—Quanta parte do terreno é para pasto? —perguntou-lhe Colby, esforçando-se por manter a voz acalmada.

—Mas ou menos dois terços — lhe disse Cy—. O resto é bosque e o atravessa um riacho, assim não teria problemas de água. O que te parece?

—Onde podemos encontrar ao Andy Webb? —perguntou-lhe Colby de repente. Voltou-se para a Sarina, e sorriu ao ver seu óbvio entusiasmo.

Cy sorriu de orelha a orelha, e lhes disse:

—Dá a casualidade de que sei onde está seu escritório.

Colby decidiu comprar o rancho, embora não sabia se Sarina quereria ir viver com ele de forma permanente; se ela decidia fazê-lo, ambos teriam que tomar decisões muito duras, mas Bernadette teria a seus pais e, além disso, desfrutaria de um ambiente seguro. Disse-se que talvez pudesse convencer a Sarina com esse argumento, já que sabia que não poderia suportar voltar a perdê-la. A menina e ela formavam já parte de sua alma.

Cy os levou ao rancho, e depois de lanchar café e alguns sanduíches, voltaram para hotel.

Colby se deteve diante da porta da Sarina sem saber o que fazer, porque aquele era um povo pequeno e não lhes conhecia. Tinham habitações separadas, e embora em suas largas viagens ao estrangeiro nunca havia importado levar a alguma mulher a sua habitação, estava em uma comunidade onde todo mundo se conhecia e onde se estava expondo formar seu lar, e não queria fazer nada para manchar a reputação da Sarina. Além disso, ela não sabia a verdade sobre a suposta anulação de seu matrimônio, e era um trunfo que ainda não estava disposto a usar.

Atraiu-a para si, e inalou o limpo e doce aroma de seu cabelo e de seu corpo.

—Como tem o braço? — perguntou-lhe.

Sarina sorriu, enquanto tentava aparentar calma apesar de que o corpo inteiro lhe formigava ao entrar em contato com o dele. Quão único queria era colocá-lo em sua habitação e atirá-lo sobre a cama mais próxima; estava segura de que Colby não resistiria, porque era óbvio que a desejava tanto como ela a ele.

—Muito melhor — lhe respondeu.

Ele arqueou uma sobrancelha, e a aproximou ainda mais.

—Não estará tentando me seduzir, verdade? — disse-lhe, com olhos faiscantes—. Porque a verdade é que sou um homem fácil.

—O que acontece se é isso o que estou tentando?

—Que não te vai sair com a sua, macacada — murmurou ele—, porque tenho em mente algo muito mais permanente que uma hora roubada... sobre tudo com público.

—Que público?

Colby fez um gesto dissimulado para um lado, onde o proprietário do hotel estava varrendo sua porta... embora não estava suja.

Sarina soltou uma suave gargalhada.

—Nota-se que estamos em uma cidade pequena — comentou.

—Sim. Acredito que eu gostaria de viver aqui, Sarina — admitiu ele, depois de alguns segundos —. O único lugar ao que me hei sentido enraizado é a reserva, mas me distanciei muito para poder voltar. Aqui estaria entre antigos companheiros, pessoas às que conheço há anos e que compartilham minha mesma história.

—O que quer dizer? Que quer deixar de trabalhar para o Ritter? — perguntou-lhe ela, um pouco preocupada.

Ele a olhou nos olhos, e lhe disse:

—Eu gostaria de tentá-lo, tentá-lo de verdade.

—Ah.

Colby franziu o cenho, e lhe levantou a cabeça para que o olhasse diretamente. Os olhos da Sarina tinham um brilho de tristeza.

—O que acontece?

Ela respirou fundo antes de responder.

—Eu não trabalho para o senhor Ritter, a não ser para o DEA em Tucson, e tenho que voltar.

—Por quê?

—Porque é meu trabalho! Colby tenho que ganhar a vida.

Ele tomou sua mão esquerda, e a posou sobre seu próprio peito.

—Talvez esteja grávida — lhe recordou—. De verdade quer ter outro filho sozinha?

—Claro que não, mas não é isso... — começou a dizer ela, com expressão de angústia.

—Então, por que não quer trabalhar aqui, em Jacobsville?

—O DEA não tem escritórios aqui.

—Neste condado há várias agências de segurança, e todos os povos têm uma delegacia de polícia. Cash Grier, o chefe de polícia, é especialmente duro com os narcotraficantes, e o xerife, Hayes Carson, também o é; segundo Cy, os dois se queixam sempre de que não têm suficientes detetives.

—Quer dizer que poderia deixar o DEA e trabalhar aqui? —perguntou-lhe Sarina.

—Exato, e eu poderia pedir ao Eb trabalho em seu centro. Sou um perito em interrogatórios, utilizo métodos que não aparecem em nenhum livro de normas, e tenho uma reputação quanto a recolhimento de informação e a artes marciais. Acredito que poderia me torna um instrutor.

Sarina não podia acreditar o que lhe estava dizendo, mas Colby parecia completamente sério.

—Bernadette e eu poderíamos vir a te visitar no rancho...

—Bernadette e você poderiam viver comigo no rancho

—interrompeu-a ele —. Cometi muitos enganos em minha vida, e a maioria lhe têm feito mal, mas agora tem que decidir se acredita que pode viver o resto de sua vida comigo, aqui.

Sarina ficou sem fala, porque era como um sonho feito realidade. Ainda existiam obstáculos e preocupações, como o problema de levar a Bernadette a um lugar novo, já que teria que renunciar a seus amigos e relacionar-se com gente nova, mas a proposta era muito tentadora.

—Pense-lhe isso durante uma ou duas semanas, não tem que te decidir esta noite —lhe disse Colby —. Como já te hei dito, falaremos do futuro quando resolvermos à missão que temos em nossas mãos. Parece-te bem?

Sarina sorriu com todo seu coração.

—Muito bem — lhe disse sem fôlego, entusiasmada.

Com um gesto indeciso, elevou a mão e lhe acariciou a bochecha com as pontas dos dedos antes de acrescentar:

—Não me havia atrevido a sonhar que pudesse querer algo permanente.

Colby tomou pela cintura, e a aproximou de seu corpo.

—Eu gosto muito da idéia de que possa estar grávida — lhe sussurrou. Sorriu ao ver que se ruborizava, e acrescentou—: Poderíamos aproveitar e ter vários filhos mais, enquanto tenho forças.

—Eu gostaria muito — admitiu-a em voz baixa.

—Estou pensando em algo que eu gostaria ainda mais neste momento — murmurou ele.

Inclinou-se para diante, e lhe roçou os lábios com sua boca em uma ligeira carícia que foi ganhando em intensidade gradualmente.

Sarina sentiu seu corpo inteiro dolorido de desejo. Rodeou-o com os braços, e gemeu quando ele a abraçou com mais força e aprofundou o beijo.

Colby teve que apelar a toda sua força de vontade para conseguir controlar-se. Separou-se dela com o corpo rígido e uma expressão tensa.

—Ainda não — disse com firmeza.

—Desmancha-prazeres — o repreendeu ela, sem fôlego.

Colby se pôs a rir.

—Estou tentando te converter em uma mulher decente!

—Já sou uma mulher decente, mas isso não significa que não possamos ter relações sexuais. Não passa nada.

Colby se perguntou como havia podido viver tanto tempo sem ela. Apertou-a contra si em um abraço quente e carregado de ternura, e a embalou contra seu corpo sem deixar de rir.

—Vai me dar muita dor de cabeça — comentou.

—Lhe vai passar isso genial — lhe respondeu ela.

Com um suspiro, Colby a apartou lentamente e disse:

—Temos que dormir um pouco, amanhã começaremos a medir o terreno e talvez poderemos conseguir que os traficantes façam algum movimento precipitado. Estou desejando acabar esta operação.

—Sim, eu também — murmurou Sarina.

—Que durma bem.

—E você também.

—Tomaremos o café da manhã por volta das sete, quero começar cedo — lhe disse ele.

—De acordo. Boa noite.

—Boa noite.

Colby não conseguiu conciliar o sonho. Tinha ficado muito surpreso que ela estivesse disposta a viver com ele, e embora não houvesse mencionado o matrimônio, estava convencido de que Sarina sabia que se referia a isso. Ainda não lhe havia dito que seguiam casados, mas decidiu que tinha tempo de sobra para fazê-lo; de fato, tinham todo o tempo do mundo.

Capítulo 15

O dispositivo que Colby tinha posto no carro do Brody Vance deu seus frutos ao dia seguinte. Hunter chamou a seu celular para lhe informar.

—A informação que lhe deram se confirmou — lhe disse. Não sabia que o informante tinha sido Raúl, porque Colby não havia revelado sua identidade a ninguém—. Cara Domínguez se sente segura, e está pensando em transladar a mercadoria a Jacobsville esta noite, ou amanhã pela manhã. Não sabemos onde está, mas suspeitamos qual pode ser o possível destino. Por essa zona havia umas colméias de abelhas, verdade?

—Sim, Cy comentou que havia um na parte posterior do rancho — lhe respondeu Colby—. Segundo ele, a companhia segue sendo a proprietária, embora esteja abandonada desde que se desmantelou o negócio do López.

—Bingo!

—Teria que lhe dizer ao Cobb que retire a vigilância do armazém, ao menos hoje e amanhã. E te assegure de que Vance te ouça.

—Está louco?

—Hunter, não precisamos saber onde está enquanto saibamos para onde vai não o vê?

Depois de pensar-lhe durante alguns segundos, Hunter disse:

—Suponho que tem razão, mas é bastante arriscado.

—Não o é tanto se Eb, Cy, Sarina e eu estamos aqui os esperando, com os reforços que possa nos enviar Cobb — a contra gosto, acrescentou —: E não me importaria que Ramírez também viesse. Esse tipo não me cai bem, mas Cy diz que é um agente muito bom, e eu mesmo pude comprová-lo a última vez.

—Cy tem razão — lhe disse Hunter—. De acordo, enviá-lo-ei hoje mesmo, assim estará ali quando tudo estale.

—Cuida bem da Bernadete — lhe advertiu Colby—. Acredito que Vance não duvidaria nem um segundo em apanhá-la se pudesse chegar até ela, para poder nos chantagear; a estas alturas, seguro que sabe que Sarina é do DEA.

—Ouça que estive trabalhando para há CIA vários anos — lhe recordou Hunter.

—Sim, eu também, mas é melhor falar as coisas para que não haja dúvidas, não acredita?

—Sim, suponho que sim. Assegurar-nos-emos de que Bernadette esteja bem protegida, Sarina e você se cuidem as costas. Estes tipos são perigosos.

—E nós também — lhe disse Colby —. Mas no caso de, você também tome cuidado.

—Não se preocupe.

Colby não soube dizer a Sarina que havia pedido que Rodrigo fosse a ajudá-los, porque ainda seguia um pouco ciumento do carinho que Bernadette e lhe tinham ao outro homem; finalmente, decidiu deixar que fosse uma surpresa. Assim era mais seguro.

Mais tarde, sentados a mesa de jantar, Colby contou ao Cy, Eb e Sarina o que Hunter lhe havia dito.

—Fiz umas chamadas — acrescentou, enquanto brincava distraído com sua xícara de café — Teremos muito apoio da polícia local, e também virão os federais. Se Domínguez não se arrepender a última hora e troca de opinião, acredito que nas próximas quarenta e oito horas vamos poder dismantelar uma das maiores organizações de narcotráfico do sul do Texas.

—Espero que tenha razão — lhe disse Eb, muito sério—. É um negócio muito sujo, não o quero em meu país.

—Nem eu — comentou Cy—. Ouça, há-te dito Colby que vai comprar o rancho do Hob Downey?

—Sério? — Eb sorriu, e lhe disse imediatamente—: Então, que te pareceria trabalhar comigo?, necessito a um instrutor de artes marciais.

—Você é tão bom como eu — lhe disse Colby.

—Mas não tenho tempo de ensinar além de me ocupar da administração, sobre tudo com um filho. Pagar-te-ei o dobro do que te dá Ritter, e pode organizar seu próprio plano de treinamento.

Colby franziu os lábios. Aquilo era muito mais do que tinha esperado.

—Terei autonomia para fazer as coisas a minha maneira?

—Completamente — Eb pigarreou, e acrescentou—: Sempre e quando não tentar ensinar táticas de interrogação a meus alunos.

—É um desmancha-prazeres — brincou Colby.

—Ao subdiretor do FBI não gostou de nada sua atuação na África depois do bombardeio da embaixada — comentou Eb. A expressão de seus olhos o dizia tudo.

—Mandaram a casa, mas não sei por que — disse Colby, encolhendo-se de ombros—. Só fiz umas simples pergunta.

—Foi como as fez, e com o que — especificou Eb.

—Consegui resultados — protestou Colby, indignado.

—Sim, claro, e a agência conseguiram demandas. Nada de interrogatório. Ponto final.

—Certo, mas se alguma vez precisamos informação de uma força hostil...

—Será o primeiro de minha lista — lhe prometeu Eb—. Bom, o que me diz?

Colby lhe estreitou a mão, e lhe disse com firmeza:

—Trato feito, mas tenho que lhe dar ao Ritter as duas semanas de aviso.

—De acordo — Eb pôs-se a rir.

Os olhos do Colby se encontraram com os da Sarina e, ao ver seu brilhante sorriso, ele sentiu que lhe acelerava o coração e que o invadia uma grande calidez. Não fazia falta perguntar se lhe parecia bem sua decisão.

Antes que Colby pudesse falar, bateram na porta e Lisa foi abrir. Segundos depois, apareceu um mexicano alto e bonito com olhos escuros e risonhos.

—Esperavam-me? —perguntou Rodrigo.

—Sim, Colby pediu ao Hunter que te enviasse — lhe disse Cy, enquanto lhe estreitava a mão.

Sarina abriu os olhos arregalados, e Rodrigo olhou ao Colby com as sobrancelhas arqueadas e sorriu.

—Pediu-lhe que me enviasse em concreto? —perguntou-lhe.

Colby se esclareceu garganta.

—Sim. Cy me comentou que já tinha participado de uma... operação encoberta anterior — disse, sem revelar que Rodrigo havia sido mercenário. Tinha que ir com cuidado, porque Sarina podia reagir mal se ele se dedurava dos segredos da competência.

—Ah, sim? —disse Rodrigo.

—Conhece melhor que nós como atuam os narcos na zona, assim seria uma tolice te deixar fora, sobre tudo agora.

Rodrigo tentou não parecer presunçoso, mas não o conseguiu de tudo.

—E já pode apagar esse olhar de sua cara, se não quer que me escape algo — acrescentou Colby, com olhos cintilantes.

Rodrigo entendeu a indireta, mas se limitou a soltar uma gargalhada.

—Acredito que a estas alturas, já não importa muito — confessou, antes de lançar um olhar eloqüente para a Sarina. Ela estava olhando ao Colby como se fosse dele, e de fato, era assim.

O aborrecimento do Colby se esfumou ao ver a direção do olhar do Rodrigo; voltou-se para a Sarina, e quando ela se ruborizou ao olhá-lo nos olhos, sentiu-se divertido e muito mais depravado.

—Tem razão — disse ao Rodrigo —. Venha, vamos pôr mãos à obra.

Sarina invejava a camaradagem que havia no grupo de antigos mercenários. Ela era boa em seu trabalho e tinha estado em situações de vida ou morte, mas se sentia completamente desconjurado.

Olhou ao chefe de polícia, Cash Grier, que parecia tão deslocado como ela mesma. O homem estava de pé a um lado, enquanto Colby discutia de táticas com o Eb Scott, Cy Parks e Rodrigo.

Cash a olhou, e esboçou um sorriso.

—Sente-se desconjurado? Sozinha? Desnecessária?

—Como o adivinhaste? — brincou ela.

—Leio mente.

—Deve ser útil.

—A verdade é que é como me sinto — confessou—. Nunca formei parte de um grupo.

—Não? A que te dedicava?

Ele se inclinou ligeiramente para ela, e lhe disse:

—A fazer coisas más, muito más. Mas me reformei, Tippy e eu estamos esperando um filho — lhe disse, com um grande sorriso.

—Quem é Tippy?

—Minha mulher. Eu quero uma menina e ela um menino, mas estaremos encantados com o que venha.

—Felicidades — lhe disse Sarina, perguntando-se como teria acabado casado um homem que parecia um solitário nato.

Nesse momento, um homem alto e bonito vestido com uniforme de xerife entrou na habitação, fez uma careta ao ver o grupo de homens e foi diretamente para o Cash e Sarina.

—Sinto-me... —começou a dizer Hayes Carson, com sua voz profunda.

—Desconjurado e pouco valorado — acabou Cash por ele — E lhe entendemos perfeitamente. Ela é Sarina Carrington, do DEA.

—Olá. Sou Hayes Carson, o xerife do condado — lhe disse, enquanto lhe estreitava a mão.

Cash se voltou para o grupo de homens, e exclamou:

—Né!

Os quatro se voltaram de uma vez, e ficaram olhando.

—É uma missão fechada, ou aceitam a forasteiros?

Eles se puseram a rir, e se aproximaram dos outros três.

—Perdoem, estávamos recordando os velhos tempos — lhes disse Eb Scott, antes de lhes estreitar à mão ao Cash e ao Hayes.

—Não me diga isso, os quatro estiveram juntos na África — brincou Sarina.

—Como o soubeste? — perguntou-lhe Eb, com curiosidade.

—Deduzi-o — disse ela, enquanto olhava ao Rodrigo com uma expressão indecifrável.

Ele ficou a seu lado com as mãos nos bolsos, e lançou ao Colby um rápido olhar.

—Colby não me há dito nada, mas está claro que encaixa perfeitamente entre eles — lhe disse ela com seriedade ao que havia sido seu companheiro durante três anos.

—Não fui sempre agente do DEA — lhe confessou ele.

—Sério? —disse ela, com tom zombador.

—Não lhe gane — lhe disse Cy—. Se não tivesse sido pelo Rodrigo, nunca teríamos conseguido dismantelar o negócio do López. Pedeu uma licença no DEA e se infiltrou na organização, e a missão esteve a ponto de lhe custar a vida.

—Não me tinha contado isso! —exclamou Sarina, assombrada.

—Vá, olhe quem foi falar! — respondeu-lhe Rodrigo —. Acaso me disse que tinha estado casada?

—Dava por certo que o supunha, porque tenho uma filha.

—Muitas pessoas têm filhos sem estar casadas — espetou ele.

—Eu não! —exclamou ela.

Colby se interpôs entre eles, e comentou:

—Viemos para apanhar a alguns traficantes. —Sério? —resmungou Sarina.

—Você não me disse que foi uma agente do DEA — lhe recordou Colby—. Intei-rei-me em meio de um tiroteio!

—Nisso tem razão — lhe disse Rodrigo.

—Fecha o bico — lhe respondeu ela.

—Ouça, não é esse seu chefe? — disse Cash de repente, indicando para um homem alto e sério com o cabelo escuro e os olhos verdes, que se aproximava deles.

Sarina e Rodrigo se voltaram imediatamente, e se quadraram de ombros.

—Ah, já estão aqui os dois, perfeito — disse Alexander Cobb. Percorreu com o olhar o resto do grupo, e acrescentou—: Suponho que todos vocês iram colaborar, não?

—Conhecemos o terreno, e ao menos dois de nós participamos da operação contra López — lhe disse Cy.

Cobb o olhou com os olhos entrecerrados, e disse com tom seco:

—Sim, já me lembro. Colocaram se totalmente em minha operação sem que eu soubesse, graças ao Kennedy... que agora está no cárcere, por cooperar na distribuição de estupefacientes!

Rodrigo levantou a mão para interromper a discussão.

—Posso dizer algo? Naquele momento, eu estava infiltrado na organização do López, e eles

dois entrevistaram para evitar que seus homens me matassem.

A boca do Cobb se fechou em uma linha apertada.

—Está claro que conseguiram te salvar, e tem sorte de que tenha me tornado mais pormenorizado após — lhe disse.

Rodrigo sorriu.

—Não iria mal fazer umas quantas práticas de tiro — murmurou Cash com tom seco—. Meus homens têm que treinar no campo de tiro mensalmente.

—Por que tão freqüentemente? Seus homens não revistam disparar a brancos humanos — comentou Eb.

—Bom, não queremos que errem se alguma vez têm que lhe disparar a alguém, não? — respondeu-lhe Cash.

—A quem tem vigiando o armazém dos traficantes? —perguntou Cobb ao Cy.

—A um de meus homens. Tem alguns binóculos e um celular.

—E o que passa se o descobrem?

—Leva um traje de camuflagem. Cobb ficou surpreso.

—De onde tiraste um traje desses? — perguntou-lhe.

Cash levantou uma mão, e comentou:

—Não ia usar em um ou dois dias — olhou a Sarina, e ao ver sua expressão de confusão, explicou-lhe —: Deram-me faz isso anos no Fort Bragg, no centro de formação de franco-atiradores do exército. Não se preocupe, é o de reserva — acrescentou, com um sorriso.

Sarina não soube se ria ou pôr-se a correr, e decidiu que não podia estar falando a sério.

Cobb olhou ao Cash com uma expressão de perplexidade, mas não insistiu no assunto.

—De acordo, então suponho que nos avisará assim que capte algum movimento, não?

—Exato — disse Cy—. Parece que vai ser uma noite longa.

—O e dois ou três — Interveio Colby—. Hunter vai deixar que Vance se inteire de que tem via livre, e teremos que esperar a ver se Domínguez morder o anzol.

—Morderá.

Ficaram cómodos para esperar, mas ao cabo de pouco tempo, Cy recebeu uma rápida chamada do Harley.

—Parece que os traficantes acabam de chegar com um carregamento de colméias — comentou com ironia.

—Assim colméias, né? Abertas ou fechadas? — disse Cobb.

Cy perguntou ao Harley, e quando este lhe respondeu, disse:

—Levam-nas fechadas, e, além disso, há homens com armas automáticas a seu redor, para vigiar que as abelhas não escapem.

Todos começaram a comprovar as armas, as munições e a equipe de comunicações, e a seguir sincronizaram os relógios.

—Todo o mundo está preparado? —perguntou Cobb.

Os integrantes do grupo murmuraram seu assentimento. Nesse momento, não havia lugar para brincadeiras ou comentários jocosos.

Colby levou a Sarina a um lado, e a olhou com expressão solene.

—Como está o braço? —perguntou-lhe, um pouco preocupado.

—Não me vai passar nada, enquanto lhes tenha ao Rodrigo e a você me cobrindo as costas — lhe disse ela, com um pequeno sorriso.

Colby soltou uma gargalhada, porque já se deu conta de que Rodrigo não supunha uma ameaça para sua relação com ela. Piscou-lhe os olhos e sussurrou:

—Beijar-te-ia, mas começariam com as brincadeiras.

—Dão-lhe medo as fofocas? — perguntou-lhe ela.

Colby olhou de esguelha ao Cash Grier, que os estava contemplando com uma expressão de diversão malévola.

—A você não? —perguntou-lhe em voz baixa, enquanto lhe assinalava dissimuladamente para o outro homem.

—Bom, Certamente um pouquinho — admitiu ela, com um sorriso.

Colby lhe pôs o seguro a sua arma, e a guardou em sua capa.

—Depois — lhe prometeu, com olhos faiscantes.

—Sim, depois — respondeu Sarina, sem fôlego.

—Em marcha! —exclamou Cobb.

Os membros do grupo de intervenção se distribuíram em vários veículos, e saíram para o armazém.

Sarina e Colby estavam a ponto de chegar ao lugar fixado quando o celular dele começou a soar com insistência, mas ao ver na tela que quem chamava era Hunter, decidiu que o chamaria depois da jogada a rede e o apagou.

—Será melhor que você também apague o teu — disse a Sarina—. Não podemos nos arriscar a que comece a soar quando estivermos em posição.

—Tem razão — disse ela, e se apressou a fazê-lo.

Estacionaram detrás do Cobb e Cy, em uma estrada sem asfaltar que estava a várias centenas de metros da entrada do armazém.

Desceram dos veículos, comprovaram suas armas e se prepararam para o assalto, mas antes que o grupo pudesse ir para o armazém, Eb Scott se apressou a ficar à frente e levantou uma mão.

—Um momento! Há um problema — disse com voz tensa, enquanto olhava ao Colby e a Sarina.

Colby soltou uma maldição afogada, e exclamou:

—Bernadette!

Eb se surpreendeu de que soubesse sem lhe dizer nada, mas assentiu.

—Cara Domínguez a seqüestrou. Hunter e Jennifer levaram às meninas a um restaurante, mas Bernadette foi ao banheiro e não voltou. Hunter está furioso consigo mesmo, mas já é muito tarde para arrependimentos. Domínguez diz que, ou nos retiramos, O... —não continuou a frase.

Colby baixou o olhar para a Sarina, e a atraiu para si.

—Tudo vai sair bem, confia em mim — lhe disse com suavidade.

—Sabe que o faço, mas...

Ele posou um dedo sobre seus lábios, e se levou a um lado ao Eb e ao Cy, a certa distância dos agentes oficiais.

—Necessito um refém, alguém de peso — se voltou para o Cobb e outros, e lhes disse —: Vocês não estão aqui nos próximos quinze minutos.

Cobb, consciente do que estava passando, assentiu com expressão tensa.

Os três homens entraram na escuridão enquanto Sarina ficava com os outros agentes, mordendo o lábio e rezando.

Dez minutos mais tarde, Colby voltou com o rosto sombrio e os olhos cheios de fúria contida.

—Têm-na na velha casa dos Johnson, perto de onde vivia Sally Scott antes de casar-se com o Eb. Necessito dois voluntários.

—Eu — disse Sarina imediatamente.

—E eu — disse Cash Grier—. Levo meu rifle no porta-malas, e tem visão noturna. Colby, Sarina e eu entraremos juntos, e lhes daremos luz verde quando tivermos à menina em

segurança.

—Um rifle? —interveio Sarina, com preocupação—. Se a tiverem perto...

Eb Scott se aproximou da Sarina, enquanto Cash ia buscar seu equipamento.

—Não conhece o Grier e ele não vai te dar explicações, mas tem direito, ou seja — lhe disse em voz baixa—. Trabalhava de forma encoberta como assassino, e não há ninguém que tenha um equipamento de franco-atirador melhor. Mas eu não te hei dito nada.

—Obrigado — lhe disse ela.

Eb assentiu e se foi para o Cy e os outros que estavam tirando do porta-malas de sua caminhonete mais arma. Cash voltou ao cabo de alguns minutos com um colete antibalas e um capacete com mira, e com o rifle ao ombro. Estava completamente sério, como todos outros.

Hayes Carson se aproximou dele, e comentou:

—Esta é minha jurisdição.

—Pode lhe dar um tiro na escuridão, a mais de quinhentos metros, com a vida de uma menina em jogo? — perguntou-lhe com voz cortante.

—Não — admitiu Carson.

—Eu sim — lhe disse Cash, com total convicção. Fez-lhes um gesto com a cabeça a Sarina e ao Colby, e acrescentou—: Vá.

Dirigiram-se à casa dos Johnson na caminhonete, e quando estiveram o suficientemente perto, Cash fez que Colby detivesse o veículo, baixou-se com o rifle e lhe disse:

—Acende o teu se não o tiver feito já, e não te aproxime da casa até que eu me encarregue de quem tem à menina. Então te farei um sinal, só uma. Vá por todas.

—Entendido.

Cash entrou no bosque, e Sarina se surpreendeu ao ver como sigilosamente que se movia. Colby e ela se aproximaram da casa, e se detiveram uma distância prudente para que não os vissem.

—Como soubeste onde a têm? —perguntou-lhe.

Ele a olhou em silencio durante alguns segundos, e finalmente lhe disse:

—É melhor que não saiba. De verdade.

—E se lhe fazem mal...?

Colby sabia que as pessoas às que se enfrentavam eram capazes de algo.

—Não lhe farão nada, não terão a oportunidade — lhe disse.

Fechou os olhos, esperando contra toda esperança que sua estranha conexão psíquica com sua filha funcionasse aquela vez, porque era possível que a vida da menina dependesse disso. Nesse momento pensou em seu pai, a quem tinha tratado tão mal nos últimos anos, e lhe rogou em silêncio que lhe ajudasse a salvá-la.

Como em um sonho, viu a Bernadette, viu seus olhos escuros sérios e sem pestanejar. Viu através deles a habitação, a janela, o homem que estava atrás dela com uma pistola enquanto uma mulher moréia, Cara Domínguez, falava por telefone. Havia outra mulher, armada com um rifle automático, e outro homem com uma pistola.

—Deus — sussurrou, com voz tremente—. Mantém a cabeça baixa, céu. Mantém a cabeça baixa!

Enquanto pensava aquelas palavras, ouviu os três primeiros disparos. Foram rápidos e deliberados, e aparentemente tão certos, que os ocupantes da casa nem se quer puderam reagir... porque seu celular deu a chamada de aviso.

—Vamos! —gritou a Sarina.

Com as pistolas em riste, correram para a casa para salvar a vida de sua filha.

Colby não parou para abrir a porta, mas sim a derrubou de um chute. Ele se agachou ligeiramente e Sarina cobriu a zona alta, como se levassem praticando o assalto toda a noite. Cara Domínguez estava agachada com o braço ao redor do pescoço da Bernadete e o canhão apontando à cabeça da menina. Os outros três membros do grupo estavam no chão; um deles estava morto, e os outros dois feridos gravemente e incapazes de intervir.

—Matá-la-ei! —gritou ao Colby—. Não vais poder impedi-lo!

Colby respirou fundo, lentamente, mas não baixou sua arma.

—Céu, sabe o que tem que fazer — lhe sussurrou à menina.

—Sim, papai — respondeu Bernadette com voz tremente, mas seus olhos estavam cheios de valor.

—O que? — exclamou a mulher, enquanto lhe apertava o pescoço com mais força à pequena—. O que estão...?

De repente, Bernadette fechou os olhos e fingiu que desmaiava. Era pequena, mas seu peso morto foi suficiente para que Domínguez tivesse que ajustar sua postura, e Colby aproveitou a oportunidade. Perfurou-lhe o pulmão da mulher com um tiro no peito, e ela se desabou com um gemido. Sua pistola se disparou, mas para o chão.

Ao mesmo tempo, o homem que estava caído conseguiu alcançar sua pistola e começou a levantá-la, mas Sarina foi mais rápida; seu certeiro disparo deu totalmente no braço do homem, e a pistola saiu voando.

Colby se equilibrou para diante, levantou sua filha em seus braços e a abraçou com tanta força que a pequena tremeu enquanto se aferrava a ele. Sarina desarmou a mulher que estava no chão e afastou de um chute a pistola do homem, e então se apressou a ir junto a sua família. Rodeou a Bernadette com um braço, e lhe deu um beijo no cabelo.

—Estava aterrorizada — conseguiu dizer.

—Por certo, bom tiro — lhe disse Colby, com um sorriso —. Eu não teria podido reagir a tempo.

—Obrigado. Deus, Colby, conseguimos-lo pelos cabelos...! —começou a dizer, mas ele a interrompeu com um beijo apaixonado.

—Bernadette e eu sabíamos o que fazíamos carinho, mas não podíamos dizer isso lhe assegurou ele. Olhou à menina com um sorriso, e lhe disse —: Deus, estou tão orgulhoso de você!, tão orgulhoso! É muito valente.

—E você também. Ouvi-te em minha cabeça — lhe disse a menina, muito séria—. Disse-me que mantivesse a cabeça baixa. Alguém disparou a essas pessoas, antes que mamãe e você chegassem, e então essa mulher...

Cash chegou de forma tão silenciosa, que ninguém o ouviu até que esteve dentro da habitação, com o rifle ao ombro. Percorreu com o olhar a cena, e assentiu.

—Tenho que praticar mais — murmurou com frieza, ao ver os dois que só estavam feridos. Eles lhe lançaram um olhar aterrorizado.

—Pois nós acreditamos que tem feito um grande trabalho — disse Colby com sinceridade. Alargou a mão para ele, e acrescentou—: Obrigado!

—Sim, um milhão de obrigado! —disse-lhe Sarina, com um sorriso choroso.

Cash deu de ombros.

—Não foi nada — lhes disse, enquanto estreitava a mão ao Colby e sorria a Bernadette, que fez o próprio. voltou-se para a Sarina, e acrescentou—: Mas levo a conta de meus favores, e necessito com urgência um inspetor. Ocupo-me sobre tudo de casos relacionados com o tráfico de drogas, e estou procurando uma mulher que está colocada até o pescoço na organização do Domínguez. Segue em liberdade, e o mais provável é que ocupe o posto do Domínguez, assim que isto não se acabou nem muito menos.

Depois de trocar um olhar com o Colby e depois com a Bernadette, Sarina sorriu e disse:

—De acordo, apresentarei minha demissão ao Cobb hoje mesmo — ao ver o sorriso entusiasmado do Colby, perguntou-lhe—: Onde vamos viver?

—Alugaremos uma casa de momento, até que o rancho esteja preparado — lhe respondeu ele, com a voz rouca, enquanto apertava a Bernadette contra si—. Céu, você gostaria de viver em um rancho no Jacobsville? Teria seus próprios cavalos.

—Eu adoraria papai! Podemos fazê-lo?

Olhou a Sarina por cima da cabeça da pequena, e o brilho ardente de seus olhos poderia ter provocado um incêndio.

—Sim, claro que podemos.

—Vai casar-te com minha mamãe? —insistiu a menina.

—Disso falaremos mais tarde, agora temos que nos ocupar de...

Interrompeu o telefone do Cash. Este fez gesto de responder, mas antes olhou a Cara Domínguez, que não deixava de amaldiçoar, e murmurou:

—Te cale já, há uma menina presente.

—E fala espanhol — acrescentou Colby, fulminando à mulher com o olhar.

—De acordo — disse Cash ao telefone. Quando pendurou, olhou-os sorridente e disse—: Parece que o resto dos apicultores estão sob custódia, junto com seus produtos. Serão hóspedes das autoridades federais durante bastante tempo.

—Como ...? —começou a dizer Colby.

—Chamei-os por telefone. Vi pelo binóculo que havia derrubado a Domínguez e supus que tinha a situação controlada, assim que dava luz verde ao Cobb. O resto do grupo se ocupou de acabar a missão.

—Nem sequer nos necessitaram para fazê-lo — suspirou Sarina.

—Eu não diria isso — disse Cash, e acrescentou—: Tem boa pontaria.

—Não tão boa, não queria me conformar com o pulmão — murmurou Colby de forma deliberada.

A mulher deixou de amaldiçoar imediatamente, e empalideceu.

—Pode praticar em nosso campo de tiro sempre que quiser — lhe disse Cash—. É uma espécie de presente de agradecimento, por deixar que sua mulher trabalhe para mim.

—De acordo.

Colby olhou a Sarina com uma expressão cheia de calidez. Ainda tinha que lhe contar a verdade sobre a anulação de seu matrimônio, mas esperava que tudo saísse bem.

Capítulo 16

Mais tarde, depois de que explicassem ao Cash como havia conseguido Colby que Bernadette fingisse desmaiar no momento justo, levou-os a sua casa e apresentou a sua mulher, Tippy, que estava grávida. Ela tinha o mesmo dom que Colby e Bernadette compartilhavam, e não lhe surpreendeu muito como tinham resgatado à menina; tinha sido modelo e estrela de cinema, mas apesar de sua fama, era uma mulher tão sensata e afável como seu marido e seu irmão pequeno, que vivia com eles.

Colby e Sarina deixaram à menina com os Grier e o pequeno Rory para ir ao hotel e falar do futuro, mas assim que a porta se fechou, nenhum dos dois pôde pensar em nada coerente. Depois do terror que haviam sentido e de estar ao bordo de uma tragédia, ambos necessitavam desesperadamente estar juntos, e acabaram em uma das enormes camas numa mistura de braços e pernas, enquanto desatavam tão rapidamente como podiam colchetes, botões e fechamentos e baixavam cremalheiras antes de lançar a roupa a um lado.

Uniram-se em uma tormenta desatada de paixão, apenas capazes de ter algum pensamento racional. Sarina se arqueou para receber as violentas investidas de seu corpo, e se aferrou a ele quando aqueles movimentos a precipitaram além dos limites do mundo. Enquanto caía em um fogo ardente, ouviu o esmigalhado gemido do Colby ao ouvido, e a consciência a evitou durante alguns segundos nos que ficou sem fôlego.

Quando voltou a abrir os olhos, ambos estavam úmidos de suor e tremiam.

Sarina conseguiu soltar uma débil gargalhada, que se converteu em um gemido quando seu braço protestou pelo exercício ao que acabava de submetê-lo. —Dói-te? —perguntou-lhe ele.

—Sim, mas não me importa — disse ela. Olhou-o enquanto saboreava a sensação de seu corpo dentro do dele, e com um estremecimento, rodeou-lhe o pescoço com os braços e lhe

sussurrou—: Não pares.

—Não sei se poderia — respondeu ele, sorridente.

Seus quadris começaram a mover-se de novo, e em questão de segundos, o humor se desvaneceu quando reacendeu se a paixão. Colby ouviu sua voz ao ouvido lhe sussurrando que o queria que nunca havia deixado de fazê-lo, e o prazer foi tão intenso, que lançou um grito extasiado.

Depois do que parecia horas depois, permaneceram tombados na cama enquanto tentavam recuperar o fôlego.

—Vulcânico — murmurou ele.

—Febrilmente apaixonado — disse ela, sonolenta.

—Não encontro adjetivos adequados — comentou ele.

—Eu tampouco.

Colby acariciou seu cabelo com a bochecha, e de repente lhe perguntou:

—Lembra-te daqueles papéis da anulação que seu advogado me enviou faz sete anos?

—Sim, tinha-me esquecido deles — murmurou Sarina.

—Não cheguei a assiná-los confessou ele. Sarina demorou alguns segundos em assimilar aquilo.

—O que?

—Que não os assinei.

Ela se tornou um pouco para trás e o olhou aos olhos.

—Mas, se não os assinou...

—Não se tramitaram. Nosso matrimônio não se anulou, e Maureen e eu nunca estivemos legalmente casados.

Ela se sentou na cama de repente, atônita.

—Mas, como? Por quê?

—O testamento de seu primeiro marido estipulava que se ela voltava a casar-se, não receberia nem um tostão de seu dinheiro, assim que pediu a um amigo dela que fingisse nos casar. Nunca comprovei o contrato de matrimônio, se o tivesse feito, me teria dado conta de que era falso. Sarina estava tentando entendê-lo. —Ainda estamos casados.

—Conveniente verdade? —sorriu ele —. Família foto instantânea, só terá que acrescentar a casa.

Ela se pôs a rir, a chorar, e o abraçou com força.

—Não posso acreditá-lo!

—Estive me rompendo a cabeça, tentando encontrar a maneira de dizer isso confessou ele—. Sobre tudo quando parecia que Ramírez tinha as de ganhar.

—Tenho muito carinho ao Rodrigo, mas nunca poderia me apaixonar por ele. Só é meu companheiro — lhe disse ela, com voz suave.

—Antigo companheiro — a corrigiu ele com firmeza.

—Já sei, mas... —disse ela, um pouco preocupada.

—Antigo companheiro — insistiu ele —. Pode dever ver a Bernadette de vez em quando, realmente a quer. E vice versa.

—É um gesto muito bonito de sua parte.

Colby sorriu de orelha a orelha, e comentou:

—Sim que o é, verdade?

—Acredito que vamos ser muito felizes aqui — disse ela, enquanto se apertava mais contra seu corpo.

—Eu também acredito, céu. Eu também.

Os Hunter foram visitá-los para ver seu novo rancho, e se reuniram todos na casa do Cy.

—Sinto muito o que aconteceu Bernadette —disse Phillip ao Colby—. Não posso acreditar que me pegassem despreparado dessa maneira.

—Domínguez teria encontrado uma forma de fazê-lo, sem importar com quem estivesse — comentou Colby com sinceridade—. Quem teria esperado que seqüestrasse a uma menina em um restaurante, a plena vista?

—Sim, suponho que tem razão, mas de todas as formas me sabe muito mal. Por certo, adivinha onde estava escondida a droga.

—Encontraram-na? —exclamou Colby.

—Encontramos onde havia estado — especificou Hunter—. Lembra-te de que os cães buscavam pela parede? Bom, pois resulta que durante o turno do guarda de segurança que depois foi detido, os traficantes construíram uma parede falsa com compensado e a pintaram. Fizeram muito bom trabalho, parece que um dos homens aos que Vance protegia é carpinteiro.

—Minha mãe. O que aconteceu com o Vance?

—Prenderam-no, está acusado por colaboração. Suponho que Sarina se alegrará se soubesse.

—Claro.

—Domínguez está no hospital, com custódia da polícia. Quando lhe derem alta, a terão escoltada de Jacobsville; não acredito que demorem muito em fazê-lo.

—Estou desejando que a levem, estava disposta a matar a Bernadette — disse Colby, com tom cortante—. Um de seus amigos apontou a pistola a minha filha, não sei o que teria feito se Grier não tivesse estado ali. Nunca recebi treinamento de franco-atirador.

—Sim, foi uma sorte que Grier estivesse ali — comentou Hunter.

—Uma sorte imensa. É incrível que um homem com seu histórico tenha sido capaz de criar raízes em um lugar tão pequeno como Jacobsville.

—Aprendeu a viver com seu passado, é algo que todos tivemos que fazer.

—Alguns ainda seguimos tentando-o — disse Sarina ao chegar junto a eles, muito sorridente—. Não lhe contaram o do traficante que lhe pediu amparo ao xerife depois de que Colby lhe interrogasse?

—Tinha que averiguar onde tinham a Bernadette — se defendeu ele. Depois de levar uma mão ao coração, acrescentou com um sorriso—: Mas estou reformando, de verdade.

Todos se puseram a rir. Bernadette, que havia estado jogando com a Nikki, trocou de expressão de repente e foi para seu pai; depois de tomar o pela mão, disse-lhe com tom solene:

—Papai, tenho que falar com você.

—Claro. O que acontece?

Ela o levou até a parte mais afastada do alpendre da casa do Cy, indicou-lhe que se sentasse no balanço e se sentou junto a ele.

—Não pode me interromper, porque me aprendi isso de cor e tenho que dizê-lo tudo seguido. Certo? —Certo — lhe disse ele.

Quando Bernadette começou a falar em idioma apache, Colby empalideceu. Conhecia aquelas palavras, seu pai as havia escrito muito tempo atrás. Tinha atirado a carta no lixo sem ler, mas nesse momento escutou atentamente a sua filha; Bernadette pronunciou as palavras curativas dispersando a bruma do passado, e que construíram o atalho que voltou a levar ao Colby junto ao pai que havia conhecido de menino.

A pequena só vacilou uma vez, ao final.

—É meu filho — lhe disse—, e sempre te quererei, sem importar o que fizer, nem o que seja, nem aonde vá. Conforme meus olhos se fecham para sempre, é a você a quem vejo atrás de minhas pálpebras enquanto caminho para a escuridão, onde me espera sua mãe. Igual a um pai perdoa a seu filho, o grande espírito também perdoa a todos os seus, inclusive a mim. Sempre estarei te cuidando, e a sua filha, e aos filhos de seus filhos. E sempre te quererei.

Bernadette deixou de falar ao ver que as bochechas do Colby estavam cobertas de lágrimas, e as secou com suas mãos.

—O avô me disse que saberia quando tinha que lhe dizer isso. Era o momento adequado, não?

—Sim, meu céu — sussurrou ele, enquanto lhe beijava a frente—. Era o momento adequado.

—Quero-te, papai.

Colby fechou os olhos enquanto a apertava contra si e recordava toda a solidão de sua vida, a dor, a angústia e a desolação que havia experiente e que tinha causado. Tinha percorrido um longo caminho, mas por fim tinha a sua filha contra seu coração e um futuro brilhante junto à Sarina e ela.

—Papai, está triste? —perguntou-lhe Bernadette.

O seguiu abraçando-a e levantou a vista para a Sarina, que o olhou com olhos alagados de lágrimas.

—Não. Estou incrivelmente contente, transbordante de felicidade — lhe sussurrou. Deu-lhe um beijo na bochecha, e acrescentou—: Eu também te quero, Bernadette. Com todo meu coração.

—E a mamãe também?

—Sim, a mamãe também — admitiu ele.

Quando a menina sorriu, era a imagem viva do dele o que resultou quase chocante.

—Agora comeria uma pizza enorme — lhe disse Colby.

—Eu também! —exclamou a menina, antes de baixar-se a toda velocidade do balanço.

Colby se levantou, sentindo-se mais feliz que nunca em sua vida, e desejou que seu pai pudesse ver o pequeno círculo familiar de três pessoas caminhando juntas, unidas, rodeadas de amor; de fato, estava quase seguro de que o estava vendo. Ao tomar uma das mãos da Bernadete na sua e aproximar da Sarina a seu lado, decidiu que um homem que tinha amor não necessitava nada mais. Porque tinha tudo.

Fim

	Projeto Revisoras Traduções Grupo Romances Traduzidos http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/ Comunidade Romances S.A. http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161
---	--